

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**APARECIDA CAMARGO**

**Da terra ao mar: Turismo de Base Comunitária no espaço vivido de Superagüi -  
Guaraqueçaba, Paraná.**

**CURITIBA**

**2015**

APARECIDA CAMARGO

**Da terra ao mar: Turismo de Base Comunitária no espaço vivido de Superagüi -  
Guaraqueçaba, Paraná.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo, curso de Mestrado, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Turismo.

Orientação: Prof. Dra. Leticia Bartoszeck Nitsche.

CURITIBA

2015

Catálogo na publicação  
Vivian Castro Ockner – CRB 9ª/1697  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Camargo, Aparecida

Da terra ao mar: turismo de base comunitária no espaço vivido de Superagüi - Guaraqueçaba, Paraná. / Aparecida Camargo. – Curitiba, 2015.

212 f.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leticia Bartoszeck Nitsche

Dissertação (Mestrado em Turismo) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes,

Universidade Federal do Paraná.

1. Turismo – turismo de base comunitária – administração.
2. Turismo – estudo de demanda – comunidades tradicionais. 3. Turismo comunitário – sustentabilidade – participação comunitária. I. Título.

CDD 338.4791



MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO


### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

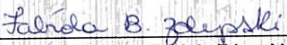
Aos sete dias do mês de julho do ano de dois mil e quinze, às quatorze horas, na sala EP2, do Edifício Dom Pedro II, Campus Reitoria, foi avaliada pela Banca Examinadora, composta pelos professores abaixo relacionados, a Dissertação de Mestrado da aluna **APARECIDA CAMARGO** intitulada "Da terra ao mar: Turismo de Base Comunitária no espaço vivido de Guaraqueçaba" que obteve como resultado final APROVADA.


(RES. 65/09 CEPE Art. 69. Os examinadores avaliarão a dissertação ou a tese considerando o conteúdo, a forma, a redação, a apresentação e a defesa do trabalho, decidindo pela aprovação, ou reprovação do trabalho de conclusão do aluno. Parágrafo único. A ata da sessão pública da defesa de dissertação ou tese indicará apenas a condição de aprovado ou reprovado.

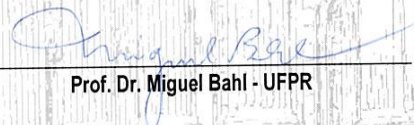
**OBS: este documento tem a validade de 60 dias a contar desta data.**

Nome e assinatura da Banca Examinadora:

  
Profa. Dra. Leticia Bartoszeck Nitsche – orientadora

  
Profa. Dra. Fabiola Zdepski – PUC

  
Profa. Dra. Marlene Schüssler D'Aroz – ITCP/UFPR

  
Prof. Dr. Miguel Bahl – UFPR

Dedico à minha mãezinha e aos meus filhos, Luana e Luã pela paciência e o perdão na ausência.

## AGRADECIMENTOS

*Entrego, confio, aceito e agradeço. Hermógenes*

A Deus, e todos os seres iluminados que iluminam nossos caminhos.

Navegar é preciso, Viver não é preciso. O grande Fernando Pessoa.

As comunidades de Guaraqueçaba, em especial da Barra do Superagüi, a Florisa e família (Oi Gabriel), D. Narzira, seu Pedro Miranda, AKDOV, Glória e Família, professores da Escola/Colégio, Marcel, Zica e família, D. Rosa, Cida e família – apoio desde a primeira vez, aos velhos e novos fandangueiros (amanhece!), Leandro, Nilo Pereira, D. Yolanda, Seu João (Caiçara com “C” maiúsculo), D. Ida, toda a família da Cooperativa de Artesãos de Guaraqueçaba, aos barqueiros, todos os alunos da escola, enfim toda a comunidade de Guaraqueçaba, eh! A D. Leontina, primeira e última, partida e chegada.

À Professora Leticia, pela paciência e orientação segura, ajudando a iluminar os caminhos.

Ao Gilson, amor que o Universo gentilmente colocou na rota planetária da minha vida, neste espaço tempo.

As minhas mães, espiritual Elci, Hatsue, Carmen, Venita, Dozolina... saudades e esperança. In memória

Ao beija flor amigo... Antônio e Jorge defensores da natureza até a morte! In memória.

Napoleão exemplo a ser seguido. In memória

Aos colegas da turma de mestrado.

Ao professor Miguel Bahl, pelas orientações, no momento e lugar precisos.

À Universidade Federal do Paraná, e o Departamento de Pós-Graduação em Turismo, seus funcionários, a Ângela.

Aos colegas da ITCP, Denys (“combinado não sai caro”; e “o cavalo da oportunidade passa selado, monta quem quer”); Dante; Sandro; Professor Panhoca; Simone; André; Gui; Thainá; Aline; Raissa; entre outros. Ângela e Paty, Adriana, Marlene, anjo bom que esteve ao meu lado durante o percurso, muitos questionamentos, nas picadas da confusão de tantos achados empíricos, um fio no labirinto para a saída.

À FUNPAR, ao MTur pelos recursos, a FINEP, e a ITCP pela bolsa e as muitas oportunidades de aprendizado, sem dúvida alguma saio mais gordinha de conhecimento prático e teórico. Foram muitas tardes e dias de formação.

A todos os que aqui estão lembrados, e os que não coloquei neste texto, mas passaram pelo caminho como folhas na árvore da amizade. Gratidão Paz e Luz. E por último Gratidão ao Prof. Lauro, Elena e Mathew que chegaram para finalizar.

Dedico este trabalho a todas as benzedeadas, benzedores, ervateiros, ervateiras, parteiros e parteiras e que os conhecimentos que são para o bem permaneçam.

Irmão Sol, Irmã Lua (doce É Sentir)

Donovan

Tom: G

Intro: Em D C Bm C Am7 Gsus G  
G Am7 Bm C D7(9) G

Doce é sen - tir... em meu cora - ção  
Em D D9 Bm C Am7 D7  
Hu - milde - mente vai nascendo o amor  
G Am7 Bm C D7(9) G  
Doce é sa - ber... não estou sozinho  
Em D D9 Bm C Am7 D7  
Sou u - ma parte de uma imensa vida  
G Em Am D7 G  
Que genero - sa reluz em torno a mim  
Em Am D7 G  
Imenso do - om do seu amor sem fim

G Am7 Bm C D7(9) G  
O céu nos deste as estrelas claras  
Em D D9 Bm C Am7 D7  
Nos - so'irmão sol, nossa irmã, a lua  
G Am7 Bm C D7(9) G  
Nossa mãe terra, com frutos, campos, flores  
Em D D9 Bm D Am7 D7  
O fo - go e o vento, o ar e água pura  
G D D9 Bm C Am7 D7  
Fonte di - vina de tua criatura  
G Em Am D7 G  
Que genero - sa reluz em torno a mim  
Em Am D7 G  
Imenso do - om do seu amor sem fim

## RESUMO

Conhecer as relações que se estabelecem em comunidades, envolvendo seus membros, suas lideranças, instituições e ambiente permite desvendar o espaço vivido e os elementos que os amalgamam. A comunidade da Barra do Superagüi, onde ocorreu este estudo, está no litoral norte do Estado do Paraná, sendo área de amortecimento de um Parque Nacional sujeito a restrições no que concerne ao uso dos recursos na mata, no mangue, na terra e no mar. O objetivo da pesquisa foi desvendar a percepção da comunidade de seu espaço vivido, considerando o encontro de saberes e fazeres entre anfitriões e visitantes. Tendo a metodologia qualitativa, as técnicas de pesquisa foram a observação participante, o caderno de notas e a entrevista oral com questões não estruturadas. A coleta de dados ocorreu nos espaços de convivência dos comunitários, tais como: as trilhas, a praia, restaurante, pousada, associações e o espaço escolar. A metodologia para a interpretação foi a Análise do Discurso do Sujeito Coletivo. Os resultados mostraram que neste espaço quando o número de turistas está além da capacidade confortável para os moradores, causa um stress comunitário em especial quando interfere nas atividades da vida doméstica. Foi percebido ainda que a atividade de pesca era a principal atividade de trabalho e renda naquele momento, mas que os pais já não se sentem estimulados a passar os conhecimentos para os filhos, os quais não se interessam em aprender. Em virtude deste fato percebeu-se que muitos pescadores estão investindo esforços em desenvolver alguma atividade voltada para o turismo. Ainda os resultados mostraram que existem lideranças comunitárias tanto nas organizações formais quanto nas informais, e que a comunidade necessita destes como apoio e fomentadores das ações que tem por fim um benefício coletivo. Foi possível concluir que a gestão do turismo deve partir da própria comunidade e a forma de turismo que melhor se adequa a este espaço é o solidário, sustentável e de base comunitária. A pesquisadora participou como bolsista do Programa de Extensão da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná – ITCP/UFPR.



## ABSTRACT

Being aware of the relationships which become established in communities, involving their members, leadership, institutions and environment makes it possible to throw light upon the space lived in and the elements which make it up. This study took place in the community of Barra do Superagüi, on the north coast of Paraná, in the buffer zone of a National Park, which is subject to restrictions regarding the use of the resources in the forest, the mangrove swamp, the land and sea. It was ascertained that the community functions as an open system, as it is receptive to the external influences from channels of communication and from visitors, while being closed regarding the generation of work and income. The objective of the study was to reveal the community's perception of its space lived in, considering the meeting of knowledges and doings between hosts and visitors. Using the qualitative research methodology, the research techniques were participant observation, a field diary and oral interviews with nonstructured questions. The environments in which data was collected were from all the community members' areas of coexistence, such as trails, the beach, restaurants, hotels, associations and the school space. The methodology for the analysis was the Analysis of the Discourse of the Collective Subject. The results showed that in this space, when the number of tourists is above a capacity comfortable for the inhabitants, it causes stress on the community, in particular if it interferes in the activities of domestic life. It was also noted that fishing activity was the main activity providing work and income at that time, but that parents did not feel encouraged to pass their knowledge on to their children, who were not interested in learning. Due to this fact, it was noted that many fishers are investing their efforts in undertaking some activity geared towards tourism. Furthermore, the results showed that community leadership exists as much in formal as in non-formal organizations, and that the community needs these as support and encouragers for actions which aim for a collective benefit. It was possible to conclude that the management of tourism must begin with the community itself and that the type of tourism which is best suited to this space is based on solidarity, is sustainable, and is based on the community. The researcher participated as a grant-funded scholar of the Extension Program of the Technological Incubator of Popular Cooperatives, of the Federal University of Paraná (ITCP/UFPR). The data from this work in the project provided data for the dissertation, as data collected for the dissertation at some times supported the actions of the Project.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA – 1	LOCALIZAÇÃO DO LITORAL NORTE NO ESTADO DO PARANÁ.....	21
FIGURA – 2	LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE GUARAQUEÇABA NO LITORAL DO PARANÁ .....	20
FIGURA – 3	LOCALIZAÇÃO DAS COMUNIDADES.....	21
FIGURA – 4	MAPA TURÍSTICO DA BARRA DO SUPERAGUI.....	39
FIGURA – 5	CAMARÃO SETE BARBAS PRONTO PARA SER DESCASCADO.....	38
FIGURA – 6	INDICAÇÃO DE ATIVIDADE TURÍSTICA.....	38
FIGURA – 7	FOLDER DO ICMBIO.....	46
FIGURA – 8	FOLDER DO ICMBIO.....	46
FIGURA – 9	IGREJA DE ARARAPIRA, EXTREMO NORTE DA ILHA DO SUPERAGÜI.....	77
FIGURA - 10	MAPA CONCEITUAL DA PESQUISA.....	85
FIGURA – 11	IGREJA CATÓLICA DA COLÔNIA ANTIGA DO SUPERAGÜI...	134
FIGURA – 12	COLÔNIA ANTIGA DO SUPERAGÜI.....	134
FIGURA – 13	CASA EM CONSTRUÇÃO NA TRILHA EM SUPERAGÜI.....	137
FIGURA – 14	MAPA DAS POSSES DE PERRET GENTIL EM SUPERAGÜI...	139
FIGURA – 15	RIO DO ENGENHO – ILHA DO SUPERAGÜI.....	139
FIGURA – 16	RUÍNAS DA CASA DO SR. EDOUARD DURIEU.....	141
FIGURA – 17	ESCOLA MUNICIPAL E ESTADUAL DE SUPERAGÜI.....	141
FIGURA - 18	UNIDADE DE SAÚDE EM CONSTRUÇÃO.....	146
FIGURA – 19	PIRÂMIDE DAS NECESSIDADES HUMANAS DE MASLOW.....	153
FIGURA – 20	PESCADOR TARRAFEANDO NA PRAIA.....	155
FIGURA – 21	PRODUTO DO TRABALHO.....	155
FIGURA – 22	AS CARROÇAS DE CARGA.....	155
FIGURA – 23	BARCOS ANCORADOS.....	155
FIGURA – 24	A PRAIA É A ESTRADA.....	155
FIGURA – 25	MULHERES INDO PESCAR.....	155
FIGURA – 26	OFICINA DE COSTURA NA ASS. FEM. CRISTÃ.....	158
FIGURA – 27	TAMANCO TRADICIONAL DO FANDANGO EM SUPERAGÜI..	153
FIGURA – 28	TAMANCO TRADICIONAL DE GUARAQUEÇABA.....	153
FIGURA – 29	EMPREENHIMENTO/RESIDÊNCIA – EM FRENTE AO MAR....	165
FIGURA – 30	PANORÂMICA DO MAR/RESIDÊNCIAS.....	165

FIGURA – 31	FRENTE PARA O MAR – RESTAURANTE DO MAGAL.....	170
FIGURA – 32	TIRANDO O BARCO DA ÁGUA.....	170
FIGURA – 33	LIXO NA PRAIA ESTÁ FORA DO SISTEMA.....	182
FIGURA – 34	LIXO NA FRENTE DA PRAIA – TRAPICHE AO PÔR DO SOL...	182
FIGURA – 35	RIO QUE CORRE COM ESGOTO PARA A PRAIA E O MAR....	182
FIGURA – 36	LIXO NO CAMPING NA TRILHA .....	182
FIGURA – 37	QUEIMADA NA TRILHA DA PRAIA DESERTA.....	182
FIGURA – 38	CACHOEIRA ONDE SEU JOÃO BRINCAVA.....	197
FIGURA – 39	TOIÇA DE BAMBU ONDE FICAVA O ESTALEIRO DO PURUQUARA.....	197
FIGURA – 40	PEDRA DO ADÃO.....	197
FIGURA – 41	VISTA PANORÂMICA DO PURUQUARA.....	197
FIGURA – 42	GUARÁS PASTANDO – CAMINHO QUE LEVA A SUPERAGÜI	199
FIGURA – 43	GUARAQUEÇABA PARA SUPERAGÜI.....	199

**LISTA DE QUADROS E TABELAS**

QUADRO 1	Tabela de variáveis e recursos existentes na comunidade da Barra do Superagui na implantação de um sistema de TICs.	57
Tabela 2	As quatro dimensões do processo de pesquisa	84
Quadro 2	Mostra da organização do DSC	100
Tabela 3	Organização metodológica da Dissertação	185

### LISTA DE SIGLAS

ADETUR	Agência de Desenvolvimento do Turismo Sustentável
APL. Com	Arranjos Produtivos local comercialização
ARIE	Área de Interesse Ecológico
APA	Área de Preservação Ambiental
APP	Área de Preservação Permanente
CD	Compact Disc – Disco Compacto
CEFET-PR	Centro Federal Tecnológico do Paraná
CNES	Conselho Nacional de Economia Solidária
CONAPA	Conselho da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba
COMPARNA	Conselho do Parque Nacional
CONAES	Conferência Nacional de Economia Solidária
CONTUR	Conselho Municipal de Turismo
COPPE/UFRJ	Instituto Alberto Luiz de Coimbra de pesquisa e pós-graduação da Universidade do Rio de Janeiro
DVD	Digital Versatile Disc – Disco Digital Versátil.
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
E.E.	Energia Elétrica
EMBRATUR	Empresa Brasileira de Turismo
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ETUR/LITORAL	Empreendimento Turismo /Litoral
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
FUNTUR	Fundação Municipal de Turismo
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes para a Biodiversidade
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Social
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional
ITCP-UFPR	Incubadora Tecnológica de Cooperativas
MOPEAR	Movimento de pescadores e pescadoras do Paraná

MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONGs	Organizações Não Governamental
MTur	Ministério do Turismo
PM	Plano de Manejo
PN	Parque Nacional
PNS	Parque Nacional do Superagüi
PRONINC	Programa Nacional de Incubadoras
REBIO	Reservas Biológicas
RPPN	Reserva Particular de Proteção da Natureza
SENAES	Secretária Nacional de Economia Solidária
SISTUR	Sistema de Turismo
TBC	Turismo de Base Comunitária
UC	Unidade de Conservação
UFPR	Universidade Federal do Paraná
USF	Unidade de Saúde da Família

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO II - A CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.....</b>	<b>29</b>
2.1	Topofilia.....	32
2.2	Turismo -Turismo de Base Comunitária (TBC) .....	35
2.3	É possível uma sistematização de SISTUR/TBC? .....	38
2.4	Sustentabilidade .....	42
2.5	Economia solidária um pilar do TBC.....	47
2.5.1	Marketing para o TBC.....	56
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO III – PESQUISADORES E PESQUISAS: OUTROS PONTOS DE VISTA.....</b>	<b>60</b>
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO IV - CAMINHOS DA METODOLOGIA.....</b>	<b>84</b>
4.1	Delineando a pesquisa.....	90
4.2	O estudo piloto.....	93
4.3	Aspectos sobre a pesquisa empírica.....	96
4.4	A Teoria Social Cognitiva como aporte para a análise do Discurso do Sujeito Coletivo.....	101
<b>5</b>	<b>CAPÍTULO V - ECONOMIA SOLIDÁRIA NA PRÁTICA – a intervenção da ITCP/UFPR.....</b>	<b>110</b>
5.1	A ITCP.....	111
5.2	A metodologia da ITCP .....	118
<b>6</b>	<b>CAPÍTULO VI - O "ESPAÇO VIVIDO".....</b>	<b>128</b>
6.1	Uma questão de sentido.....	128
<b>7</b>	<b>CAPÍTULO VII - A COMUNIDADE DA BARRA DO SUPERAGUI</b>	<b>145</b>
7.1	Espaço vivido físico.....	151
7.2	O mar é para trabalho.....	154

7.3	Espaço vivido cultural.....	156
7.4	A organização comunitária.....	161
7.4.1	Associação Feminina Cristã.....	161
7.4.2	A Escola.....	162
7.4.3	Associação de Moradores/comunidade.....	163
7.5	Território – zoneamento.....	165
7.6	Espaço vivido - trabalho e renda e o turismo.....	168
7.7	Os sofrimentos também são elos que vinculam ao sítio.....	170
7.8	Relação da comunidade com o seu espaço vivido.....	173
7.9	Conhecimentos tradicionais.....	176
7.10	Respondendo as variáveis de pesquisa – antes da conclusão.....	179
<b>8</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>188</b>
8.1	CODA.....	183
9	REFERÊNCIAS.....	200
<b>10</b>	<b>ANEXOS.....</b>	<b>208</b>
11	ALBUM DE FOTOGRAFIAS.....	211



## 1 INTRODUÇÃO

*No mercado em Paranaguá ele vendia todos os produtos e com o resultado da venda ele comprava as coisas que não se encontrava no sitio como: querosene, pregos, ferramentas em geral, alcatrão para pintar a canoa, tecidos para vestimentas, sal, louças, linhas e agulhas de costura, novelos de fios de algodão e linho para confecção de redes e espinhéis, anzóis de todos os tamanhos, panela de ferro, calçados (tamancos), fósforo, fumo em corda, alguma coisa para variar na alimentação como: macarrão, farinha de trigo, farinha de milho, banha e pães. Trazia também alguns remédios como analgésico (melhoral e cafiaspirina), alguns fortificantes como: Biotônico Fontoura, Água inglesa, e Capivarol, Panvermina para derrubar as lombrigas, Pílulas de vida e de Ayer e o famoso Maná de Cene para preparar para nós crianças aquele tal de pulgante repugnante. Amadeu, João. “Minha história minha vida” no prelo.*

Nas cidades, nas regiões agrícolas ou de natureza preservada, existe o humano, como agente, que vive, produz, reproduz, significa e ressignifica, modifica e é modificado. Neste processo de relação com o espaço e tudo o que o contém é contido, onde o cognitivo se desenvolve. No estudo da relação de uma comunidade com seu espaço vivido, é possível desvendar como se dão as relações tanto entre seus pares como com o ambiente circundante. Em razão deste fato ainda é possível, determinar quais aspectos do espaço são percebidos e quais órgãos dos sentidos serão mais desenvolvidos nesta interação. Assim, os saberes e fazeres também são apreendidos e aprimorados em acordo com este ambiente vivido.

Para as comunidades que vivem em áreas rurais, algumas têm possibilidade de produção de bens primários, já os bens industrializados, como as ferramentas, o sal, e muitos outros produtos de primeira necessidade são adquiridos nas áreas urbanas. As regiões insulares e principalmente as que estão em área de conservação ambiental, dependem quase que exclusivamente dos centros urbanos na obtenção de produtos para o dia a dia. Como bem apresenta o texto de seu João Amadeu, um caiçara que conhece toda a região de Guaraqueçaba e é inserido nesta pesquisa através de narrações pessoais sobre a relação pessoal e familiar com este espaço vivido. Tendo que o espaço vivido é composto, pelo território geográfico e as ações humanas, que o transformam e o significam.

Esta pesquisa foi desenvolvida na visão de mundo da fenomenologia humanista Husserliana segundo Nitsche (2012), tendo como bases estruturantes a vertente da economia de iniciativas locais (ZAOUAL, 2006), Topofilia (TUAN, 2012), espaço vivido como fonte dos saberes e fazeres

(NITSCHE, 2012). O mundo vivido de uma comunidade, é o espaço onde se busca compreender como se dão as relações de caráter sócio histórico e cultural. Tendo então a possibilidade de visualizar um espaço onde o Turismo de Base Comunitária como uma atividade social e econômica pode acontecer (SAMPAIO, 2005).

O espaço para o estudo empírico foi a Comunidade da Barra do Superagüi. Foi necessário determinar a percepção da comunidade, o que a vinculava ao espaço, as inter-relações humanas. Esta reflexão acadêmica em busca de alcançar o que sustenta as formas de apreensão e visão de mundo da comunidade se deu em constante articulação do pesquisador com o conteúdo teórico e empírico.

A comunidade da Barra do Superagüi difere de outras comunidades da região de Guaraqueçaba. O elo que liga esta comunidade à terra, à floresta, ao mangue e ao mar, como espaços os quais precisam apreender ao longo de seu desenvolvimento necessita de conhecimentos muito específicos. Nas diferentes fases da vida a necessidade de aprender sobre estes ambientes, determina para o habitante de Superagüi, a capacidade de buscar sua autonomia, de forma coletiva e individual, ir para o mar de barco, em especial quando para o mar aberto “matar” camarão ou peixe, são treinos de coragem e vontade. E ainda esta necessidade de trabalho e renda possibilita o desenvolvimento cognitivo, com a consequente ampliação de percepções, tendo elementos tão amplos e complexos mobiliza todos os sentidos. Tuan (2012) relata diferentes pesquisas em pequenas comunidades e mostra como se dá o desenvolvimento cognitivo das mesmas e os sentidos mais desenvolvidos em virtude da paisagem e do ambiente.

Desta forma a experiência no espaço vivido, não é estanque, mas evolui através do individual para a comunidade, a apreensão e compreensão dos fenômenos que se dão neste espaço mudam em acordo com as fases da vida e em acordo com os avanços tecnológicos e inserções de novas formas de fazer e novos saberes. É talvez prematuro afirmar que as mudanças em determinada cultura tenham este ou aquele motivo, sendo necessário um estudo amplo e etnográfico, de imersão no cotidiano comunitário para avaliar como são percebidos pela comunidade, se reais ou imaginários. As causas determinantes podem muitas vezes ter como fonte a satisfação de

necessidades que estão além do estágio primário na pirâmide de Maslow segundo (FADIMAN; FRAGER, 1979).

Por ser entorno de um Parque Nacional, desde 1987, existem especificidades e restrições, como a de locomoção no espaço vivido, em terra a carroça tracionada por cavalos, a bicicleta e a pé. O espaço físico é limitado em relação a plantar, construir ou extrativismo. Tudo o que se refere ao uso do espaço e zoneamento necessita de autorização do Instituto Chico Mendes para a Biodiversidade (ICMBio) por ser a área Patrimônio da União. O mar é restritivo, ao mesmo tempo que amplia o espaço físico possível para locomoção, restringe na medida que o meio para se locomover exige uma embarcação, e amplia, para aqueles que dispõem de recursos, ampliando as fronteiras. O que a vista abarca neste ambiente é também restritivo ao mesmo tempo que alarga horizontes, o olhar para dentro da ilha que está em uma área plana, não permite a percepção de um espaço muito longínquo, e as montanhas coroam o lugar, alarga quando a visão se dirige para o oceano, que a mente e a visão não percebem o fim no horizonte.

Este espaço vivido tem conhecimentos e modos de vida os quais estão passando por um processo de transformação. Percebeu-se mudanças irreversíveis nos modos de vida da comunidade devido às proibições de plantar roça, de extrativismo e de algumas formas de pesca, migrando para outras formas de trabalho e renda. Também as manifestações culturais como o Fandango Caiçara, o costume oral de transmissão de conhecimentos e tecnologias referentes à pesca, construção de petrechos domésticos, pratos típicos e mesmo diferentes conhecimentos em relação a técnicas de pesca, tipos de peixes. Os conhecimentos em relação ao tempo, espaço, usos da natureza, ervas medicinais, cuidados tradicionais com a saúde entre outros, estão em fase de transformação, já não existe mais interesse dos mais novos de aprender, e os mais velhos estão desmotivados para ensinar. As pesquisas realizadas no espaço apontam como causas possíveis o fato de ser transformado em Unidade de Conservação (UC), o acesso a novas formas de comunicação como a televisão, o DVD, o CD, a internet, que vieram para o espaço após o advento da Energia Elétrica, a mídia, e a presença de forma marcante e crescente do turismo. (VIVEKANANDA, 2001; NIEFER, 2002; ROTHEN, 2003; FISCHER, 2004; KASHIWAGI, 2011; DUARTE, 2013).

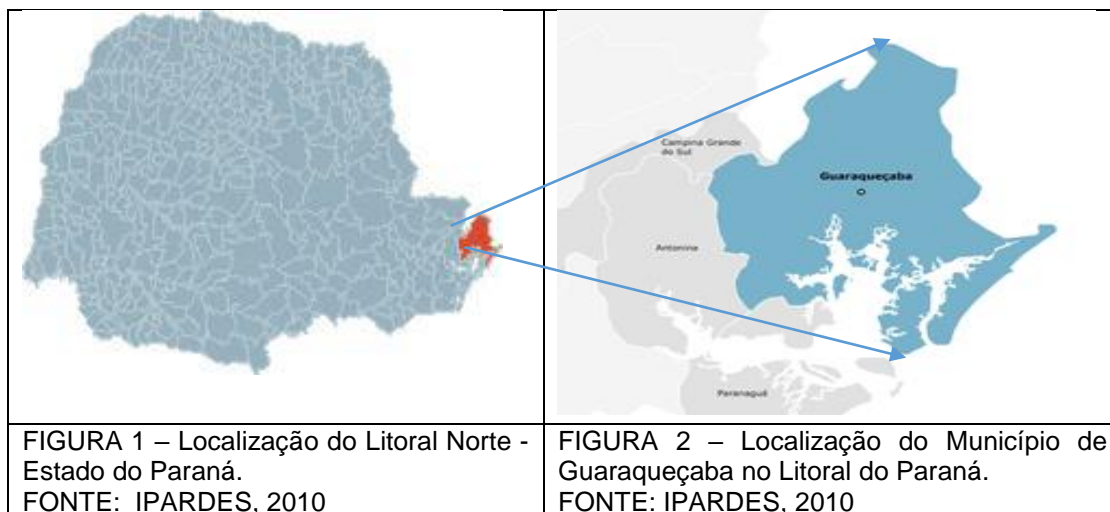
Neste espaço, o turismo vem se apresentando como uma opção de trabalho e renda. A cada ano surgem novos locais com o objetivo de atender turistas: pousadas, campings, restaurantes, lanchonetes, passeio de barco entre outros, a grande maioria no âmbito da economia informal. Como Unidade de Conservação a entrada de turistas necessita de planejamento e organização. Desta forma no presente trabalho buscou-se perceber se o fato de ser PN protege aos modos de vida e a natureza, e ainda quais aspectos eram percebidos pela comunidade, e como se dava a relação com este espaço. Os sentimentos que estavam sendo desenvolvidos em relação ao patrimônio material e imaterial, as histórias, costumes, fazeres e saberes os quais a comunidade deseja sejam preservados.

Tendo esses conhecimentos, os objetivos de pesquisa consistiram em desvendar o espaço vivido, suas relações com o entorno e a natureza, seus pares, as instituições que atuavam neste espaço, e as relações sociais através da organização comunitária. Os vínculos proporcionados pelas diferentes ideologias que permeiam o espaço dão origem às lideranças naturais e institucionalizadas, neste contexto identificar os potenciais para o Turismo de Base Comunitária (TBC), através de encontros de saberes e fazeres entre visitantes e anfitriões.

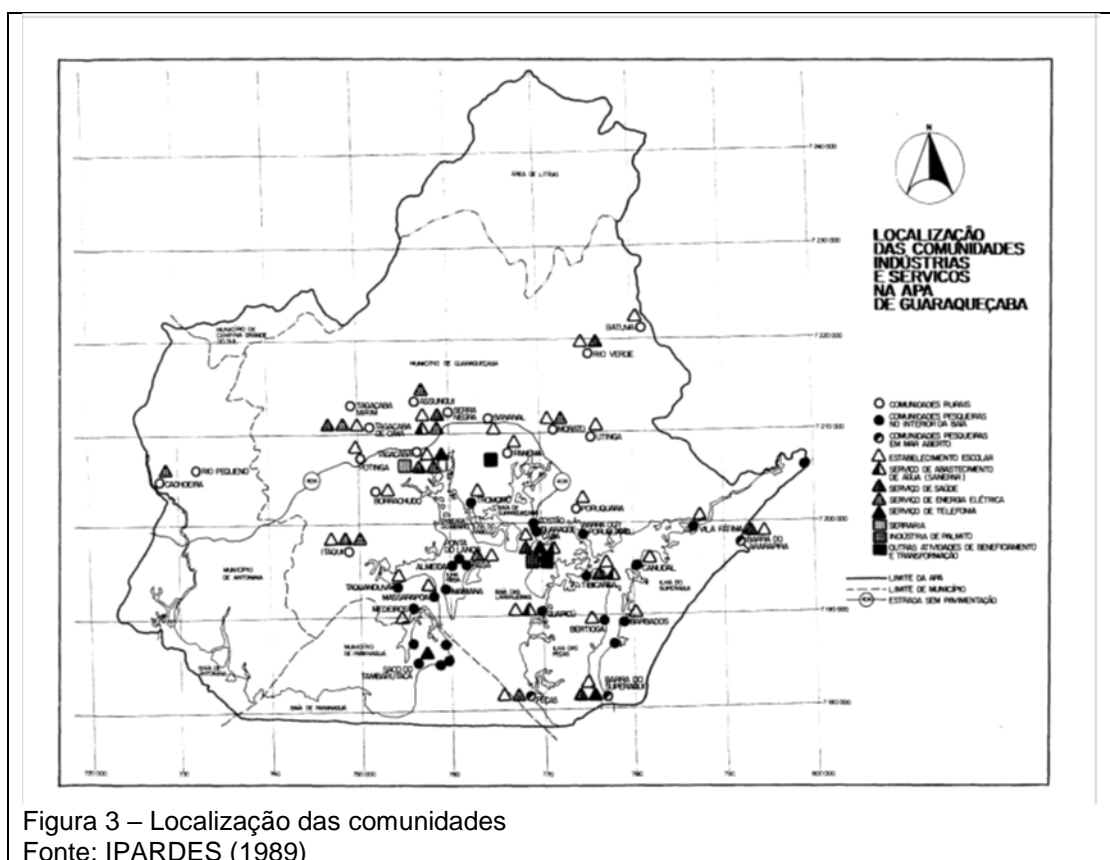
O turismo de base comunitária não é apenas uma atividade econômica, produtiva ele tem como base fundamental a ética e a cooperação, determinante da valorização dos recursos do território onde se desenvolve, tendo ainda a possibilidade de estabelecer relações com visitantes, de forma dialética a qual estabelece um contraponto com os modos capitalistas de consumo. (GRIM; SAMPAIO, 2011).

Ainda segundo Grim e Sampaio (2011) os arranjos sócioprodutivos de base local na modalidade de Turismo de Base Comunitária (APL. Com) ocorrem no espaço da comunidade como um todo. A proposta de Turismo de Base Comunitária não prescinde de união da comunidade, se organizando em associação e ou cooperativa. A compreensão que uma outra economia é possível, dentro de uma outra lógica de produzir e comercializar, consumir de forma justa e consciente. Nesta forma, solidária e sustentável os saberes locais são valorizados assim como a cultura no sentido de geração de trabalho e renda.

O espaço para esta proposta está no Município de Guaraqueçaba (Figura 1), o Litoral Norte do Paraná (Figura 2) ilha do Superagüi, a comunidade da Barra do Superagüi (Figura 3). Esta comunidade com o advento da ampliação do Parque Nacional do Superagüi (PNS), assim como Vila das Peças, estão fora dos limites do parque. Sendo entorno do Parque, e zona de amortização está sujeita às leis ambientais restritivas. Guaraqueçaba está no extremo do litoral do Paraná, faz divisa com o Estado de São Paulo, em disputa política deixa de ser território paulista, sendo anexado ao Paraná, de então. Por estar tão remotamente colocada, distante dos centros de atividade política, é muitas vezes relegado, e pouco atendido em suas necessidades sociais. (SOARES; LANA, 2009).



A partir dos anos 1980, iniciou-se uma onda mundial de criação de parques, com reflexos também no Brasil (DUARTE, 2010). Sendo uma região de natureza conservada, um dos últimos remanescentes de floresta Atlântica de faixa contínua, toda a área do município foi transformada na Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba (APA de Guaraqueçaba), sendo parte de sua região, o Parque Nacional de Superagüi (PNS), estando ainda com áreas de Reserva ecológica, área de Interesse Ecológico (ARIE), áreas de proteção permanente (APP) e Reserva particular de Patrimônio Natural (RPPN) entre outras. Para este espaço se sobrepõem leis Municipais, Estaduais e Federais para a conservação da natureza (BAZZO, 2010).



A partir do que foi apresentado anteriormente, o objetivo da pesquisa era de contemplar todo o Município de Guaraqueçaba. Sendo uma das portas de entrada dos colonizadores europeus no Paraná (DYSARZ, 2013). Para Soares e Lana (2009) esta terra já tinha dono quando aqui chegaram os portugueses, era habitada a seis mil anos pelos sambaquiseiros, os povos originários<sup>1</sup>. Posteriormente vivendo nestas terras, os Tupinambás, os Tupis, entre outros (IPARDES, 2010). Os portugueses desceram por esses caminhos através do mar partindo de Cananéia em São Paulo, da capitania de São Vicente de Outrora, e avistaram a região do Superagüi (SOARES e LANA, 2009). Este nome dado pelos povos originários, Pragüi, que quer dizer rainha dos peixes; história coletada pelo projeto Cultimar (2009) e publicada no caderno sobre “As lendas na educação caiçara”.

<sup>1</sup> Caminhando pelas ruas com um jovem Guarani, da tribo Kuaray Guatã Porã de Guaraqueçaba, pergunta-se: Você gosta de ser chamado índio? A princípio ele não entendeu o porquê da pergunta, e ergueu os ombros em sinal de assentimento. Explicado que o termo índio foi designado aos povos que moravam no Brasil quando os colonizadores chegaram, ele então, olhou para a interlocutora, pensou e respondeu: não, eu sou Guarani. (Dados obtidos em entrevista oral realizada por ocasião do 2º seminário Internacional de Turismo comunitário, realizado em Guaraqueçaba, Paraná – Brasil de 17 a 20 de março de 2015).

Percebendo a extensão do trabalho que se propunha, junto a uma orientação segura, a escolha foi pela Comunidade da Barra do Superagüi, por dois fatores: a pesquisadora já estava inserida no Projeto de Economia Solidária e Turismo (Etur litoral), projeto da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) em Guaraqueçaba. O qual tinha como um de seus espaços de atuação esta comunidade; e o segundo, já haver um contato anterior, sendo assim um elo já estabelecido no processo de construção do conhecimento através da aproximação e inserção no campo.

No Brasil, existem recantos de belezas inexploradas sendo, portanto, pouco conhecidos enquanto lugar, assim como os modos de vida dos seus moradores. Neste contexto a reflexão que fica: se é possível inovar a forma de contato entre os anfitriões e visitantes que buscam estes rincões. O turismo, fenômeno e atividade social e econômica, que abrange o mundo inteiro segundo (BARRETTO, 2007) e ainda que é possível a todas as pessoas, grupos sociais e camadas sociais. Esta atividade pode possibilitar trabalho e renda, e ainda ser um espaço de desenvolvimento, como preconizado pela OMT (Organização Mundial do Turismo<sup>2</sup>) e pelo Ministério do Turismo (Mtur), (BRASIL, 2013) para o Brasil. No bojo das políticas públicas de turismo (Mtur, 2013) sendo preconizado como instrumento de inclusão social, desenvolvimento sustentável, podendo ainda ter caráter de indutor para a participação da comunidade, se for gerido por governança democrática.

Busca-se a ressignificação do Turismo através do protagonismo dos anfitriões, e a consequente mudança no perfil dos turistas/visitantes. E o despertar do interesse destes, e como consequência maior visibilidade aos locais de turismo não convencional. Acima de tudo, que seja apresentado pelos anfitriões o espaço que está sendo mostrado como “destino turístico”. Os comunitários, que fazem deste um lugar, passível de novas experiências precisam ser consultados sobre se querem receber visitantes, para que o encontro entre ambos, ainda que tenha um intermediário, seja um encontro com respeito à cidadania um do outro, visitante e anfitrião, e então com identidades individualizadas, e não pacotes prontos e engessados.

---

<sup>2</sup> Organização Mundial do Turismo, Madrid, 2001. Citado em: Cadernos Conceituais de Turismo (BRASIL, s/d).

O que se propõe é um turismo com sustentabilidade, respeito e manutenção dos recursos humanos, culturais, sociais, naturais e históricos. Neste, o patrimônio material contemplado é visível, mas também deve ser percebido o patrimônio imaterial, o qual só é visível com o tempo de contemplação, escuta e no aguçar dos sentidos. “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos” como já disse Saint-Exupéry (2009, p. 79).

O desenvolvimento, não apenas econômico, mas o desenvolvimento ecossocioeconômico das comunidades de destino, a participação como atores sociais em todas as etapas do processo desde o planejamento até a implantação com a população local. (SAMPAIO, 2005). Sendo claro, planejado, percebido, sincero e honesto, pode proporcionar autonomia e capacidade decisória para uma comunidade que deve ter o direito de escolha se deseja implantar o Turismo de Base Comunitária ou não.

Os primeiros contatos, que despertaram o interesse de compreender o turismo, questões sociais e comunidades em Unidades de Conservação (UC), se deram a partir do curso de Especialização em Questões Sociais na perspectiva interdisciplinar, da UFPR, Setor Litoral na turma de 2012.

Dado o interesse pelo tema, no ano de 2013/2014 buscou-se o mestrado em Turismo na Universidade Federal do Paraná o qual estava em sua primeira turma. Enquanto bolsista da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná (ITCP-UFPR), surgiu a oportunidade de aprofundar o estudo, por meio de seu programa de extensão em comunidades de Guaraqueçaba, através do projeto de economia solidária e turismo, com recursos do Ministério do Turismo (MTur) e da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Enquanto no projeto a pesquisa foi uma aproximação com a pesquisa-ação de Thiollent (1992) por ser realizada no âmbito da comunidade.

Sendo uma pesquisa qualitativa possui caráter fenomenológico, aproximando-se da pesquisa Etnográfica, pela profundidade de inserção da pesquisadora no campo e a técnica da observação participante. Na coleta de dados, a ferramenta que se mostrou mais eficaz foi a entrevista oral, com questões não estruturadas, permitindo ao interlocutor que esgotasse suas falas, e o caderno de notas.



Essa pesquisa se destina em primeiro lugar à comunidade objeto desse estudo, a Barra do Superagüi, na ilha de Superagüi entorno do Parque Nacional do Superagüi. De que vale a pesquisa se não estiver de volta na origem, e, propicie aos pesquisados a observação a partir do ponto de vista do pesquisador. A pesquisa em questão, não se limita a um grupo, mas pode se tornar lócus de análise para outras realidades semelhantes.

Em busca de justificar a pesquisa entende-se que o turismo praticado na Ilha do Mel, já está se apresentando na Barra do Superagüi e na comunidade de Vila das Peças. Nesta segunda comunidade com maior intensidade do que na primeira, sendo que essa se abriu para receber moradores veranistas. Este público deixa consequências para a comunidade, como o aumento do lixo na época de alta temporada e o aumento da especulação imobiliária com o consequente afastamento da comunidade tradicional da orla marítima e a migração para Curitiba e outros centros urbanos, se tornando um problema em Paranaguá, com aumento da população em especial na ilha do Valadares.

Acredita-se que o turismo em comunidades tradicionais, não é um objetivo a ser desenvolvido, mas sim a consequência da sua implantação fora dos padrões e dos moldes capitalistas de desenvolvimento econômico. As pequenas comunidades estão se tornando atrativas para o turismo, atraindo aqueles turistas interessados em novos saberes e culturas (KRIPPENDORF, 2001; ZAOUAL, 2006). Faz-se necessário pensar nos impactos do turismo nesses pequenos grupamentos humanos, para os quais Smith (1989) acredita serem mais suscetíveis às influências do poder simbólico (BOURDIEU, 1989) representado pela cultura que vem de fora dos grandes centros que exerce domínio e fascina, levando muitas vezes essas culturas a um processo de aculturação ou enculturação.

Como uma determinada comunidade pode escolher se deseja mudar seus padrões culturais ou mantê-los? Na comunidade de Guaraqueçaba, e em Superagüi, o fandango, uma das mais importantes manifestações culturais está passando por um processo de ressignificação e mudança, isso se deve ao fato de que as motivações para que o evento ocorra estão se transformando. O fandango acontecia na ocasião do preparo da terra com a roçada, o plantar a roça e a colheita, tudo em mutirão. Após, acontecia a festa, a comida e a bebida oferecido pelo “dono da roça”, e dançavam a noite toda. Na atualidade essa

prática vem sendo ressignificada, no sentido de que as roças não fazem mais parte da vida cotidiana dessas comunidades. Para Habermas<sup>3</sup> (apud TAYLOR et al, 1994) o que se pode questionar em um diálogo democrático é: quais as tradições que as comunidades querem manter, e quais desejam abandonar, e como se relacionar com sua história, entre si e com a natureza

O objetivo foi desvendar a percepção da comunidade de seu espaço vivido, e a possibilidade de encontro de saberes e fazeres entre anfitriões e visitantes. Percebeu-se que para atingir esse objetivo foi necessário: (i) identificar as relações da comunidade da Barra do Superagüi com o seu sítio; (ii) analisar as relações de convivência entre os membros desta comunidade; (iii) analisar com base nos levantamentos anteriores os caminhos pelos quais poderá ocorrer adesão da comunidade da Barra do Superagüi para o encontro de saberes e fazeres no Turismo de Base Comunitária. Tendo como suporte teórico nesta busca os sentimentos de Sítio Simbólico de Pertencimento de Zaoual (2006); Topofilia, Tuan (2012) cujo significado é o amor pelo lugar, onde envolve todas as experiências, relações com o espaço físico e afetivo, o que constrói o espaço vivido.

As hipóteses da pesquisa, se definiram em:

- (i) Se existiam lideranças na Barra do Superagüi, formais e informais;
- (ii) Se o turismo era percebido por todos sendo importante fonte de renda para a comunidade.
- (iii) Se a comunidade se sentia envolvida, mas nem todos se beneficiavam da atividade.

O problema de pesquisa consistiu em: o fato de ser PN protege os modos de vida e a natureza? Quais aspectos são percebidos pela comunidade em sua relação com o “espaço vivido”? Existe sentimento de pertença ao sítio? Quais são seu patrimônio material e imaterial, seus saberes e fazeres?

A pesquisa se justifica na medida em que possibilita estudar a relação da comunidade com seu espaço vivido; compreender as relações estabelecidas entre as diferentes instâncias que atuam neste ambiente: a comunidade; os turistas e as instituições de governança que atuam no espaço. Permite ainda

---

<sup>3</sup> HABERMAS, J. Técnica e ciência como ideologia. Lisboa: Edições 70, 1987.

analisar o trabalho de intervenção por parte de um programa Universitário, apresentando as negociações necessárias durante as diferentes etapas: diagnóstico macro, permitiu se determinasse o Município, e diagnóstico micro na comunidade, cujo objetivo foi identificar as demandas da mesma. Em segunda etapa, as demandas de cada instância das lideranças formais que estavam atuando no espaço, a Escola Municipal e estadual, a Associação de Moradores, a Associação Feminina Cristã, as instâncias de governança.

Durante o processo de intervenção da instituição de ensino superior na comunidade a aproximação se deu aos poucos. O envolvimento da comunidade com os interventores ocorreu no sentido de apoio destes na resolução de problemas comuns da mesma, culminando em uma festa.

A Dissertação está composta por sete capítulos, e subcapítulos sendo que o referencial teórico, permeia a dissertação de forma integral. O capítulo I, introduz o leitor no universo da pesquisa, apresentando a área de estudo, objetivo, hipótese e metodologia do trabalho. As definições dos termos fundantes da mesma se dá no capítulo II - onde se descreve o tema de pesquisa e o leitor se apropria da visão de mundo do pesquisador, a partir do ponto de vista desta pesquisa e o entendimento da pesquisa em relação ao Turismo de Base Comunitária; Capítulo III – outras pesquisas e outros pesquisadores na área de interesse, são trabalhados os pontos de vista de pesquisas realizadas em Guaraqueçaba em especial na Ilha do Superagüi e na Vila da Barra do Superagüi ; Capítulo IV – caminhos da metodologia, mostra a construção do como e porquê da pesquisa assim como a inserção na comunidade, o referencial teórico que orientou a pesquisa e os momentos da construção do caminho, encerrando com a definição das técnicas e métodos de análise; Capítulo V – apresenta-se a origem e o percurso realizado pelos interventores a ITCP/UFPR, na vila da Barra do Superagüi, assim como algumas ações e análises dos resultados; Capítulo VI – é o momento onde se apresenta o “espaço vivido” da comunidade e o município de Guaraqueçaba dentro do contexto geográfico, histórico e sócio econômico; Capítulo VII – apresenta-se a comunidade da barra do Superagüi, a atualidade de dados sobre Guaraqueçaba e o início das análises dos dados da pesquisa; Conclusão onde se propõe comparar com o proposto no início da pesquisa, se as hipóteses e objetivos de pesquisa foram atingidos; por fim tece-se as considerações finais.

Antes da conclusão e depois da conclusão uma utopia possível. Tendo uma sessão nostálgica como uma coda em música, em que apenas se convida a que se preste atenção, novas possibilidades de trabalho e continuidade num eterno devir.

## CAPÍTULO II

### 2 A CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.

*Quando conheceres a verdade sobre ti mesmo e a tua semelhança com o criador,  
nada mais te atemorizará, e poderás caminhar com os teus próprios pés.  
Mirtle Shay*

Cada parte da pesquisa encontra-se com a subsequente em movimento de espiral, crescendo e se desenvolvendo em busca de chegar ao ponto, onde se realiza o encontro da teoria com o trabalho empírico. O próximo elo da espiral, tem por objetivo definir quais os conceitos fundantes da pesquisa: Espaço Vivido, Topofilia, Sítio Simbólico de Pertencimento, saber-fazer e Turismo de Base Comunitária.

As atividades se deram em um espaço geográfico determinado, tendo um autor da Geografia humanista (TUAN, 2012) e outro da Economia (ZAOUAL, 2006), escrevendo sobre espaço geográfico fez-se necessário definir a partir de que lugar, enquanto conceito, se estava escrevendo.

A pesquisa tem o aporte teórico da economia e da geografia, a visão de mundo é da fenomenologia humanista e da Teoria Social Cognitiva, como apoio na análise dos conteúdos empíricos. Na economia, tendo por base os sujeitos que desenvolvem a atividade a partir de seu espaço de vivência, o aporte da teoria de Sítios simbólicos de Pertencimento de Zaoual, um economista, Professor na Universidade Côte d'opale (França). Para ele o Sítio é um espaço que vai além do físico, é o espaço imaginado, sentido, sonhado, desejado, relacional, afetivo. Este espaço não é estanque, mas em constante mudança, imprevisível, onde a economia informal é preponderante. E ainda neste espaço, estão o saber-fazer da comunidade como seu maior patrimônio. Este universo “produz uma grande diversidade nas práticas locais [...] em relação a cultura dos atores e seus comportamentos” (ZAOUAL, 2006, p. 17).

Para Zaoual (2006) esses atores sociais que habitam o sítio detêm o conhecimento para a resolução de suas problemáticas, questões sociais e econômicas. Desta forma o território é a escala a partir da qual se pode interpretar o sítio, enquanto espaço simbólico e de conhecimento. E ainda, “o

sítio magnetiza os comportamentos e marca profundamente os códigos e normas, as convenções e instituições local, o meio local circundante” entendendo ainda o sítio como uma instância de “estrutura imaginária de coordenação econômica e social” (ZAOUAL, 2006, p. 18). Para o autor, o sítio abarca as duas estruturas, enquanto o mercado apenas a estrutura econômica.

A Barra do Superagüi está em uma linha, onde transiciona em alguns momentos na condição de sítio, com todas as características que Zaoual (2006) apresenta para o mesmo como: dádiva, solidariedade, reciprocidade, socialização, aprendizagem recíproca entre outras, e em outros momentos é um espaço onde o mercado e o capital dita as normas, como: competição, políticas de interesse, aproximações com o poder público para a obtenção de vantagens e poder. E ainda quando neste espaço restrito, onde existem poucas oportunidades de trabalho e renda, uma única pessoa é Professor (a), dono de pousada, dono de barracão de comercialização do peixe, mercearia ou restaurante, tem barco de transporte na linha, ou para turismo, entre outras atividades.

Desta forma este espaço segundo Claval (2001, p. 109, apud NITSCHKE 2011, p. 55) o espaço de convivência da cultura se caracteriza por reunir “aqueles que compartilham dos mesmos códigos; isto facilita as alianças e as camaradagens; maneiras de se alimentar, linguagem, ritmos e horários. Enquanto sítio, para Zaoual (2006, p. 32) comporta os conteúdos de “uma caixa conceitual” nesta caixa estão os conhecimentos das experiências empíricas e teóricas, sendo o saber acumulado durante a sua história. Os atores do sítio, agem como que tendo também uma “caixa de ferramentas” a qual contém “saber-fazer, técnicas e modelos de ação próprios ao contexto” Zaoual (2006, p. 32). A “caixa conceitual” dos sítios contém os conhecimentos empíricos e teóricos, e a “caixa de ferramentas” contém os modos de organização, modelos de comportamento, de ação, seu saber-fazer, suas técnicas, estas caixas não estão isoladas do restante estão interconectadas com outras “caixas”, assim como os modelos de comportamento. (ZAOUAL, 2006, p. 33). Desta forma o que é possível concluir, que o sítio de Zaoual (2006) contém os elementos que compõem o que caracteriza cultura para Claval. (2001)<sup>4</sup>. E concluindo:

---

<sup>4</sup> CLAVAL, P. A geografia cultural. 2ª ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

De modo essencial cada sítio é uma entidade imaterial que impregna o conjunto da vida em dado meio. Ele possui uma caixa preta feita de crenças, mitos, valores e experiências passadas, conscientes ou inconscientes, ritualizadas. Ao lado desse aspecto feito de mitos e ritos, o sítio possui também uma caixa conceitual que contém seus conhecimentos empíricos e ou/teóricos, de fato, um saber social acumulado durante sua trajetória. [...] cada um carrega seu sítio em sua mente, mesmo de modo inconsciente. (ZAOUAL, 2006, p. 32)

Nos sítios, os segredos só são desvendados quando se tem aproximação sem intenção, do cotidiano que se constrói nos percursos dos indivíduos e dos grupos. Esse cotidiano constitui o cadinho da identidade para as pessoas; sendo comunidades de sentido com sistemas de pertencimento. Neste sentido para desvendar Superagüi, é preciso viver na comunidade porque:

Os sítios impregnam o conjunto das dimensões dos territórios de vida: relação ao tempo, à natureza, ao espaço, ao habitat, à arquitetura, ao vestuário, às técnicas, ao saber-fazer, ao dinheiro, ao empreendedorismo. Os sítios são entidades imateriais fornecedoras de balizamentos para os indivíduos e suas organizações sociais. O Sítio produz “verdades locais”. (ZAOUAL, 2006, p. 34).

No sítio, está o território, espaço físico no qual o vivido acontece. Neste espaço vivido, palco do saber-fazer estão os vínculos que ligam os humanos que vivem no sítio. Como para Relph<sup>5</sup> (1979, citado por NITSCHKE, 2011 p. 66) como sendo “aquele mundo de ambiguidades, comprometimentos e significados no qual estamos inextricavelmente envolvidos em nossas vidas diárias, mas o qual tomamos por muito certo”. Este mundo vivido, onde se dá o saber-fazer das relações entre humanos construindo um espaço cognitivo. Os saberes neste espaço são adquiridos a partir da imitação, do fazer junto, da observação e da experimentação em acordo com a teoria Social Cognitiva de Bandura (2008).

Para Nitsche (2011) a percepção ambiental pode ajudar a compreender e interpretar o espaço vivido na visão de mundo das pessoas comuns, considerando também a fonte dos saberes não científicos. Fazendo conexão da teoria dos Sítios Simbólicos de Pertencimento, enquanto espaço vivido, é possível concluir que a ciência acadêmica precisa ficar atenta aos modos de

---

<sup>5</sup>RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da Geografia. Geografia, Rio Claro, UNESP, v. 4, n. 7, abril, 1979.

ser e fazer dos habitantes dos sítios, assim, se a ciência econômica, ou acadêmica fica presa a modelos obsoletos, perde toda a complexidade que é o humano. (ZAOUAL, 2006).

As pesquisas em comunidades e a intervenção de programas e projetos frutos de políticas públicas, são quase sempre determinados por pesquisas acadêmicas. Dentro desta lógica do neoliberalismo, o legislador, quase sempre assina ou homologa, muitas vezes sem conhecer o lugar, para onde os decretos estão sendo destinados, ou que são objeto de suas determinações. Desta forma, é importante em primeiro lugar que o pesquisador realize pesquisas verdadeiras e éticas. Em busca de minimizar o fato de que:

Muitos projetos se tornam projéteis, atirados nos sítios acerca dos quais não se dispõe de visões de dentro, por causa de se ter sempre suposto que os atores locais são “idiotas” e que precisam aprender a agir segundo uma racionalidade decretada superior e científica. (ZAOUAL, 2006, p. 28).

Assim, esta pesquisa tem por objeto a relação da comunidade com seu espaço vivido, no qual também existe demanda turística. Por um lado, o turismo já acontece espontaneamente, e ainda, é o espaço onde vivem pessoas, as quais tem seus modos de vida, e necessidades, os quais devem ser sempre considerados em primeiro lugar segundo Nitsche (2011). Com base nestas premissas busca-se analisar esse conjunto de relações e eventos da comunidade em busca de perceber os espaços onde poderia se dar o Turismo de Base comunitária. A partir desta percepção é possível pensar em um trabalho a partir da comunidade, de projeto turístico com ofertas de roteiros e vivências em Turismo de Base Comunitária como uma forma de trabalhar o amor ao lugar e o sentimento toponímico comunitário ao apresentar o espaço para o visitante.

## 2.1 TOPOFILIA

Tendo que topo = a lugar e filia = amor filial, Topofilia, é um neologismo desenvolvido por Tuan (2012, p. 19) definido como “O elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso enquanto conceito, vivido e concreto como experiência pessoal”. Este livro nasce na década de setenta, quando começa



a tomar forma um movimento, destinado a modificar a forma como a geografia entendia aspectos relativos a espaço e lugar. Espaço que tem ligação com tempo e eventos, enquanto lugar tendo ligação com território. A geografia que tinha no Behaviorismo funcional e cartesiano sua base, passa a assimilar ideias das ciências humanas como a Antropologia, Psicologia, História, Filosofia e Artes.

Yi-Fu Tuan, de origem chinesa, formado em Oxford, se destaca neste universo com a obra *Topofilia*, amplia o entendimento sobre espaço e lugar, religião, arte e filosofia, à luz do existencialismo de Heidegger e Sartre, afina os sentidos humanos para o mundo. Entende a geografia como um campo de conhecimento, o qual tem como objeto de estudo, o espaço e o seu entorno e passa a ser entendido também como “o lar das pessoas”. (TUAN, 2012, p. 15). Esta obra é importante para esta pesquisa na medida em que desenvolve o tema “Topofilia” e a percepção do ambiente, este ambiente enquanto espaço vivido. O autor propõe com *Topofilia*, Tuan (2012, p. 18) “a formação e a natureza das atitudes e valores positivos” em relação ao espaço vivido.

Sendo para o autor a percepção a resposta dos sentidos aos estímulos do ambiente. Esta como uma atividade proposital, torna-se uma Gestalt da percepção, quando alguns elementos do ambiente se deslocam do primeiro plano para um segundo plano, dando lugar a outros que são claramente registrados. O fenômeno figura/fundo da Gestalt<sup>6</sup>, quando neste ambiente, a figura ou fundo é determinada por uma motivação. A percepção adapta-se em busca de satisfazer a necessidade premente. (FADIMAN; FRAGER, 1979). Já para Tuan (2012, p. 18):

Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. Atitude é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. Atitudes implicam experiências e certa firmeza de interesse e valor”.

---

<sup>6</sup> Teoria da Psicologia desenvolvida por Frederick Perls. “O princípio mais importante da abordagem gestáltica é o de propor que uma análise das partes que nunca podem proporcionar uma compreensão do todo, uma vez que o todo é definido pelas interações e interdependências das partes”. (FADIMAN e FRAGER, 1979 p. 129).

Neste território, espaço vivido, lugar, sitio simbólico de pertencimento, estão em movimento muitos interesses, e ao mesmo tempo um mesmo indivíduo transita em vários territórios, entendido aqui além do território enquanto espaço geográfico. Mas ultrapassando e sendo permeado pela toponímia individual e coletiva, assim como para os territórios das funções, enquanto inseridos em diferentes grupos de interesses. Dentro do espaço objeto da pesquisa, estão as Associações de Moradores e Cristã Feminina, estão a Escola Estadual e Municipal, estão as instâncias de governança municipal e federal. E ainda atuam neste espaço criando territórios físicos, psicológicos e míticos as diferentes instituições religiosas, as ligações familiares, entre outras.

Este território em sua especificidade tem as casas da comunidade em sua maioria, voltadas para o mar, sua frente sempre vai em direção ao mar. O mar não aparece apenas como um lugar de trabalho, mas é o centro da comunidade no que Tuan (2012) percebe como sendo uma relação com a natureza que vai além de sustento, a visão de mundo se desenvolve a partir desta relação. Para esta comunidade os modos de pensar o espaço vivido estão estreitamente ligados ao mar. Este espaço vivido hoje é objeto de conflitos com os gestores do parque, sendo que este conflito não se limita ao cortar ou não cortar “um pau”<sup>7</sup> a questão é em relação ao espaço que tradicionalmente era usado pela comunidade e o advento de ser parque restringiu.

Tuan (2012) apresenta como o povo egípcio se organiza em torno das margens do Nilo, e conclui que a visão de espaço pode ser determinante da visão de mundo. Nas entrevistas foi percebido que os moradores reconhecem as dificuldades de viverem em seu espaço, mas não desejam deixar a ilha, e se sentem privilegiados e que seu lugar é um paraíso. O espaço físico pode não dar o sentimento de toponímia pelo lugar, mas este estimula o sensorial, sendo que a imagem ambiente “dá forma às nossas alegrias [...] os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo em que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época”. (TUAN,

---

<sup>7</sup> Forma dos comunitários se referir ao fato de ir ao mato cortar uma árvore para fazer uma canoa, melhorar a casa ou um utensílio de uso comum.

2012, p. 161). Em todos os lugares, ainda que não se possa ver existe o lar de alguém, de alguma forma de vida.

O espaço vivido da comunidade é uma ilha, para Tuan (2012) a ilha parece ter um lugar especial na imaginação humana. As ilhas têm profundo significado na evolução humana, e “sua importância reside no reino da imaginação” a toponímia pode ser reforçada através da realidade circundante, e ser enriquecida pela realidade do ambiente. (p. 168)

O saber-fazer, a cultura, o espaço enquanto território ou territórios imaginários ou não, e o ambiente possibilitam o sentimento de toponímia, sentido de sítio simbólico de pertencimento, e é o espaço vivido da comunidade este espaço vivido que é também o objeto de interesse dos visitantes e dos gestores do parque. Carente de políticas públicas em acordo com a realidade da comunidade, esta que devido a todas as restrições e dificuldades de manter seus modos de vida, aos poucos muitos vão deixando o amor pelo lugar ser substituído pela toponímia, que é o medo do lugar.

## 2.2 TURISMO – TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC).

O termo turismo é de difícil definição, pois esta é uma ciência multidisciplinar, necessita, portanto, estar em relação com outras áreas do conhecimento para existir. Na busca de clareza sobre a proposta, para o presente trabalho percebeu-se a necessidade de desenvolver um breve conceito para o termo: turismo de base comunitária, o qual é composto, transdisciplinar no nome e na atividade. Para uma melhor compreensão do fenômeno TBC, para esta dissertação terá a denominação de encontro entre visitantes e anfitriões. Sendo imprescindível alinhar o que os pesquisadores em turismo dizem do fenômeno social que é, suas atribuições, proposições, efeitos e possibilidades.

A Ilha do Superagüi, sendo um parque nacional tem a natureza como cartão para o marketing turístico, tanto por parte do ICMBio, quanto da prefeitura e mais recentemente a comunidade da Barra do Superagüi vem se descobrindo, e aceitando seu aspecto de atrativo turístico. Para Tuan (2012, p. 139):

Muitos dos atuais circuitos turísticos parecem estar motivados pelo desejo de colecionar o máximo possível de etiquetas sobre parques nacionais. (ser parque nacional também é um atrativo). O turismo tem uma utilidade social beneficia a economia, porém não une o homem à natureza. A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos.

Tendo esta consciência, o esforço dos gestores do Parque Nacional do Superagüi é divulgar o lugar, mas sem pressa, e não tendo o número de turistas como principal objetivo a ser alcançado, mas a qualidade dos visitantes para este espaço. A comunidade entende que ela deve dizer como quer que seja desenvolvido o turismo sustentável para a mesma.

Este turismo sustentável que para Sampaio (2005) pode ser o turismo de base comunitária (TBC) e “se baseia na relação dialética entre turista (visitante) e comunidade receptora (e não na sobreposição da comunidade ao turista (visitante) nem do visitante à comunidade); ambos considerados agentes de ação socioeconômico e ambiental; repensando as bases de um novo tipo de desenvolvimento” (p. 13)

Esta forma de turismo não se limita apenas na observação, ou convivência com a comunidade, mas consiste no envolvimento com os projetos comunitários. O Turismo de Base Comunitária sendo uma alternativa aos modos de vida consumista, estratégia de diálogo (dialético) que possibilita experiências de planejamento para o desenvolvimento de base comunitária em curso, no qual a população originária, se torna a principal protagonista, resgatando e conservando seus modos de vida (SAMPAIO, 2005).

Desenvolvimento nesta lógica, é sustentável, reelaborado segundo este autor para ecodesenvolvimento sustentável, a prioridade é para o alcance de finalidades sociais, satisfação de necessidades materiais e psicossociais, autodeterminação, participação política e auto realização, aproximando das liberdades substantivas da teoria de Amartya Sen (2010).

A valorização da autonomia ou “*self-reliance*” tendo um maior grau de controle dos aspectos cruciais do processo de desenvolvimento, mediante a sociedade civil organizada, no âmbito local, regional e microrregional sendo direcionando e maximizando os recursos disponíveis num horizonte de respeito às tradições culturais sem incorrer com isso em auto suficiência, que para este momento planetário não cabe, não é possível isolacionismos culturais nem

espacial; relação de simbiose com a natureza, efetividade econômica, utilização dos recursos sem exauri-los, situando dessa forma a “eficiência econômica como uma alternativa à racionalidade macroeconômica dominante, no sentido de uma internacionalização efetiva da problemática dos custos socioambientais do processo de desenvolvimento”. (SAMPAIO, 2005, p. 118). Com esta nova ordem não haveria necessidade de reservas de carbono nem acidentes ambientais financiando a manutenção de áreas de preservação ambiental na contramão da sustentabilidade, entre outros. E ainda que:

O planejamento participativo recupera a participação social, de modo que o cidadão contribua na elaboração das ecoestratégias, [...] transformando a sociedade civil num terceiro sistema de poder, na medida em que toma consciência de si mesma e começa a interpelar-se e conhecer-se. (SAMPAIO, 2005 p. 113).

A sustentabilidade deve ser pensada segundo Sampaio (2005) em suas múltiplas dimensões: sustentabilidade social, econômica, ecológica, espacial e cultural – respeitando a continuidade das tradições culturais, e até mesmo a pluralidade das soluções particulares; já a “sustentabilidade política privilegia negociação da diversidade de interesses envolvidos em questões fundamentais desde o âmbito local ao global” (SAMPAIO, 2005, p. 120).

Tendo estas premissas de sustentabilidade pensadas no sentido global da comunidade. A comunidade da Barra do Superagüi está fora do eixo de movimentação do capital. Mas ainda é um lugar onde vive pessoas, e estas pessoas tem necessidades, e uma das necessidades é a de inclusão pensada em todos as dimensões da sustentabilidade. Em busca de atender à dimensão da sustentabilidade econômica, ou como quer Amartya Sen (2010); Max-Neef (2012) a busca da remoção de todos os impedimentos ao exercício da liberdade plena; promover o desenvolvimento à escala humana e a conseqüente evolução na escala das necessidades de Maslow. Dentro desta premissa Amartya Sen (2010) entende que as atividades em comunidades não devem ser fruto de ações improvisadas, e feitas sem planejamento, que então estaria fadada a ser sempre dependente, mas sim ações pensadas para promover autonomia, autogestão e “desenvolvimento que se concentra em satisfazer as

necessidades humanas fundamentais, na geração de níveis crescentes de autodependência” (MAX-NEEF, 2012, p. 22).

### 2.3 É POSSÍVEL UMA SISTEMATIZAÇÃO DE SISTUR/TBC?

Preconizando a atividade turística com parâmetros diferenciados, dentro da lógica do Turismo de Base Comunitária, e para um Parque Nacional, onde os anfitriões e atores da atividade são pescadores artesanais. Dentro desta lógica, detém especificidades as quais em nenhuma hipótese são compatíveis com o Sistema de Turismo – SISTUR, ainda assim com variações é possível atender alguns parâmetros básicos que o compõe. Este sistema pressupõe qualidade dos meios de transporte, comunicação, acesso, facilidades de traslado, estética do entorno urbano (neste caso rural), gastronomia, artesanato típico, hospitalidade da comunidade, nível do sistema de informação, compras, segurança, sinalização turística (LEITE, 2003).

O turismo nas comunidades como da Barra do Superagüi, o SISTUR necessita de ser pensado com outros elementos; os meios de transporte, é próprio ou ônibus de linha até Paranaguá, e depois barco de linha que sai uma vez por dia de Paranaguá às 15:00 horas em direção à comunidade; ou ainda a opção com emoção<sup>8</sup>, ônibus de linha até Guaraqueçaba a sede, e barco ou voadeira para Superagüi, não tendo o conforto como prerrogativa; comunicação, telefone celular o sinal tem que ser procurado na praia, como os antigos buscavam água no subsolo com uma vareta, mas no caso do celular é a antena para o alto; facilidade de traslado, a bicicleta, a carroça e especialmente os próprios pés; no quesito estética do entorno este sim, a natureza rica e variada, as pessoas, o ar, os cheiros, os sons, o mar, os animais; gastronomia caseira, saborosa, ainda que não muito variada, o peixe quase sempre é o cardápio do dia, vegetarianos e veganos não tem muitas

---

<sup>8</sup> Está no fato da viagem de ônibus que para Guaraqueçaba necessita ter muito boa vontade e gostar de aventura, a estrada tem 80 km sem pavimentação, e se a estação for chuvosa dificulta a manutenção, aumentando o número de buracos na mesma. A viagem de barco de Guaraqueçaba a Superagüi através do “furado” necessita de condições especiais para se dar, é bom que o dia esteja de preferência sem chuva, e a maré esteja cheia. Caso contrário fica difícil a navegação estas são algumas das possibilidades de emoção, e podem ocorrer outras.





FOTO 5 – Camarão sete barbas pronto para ser descascado.

FONTE: a autora (2014)

FOTO 6 – indicação de atividade turística

FONTE: a autora (2015)

Em 2014 por ocasião da 1ª Festa do Camarão Sete Barbas da Comunidade da Barra do Superagüi (figura 5), realizaram uma experiência de um mapa com indicações turísticas (figura 4) ; compras, não tem espaço para este tipo de lazer, a ilha não tem lojas; segurança, a dos moradores que estão sempre atentos, na comunidade sendo uma das grandes queixas a falta de policiamento (o qual talvez seja melhor não ter); e a sinalização turística é a que o morador se sentindo motivado coloca indicando algumas direções, especialmente de seu empreendimento (figura 6).

Existe concordância, do SISTUR e os objetivos do Turismo de Base Comunitária, quanto ao fato de que os benefícios sejam sustentados ao longo do tempo, para toda a comunidade envolvida pela atividade. A atividade turística nas comunidades tradicional, não prescinde de ampliação da oferta de serviços. A atividade deve ser realmente encontro entre visitantes e anfitriões, uma troca de conhecimentos. Com retorno econômico necessário, e o social é fundamental.

Leite (2003) escreve a partir da visão do turismo de massa, e do capital. Sendo possível inferir uma visão sistêmica para a atividade de encontro no Turismo de Base Comunitária, esta necessita ser em grupo, hoje visualizado como atividade em rede. O que fornece pouso, pode ser o mesmo que fornece alimento, vivências entre outros. No entanto se as comunidades se associarem, ou criarem um sistema cooperativo, cada família fornecer um dos serviços que compõe o conjunto de atividades as quais satisfaçam as necessidades dos



visitantes, se tornará leve a atividade e ao mesmo tempo todos se beneficiarão. Estes destinos comunitários necessitam de apoio das políticas públicas para se sustentarem, pois estes também nascem de uma demanda.

Um grupo de pessoas que vivem em uma mesma comunidade, ou em um município como Guaraqueçaba podem atuar interligados e oferecendo produtos e serviços em acordo com suas especificidades. O município já funciona assim desde sempre, tendo que cada comunidade tem uma especialidade e singularidade. É possível citar aqui a construção de canoa, cada vila, ou comunidade tem um tipo de canoa e uma forma de produzir. Outras comunidades, artesãos de entalhe em madeira e constroem os instrumentos do fandango Caiçara; outras, utilitários domésticos como gamelas, colheres de madeira, pilão entre outros objetos. Toda essa especificidade de saberes e fazeres podem fazer parte de um roteiro turístico, funcionando simultaneamente, compondo um sistema de Turismo de Base Comunitária.

A teoria de sistemas, desenvolvida por Beni (1990) tem por fundamentação teórica a teoria de sistemas de informação. Renomeada como Teoria de sistemas de turismo. Beni (1990) inicia com uma definição da origem da teoria, assim como define o termo sistema, como tendo origem no grego, cujo significado é: ser causa (*Synhistanai*). E esta ideia foi introduzida na década de 1950, “afetando todos os campos do conhecimento humano” (p. 17). Na origem, esta teoria possibilita o estudo e análise a partir dos *input/output* e *feedback*, ou realimentação a partir dos eventos e atividades turísticas. Todos os sistemas têm como base estas variáveis. Esta teoria permite análise completa do complexo total de todas as variáveis que fazem parte do sistema turístico.

Esta teoria surge como elemento de possível análise dos componentes do Turismo de Base Comunitária, pode permitir ainda o conhecimento de cada elemento do sistema turístico da Barra do Superagüi sendo orquestrado como entrando no sistema um de cada vez, o que neste contexto faz sentido (BENI, 2003).

A comunidade é um todo, o número de turistas para cada vivência pode ser um grupo, ou vários grupos, visitantes em grupos pequenos, ou indivíduos solo. Com estas características mapeadas e conhecidas seria possível a

acolhida como na teoria de sistemas, para os quais é possível planejar as atividades acontecendo como uma rede de pesca, onde cada parte da malha se encontra com a outra. Uma composição, na qual cada instrumento entra em um determinado momento, e depois se desenvolve tocando juntos.

O ambiente do sistema é composto por tudo aquilo que está situado fora do sistema. Nesta pesquisa o ambiente de uma pousada, do barco ou do espaço de alimentação, e todo o entorno, as trilhas até chegar na praia deserta por exemplo, as pessoas no espaço, entre outros. Incluindo as restrições orçamentárias. Então o sistema é composto, pelo que está dentro, seu entorno e todos os componentes imateriais que fazem parte do seu funcionamento. O ambiente está fora do controle do sistema, mas é uma parte que determina o funcionamento do sistema. (BENI, 1990)

## 2.4 SUSTENTABILIDADE

Outro conceito pertinente à temática do turismo, e com mais propriedade do Turismo de Base Comunitária, é a sustentabilidade. Ela vem sendo entendida como um processo de desenvolvimento que assegura a satisfação pessoal satisfazendo as necessidades atuais, sem comprometer as realizações futuras dos outros que ficarão (BAZZO, 2010). A sustentabilidade está diretamente vinculada ao sentimento de topofilia e a relação que a comunidade desenvolve com seu espaço vivido e os muitos territórios deste espaço. Desta forma faz-se necessário pensar as ações ligadas ao turismo em rede, planejado, viável economicamente, e sustentável.

As relações econômicas do espaço devem ser dentro da lógica da economia solidária. Os sujeitos do território devem ter a premissa de pensar o turismo como uma alternativa de modelo de desenvolvimento o qual não é a atividade principal, mas secundária. As iniciativas devem estar focadas no empreendimento, mas sem mudança das práticas tradicionais, em virtude da atividade turística, mas sim pensar estas práticas como atividades fins, e possíveis atrativos desta nova modalidade de atividade econômica. Ainda que no âmbito da economia solidária, o espaço em Superagüi necessitava de melhorias em sua estrutura como um todo, e, não tinha condições nem recursos para a solução ideal, como apoio entrou uma instituição externa.

As ações da ITCP/UFPR enquanto interventora na comunidade pensavam as diferentes atividades e necessidades como uma rede ou sistema. Quando uma ação sendo realizada em algum ponto do mesmo, influencia o todo; como apoiar a comunidade para resolver o problema da água é uma ação de economia solidária? Quando esta ação vai refletir no todo da comunidade como na qualidade de vida, na qualidade dos espaços de comércio, na qualidade das atividades relacionadas ao comércio do peixe, na qualidade do atendimento turístico, tudo é reflexo desta ação, assim como promover trabalhos comunitários de forma coletiva. Esta ação em busca da satisfação desta necessidade promoveu um momento de coesão comunitária, a qual na solução desta problemática se uniu. A prática auto gerenciadora parte de uma necessidade – é uma ação coletiva, não é econômica, não é monetária, mas reflete na economia.

Em acordo com Nitsche (2011) buscou-se na pesquisa através dos diálogos, das ações, e os muitos encontros em diferentes momentos seja no ambiente escolar, seja nas reuniões da Associação feminina, Associação de moradores e a reunião do Conselho do Parque Nacional (CONPARNA), compreender os elementos que são parte do passado, sua história, seja real ou imaginário, que permeia o dia a dia da comunidade. A origem comum permite compreender os atuais acontecimentos, as raízes históricas determinam o que esta comunidade é hoje, e como ela se percebe em seu espaço geográfico, suas ações e reações.

Este lugar, o local, que para Beni (1990) é um espaço geográfico delimitado por características intrínsecas e comuns, físico-territoriais e socioculturais e, assim definido associa-se ao desenvolvimento regional em qualquer uma de suas múltiplas dimensões. Podendo ser estendido ainda, para explicar a participação engajada e efetiva da comunidade residente nas iniciativas de desenvolvimento, no processo de produção de bens e serviços, não como uma empresa, mas com elementos desta forma de administrar ou gerir. Quando esse espaço é apropriado pelo sistema de Turismo pelos méritos diferenciais de seus atrativos naturais e/ou culturais, ocorre o início de um processo produtivo impactante e abrangente dos setores da atividade econômica, para o autor Beni (1990) com destaque para o terciário. Não recomendável para o espaço de estudo. Esta forma de ação não é viável, a

Comunidade da Barra do Superagüi está na área de amortecimento de um PN, e com restrições de uso.

A sustentabilidade, neste caso precisa ser compreendida como estando relacionada também ao ponto de vista cultural, e a manutenção da sociobiodiversidade que para Diegues et al (1999) “o manejo e a gestão em áreas naturais podem estar profundamente ligados à visão de mundo e práticas culturais e simbólicas das comunidades [...] e não exclusivamente a conceitos e práticas científicas, em sua acepção moderna” (p. 8).

Pensando em sustentabilidade, em todos os níveis, e como inclusão socioeconômica, Beni (2003) acredita no turismo como gerador de empregos, e impulsionador de desenvolvimento, desde que obedecidas algumas prerrogativas. E, ainda que o turismo pode realizar a transferência de renda de uma região mais rica para uma mais carente. Elevando a condição de vida, devido a melhoria da infraestrutura e serviços proporcionados pelo turismo. As parcerias externas com universidades, empresas e centros de pesquisa podem facilitar o planejamento e a organização até que as comunidades se tornem autônomas. Com o necessário envolvimento do setor público na atividade. Na barra do Superagüi, foi possível perceber pela observação participante e pela entrevista dialogo, que o turismo é benéfico, sendo bem-vindo, mas existe um limite sensível na comunidade, quando ultrapassa este limite, se a atividade é muito extensiva, ou massiva, gera uma espécie de estresse comunitário em relação à mesma.

Tendo esta percepção é premente e fundamental, a participação comunitária no processo, para isso faz-se necessário se arregimentar os atores sociais, e os agentes institucionais, as lideranças políticas e empreendedores. O turismo, neste espaço pode sim ser fator de desenvolvimento local. Mas também pode ser fator estressante, se ultrapassa a capacidade de carga e de tolerância da comunidade. Esta tolerância foi percebida nas falas, na observação e nas ações, e está diretamente relacionado ao ponto que começa a interferir na dinâmica local do trabalho, em especial a pesca, na escola e no cotidiano familiar.

O planejamento e a organização permitem que a comunidade tenha a capacidade de prever os possíveis riscos para a mesma, assim como mensurar os benefícios, perceber seus limites. Se a comunidade anfitriã, se propõe e se

organiza em associação ou cooperativa, tem condições de desenvolver planos com visão ampliada. Quando se pensa em conjunto cada empreendedor, família ou artesão tem visão de uma parte do todo. Dessa forma, onde todos podem participar se minimiza as dificuldades, e ainda quando necessário a participação no mercado tanto para divulgar seus produtos, seu roteiro, ou na compra de bens e serviços para um grupo maior os preços são atrativos. O agrupamento desta forma ganha ao prestar o serviço, e ganha muito mais na compra dos produtos que sustentam a atividade. Ainda que seja um empreendimento solidário, e de base comunitária, este tem como fim o lucro. Todo empreendimento, visa lucro, mas neste caso não apenas lucro, os ganhos vão além. Beni (2003):

A aplicação do turismo sustentável assegura a distribuição justa de custos e benefícios; geram empregos locais, tanto diretos no setor [...] como indiretos em vários setores de suporte e gestão de recursos; estimulam nichos de negócios lucrativos; [...] sistemas integrados e intermodais de transportes e artesanato; injetam dinheiro novo na economia local; fazem com que as decisões sejam tomadas em todos os segmentos da sociedade, inclusive populações locais, [...] incorpora planejamento e zoneamento; [...] criam facilidades de recreação e entretenimento; auxiliam a cobrir gastos; preserva os sítios arqueológicos, e locais histórico-culturais. (p. 34)

Estas são possibilidades, o turismo planejado e monitorado, pode proporcionar benefícios, e desenvolvimento local. Neste encontro, os benefícios serão duradouros para ambos, para visitantes e para anfitriões.

O turismo é preconizado pelos Gestores do PNS, como uma atividade importante pela possibilidade de trabalho e renda. Na figura (8 e 9) o folder de divulgação do Parque Nacional por parte do ICMBio.

### DESCUBRA O PARQUE E ARREDORES

- ❑ Vila das Peças: baía para observação de cetáceos (golfinhos) e praia deserta com 7 km de extensão;
- ❑ Ilha do Pinheiro: revoada de bandos de papagaio-da-cara-roxa ao entardecer;
- ❑ Ilha e Barra do Superagui: trilhas e Praia Deserta (38 km de extensão);
- ❑ Barra do Ararapira: acesso norte à Praia Deserta e cultura local (uso da folha da cataia);
- ❑ Roteiro Lagamar: contemplação da Baía dos Pinheiros e passeio pelo Canal do Varadouro;
- ❑ Igrejas históricas: nas localidades de Colônia e Ararapira;
- ❑ Bertioja: restaurantes com frutos do mar;
- ❑ Cultura local: fandango e atividades de pesca artesanal;
- ❑ Barbados: história da colonização suíça;

### RECOMENDAÇÕES

Até a efetivação do Plano de Manejo do Parque não está oficialmente aberto à visitação. Apesar de contar com pousadas, camping e restaurantes, as atividades de visitação não possuem infraestrutura. Portanto, recomenda-se:

- ❑ Contratação de um seguro contra acidentes e de vida;
- ❑ Acompanhamento de um condutor da comunidade tanto em terra quanto embarcado (procurar a cooperativa de turismo local Cooperguará Ecotur para mais informações ([www.visitguaraquecaba.com.br](http://www.visitguaraquecaba.com.br));
- ❑ Evite carona, fretamento ou viagem em embarcações não autorizadas pela Capitania dos Portos. Mais informações e reclamações: Tel: 41-3422-3033 ou [secom@cppr.mar.mil.br](mailto:secom@cppr.mar.mil.br);
- ❑ Em caso de mau tempo, oriente os responsáveis da embarcação a optar pela via mais segura de acesso e utilize salva-vidas;
- ❑ Combine tarifas e reservas com antecedência para transporte, hospedagem e alimentação para evitar transtornos, uma vez que o turismo local é de base comunitária, ainda simples e não profissionalizado;
- ❑ É bom lembrar de levar: calçado amarrado, chinelo, bota de borracha, roupa impermeável (chove muito no região), roupas claras, chapéu/bonê, protetor solar, óculos escuros, repelente de insetos e binóculos para observação de aves;

**O ICMBio não se responsabiliza por quaisquer danos pessoais, materiais e morais aos visitantes**

Por-do-Sol na Barra do Superagui  
Foto: Celso Margraf



### CONDICIONANTES

- ❑ Preserve os sítios históricos e respeite a cultura local;
- ❑ Veranistas não devem alugar ou comprar imóveis nas comunidades do entorno do Parque. O ICMBio e a Secretaria do Patrimônio da União fiscalizam a área para que permaneça ocupada apenas pela população local;
- ❑ A baía das Laranjeiras/Rio das Peças é importante área para cetáceos (mães com filhotes), assim como a baía dos Pinheiros (área de alimentação), portanto a navegação nesses locais restringe-se ao transporte. Não pratique esportes náuticos motorizados (lanchas, esqui aquático e jet ski), pois são prejudiciais aos cetáceos e interferem no cotidiano das comunidades de pescadores artesanais;
- ❑ Do Parque nada se tira, além de fotos, nada se leva além de lembranças, nada se deixa além de pegadas. Animais, plantas, rochas, frutas, sementes e conchas devem permanecer nos locais encontrados. Todo o lixo produzido, deve ser coletado e depositado em local apropriado;
- ❑ Não acenda fogueiras, pois incêndios se propagam rapidamente na vegetação de restinga;
- ❑ Acampe somente nos camping das comunidades. Não é permitido pernoitar na Praia Deserta e na comunidade extinta de Ararapira Velha.

### CONTATO

Parque Nacional do Superagui: Barra do Superagui, s/n.,  
Ilha do Superagui, Guaraquecaba/PR, 83.390-000  
Tel: 41-3482 7146 ... [pnsuperagui@gmail.com](mailto:pnsuperagui@gmail.com)




Praia Deserta - Ilha do Superagui  
Foto: Celso Margraf

### Missão

Proteger área significativa do Lagamar, Patrimônio da Humanidade, através da pesquisa, especialmente com o mico-leão-da-cara-preta e o papagaio-de-cara-roxa, do turismo responsável e da integração com as comunidades, considerando seus valores históricos e culturais.



Ministério do Meio Ambiente    Governo Federal

FIGURA 7 – Folder 1 sobre o PNS


Fonte: ICMBio

### APRESENTAÇÃO

Localizado no município de Guaraquecaba, litoral norte do Paraná, o Parque Nacional do Superagui protege parcela significativa do bioma marinho-costeiro em uma área de aproximadamente 34 mil hectares.

Criado pelo Decreto n.º 97.688, de 1989, e ampliado pela Lei n.º 9.513, de 1997, a área é atualmente administrada pelo ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, órgão do governo federal vinculado ao Ministério do Meio Ambiente.

Em 1999 o Parque foi declarado Patrimônio Natural da humanidade pela UNESCO.



Mico-Leão-da-Cara-Preta  
Foto: Celso Margraf

### ACESSO

O Parque é acessível apenas por barco, a partir de localidades próximas no Paraná e em São Paulo. As principais entradas são as comunidades da Barra do Superagui, Vila das Peças e Barra do Ararapira. Aeroporto mais próximo fica em Curitiba/PR (Aeroporto Internacional Afonso Pena).

### Barra do Superagui (principal entrada)

- ❑ Via Paranaguá: saídas de segunda a sexta-feira, 14:30h, do trapiche das ilhas na Rua General Carneiro (rua "da Praia"). Retorno Barra do Superagui-Paranaguá às 7:00h do mesmo dia. Duração da viagem: 2 a 3 horas de acordo com a rota. Próximo ao trapiche em Paranaguá há estacionamento particular para guardar o carro.
- ❑ Via Guaraquecaba: saídas segunda, quarta e sexta-feira, às 14:00h, do trapiche da cidade. Retorno Barra do Superagui-Guaraquecaba às 7:00h mesmo dia. Duração da viagem: 2 horas e meia. Para chegar a Guaraquecaba há duas opções:

- a partir de Antonina, por estrada não pavimentada;
- de barco a partir de Paranaguá: diariamente às 9:00 e 14:00h. Retorno Guaraquecaba-Paranaguá às 7:00 e 14:00h. Duração da viagem: 2 horas e meia.

### Vila das Peças

- ❑ Via Paranaguá: diariamente às 13:00h, do trapiche das ilhas na Rua General Carneiro (rua "da Praia"). Retorno Vila das Peças-Paranaguá às 7:00h. Sexta-feira, sábado e domingo, saída às 9:30h com retorno às 16:30h (Linha turística). Duração da viagem: 2 horas.

### Barra do Ararapira

- ❑ Via Cananéia-SP: Saída na quinta-feira, às 7:00h, com retorno terça-feira, às 7:00h.
- ❑ Via Comunidade do Ari-SP: acesso por estrada não pavimentada. Depois é necessário fretar embarcação.

### CARACTERÍSTICAS

O Parque é formado pelas ilhas das Peças, do Superagui, Pinheiro e Pinheirinho e por uma parte continental, denominada Vale do Rio dos Patos.

Existem formações costeiras arenosas, Floresta Atlântica, restingas e manguezais. É colocado como um dos cinco ecossistemas costeiros mais notáveis do mundo.

Em suas florestas de restinga, uma grande variedade de orquídeas chama a atenção do observador.

Essa floresta abriga um dos mais ameaçados e belos primatas do planeta, o mico-leão-da-cara-preta.

Em relação as aves, cabe mencionar o papagaio-da-cara-roxa ou chauá, um dos endemismos mais típicos da vertente leste da Serra do Mar. Por ter uma das últimas praias com suas características originais intactas, recebe anualmente espécies migratórias, como o maçarico.




FIGURA 8 – Folder 2 sobre o PNS

Fonte: ICMBio

## 2.5 ECONOMIA SOLIDÁRIA UM PILAR DO TBC

Neste novo modelo para o encontro entre visitantes e anfitrião, se insere a economia solidária, a economia dos pés descalços, a socioeconomia (SAMPAIO, 2005), o desenvolvimento a escala humana (MAX-NEEF, 2012); Desenvolvimento como liberdade (AMARTYA SEN, 2010) entre outros. Um novo conceito de empresa, as empresas do bem. No turismo surge o turismo de mínimo impacto, turismo sustentável, turismo existencial, a predominância da afetividade e a importância do encontro, o Turismo de Base Comunitária.

As comunidades, ainda que se inserindo em um mundo global, resistem às influências externas. Em Guaraqueçaba os pescadores artesanais, os quilombolas do Batuva, os povos originários Guaranis e ainda as muitas colônias de remanescentes colonizadores europeu no Paraná e outros estados. O turismo de fruição e o pertencimento territorial, são as propostas de alternativas na nova orientação para o turismo, afetividade versus neutralidade afetiva, do generalista para o específico, particular (KRIPPENDORF, 2001).

Presidentes de associações, cooperativas, representantes sociais, a sociedade legitimadora, legitima o poder a estrutura social. As estruturas de poder local estão se organizando (ZAOUAL, 2006). Entretanto, sempre que se coloca em contato com estruturas globalizantes, de culturas tecnologicizadas, corre o risco de ser dominada, a cultura de maior conhecimento domina a de menor conhecimento dentro da lógica capitalista, ainda que a cultura tenha outras formas de conhecimento, muitas vezes não levados em conta (SMITH, 1989).

As cidades, os centros urbanos formados na atualidade por subúrbios e áreas metropolitanas buscam locais de áreas rurais, os quais são valorizados e procurados, “como um ideal, aconchegante” a busca das metrópoles de outrora, parecem ceder lugar ao desejo do encontro (TUAN, 2012, p. 335). Existe uma necessidade de comunidades, as comunidades suprem a necessidade psicológica de vínculos e dão o sentimento de pertencimento (ZAOUAL, 2006). Na atualidade, vive-se a crise de alteridade, o homem sente-se sem um elo que o leve para um encontro com o outro, existe uma busca pela vivência em pequenas comunidades, na zona rural e ilhas, a busca de enraizamento de sentir-se parte. (MAX-NEEF in SAMPAIO, 2005).

Nas cidades urbanizadas, o crescimento do fenômeno de grupos, como a representação da necessidade de afirmação da identidade, eu existo à medida que sou percebido pelo outro<sup>9</sup>. Identidades de resistência e produção de significados. Dentro deste contexto, está o crescimento das religiões, em especial as pentecostais, esta tem um papel social e representatividade do que se vive no momento. As igrejas, as irmandades, dão a acolhida à necessidade psicológica de sentir-se parte. A representação de diferentes papéis sociais.

O turismo não nasce nos papéis sociais, mas mexe nas identidades. As identidades culturais, interferem nos espaços, em especial nas especificidades comunitárias. Nas comunidades se aprofundam os laços de pertencimento. Dentro deste universo nascem as comunidades virtuais, o Mal-estar das Sociedades Bauman (2005), construções e representações – as personas<sup>10</sup> se identificam em acordo com o espaço e a necessidade, família, escola, comunidade real e virtual. A internet tira o indivíduo da comunidade real e joga na comunidade virtual.

A comunidade tradicional, está transicionando, como na Barra do Superagüi, onde desde o advento da luz elétrica, e a chegada da internet surgiram novas necessidades. Com estas tecnologias, a comunidade acessou o mundo urbano, e desejos de consumo dos bens deste ambiente, a televisão, o rádio, a internet criou novas formas de arranjo social no espaço. Esses novos arranjos levaram a novos interesses, e os gostos e formas de divertimentos migraram do tradicional para o midiático. Desta forma a Comunidade da Barra do Superagüi, tem traços de comunidade tradicional, e de comunidade urbana, verdadeiro urbano. Em momentos parece um bairro ou área metropolitana de qualquer cidade grande, em outros momentos parece uma pequena cidade do interior

---

<sup>9</sup> Evento: 2º Seminário Internacional de Turismo Comunitário e Economia Solidária. Fala de Christiam Henriquez Zuñiga. 17/18/19/20 de março de 2015 no Município de Guaraqueçaba – Paraná – Brasil

<sup>10</sup> Personas: termo utilizado em Psicologia Social, o qual tem por objetivo desenvolver um conhecimento sistemático acerca das crenças e sentimentos das pessoas em relação ao meio ambiente social e os efeitos que este meio social exerce sobre eles. GARCIA, M. D.; LOSADA, M. C. L. Teorias da Psicologia Social. Disponível em: [http://www.uelbosque.edu.co/sites/default/files/publicaciones/revistas/cuadernos\\_hispanoamericanos\\_psicologia/volumen1\\_numero2/articulo\\_2.pdf](http://www.uelbosque.edu.co/sites/default/files/publicaciones/revistas/cuadernos_hispanoamericanos_psicologia/volumen1_numero2/articulo_2.pdf) Acesso em: 17/07/2015



Nos espaços, as organizações instrumentalizam os atores, e organiza os em interesses comuns, ainda que em alguns momentos conflitantes. Novas racionalidades das organizações, é a origem do estado nacional. Nestas organizações é possível identificar as relações de poder da sociedade civil, como nas igrejas, sindicatos, cooperativas, associações. Estes modelos são da sociedade ocidentalizada. O associativismo e o cooperativismo em turismo são importantes, na medida em que fortalece o destino, amplia as capacidades, fortalece o protagonismo, amplia as ofertas de vivências no caso do Turismo de Base Comunitária. A sociedade organizada tem condições de agir politicamente, pode exigir direitos, e impor ao próprio grupo atitudes solidarias, e compartilhar dificuldades e ganhos.

Para Max-neef, (in SAMPAIO, 2005 p.12) Comunidade “é uma rede de relações que tem um profundo significado entre quem a compõe”, uma comunidade está em rede com outras comunidades, e os indivíduos, cujo elemento fundamental “para sua vitalidade é a diversidade” e a compreensão de quais são os laços que unem os indivíduos em comunidade e ao território, uma comunidade, ainda que virtual tem um território um Sitio, ou *síte*.

Através do esmiuçar de termos para definir Turismo de Base Comunitária, tendo o conceito de Comunidade já distinto de sociedade, dessa forma separando as palavras temos: O que dá Base? Em relação ao que se está falando, ao turismo o que dá base a uma comunidade?

Para Rocha (2005, p. 100) base “é tudo o que suporta ou mantém em pé um corpo qualquer, pode ser ainda fundamento, apoio ou ainda conhecimentos fundamentais”. E comunidade tem origem em comum, para a mesma autora significa o que é comum, “comunhão, agrupamento humano caracterizado pela coesão espontânea dos indivíduos” (p. 134)

Desta forma; Base, é o que sustenta, dá fundamento são os conhecimentos fundamentais. A Comunidade, o que é comum, comum unidade. E se a Base é comunitária; para o turismo, o que se deve fortalecer para que a comunidade tenha base, e possa desenvolver iniciativas de empreendimentos voltados para o Turismo de Base Comunitária, portanto na lógica da Economia Solidária. Em busca de um constructo que satisfaça esse questionamento, é necessário determinar de que desenvolvimento se vai falar.

O desenvolvimento que se busca aqui é aquele que Max-neef, (in SAMPAIO, 2005), aceita seja descoberto pelo turismo comunitário.

Nesta ordem é importante “faça o possível para que não desmorone” e se perca a diversidade, entrando no processo de globalização massificada do turismo tradicional. Respeitando a dinâmica local, os modos de vida reforçando e preservando a diversidade local das identidades, e o turismo não sendo a meta, mas um dos meios para o desenvolvimento, quem deve aprender a língua de quem, o visitante ou o visitado? Que essa não seja a obrigação, mas a língua comum, o respeito ao ser do outro. O autor ainda finaliza: “O turismo comunitário, para merecer esse nome [...] primeiro deve ter como selo o mais profundo respeito à integridade, à individualidade, à discrição e à privacidade das pessoas que são os habitantes dos lugares onde se visita” (SAMPAIO, 2005, ps. 14; 15). Dentro da definição do que seja TBC, a cultura, do anfitrião no encontro com a cultura do visitante deve ser percebida e, respeitada.

Na presente pesquisa, a definição de turismo vai além da definição da OMT (Organização Mundial do Turismo) para a qual o turismo acontece quando uma pessoa sai de seu domicílio, e vai a outro ficando pelo menos 24 horas, ou é excursionista se fica menos de 24 horas. Entende-se turismo como uma atividade social, que tem suas bases na possibilidade de utilização de um tempo, que não se está dedicando ao trabalho remunerado, mas pode ocorrer enquanto se está em trânsito a trabalho, a definição de turismo segundo Sampaio (2005, p. 134), pode ser uma possibilidade para o entendimento de turismo enquanto vetor de desenvolvimento local, “turismo é o estudo da relação entre o deslocamento e a permanência humana sob as perspectivas histórica, econômico-administrativa, filosófica-política-sociológico e ambiental”. Deslocamento humano é a migração de pessoas entre espaços locais e permanência humana é a fixação de pessoas nos espaços locais (SAMPAIO, 2005).

Na busca de compreender o Turismo de Base Comunitária, Maldonado (2009), quando fala do turismo Rural Comunitário, e ampliando para diferentes terminologias de atividades turísticas como o turismo tradicional, de massa e o Turismo de base comunitária. Entendido como uma forma de organização empresarial, o Turismo Rural comunitário é realizado na propriedade, com autogestão sustentável, os recursos são comunitários em acordo com as

práticas de cooperação e equidade no trabalho, a distribuição dos recursos ainda se distingue, por sua dimensão humana e cultural, tendo por objetivo incentivar o diálogo e o encontro interculturais de qualidade no sentido de conhecer e aprender os modos de vida.

O turismo de Massa, como acontece na atualidade teve seu desenvolvimento acelerado após a segunda Guerra mundial, ainda e apesar da crise econômica do pós-guerra. Para Krippendorf (2001), o ser humano não nasceu turista, nasceu curioso, com desejo de conhecer o que está longe e isso foi sentido como uma necessidade básica. O mesmo autor afirma que em nossos dias a necessidade de viajar é criada pela sociedade, “as pessoas não se sentem mais à vontade onde se encontram”. (p. 14). E que pode ser fruto do empobrecimento das relações humanas. O que para Zaoual (2009) determina também a necessidade humana de um lugar onde se sinta parte, parte de um grupo, uma coletividade, as mudanças de hábitos e perda de referências de pertencimento levam a um enfraquecimento das crenças e das práticas que dão sentido à vida, a perda do sagrado. Krippendorf (2001) defende que essa sociedade urbana, industrial está sem qualidade. Essas variáveis estão determinando o surgimento de uma nova busca. Os visitantes desejam lugares onde o “turismo de profundidade, baseado em novas relações com a cultura dos sítios e com o meio ambiente natural”, essa busca é sinal da crise da civilização industrial. (ZAOUAL, 2006, p. 69).

O Turismo de base Comunitária, necessita que os empreendedores estejam também se aprimorando e buscando conhecimentos, não para modificarem seus modos de vida, mas para adquirir conhecimento sobre formas de turismo comunitário através das experiências em outras localidades. O que em especial necessitam buscar é se unirem em cooperativas ou associação. As associações e cooperativas necessitam de pessoas com capacidade para gestão, administração, conhecimentos de contabilidade entre outros. A busca de aprender novas coisas ampliar horizontes é natural do ser humano. Enquanto na relação se sente instigado a aprender.

Para Irving (2009) o TBC passou a estar no palco das políticas públicas depois que pesquisadores de diferentes áreas resolveram se debruçar e refletir sobre o assunto, “em âmbito dos Encontros de Turismo de Base local” Comunitária (ENTBL)”. A partir desses encontros foram viabilizados projetos

em parceria com a gestão pública de onde surgiram publicações importantes sobre o tema. Ainda assim, essa temática permaneceu nos bastidores até o surgimento de uma discussão sobre o turismo como alternativa de inclusão social. A autora apresenta o cenário desenvolvido no nível de projetos internacionais os quais “passaram a considerar, na elaboração e implementação das iniciativas propostas, o critério de existência de “capital social” e o compromisso de “*stakeholder engagement*”<sup>11</sup>, como essenciais ao êxito das ações empreendidas. (p. 109). Nesse espaço de pesquisa e articulação de relações, as temáticas ambiental e social vieram fazer parte da pauta.

As discussões sobre o assunto no Brasil para turismo e sustentabilidade “passaram a recomendar [...] a conservação dos recursos naturais e culturais, o compromisso de desenvolvimento socioeconômico das comunidades receptoras e a participação dos atores sociais em todas as fases do processo de planejamento” (IRVING, 2009 p. 110). Essas medidas têm por objetivo a formação de gestores e a consequente autonomia dos atores locais.

Nesse ponto é possível inserir o tema levantado sobre o turismo em áreas de proteção, na comunidade da Barra do Superagüi pelo grupo que analisou a proposta de Plano de Manejo para o Parque Nacional do Superagüi <sup>12</sup>(PNS), quando afirmam “O Turismo de Base Comunitária, pode ter surgido em cada comunidade à sua própria forma, não de maneira formalizada como hoje a atividade é tratada, concebida através da proposição oficial do Ministério do Turismo (Mtur). A comunidade percebe que são propostas de agentes externos reconstruindo a lógica do TBC, sem levar em conta o que a comunidade deseja, ou se tem vontade de trabalhar com esse segmento, e talvez seja procedente levantar a questão, pois essa é uma reflexão também de acadêmicos. Na pesquisa, que está sendo desenvolvida nessas comunidades, o percebido é que a comunidade ainda não se apropriou dos significados reais da proposta de Turismo de Base Comunitária.

---

<sup>11</sup> Engajamento das partes interessadas - tradução livre.

<sup>12</sup> Para mais informações: PARECER TÉCNICO SOBRE ESTUDOS PRELIMINARES ENCOMENDADOS PARA A ELABORAÇÃO DO PLANO DE MANEJO DO PARQUE NACIONAL DE SUPERAGUI – GUARAQUEÇABA, 2013.

Nesse contexto, o turismo não é apenas uma vertente de mercado, mas um fenômeno complexo da contemporaneidade em acordo com a proposta de Max-neef, (2012) quando pergunta que turismo comunitário? Que rural? E responde dizendo que o urbano busca o rural, e ampliando, os lugares de natureza exótica e livre, porque carecem de significado para a vida, que no mundo urbano conturbado e veloz perdeu sua ligação com os significados e o sagrado. Irving (2009, p. 110) acrescenta que “pensar o lugar turístico implica ressignificar códigos e símbolos, a partir da compreensão do lugar como ponto focal da transformação social, como lócus preferencial das identidades, contradições, sonhos e desejos”. Nesse ponto é possível desenvolver a compreensão necessária, na busca do que dá base ao Turismo de Base Comunitária para que aconteça na comunidade e essa não se perca no processo.

A reflexão durante a pesquisa foi permeada pela compreensão de “lugar” segundo Tuan (2013); e o que liga os indivíduos a um determinado espaço em Topofilia, Tuan (2012); e Irving (2009) para quem:

[...] esse lugar não é um lugar apenas, mas o palco de conflitos e o cenário de transformações; os vários lugares do mesmo lugar, em resposta aos vários olhares sobre o mesmo lugar [...], o lugar turístico é o palco da pluralidade de identidades e o cenário da trama complexa das relações sociais. [...] significa abdicar do saber totalitário e optar por novas formas de construção da realidade baseadas no saber compartilhado, na experiência coletiva, no poder da participação. (p. 110).

O Turismo de Base Comunitária é um turismo feito de pessoas para pessoas, ele traz impactos negativos, pois como toda forma de turismo interfere na dinâmica local do receptor. Ou positivos, se a comunidade for a protagonista, o Turismo de Base Comunitária pode sim promover a inclusão social, pela troca de saberes e fazeres entre anfitriões e visitantes. Aqueles que recebem serão movimentados pelos novos encontros e saberes, e os que se movimentam, os visitantes também sofrerão os impactos do contato com a nova cultura, e como afirma Irving (2009) é a “interpretação do local do turismo [...] tendo como pano de fundo a dinâmica do mundo globalizado, mas não as imposições da globalização” (p. 111).

É o encontro de diferentes territórios, entendendo território não como o espaço geográfico, mas o que as pessoas têm de seu, que as une a outras pessoas em um determinado espaço tempo, caminhando para a interpretação de Zaoual (2006), sobre Sítios de pertencimento. Nitsche (2012) em sua tese traz a questão de que muitos projetos turísticos horizontais, que partem de iniciativas externas sem a participação dos sujeitos da comunidade tendem a não evoluírem. Irving (2009) entende que o TBC, deve ser iniciativa endógena, para atender a suas premissas como o desenvolvimento, inclusão e protagonismo da comunidade local.

Ainda dentro desses questionamentos tem-se que o novo turista deseja encontrar locais reais, com pessoas verdadeiras e histórias verdadeiras, no que Krippendorf (2010) e Smith (1989) alertam para o fato de que, os destinos de turismo de experiência perderem sua realidade, suas características, pois o turismo se torna uma atividade que de complementar passa a ser a principal, assim se eram agricultores deixam de ser e passam a plantar apenas para mostrar para aos visitantes. Como um fato presenciado: *demora muito para produzir*, diz o ex-agricultor do “Caminho do Vinho” região Metropolitana de Curitiba, (Pr), *é mais fácil comprar a uva do Rio Grande do Sul, lá eles só fazem isso, e produzir o vinho aqui*. São as manifestações culturais descoladas do seu contexto, encenadas para o turista ver. Caso que está acontecendo em Guaraqueçaba, onde o Fandango Caiçara, manifestação que nascia das formas de produção e trabalho, na atualidade já não sendo possível a plantação de roças, ou não sendo tão rentáveis quanto as outras atividades, passa a acontecer em um contexto de apresentação ou festas e bailes, sem o seu conteúdo histórico social.

Para Hobsbawn e Ranger (1997, p. 11) em a Invenção das Tradições, toda tradição serve para manter as lembranças vivas de um passado, reinventado, que segundo o autor utiliza a história como legitimadora e proporciona cimento e coesão grupal. Os autores distinguem de costumes que são acontecimentos que se tornam comuns em uma coletividade, nascem do fazer funcional, passando por uma rede de convenções e rotina, tendo status de função, “suas justificativas são técnicas não ideológicas”, afirmando que, essa prática tende à inércia e resistência para mudança por parte das pessoas que o praticam. Questão: as práticas de Fandango Caiçara, da Bandeira do

Divino, festa de São Gonçalo, são relativas ao sagrado? São funcionais? São tradições ou costumes?

Fato é que, para a implantação de um projeto de Turismo de Base Comunitária em uma comunidade e para que ele tenha vida longa, dê os frutos de desenvolvimento como liberdade (AMARTIA SEN, 2010) deve nascer das iniciativas locais, e a comunidade ter bem estabelecido o que ela deseja. É imprescindível ter consciência de seus patrimônios naturais, sociais, valores, costumes, tradições, modos de vida e o que ela vai permitir que seja transformado, o que deseja seja preservado, sabendo assim quais os limites que não deverão nunca serem extrapolados na relação anfitriões e visitantes.

Ser uma iniciativa urgente, as comunidades, seja urbano ou rural ou comunidades tradicionais, e em especial estas já estão inseridas no global, tendo a televisão e a internet presente em todos os espaços, não existe exclusão de informação, mas existe exclusão pela falta de oportunidades, e é relevante abrir aqui uma nova reflexão. São tantas já iniciadas que parece que o espaço de uma dissertação é pouco para responder. As necessidades ou pobreza, é o que se busca minimizar com o TBC? Ele é uma ação realizada por pobres? Qual o desenvolvimento que se preconiza quando a comunidade se abre para essa modalidade de trabalho e renda, que comunidade é essa e quais as condições sociais percebidas e as necessidades da mesma?

Em Superagüi e em Guaraqueçaba, durante os dezoito meses de vivência com a comunidade o percebido foi que, a pobreza dos índices como do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano do IPARDES (2013)), tem outro significado no mundo real das comunidades, e o leque de necessidades primárias se apresenta em outras dimensões, a dimensão de pobreza é diferente em relação à dimensão de pobreza no urbano e Amartya Sen (2010) esclarece que quando uma coletividade tem necessidades em uma sociedade tecnológica, ela pode ter uma renda per capita muito maior do que em uma sociedade não tecnológica, mas seu nível de pobreza ser maior, é a necessidade percebida, e o consequente sentimento de bem estar, felicidade, conceitos subjetivos. Já a percepção de necessidade da comunidade de Superagüi, até porque existe a dificuldade de acesso aos grandes centros, muitas vezes existe a possibilidade econômica, inviabilizada pelo espaço, e pela distância para a aquisição do bem. E ainda a impossibilidade devido à falta

de tecnologia que viabilize o uso do mesmo, como energia elétrica, ou torre para o telefone celular, dessa forma a percepção de pobreza não é de condições, mas de oportunidades.

Um questionamento sobre o Turismo de Base Comunitária, e sobre a economia solidária, para quem são essas novas formas de participação no desenvolvimento econômico? Em todas as classes sociais existem pessoas que desejam participar ou desenvolver empreendimentos na lógica do Turismo de Base Comunitária e ou da Economia Solidária ou o Guia dos Pés Descalços ao pensar a organização humanizada segundo (DEMO, 1988; SAMPAIO, 2005; SEN, 2010; ZAOUAL, 2006; MAX-NEEF, 2012;). Mas em muitos casos os idealizadores não vivem a realidade da comunidade, que trabalha em um dia para se alimentar no outro, fácil falar de um mundo em equilíbrio quando não se está sentindo ele nas costas. Desta forma quanto tempo leva para se ter retorno com o Turismo de Base Comunitária, ou com as mudanças da Economia convencional para a solidária? É necessário pensar ações em direção a atividades de manutenção sustentável, para quem é o ônus da transição? O bônus se sabe é coletivo.

### 2.5.1 MARKETING PARA O TBC

Uma das questões mais atuais em relação ao Turismo de Base Comunitária, é como vender os espaços de turismo social, de experiência, solidário, sustentável de Base comunitária. O público para esta forma de turismo é específico, mas esta é também uma atividade econômica, necessita de público para que aconteça. Como chegar até este público é a busca deste item.

E ainda pensando o turismo como um sistema temos: A Teoria dos sistemas Wiener (1948 apud GÂNDARA e BAJULAZ, 2011 p. 53) que para o autor é “el sistema es más que la suma de sus componentes. La estructura del sistema determina su función”<sup>13</sup>. E a natureza de um sistema se constrói pelos ciclos evolutivos e interativos, planos, realização e progressão. Que se constituem esses ciclos de médio e longo prazo para o planejamento.

---

<sup>13</sup> O sistema é mais do que a soma de seus componentes. A estrutura do sistema determina sua função. (Tradução livre da autora)



Processar e operar o sistema envolve o social e o técnico, necessitando de aprendizagem tanto a nível individual como comunitário. O autor chama atenção para o fato de que se tendo um telefone celular o equipamento (computador ou notebook) e internet com um software gratuito, portanto com baixo custo é possível desenvolver uma metodologia de trabalho e um projeto que permita através do sistema de buscas do Google, que o serviço de turismo de base local para o destino seja encontrado. As palavras chaves contidas no sistema de busca é que vai selecionar o cliente em potencial para esta forma de atividade no sistema de Turismo de Base comunitária. (GÂNDARA E BAJULAZ, 2011). Uma das dificuldades mais prementes no TBC, está relacionada as formas de divulgação do destino, esta não pode ser apressada sob o risco de atrair visitantes os quais, não farão ressonância com os anfitriões, então será frustrante para o visitante e para o anfitrião.

O apoio de divulgação, para os empreendimentos solidários que proporcione o encontro com sustentabilidade entre anfitriões e convidados, é recomendável tenha um marketing dirigido? Ou para este tipo de “turismo” o TBC, as recomendações e divulgação deve ser boca a boca? Ou como na fala de Gândara e Bajulaz (2011 p. 48) de “boca a oreja” (boca a orelha).

No quadro abaixo, buscou-se identificar algumas variáveis e recursos necessários para pensar um Marketing para Superagüi tendo a internet como instrumento de divulgação.

Variáveis	Recursos
Produtos de interesse turístico que a comunidade percebe.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A praia deserta</li> <li>- O mar</li> <li>- O papagaio da cara roxa – revoada dos papagaios na Ilha de Pinheiros e Pinheirinho.</li> <li>- Pesca embarcado, pesca de vara, pesca de tarrafinha na praia, tralho de rede.</li> <li>- Trilha, observação da natureza, pássaros entre outros</li> <li>- As pessoas, suas histórias</li> <li>- O fandango Caiçara</li> </ul>
Interesse da comunidade em desenvolver o turismo comunitário sustentável	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A comunidade percebe seu potencial</li> <li>- A farinheira da D. Bega</li> <li>- O artesanato da D. Narzira</li> <li>- A pesca artesanal</li> <li>- A visita ao seu Antônio e D. Rosa na praia deserta.</li> <li>- Passeio de bicicleta pela praia.</li> <li>- Passeio de bicicleta até barra do Arapirã.</li> <li>- Passeio de barco;</li> </ul>

	- Pesca embarcado - Passeio de charrete
Serviços turísticos existentes	22 pousadas – 400 pessoas 20 campings – 400 pessoas; Capacidade turística instalada para atender até no máximo 800 pessoas simultaneamente. Na temporada chega a ter 5.000 pessoas no espaço. 4 restaurantes que atendem na temporada, e 2 que atendem diariamente.
Serviços turísticos potenciais	Vivências no artesanato local – Marcel/Narzira Mulheres da associação Feminina Cristã e costura. Farinheira da D. Bega Trilha da praia deserta/guia. Passeio de bicicleta pela praia guiado ou não. Passeio de bicicleta de longa distância preferencialmente guiado. Pesca artesanal, pesca do camarão sete barbas, pesca da tainha. Festa do camarão sete barbas da comunidade
Sistema de informação turística	A desenvolver
União comunitária individuais e grupais.	Ainda incipiente
Recursos humanos para desenvolver um sistema de TICs – capacitação para manusear o sistema de internet.	Sim, mas precisa ser identificado e estimulado, assim como capacitado.
Recursos tecnológicos para desenvolver um sistema de TICs. Telefone Internet Equipamentos	Tem internet e torre para telefone, assim como telefone fixo por antena. Falta uma central de sistema de informação.
As tecnologias e modos de vida tradicional – uma união possível	A comunidade já tem alto índice de inclusão digital identificado.
A comunidade – possibilidade de um sistema comum.	Precisa de ser elaborado um plano de união em um único objetivo.
Recursos próprios/parcerias	Necessita de parceria com órgão externo.

Quadro 1 – Variáveis e recursos existentes na comunidade da Barra do Superagüi, e necessidades na implantação de um sistema de TICs (tecnologia informação e comercialização na internet)

FONTE: Gândara e Bajulaz (2011)

NOTA: Adaptação livre da autora, 2015

Na atualidade, as ferramentas tecnológicas já não exigem grandes investimentos, tanto em relação a equipamentos quanto em formação de mão de obra, os jovens apresentam grande facilidade em assimilar estes conhecimentos e se relacionarem com estas ferramentas. A comunidade de

Superagüi tem jovens no universo escolar bastante envolvidos com a tecnologia. Pensando em tecnologia a serviço da comunidade a ITCP/UFPR está construindo um site<sup>14</sup>. Este tem o objetivo de proporcionar informações sobre a comunidade, atividades e trabalhos que pedem união como: melhoria do sistema de água, mutirão para consertar ou construir as pontes entre outras; necessidades em relação à educação, saúde; festas, atrativos e atrações para o turismo; notícias referentes a eventos, notas e comunicações de ação das instituições formais e informais para a comunidade interna e externa.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www.superagui.org.br/> Acesso em: 29/07/2015

## CAPÍTULO III

### 3 PESQUISADORES E PESQUISAS: OUTROS PONTOS DE VISTA

*Cativa-me disse a raposa, tu te tornas eternamente responsável por aqueles que cativas*  
Saint-Exupéry (2009)

Buscou-se informações sobre a área de estudos, através de outros trabalhos já desenvolvidos na região. Esta fase se mostrou necessária à pesquisa. Após consulta a essas fontes, a ida a campo exigiu um temporário esquecimento desses conhecimentos, para observar sem pré-julgamentos. A pesquisa empírica é na comunidade da Barra do Superagüi. Entorno do Parque Nacional de Superagüi. Nos limites desta comunidade se encontra a sede do Instituto Chico Mendes para Biodiversidade – ICMBio, órgão Gestor do Parque, o qual exerce forte influência no cotidiano da comunidade. Foi percebido ainda que esta comunidade influencia a dinâmica das outras comunidades da ilha, e ainda muitos dos eventos têm ligação entre as diferentes comunidades na Baía dos Pinheiros e do Varadouro.

Tendo estas prerrogativas foi necessário entender como outros pesquisadores, que tinham como espaço empírico algumas destas comunidades do Parque e do Município direcionaram o olhar e interpretaram o objeto pesquisado. As bases de busca foram sites das Universidades, Scielo, e palavras chaves na pesquisa do Google, e Google acadêmico. Foram encontradas pesquisas de Trabalho de Conclusão de curso, artigos, dissertações e Teses. Mas para esta pesquisa foram selecionados alguns, tendo como requisito base tratar de temas com ligação, com o espaço vivido da comunidade e suas instâncias de liderança. Não foram catalogados todos os trabalhos encontrados, tendo que esta é uma área bastante estudada e pesquisada. A quantidade de artigos e trabalhos de pesquisa é intensa. Três pesquisas, no entanto, marcaram mais e foram de retorno mais eficiente para a comunidade, sendo por isso lembradas ainda. A primeira e mais extensa é a do professor Antônio Carlos Diegues, pesquisador da USP/NUPAUB; O Projeto “Museu vivo do Fandango”, e o projeto Cultimar do GIA/UFPR, estas não estão nas sínteses abaixo relacionadas, no entanto permeia todo o universo da dissertação, e com certeza auxiliaram na percepção do espaço.

Esta pesquisa selecionou os trabalhos de pós-graduação, dissertação e teses como apoio, e ainda para evitar repetição de temas de pesquisa. Os autores que situaram o pesquisador antes e durante a inserção no campo são: Vivekananda (2001); Amend (2001); Niefer (2002); Rothen (2003); Fischer (2004); Kossembohmer (2007); Gramani (2009); Bazzo (2010); Kashiwagi (2011); Dysarz (2013); Duarte (2013); Betti (2014)

Vivekananda (2001) faz parte da equipe de gestores do Parque Nacional do Superagüi, sendo desde a pesquisa para a dissertação parte do corpo administrativo do IBAMA, hoje ICMBio. O trabalho discute a presença humana nas unidades de conservação integral como é o caso dos Parques Nacionais (PN). Utilizou-se da técnica de entrevistas e fotointerpretação dos mapas da área. Com esses dados quantitativos ela concluiu que houve redução no uso das áreas agricultáveis em 51,64% nos anos de 1952 a 1980 e de 36% nos anos de 1980 a 1996. Afirma que houve mudança nos modos de vida, no que diz respeito a trabalho e renda das comunidades, passando de agricultores pescadores para pescadores. Boutin (1983<sup>15</sup> apud VIVEKANANDA, 2001) afirma que Superagüi teve quatro fases distintas, influência luso-indígena, fazendas agropecuárias dos Jesuítas, colonização suíça e colônia de pescadores. Esta pesquisa contribui com esta dissertação na medida em que primeiro, é uma análise de uma das gestoras do parque; segundo, traz considerações importantes sobre preservação da natureza embasada em pesquisas sérias; terceiro traz considerações relevantes sobre os modos de vida da comunidade, com aspectos sócio históricos importantes como o abandono da agricultura e migração para a pesca artesanal, por parte dos habitantes da ilha, e de todo o PNS, e entorno do mesmo. Traz ainda considerações sobre atividades de trabalho e geração de renda, onde relata que existe uma crescente demanda de visitantes em toda a ilha, e desta forma cresceu o número de pequenos empreendedores no turismo, estes têm como principal atividade pousadas, restaurantes, lanchonetes e também como condutores de embarcação. Festa religiosa como a de Santo André em 29 de novembro, é um momento de confraternização comunitária, confraternização com comunidades vizinhas e atrativo turístico. (VIVEKANANDA, 2001).

---

<sup>15</sup> BOUTIN, L. Superagüi. Separata de: **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná**, Curitiba, n. 40, 1983.

Amend (2001), que teve por objetivo analisar a demanda do turismo existente, sob a lógica do Marketing, na Barra do Superagüi. Este autor abordou o perfil do turista, as demandas e ofertas para o Ecoturismo na região. Fez uma análise do turismo em três diferentes momentos: passado, atual (2001) e futuro – tanto nos efeitos positivos quanto nos negativos. Em sua pesquisa percebeu, diminuição na quantidade de pescados disponíveis para serem coletados pelos moradores da Barra. E um crescendo da prática do Ecoturismo. Sua metodologia foi a entrevista com questionários e perguntas estruturadas, aplicados aos visitantes no período de 1998 a 2000. Tendo quatro variáveis da demanda como: interesse, percepção do local, motivação e infraestrutura. Tendo identificado oportunidades de geração de renda para a comunidade através do ecoturismo. Esta pesquisa é importante na medida em que apresenta o perfil do turista na ocasião (2001), e ainda permite a realização de um paralelo com o momento atual, sendo possível perceber que muita coisa mudou, enquanto outras permanecem da mesma forma, como a dificuldade em relação a atuação da governança municipal na comunidade, saúde, educação.

Niefer (2002) traça o perfil do turista para Superagüi e para Ilha do mel, e percebe que o turista que procura Superagüi tem uma característica aproximada ao “bicho grilo”, o sujeito que busca um lugar tranquilo, mas gosta de ser bem recebido são pesquisadores, não tem grande preocupação com o conforto, não exigem luxo. Esta tese tem por objetivo analisar visitantes para a Ilha do Superagüi e Ilha do mel. A metodologia consistiu em questionários, com uma grande amostra. Perguntas de caráter qualitativo e quantitativo. Tendo o objetivo de medir cinco variantes de percepção do destino. Esta tese foi importante, na medida em que a autora traça o perfil do visitante. Conclui que o interesse por questões sócio ambientais é maior no visitante de Superagüi. Turista ou visitante, as pesquisas já realizadas se utilizam de ambos os termos e a autora em questão se posicionou em utilizar os dois, cambiando de um para o outro em acordo com a necessidade. Na análise dos dados, temos o quesito cobrança de taxa para entrar na ilha e a maioria dos entrevistados concordam com a cobrança de taxa. O valor apresentado pela pesquisa entre 5 e 10 reais. Quais atividades seriam mais interessantes junto à comunidade, o destaque foi para participar de projetos de pesquisa, atividades com a população local, conhecer o cotidiano de vida local, participar da pesca tradicional. Outra

atividade muito bem-vinda para o visitante foi passeios de bicicleta, através de uma locadora de bicicletas. Cavalgadas na praia deserta. Quanto a diversão noturna ficou em primeiro plano os bailes de fandango. E nos momentos entre uma e outra atividade, jogos de vôlei, futebol, luau, atividades comunitárias, voos panorâmicos entre outros.

Uma das conclusões na análise da autora, o visitante de Superagüi, está pouco preocupado com a infraestrutura turística, e mais preocupado com o bem-estar da comunidade. Tendo ainda apreço pelos valores naturais, culturais e busca um lugar tranquilo e fuga do stress da cidade grande. Este visitante tem a preocupação em relação ao ambiente, com a saúde dos moradores, com a limpeza/lixo e o saneamento básico. Existe um temor quanto ao aumento do número de visitantes, tendo com isso o risco de complicar os aspectos ligados ao bem-estar da comunidade como: planejamento, ensino, saúde, entre outros. Este visitante segundo a autora pode ser considerado dentro da modalidade de ecoturismo<sup>16</sup>.

Quanto às promoções de marketing propõe: monitoramento contínuo dos visitantes; técnicas para análise de fenômenos de caráter multivariado, como o turismo; percepção da necessidade de um centro de informação turística; implementar projetos de educação ambiental; sistema de saneamento básico ecologicamente correto; atenção à capacidade de carga do destino, limitar o número de visitantes ao mesmo tempo; clareza quanto a cobrança e destino do recurso proveniente da taxa de visitação; envolvimento da comunidade no planejamento turístico, este em acordo com a vocação comunitária; resgate da identidade cultural; melhoria da qualidade dos serviços prestados atualmente voltados para o atendimento ao visitante, não necessita maiores investimentos nem aumento na quantidade; realização do plano de manejo com participação intensa das comunidades envolvidas e cuidado com a especulação imobiliária.

---

<sup>16</sup> O termo ecoturismo vem sendo banalizado e utilizado como atrativo para o marketing de muitas operadoras de turismo. O termo em si diz respeito ao visitante que tem uma postura favorável à proteção do ambiente e isto se reflete em suas atitudes. Respeita as condições do lugar e deseja contribuir para a conservação do ecossistema visitado. (NIEFER, 2002). Para a EMBRATUR (1994, p. 19 apud NIEFER, 2003 p. 10) "ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas".

A importância deste trabalho, para a pesquisa desta dissertação está diretamente ligado ao fato de detalhar definições dos diferentes tipos de turismo adequado a unidades de conservação como: turismo sustentável; ecoturismo; turismo verde; entre outros. As definições e o referencial teórico para os mesmos, e ainda normativas e leis sobre Parques Nacionais e Unidades de Conservação tanto com os moradores, como para visitantes que se aproximam do ecologicamente correto.

Rothen (2003) esta pesquisa foi realizada no âmbito da Antropologia social, tendo como finalidade a realização de uma Etnografia na Barra do Superagüi. Seu objetivo foi: usando a próprias palavras da autora “Interpretar estas interpretações, estas formas simbólicas com que o “outro” organiza sua existência”. (p. 3). Sua pesquisa tendo um referencial multidisciplinar procura explicar o processo que atingia a vida da comunidade seja o abandono gradual da agricultura e aumento da atividade pesqueira assim como as implicações. Traz a percepção da comunidade sobre a diminuição da quantidade de peixes disponíveis na região. Apresenta os conflitos sociais presentes e como diz, detém se na prática da “fofoca”, perpassa pelo discurso presente nas relações da “desunião” e os reflexos na Associação de Moradores. Paralelo a isto narra uma festa na qual aconteceu uma grande participação da comunidade e permitiu que essa fosse percebida em seu conjunto. Finaliza com temas relacionados ao fato da denominação de comunidade tradicional, questões relativas ao pertencimento à comunidade e direitos a terra. E que estes temas são fontes de conflitos entre os moradores da comunidade fazendo com que eles percam oportunidades de defender seus direitos e terem força, se houvesse consenso. O turismo é visto como agregado. Entendendo que é uma atividade incorporada a outra, como o pescador que tem barco e conduz turistas em passeios. O Dono de restaurante que também trabalha com pousada, entre outros. Os que tem no turismo a atividade principal de renda enfrentam os problemas da sazonalidade da atividade.

Fischer (2004) esta pesquisa, realizada na Barra do Superagüi. Tem como origem o Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. (CEFET-PR.). Teve por objetivo identificar se a energia elétrica como uma inovação tecnológica pode acelerar as transformações socioeconômicas em uma pequena comunidade, modificar suas atividades tradicionais. A metodologia



consistiu em entrevistas, utilização de dados da Copel de pesquisas de 2003; 1998; 1993. A conclusão possibilitou a percepção de que a Energia Elétrica trouxe uma pressão sobre a área, por meio das construções. A ampliação do turismo, ainda que este traga recursos sendo realizado sem planejamento, determina transformações sociais e econômicas, podendo promover modificação na identidade que segundo ela estava baseada na pesca.

A metodologia da Pesquisa de Fischer (2004) foi de caráter exploratório/explicativo. Teve como fonte secundária pesquisas que abordam temática semelhante, e pesquisa de campo. A pesquisa se dá no universo dos consumidores de Energia Elétrica da Barra do Superagüi. No campo se utilizou de entrevista estruturada, como formulário, e observações assistemáticas não participante e técnica da história oral.

A pesquisa de Fischer (2004) teve a abrangência temporal de 4 anos. Constatou nos resultados a aceitação unânime da comunidade da tecnologia nova, e ainda durante o período da pesquisa foi constatado um aumento do consumo da E. E. constatou um desenvolvimento no comércio da vila, e atribui este à causa da implantação da energia elétrica. Também um aumento na atividade turística, dando à mesma como causa causal a implantação da Energia Elétrica.

Esta pesquisa, mostrou que na ocasião havia 144 domicílios na Barra do Superagüi, tendo ainda percebido o interesse em veranistas sobre os terrenos na vila, mas acredita que Superagüi não se dá o mesmo que em Vila das Peças pela constante presença de ONGs e da administração do PNS, que controla o aumento das residências e residentes. Ainda havia em 2004, quarenta e cinco estabelecimentos comerciais, entre restaurantes, pousada, mercearia, panificadora. Totalizando entre residências e comércio 189 construções. Tendo a pesquisadora visitado e pesquisado 90% da ilha. (FISCHER, 2004)

Em relação aos resíduos sólidos no período de 1998 a 2003 foi considerado que houve um retrocesso, isso devido ao fim do programa Baía limpa, o qual retirava o lixo da ilha, com o fim deste, a comunidade passou a queimar e enterrar os resíduos. Percebeu dois lançamentos de esgoto nos rios. Não considerando por isso um aumento significativo da problemática, mas como problema para a saúde comunitária. Devido à compra de bens

eletroeletrônicos nas residências e nos comércios ocorreu um aumento do consumo, imputado ao aumento do turismo, depois da chegada da E. E.

A avaliação quanto ao item qualidade do saneamento básico não houve mudança com a chegada da E. E. “permanecendo precária a infraestrutura geral da Vila nesse item”. A autora constatou ainda uma melhora na qualidade do trabalho e renda, quando antes para conservar o pescado se utilizava a salga e no momento da pesquisa se utilizava o congelamento. A energia elétrica foi apontada por 97% dos pesquisados como um fator de mudanças positivo. Uma das respostas negativa traz o depoimento de uma moradora dizendo que o advento da energia elétrica tirou o contato que as pessoas tinham pelas conversas, as crianças que brincavam mais a luz do luar, a conversa em redor do fogo na praia. A televisão tira muito as pessoas do convívio social. (FISCHER, 2004, p. 54).

O número de pessoas que compravam na época em Paranaguá era de 58,5% e em Guaraqueçaba de 41,5% e a compra na vila de 29%. (FISCHER, 2004). Desde a época da pesquisa de Fischer (2004), e o percebido até 2015, isto em todo o município de Guaraqueçaba, aqueles dos moradores, que trabalham, e ali obtém seus recursos econômicos, estes recursos fomentam a economia em Paranaguá, ou Antonina. O Município de Guaraqueçaba não tem giro de economia própria. A renda é ganha endogenamente, e gasta fora do domicílio. Este fato contraria os princípios da Economia Solidária, neste universo, foi percebido ser o turismo, uma das poucas formas de captar recursos externos para a comunidade. (FISCHER, 2004).

Quem compra na vila o faz por necessidade, falta de recursos para se deslocarem a outros ambientes. A vida de quem tem pouco, comprar na vila é ter menos ainda. Segundo Fischer (2004) a falta de cultivo de hortas nos quintais, 58,5% dos moradores não possuía este tipo de incremento no orçamento e na mesa. Este fato se dava em virtude da maré que avança e mata a plantação, assim como um gastrópoda (caramujo) exótico que come toda a vegetação. Os 40,5% dos moradores que tem horta, plantam algum tipo de fruta, esses usam apenas para consumo próprio não tendo como objetivo a venda dos mesmos (FISCHER, 2004).

Outro fato a levar aqui em conta é a frequência no transporte, em 2003 segundo Fischer (2004), havia apenas um barco no fim de semana, no ano de

2015 tem transporte diário e regular todos os dias a Paranaguá, e duas vezes por semana, com algumas falhas a Guaraqueçaba/sede. Em 2003/2004 a saúde era precária, não havia posto de saúde, duas agentes comunitárias, e ainda o médico vinha de vez em quando, nesta época a hipertensão arterial era o maior dos problemas, devido ao método da salga do peixe, antes do advento da E. E. (FISCHER, 2004). A educação era apenas do ensino fundamental, não havendo ensino médio ainda. Os pais já tinham a ideia de que seus filhos não seriam pescadores, mas teriam que buscar seu sustento fora da ilha, e que com o nível e baixa qualidade da educação da época dificilmente conseguiriam bons empregos fora. Ou mesmo oportunidade de trabalho fora. (FISCHER, 2004).

Um questionamento atual, será que estudar é apenas para direcionar o ser humano para o mercado de trabalho, seria possível o estudo para ser sujeito conscientes de sua cidadania? Ainda assim 91,5% preferem morar na vila, isso porque se sentem mais seguros, sendo um lugar mais tranquilo. A razão para sair é para trabalhar e estudar. (FISCHER, 2004).

Haviam três templos religiosos, uma igreja Católica, a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil (FISCHER, 2004). Em 2015 existem quatro igrejas, as anteriores e a igreja Evangélica Cristo que Liberta. Para Fischer (2004) naquela época o índice dos que frequentavam algum templo religioso era de 83%. E ainda segundo a autora a associação de moradores, não era percebida como representativa da comunidade, ela concluiu, que esse fato se dava por falta de informação sobre as ações da mesma para a comunidade, e ainda a pouca representatividade junto aos órgãos públicos, e uma provável ineficiência em resolver os problemas da comunidade tendo suas ações legitimadas por outras instituições. Segundo a mesma pesquisa a associação feminina tinha 7,5% das mulheres da ilha participando, e estava enfraquecida. (FISCHER, 2004). A falta de coesão participativa era devido aos desafetos familiares, o que dificulta a representatividade e enfraquece a coesão comunitária. Esta falta reflete na baixa qualidade na educação e saúde. (FISCHER, 2004).

Pedro Demo em sua obra participação é conquista (1993), diz que o espaço de participação precisa ser conquistado. Tudo o que a comunidade da vila da Barra do Superagüi necessita é conquistar espaços de participação em

todos os níveis, político, educacional e social, e esta necessidade de conquista nestas instâncias é histórica, como será possível perceber no próximo capítulo.

Fischer (2004) concluiu em seu trabalho que a E. E. teve como maior resposta o incremento ao turismo, houve um acréscimo assim como a diversificação dos turistas. Este fato se dá pela melhoria da infraestrutura dos empreendimentos voltados para atender os turistas: campings, pousadas, restaurantes. E ainda que a comunidade do Superagüi na época da entrevista (2003) estava no primeiro estágio do impacto do turismo na rotina comunitária, que é o da euforia (RUSCHMANN, 2001<sup>17</sup> apud FISCHER, 2003). Os impactos negativos ainda não estão claros para a comunidade perceber. Mas já aparecem alguns, a sazonalidade, o aumento do uso de drogas lícitas e ilícitas assim como o aumento do movimento, que em parte pode chegar a incomodar.

Nas pesquisas da autora sobre a infraestrutura para atender os turistas a mais preocupante foi a da falta de água, saneamento básico e a sujeira na praia, sendo esta a percepção dos moradores sobre a infraestrutura básica para o turismo. À época, o ICMBio era visto como o único órgão público que se importava com o que acontece com a comunidade, mas não é visto com bons olhos, devido às proibições. Na pesquisa da autora está uma queixa dos moradores quanto ao descaso da Prefeitura em relação ao lixo em Superagüi.

A E. E. provocou a mudança sonora do espaço vivido da Comunidade da Barra do Superagüi. São televisores, batedeiras, liquidificadores, máquinas de lavar roupa, rádios, toca cds, freezer, geladeiras, aspiradores, secador de cabelos, entre outros. Somado a estes os sons dos bares e lanchonetes, agora com a E. E. podem funcionar até mais tarde, e na temporada costumam colocar aparelhos de sons em potentes e incômodos decibéis. (FISCHER, 2004). Segundo Murray Schafer (2001) o mundo é hoje muito mais sonoro, devido ao aumento da população, e também em virtude do aumento das tecnologias. Superagüi se encaixa no segundo motivo. Pelos dados da pesquisa de Fischer (2004) aumentou o uso de eletroeletrônicos na vila com o advento da E. E., e no mar segundo Bazzo (2010) em virtude dos motores dos barcos.

---

<sup>17</sup> RUCHMANN, D. V. M. A experiência do turismo ecológico no Brasil: um novo nicho de mercado ou um esforço para atingir a sustentabilidade. **Turismo – Visão e Ação**. Itajaí, v. 2, n. 5, p. 81-90, out. 1999/mar. 2000

A percepção sobre o Parque Nacional do Superagüi, por parte dos moradores, a queixa da comunidade está relacionada às proibições para o uso do solo e dos recursos da mata. A comunidade comentava, se a natureza em Superagüi é exuberante não foi o “IBAMA” que conservou, mas o nativo que sempre esteve ali e preservou, preservou para os seus filhos, o que agora já não faz mais sentido, os filhos não vão mais herdar. 47% dos entrevistados na pesquisa de Fischer (2004) acreditam que o fato de estarem no entorno do PNS, não lhes trouxe nenhum benefício. Havia a queixa da preocupação maior com a fauna e a flora do que com as pessoas. Quanto a cobrança da taxa dos turistas para visitarem a ilha a comunidade ainda não tinha claro para que fim deveria ir o recurso, mas tinha certo que esta cobrança deveria ocorrer, e ainda os 64% de favoráveis em sua maioria desejavam que o recurso fosse revertido a favor da comunidade e administrado pela Associação de Moradores.

A autora conclui que a E. E. está promovendo uma mudança estrutural nos modos de vida da comunidade, e que a curto prazo o fato de ser uma comunidade de pescadores é o que está sujeito a mudanças mais perceptíveis, em especial pelo crescimento da atividade turística. Longe de ser fator preponderante na melhora da qualidade e acesso a saúde e educação, esta tecnologia está determinando o avanço no sentido do crescimento de atividades voltada para o lucro, e este já está gerando competição na ilha, provocando rupturas nas estruturas tradicionais desta sociedade. Esta modificação se dá também diretamente pelo fato da E. E. propiciar acesso ao mundo urbano, através dos meios de comunicação como a televisão, internet, telefone e celular. (FISCHER, 2004).

A introdução dos barcos a motor e a E.E. nas comunidades tradicionais, são tecnologias que tem seu preço sócio/histórico/cultural. A E. E. modificou a noção de tempo na comunidade da Barra do Superagüi, e os barcos a motor a noção de tempo e espaço.

A pesquisa de Kassemboehmer (2007) foi sobre os conflitos e o impacto do advento das Unidades de Conservação em Guaraqueçaba. O estudo foi desenvolvido com comunidades agrícolas e pesqueiras. A metodologia foi de questionários abertos, entrevistas informais, observação participante e relatos de convivência nos períodos de agosto de 2003 a julho de 2006. Tendo o questionário questões de abrangência relativas a religião praticada; grau de

satisfação com as atividades de trabalho e renda; expectativas quanto ao futuro; relação da fiscalização ambiental com a população local; conhecimento local sobre a Unidade de Conservação e sobre o turismo como alternativa econômica entre outras questões. Foram identificados impactos sociais, culturais e econômicos sobre a população de Guaraqueçaba, decorrentes dos instrumentos legais, principalmente a APA de Guaraqueçaba e o Parque Nacional do Superagüi. A legislação ambiental e as unidades de conservação criaram instabilidade e conflitos ambientais, estes refletem desfavoravelmente na qualidade de vida da população na medida em que desconsideram o contexto local os saberes e condições sociais, econômicas, culturais, tradições e perspectivas contribuindo para o agravamento dos conflitos identificados.

A pesquisa de Kossembohmer (2007) percebeu que a comunidade do Superagüi tinha como base de sua economia a pesca artesanal e a comercialização do excedente, tendo o turismo como uma atividade emergente. A comunidade tinha então, 1200 habitantes. A autora constatou ainda no quesito religião, que o número de frequentadores da igreja católica tem diminuído, enquanto o número de frequentadores evangélicos tem aumentado em toda a região. Concluindo que “Este fenômeno tem trazido consequências no setor cultural das populações, uma vez que essa nova ordem religiosa influencia costumes, valores e as próprias tradições locais como a prática do Fandango”. (KOSSEMBOHEMER, 2007, p. 53).

A pesquisa de Gramani (2009) é importante no presente trabalho uma vez que tem como objeto, parte da Família Pereira que vive no Ariri, comunidade do litoral sul de São Paulo. Esta mesma família tem também ramificações em Guaraqueçaba. Os Pereira são importantes enquanto ícones na manutenção da cultura. Estes são mestres fandangueiros, construtores dos instrumentos do Fandango Caiçara e por isso referência para esta importante manifestação cultural do Litoral norte do Paraná. O estudo teve como base os conhecimentos da etnomusicologia. Buscou abordar a aprendizagem musical como aprendizagem de uma identidade cultural. Mostrou nas conclusões, que não há local nem hora para que essa aprendizagem ocorra; existe integração entre música e o corpo; a aprendizagem se dá por imitação dos sons e gestos corporais, sendo uma das principais formas do fazer musical. A aprendizagem se dá também através da experimentação sendo um dos mais significativos no

fazer musical. Desta forma conclui que a aprendizagem do Fandango Caiçara se dá através do contato com as pessoas mais experientes, estas são referências no processo de aprendizado musical. (GRAMANI, 2009).

A família Pereira é tradicional no Fandango Caiçara, esta estava concentrada na comunidade de Rio dos Patos até mais ou menos 1990, lá a prática do Fandango estava intimamente ligada ao trabalho na roça, e os mutirões eram acontecimentos sociais. A partir da década de 90 coincidindo com a inserção da comunidade no interior do Parque Nacional do Superagüi, esta família deixa o Rio dos Patos. Houve então um êxodo indo parte da família para São Paulo, outra parte para Guaraqueçaba e Paranaguá na Ilha do Valadares. (GRAMANI, 2009).

A metodologia utilizada, tendo como um dos caminhos a história oral segundo Bosi (1994 apud Gramani, 2009) o autor citado percebeu que a relação de avôs com netos se dá como entre iguais. Os ensinamentos se dão na relação, o aprendizado é: mesmo que ocorra na vida grandes mudanças ainda assim “a vida é a mesma”, presentifica para a criança os ausentes, e é a essência da cultura que emerge para a criança através da memória (BOSI, 1994<sup>18</sup>, apud GRAMANI, 2009, p. 16).

A origem da palavra Fandango, segundo Gramani (2009) é portuguesa, espanhola e francesa com significados variados. O Fandango no Brasil tem diferentes manifestações em diferentes regiões. E também em Portugal na região do Ribaltejo. Já na Espanha é dançado em Andaluzia tendo relação com o flamenco. Este nome é dado para manifestações também em diferentes países da América Latina. A autora reforça as pesquisas que afirmam que o Fandango foi introduzido no litoral na metade do Séc. XVIII, quando em Portugal estava no auge o fandango Espanhol. O fato de que durante sua existência ele sofreu diversas alterações em sua manifestação, está diretamente ligado às transformações no seu contexto de realização. Em suas pesquisas Gramani (2009) conclui que o Machete, um instrumento semelhante a um cavaquinho um pouco menor, também de quatro cordas, que compõe o grupo de Fandango, é raro. Já esta pesquisa realizada em 2015 percebeu que ele está presente sendo bem comum, tendo em Guaraqueçaba a cidade,

---

<sup>18</sup> BOSI, E. Tempo de lembrar. In: BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 73-92.

Abacateiro e Ilha de Valadares em Paranaguá, executores e construtores deste instrumento.

A partir da segunda metade do Século XIX o fandango passa a ser uma festa exclusivamente rural e litorânea. (GRAMANI, 2009). As proibições, a obrigatoriedade de pagar taxa para se realizar esta atividade, pode ter contribuído para que se recolhesse quase que exclusivamente para o meio rural. Tendo uma especificidade própria para cada localidade, artisticamente rica e variada. Gramani (2009) complementa dizendo que o Fandango está associado à ideia de confraternização e alegria, de festa e ao coletivo envolvendo toda a comunidade.

Tendo um baile de fandango uma riqueza de variações das modas, marcas (denominação dos fandangueros para as músicas), tocad as e dançadas na manifestação. (GRAMANI, 2009). Sendo uma dança de pares, onde cada um tem uma função diferente, o casal não é fixo. O grupo de fandango, segundo esta autora é composto não de forma rígida, posto que pode haver ocorrência de mais instrumentos. Duas violas, rabeca e pandeiro. Sendo a viola o instrumento principal, presente em todas as localidades onde o fandango acontece, com peculiaridades local, tendo que pode variar o número de cordas e a construção. A Rabeca, é um instrumento semelhante ao violino, em algumas regiões com três cordas e em outras como Antonina no Paraná, quatro cordas. Este instrumento é chamado pelos fandangueros de “firuleiro”, isto porque ele faz os floreios no Fandango, funciona como uma voz. Gramani (2009, p. 29) “até a década de 1980, a principal forma de entretenimento das comunidades litorâneas” era o Fandango Caiçara, sendo comum em eventos sociais, como casamentos e aniversários, sendo ainda comum na prática do mutirão. Gramani (2009) explica que mutirão é uma forma de trabalho coletivo, este era praticado entre vizinhos para a derrubada da mata, limpeza de trilha, plantar e colher o arroz, mandioca, milho entre outros alimentos. Sendo o Fandango oferecido pelo dono da casa ou terra aos que ajudaram no serviço de plantação ou limpeza do terreno. O baile começava na noite de um dia e só terminava quando o dia raiava, sempre regado por muita comida e bebida (amanhece!)<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> Grito do grupo Fandanguará de Guaraqueçaba para animar, chamar a atenção e encerrar as apresentações, é uma comemoração.



Gramani (2009) fez a recolha das modalidades de mutirão realizados na região: ajuntório ou sapo, mutirão de apenas meio dia; Gambá, um mutirão específico para a colheita e descascagem do arroz. O fandango, propriamente não estava ligado a nenhum santo ou devoção. Os fandangueiros, no entanto, têm uma forte ligação com as comemorações do calendário da igreja católica, sendo por isso uma prática influenciada por este calendário. Na quaresma, na região de Guaraqueçaba não se brinca o fandango. A autora relata que não brincavam o fandango, nesta ocasião. Durante o Divino e as folias de reis, após as obrigações próprias destas se brincava o fandango.

A autora percebeu ainda um forte fluxo migratório para muitas cidades litorâneas, nos quais ainda existem bairros inteiros de predominância caiçara, estes buscam manter “certa solidariedade inter-familiar”, e contato com o sítio, complementando com o sítio de origem. (GRAMANI, 2009, p. 31). Tendo percebido que este fato pode ter acontecido em virtude da transformação da região em Unidades de Conservação de diferentes instâncias de governabilidade, este fato provocou mudanças nos modos de vida tradicional destas comunidades com as proibições na forma de cultivo e pesca na região. E ainda junto a este fato o da especulação imobiliária. Tendo percebido que algumas religiões fundamentalistas, que não permitem a prática contribuiu para a diminuição do fandango, por isso muitos fandangueiros deixaram de tocar e dançar. Outro fator de influência pode ser dos meios de comunicação que impõem novas técnicas e estéticas do mercado cultural, que também abalou a vivência do fandango (GRAMANI, 2009).

Gramani (2009) se dedicou a pesquisar a família Pereira, no Ariri, mas esta família tem grande ramificação em Guaraqueçaba, no Abacateiro, onde estão parte dos que saíram da comunidade de Rio dos Patos em Guaraqueçaba, que segundo Vivekananda (2001) deixou de existir. O fato desta comunidade ser inserida no parque a partir de 1990. Um fato importante era que essa comunidade enquanto estava nesta localidade eram todos católicos, considerado por Gramani (2009) haver contribuído para a manutenção da manifestação do fandango viva. Cita ainda que na época da pesquisa de Andrade (1995<sup>20</sup> apud GRAMANI, 2009) esta comunidade

---

<sup>20</sup> ANDRADE, M. **Ensaio sobre a música brasileira**. Brasília: Martins, 1972.

praticava a agricultura de subsistência, e em pesquisa oral para a dissertação a ser realizada constatou-se com um dos membros da família que vive na sede, a cidade de Guaraqueçaba, ele utiliza a área da comunidade de Rio dos Patos, ainda que sendo Parque para fazer sua roça.

Mais adiante, ela cita a importância da participação dos tios na manutenção dos conhecimentos, que ensinavam a tocar e que incentivavam o aprendizado. Novamente as pessoas mais velhas, com mais experiência, aparecem como referências no processo de aprendizagem. Essa relação, no entanto, mostra elementos novos quando confrontada com a juventude atual, como na situação descrita a seguir. (GRAMANI, 2009, p.107)

Em 2009 quando de sua pesquisa Gramani, percebeu que os grupos estavam ressignificando a forma de praticar o fandango Caiçara, agora que a roça que antes era a motivação para os mutirões, não pode mais ser praticado, os caiçaras fandanguheiros, estão formando grupos de apresentação do fandango. Os rabequeiros são poucos, a rabeca é tida por eles como o instrumento do fandango mais difícil de ser tocado porque não tem “ponto”, os trastes como no violão, e na viola. Aprender o instrumento envolve, observar os adultos tocar, os tios são importantes no processo do ensino direto e não somente por observação, depois pegar o instrumento começar a experimentar, treinar o ouvido e o dedo nas posições, e aprender a construir o próprio instrumento compõe os momentos da aprendizagem da cultura do Fandango Caiçara e também de outras formas de aprendizagem da cultura popular. Aprender se aprende sozinho, tocar de teimoso, por vontade tem que ter interesse, “um dom que Deus me deu” são falas do Zé Pereira em entrevista. (GRAMANI, 2009, p. 112; 120)

Já a pesquisa de Bazzo (2010) tem como método a etnografia, tendo como campo a comunidade da Barra do Ararapira, a última da Ilha do Superagüi, que faz fronteira com São Paulo e, portanto, com a comunidade do Ariri. Tem por objetivo abordar a problemática da territorialidade da Barra a partir de sua cosmografia. Esta se dá pela delimitação de cinco itens: história de ocupação guardada na memória coletiva; vínculos afetivos com o território; regime de propriedade; uso social dado ao espaço e mecanismos de proteção deste espaço. Através das pesquisas percebeu os laços de parentesco e a devoção religiosa que possibilita aos nativos reconstruir, ordenar e refletir sobre

este território do qual são parte em constante transformação. Estes elementos, segundo a pesquisadora são acionados pelos pescadores em defesa de seu território.

Bazzo (2010) tem sua área de formação em Jornalismo, relata o trajeto para se chegar a barra. O movimento natural do mar que está levando a área sólida da vila e propondo um deslocamento constante da comunidade, e ainda explica com base em suas pesquisas ser este movimento uma dinâmica natural. Sendo composta por 34 famílias, totalizando 132 pessoas. Sua existência como área habitada por colonizadores, data de 200 a 300 anos. Esta é a maior comunidade dentro dos limites do Parque Nacional do Superagüi.

Bazzo (2010) cita Litte (2002<sup>21</sup>, p. 3) traz um conceito relativo a territorialidade como “esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar; controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente”. Sua porta de entrada foi através da vinculação de gênero, com a Associação das mulheres que trabalham com a Cataia<sup>22</sup>. Em seu percurso encontrou dois autores locais que escrevem suas memórias compondo a história local. E ainda percebeu a transformação dos modos de pescar e se relacionarem com o mar após o advento do barco a motor. “O mar esse negócio de Deus”. O barco a motor permitiu ampliar as experiências dos pescadores, agora era possível adentrar o mar de fora. Neste contexto a autora percebeu que a tecnologia é capaz de alterar as estruturas tradicionais, deixando entrever que estas não são estanques. Essa comunidade é excepcionalmente de maioria católica.

“O território ocupado por uma dada coletividade não pode ser visualizado unicamente por sua face material, porque a funcionalidade dele para seus ocupantes vai além da existência de recursos garantidores da sobrevivência” (BAZZO, 2010, p. 59). As atividades no passado consistiam na pesca dos peixes em acordo com a estação e a lua, tanto homem como mulher atuavam juntos. Lancear a rede; caloar; mariscar e a pequena agricultura. Na Barra da Ararapira, foi percebido pela autora que o sítio é o lugar da família, as relações de parentesco. Esse sítio se revela para a autora como uma unidade que contém, solidariedade, tranquilidade, autonomia e valores vividos e que são em

---

<sup>21</sup> LITTLE, P. E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia, Brasília, n. 322.

prol do grupo, sendo “o sítio mais do que um espaço comum de parentesco, mas um local de reciprocidade”. (BAZZO, 2010, p. 94). Importante o fato das casas serem, na Barra do Ararapira voltadas para a praia, dispostas neste caso em linha. Sendo neste lugar separadas por cercas vivas, de vegetação local. Os parentes próximos vivem geograficamente próximos. (BAZZO, 2010).

Mutirão e fandango – As roças eram preparadas através de coivarear. Semear, manter o plantio e a colheita. Esta forma de agricultura, está diretamente relacionada ao índice de habitantes, sendo que comporta no máximo 10 a 20 pessoas por m<sup>2</sup>. A mandioca brava, para a farinha, a mandicuera, liquido venenoso da mandioca brava, utilizado para fazer um mingau, depois de cozido ele deixa de ser venenoso, e aipim sendo a base da alimentação caiçara. As casas eram cobertas com palha e de madeira. A casa de farinha, tem a roda, para ralar o tubérculo. A massa acondicionada no Tipiti, e a prensa de madeira, ou burro. A massa caia no cocho, e no final ia para fornear. A partir disso eram feitos beiju, cuscuz, goma e a broinha, a qual é servida nas festas de casamento. (BAZZO, 2010)

E ainda Bazzo (2010) escreve sobre as práticas culturais da comunidade. Como o ajuntamento que é troca de serviços entre dois casais, tinha o trabalho como fim. Mutirão festa de conclusão de trabalho. Vale lembrar que a Barra do Ararapira está dentro do Parque Nacional, e não tem energia por cabo submarino, a energia é através de placas solares, que não funcionam muito bem. Os barcos com motor e o gelo fizeram a diferença aumentando o número de pescadores e diminuindo as plantações. Que no momento desapareceram em virtude da proibição por ser parque. O desaparecimento dos animais é explicado pela comunidade, em virtude do fim das roças os animais desapareceram. O término das roças, afastou os animais e não reproduz o ambiente propicio para o fandango que nasce dos mutirões. O fandango foi, e ainda está sendo realizado nos aniversários e casamentos. Depois aconteceu a chegada do rádio, da televisão, do CD e DVD, a partir de então os jovens passaram a usar estas outras músicas e o fandango foi desaparecendo. As energias para movimentar estes equipamentos provem de placas solares instaladas em 1990.

A Associação de moradores de Barra do Ararapira cuida da manutenção da represa e da caixa d'água, graças às contribuições dos habitantes, em sua

grande parte associados. Os associados têm como benefício também a possibilidade de obter crédito bancário em nome da instituição. (BAZZO, 2010).

Homem e mulher tem divisão de trabalho em relação ao gênero, o homem mantém economicamente o lar, e a mulher cuida da casa e dos filhos. Apesar disso é condenável não ajudar, a mulher ajuda o homem em seus trabalhos quando ele precisa e o homem ajuda a mulher. Neste espaço Deus aparece como ordenador do mundo. Tanto as coisas boas, como as coisas ruins que acontecem, são tributadas a uma vontade divina. (BAZZO, 2010)

Sundara é uma espécie de coruja, tem um canto como o rasgar de um tecido e para os nativos da região significa morte na família. O fandango também esteve sempre ligado ao sentido do religioso, em especial nas festas católicas. Os fandangueros obedeciam ao calendário da igreja Católica. Na Barra de Ararapira, a igreja tem um lado para os homens, outro para as mulheres, a missa acontece uma vez por mês em qualquer dia da semana. Aos domingos é celebrado um culto sempre às 10 da manhã, sempre por um homem. (BAZZO, 2010).

A autora citada relata ainda o fato de a participação dos tocadores de fandango no evento da Bandeira do Divino, tendo que muitos fandangueros bebem muito, e ainda outros estão morrendo. Eles dizem que como não tem mais grandes roças já não tem muita razão para ter fandango, o que foi sendo abandonado pelos mestres. As novas igrejas também são determinantes na diminuição do fandango. Na entrevista com nativos na Barra do Ararapira a autora obteve relatos que demonstram preocupação quanto à disseminação das igrejas, estes afirmam que quando proliferam muitas igrejas acontece divisão, que se contrapõe com o espírito de unidade. A foto abaixo mostra a igreja de Ararapira, que está abandonada, os moradores foram ou para Cananéia ou para a Barra do Ararapira, sendo proibidos pelo parque de retornarem para este local, lá está também o cemitério da comunidade que o mantém cuidado e limpo. Neste local está uma das primeiras igrejas de Guaraqueçaba.



FIGURA 11 - Igreja de Ararapira extremo norte da Ilha do Superagüi  
Fonte: a autora (2015)

A imagem mostra um dos efeitos do processo de mudança nos territórios desta região devido ao movimento das marés, a perda da orla de praia. A comunidade do Ararapira em parte, em virtude de a região ficar dentro do PNS, foi para São Paulo, na comunidade do Ariri, e na comunidade da Barra do Ararapira, Paraná, norte da Ilha do Superagüi.

A pesquisa de Duarte (2013) tem seu objeto na comunidade de Barbado, comunidade tradicional que também está dentro do Parque Nacional do Superagüi. Trata dos conflitos resultantes no estabelecimento do parque. Afirma que os conflitos tiveram origem no fato de existir muitos interesses de diferentes agentes em um mesmo espaço. A comunidade reivindica direitos de livre acesso ao seu território. Para a comunidade esta é a única possibilidade de reproduzir seus modos tradicionais de vida e cultura. A abordagem metodológica é da Etnografia, os instrumentos de coleta de dados foi a observação participante, entrevistas semi-estruturadas e mapeamentos participativos. A análise dos dados foi através da teoria Gransciana que possibilitou identificar “os aparelhos privados da hegemonia que estão atuando

na região [...] trazendo discussão acerca de comunidades tradicionais”. Seu problema de pesquisa foi o desvendar da formação sócio/espacial, e os conflitos gerados tanto materiais como imateriais, na comunidade de Barbados. Barbados, é uma colônia que nasce a partir da colônia Superagüi, e um dos colonizadores. Willian Michaud foi artista plástico e pintor Suíço, muito conhecido através de suas pinturas naturalistas que retratam a exuberância paisagística de Superagüi. “A identidade é um ponto de partida para o pertencimento dos grupos em relação ao seu território e para seu reconhecimento enquanto grupo político, a relação com o passado também contribui no processo político de formação do grupo”. (DUARTE, 2013, p. 20).

Este trabalho de pesquisa é importante, uma vez que traz conceitos de comunidade tradicional, leis sobre o ambiente, formas de pensar a conservação que coadunam com os objetivos desta pesquisa, na medida que o ambiente não está alienado do ser humano, tendo que este é natureza. A criação de Unidades de Conservação (UC), a sobreposição das mesmas e como as restrições impostas no uso dos recursos ambiente estão transformando os modos de vida tradicional, os quais dão identidade a estas comunidades como: construção de casas, barcos, instrumentos de trabalho, cultural, instrumentos musicais, a caça e a roça, entre outros. Afirmando ainda que com todas estas questões emblemáticas, a atuação de ONGs ambientalistas e os propósitos preservacionistas das UC, através de seus gestores, o ecoturismo vem se apresentando como uma tendência para melhora da qualidade de vida e redução da pobreza. Este sendo reforçado pelo plano de manejo para o PNS. A energia elétrica, estava sendo instalada por painéis fotovoltaicos em Barbado à época. Em uma reunião em 2014 com os representantes do MOPEAR, se confirmou a desconfiança da comunidade quanto ao perfeito funcionamento dos mesmos, eles foram todos retirados pela comunidade, e literalmente entulhados dentro do espaço dedicado a Willian Michaud. A razão é o mau funcionamento e incertezas do mesmo, as comunidades do interior do PNS, desejam receber a energia elétrica através de cabos, que consideram eficiente e eficaz. Barbados se beneficia na temporada do fluxo de turistas proveniente de Superagüi. Tendo a alta temporada como o ponto ápice do movimento. Na última reunião do Conselho do PNS, realizado na vila da Barra do Superagüi em 02/12/2014 o gestor do Parque Marcelo Bresolin, afirmou publicamente que

está previsto que possa a energia chegar até as comunidades dentro do parque via cabo, o que falta para isso é a Copel enquanto responsável, apresentar o projeto, e este será aprovado.

A preservação ambiental é importante, mas a legislação precisa levar em consideração o homem como parte deste ambiente. Enquanto os órgãos ambientais pensam em proteger a fauna e a flora, o nativo sente-se lesado em seus direitos e passa a burlar as leis. O ambiente, o fato de ser parque, área de proteção não é problema o problema está na não inclusão humana nestes objetivos.

Kashiwagi (2011) esta tese também tem seu objeto de pesquisa na comunidade de Barbado. Tem por objetivo identificar as homonímias sógnicas da paisagem deste parque. Estas representadas pelo morador, poder público e turista. Busca através do estudo da legislação ambiental, reconhecer o conceito de comunidade tradicional e as implicações da presença humana em Unidades de Conservação. Ainda pretende compreender as medidas para preservação destas comunidades.

Na busca de construir sua base teórica trabalha com o conceito de paisagem cultural segundo Carl Sauer (1998<sup>23</sup>, apud KASHIWAGI, 2011), para este autor cultura é o agente, a área natural é o meio e a paisagem cultural é o resultado. Em busca de compreender o “mundo vivido” a autora desenvolve os conceitos de Maurice Merleau-Ponty o qual acredita que é através do corpo que os indivíduos se apropriam do lugar, através da percepção. O conceito de “Lugar” ela busca na Geografia Cultural no pensamento de Yi-Fu Tuan (1980) para o qual a experiência humana é desencadeadora de aspectos subjetivos, tornando os espaços em lugar e mundo vivido do indivíduo. Tendo como categoria de análise os “Mapas Mentais” utilizando a metodologia Kozel (2001<sup>24</sup>, apud KASHIWAGI, 2011) O embasamento teórico está nos conceitos

---

<sup>23</sup> SAUER C. O. A morfologia da paisagem. In: CÔRREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdURJ, 1998. P. 13-73.

<sup>24</sup> KOZEL, T. S. Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a “capital ecológica. Tese de Doutorado em Geografia – faculdade de Filosofia Letras e ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.



de signos da Teoria da Semiótica de Charles Sanders Pierce (2008<sup>25</sup>, apud KASHIWAGI, 2011).

Em sua pesquisa, a cozinha de fogo é o local da casa (geralmente externo) onde a família cozinha, reúne-se, recebe e hospeda os visitantes. Também servia, antes da entrada das igrejas nas comunidades, para reunir as crianças e ensiná-las sobre as lendas e crenças. A lenha do fogão é mantida acesa dia e noite. (KASHIWAGI, 2013 p. 38). A fenomenologia dando suporte para a geografia humanista possibilita análise geográfica, não apenas como espaço, mas sim pelo conceito de mundo vivido, estas análises da paisagem valoriza o lugar pelos vínculos que unem os indivíduos a ele, e dão sentido a intenção humana pelo que é arquivado em sua memória, as lembranças. (Kashiwagi, 2011).

Garcia (1992<sup>26</sup> apud KASHIWAGI, 2011) entende que a valorização do espaço vivido, pode se dar em duas dimensões, uma enquanto espaço de alienação. O qual é destituído de sentido, tornando se vazio de valores, sendo apenas a soma das regras locais a regular a apropriação, e condiciona a reprodução social, estranho ao espaço estranho aos outros, estranho a si mesmo. Já “O espaço vivido, ao contrário, é analisado pela dimensão afetiva e imaginária do homem, e pode ser observado desde a escala da casa, do bairro, de uma comunidade, da cidade, de um vale, da serra, do lugar, enfim, de uma paisagem” (GARCIA, 1992, p. 10 apud KASHIWAGI, 2011, p. 152).

A tese de Kashiwagi (2013) é importante pelo referencial teórico que apresenta, ainda em especial o entendimento da autora sobre espaço vivido, que é um conceito chave da presente dissertação.

A pesquisa de Dysarz (2013) trata do projeto de colonização desenvolvido no litoral do Paraná, com imigrantes oriundos em especial da Europa. Este projeto denominado Colônia do Superagüi teve como idealizador o Consul Suíço, Carlos Perret Gentil. Esta dissertação foi importante para a pesquisa em questão, ao estabelecer os marcos históricos iniciais da comunidade denominada atualmente Barra do Superagüi. O autor conclui que a evasão de pessoas da comunidade e o “fracasso colonizador” se deve a

---

<sup>25</sup> PEIRCE, C.S. Semiótica. 4ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

<sup>26</sup> GARCIA, B. A. (Org.). Geografia y Humanismo. Barcelona: Oikos-Tau, 1992.

abertura de outras colônias próximas a Curitiba com melhores condições e infraestrutura, e ainda a outro ponto determinante a falta de apoio dos governos e de políticas públicas favoráveis à colônia.

Betti (2014) é uma pesquisa de uma Turismóloga, e o seu trabalho foi realizado no âmbito MADE/UFPR, tendo como objeto de pesquisa o Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação. Sua pesquisa empírica foi no Município de Guaraqueçaba. Teve por objetivo analisar iniciativas de economia solidária e perceber dentro da teoria de Marta Irving se os empreendimentos promovem desenvolvimento e autonomia aos associados. Identificou dois empreendimentos que atendiam aos seus objetivos de pesquisa: a cozinha comunitária na Vila da Peças e a Cooperativa de Artesãos de Guaraqueçaba. Seu trabalho é importante: primeiro pela atualidade das pesquisas; segundo, por ela também fazer parte da equipe ETUR LITORAL, e realizado análise do empreendimento cooperado Cooperativa de Artesãos de Guaraqueçaba.

Nas pesquisas realizadas por Betti (2014) ficaram aparentes que os atrativos culturais do PNS e na região da APA de Guaraqueçaba são: Fandango Caiçara, e festas populares do calendário local, inclusive as de cunho religioso. Ainda os bens materiais como o casario antigo em Guaraqueçaba, (as igrejas antigas nas diferentes comunidades) as farinheiras, artesanato os conhecimentos e modos de vida como a pesca. As lendas, a cataia<sup>27</sup> (*Pimenta pseudocaryophyllus*).

Os atrativos naturais dentre estes o Morro do Quitumbê na sede de Guaraqueçaba, o Salto do Morato na RPPN do Boticário, a RPPN do Sebuí, o mirante da Serra Negra uma comunidade no entorno da Estrada PR405, as praias extensas nas ilhas da Gamela, Peças, Superagüi, observação do Boto-cinza (*Sotalia guianensis*) e observação do Papagaio da Cara Roxa (*Amazona brasiliensis*). Sendo desta forma o Município de Guaraqueçaba por estes e outros recursos os quais, apenas se tornam aparentes para os que prestam atenção, se dão tempo para conhecer alguns recantos especiais, muitas vezes novidade até para antigos moradores das diferentes regiões, este município é rico em Sambaquis e ruínas deixadas pelos colonizadores, esquecidas em

meio a vegetação e matas que se reconstituíram, inclusive nos domínios do PNS. A leitura destas pesquisas permitiu refinar o olhar para o objeto da pesquisa.

## CAPÍTULO IV

### 4 CAMINHOS DA METODOLOGIA

*O mundo nos parece espaçoso e amistoso quando concilia nossos desejos, e limitado quando eles são frustrados. TUAN (2013)*

Este capítulo se propõe a desenvolver o caminho metodológico. Iniciando com a pesquisa bibliográfica referente a métodos, metodologias e técnicas de pesquisa, e as propostas no sentido de conduzir a metodologia de como se desenvolveu a pesquisa empírica para a dissertação. O que para Rey (2002) uma pesquisa teórica é “um processo constante de produção de ideias que organiza o pesquisador no cenário complexo de seu diálogo com o momento empírico” (p. ix). E ainda para este autor o resgate do sujeito das pessoas pesquisadas, na pesquisa social é fundamental. E o espaço do sujeito, é importante, mas são os sentidos, os significados e as histórias que tornam esse espaço um “lugar” (TUAN, 2013), são dados pelo sujeito que o habita, que deve ser considerado pelo pesquisador no campo no qual pretende fazer sua investigação.

A pesquisa segue o caminho por meio do mapa conceitual (Figura 10), cujo objetivo é permitir a visualização do complexo processo mental, as etapas do saber-fazer pesquisa. Neste sentido o conhecimento acadêmico permitiu olhar para a comunidade, em busca de uma percepção que permitisse a análise dos elementos, os quais estão presentes na comunidade e a tornam o que ela é. Esta é uma tentativa de colocar os conhecimentos obtidos dentro de caixas conceituais.

Em busca de delinear esse caminho é necessário ter um começo. Dois trabalhos de tese de Doutorado apoiam a organização das ideias metodológicas e auxiliam a organização do pensamento na construção desse trabalho. D’Aroz (2013) que trabalha com famílias de risco na região metropolitana de Curitiba, é importante na medida que desenvolve as ideias de Vigotsky, e sua teoria sócio histórica. Ela estabelece a ligação desse conhecimento com a metodologia, para esse trabalho é importante como apoio na organização, e na percepção de como fazer a leitura do campo no qual se está pesquisando.

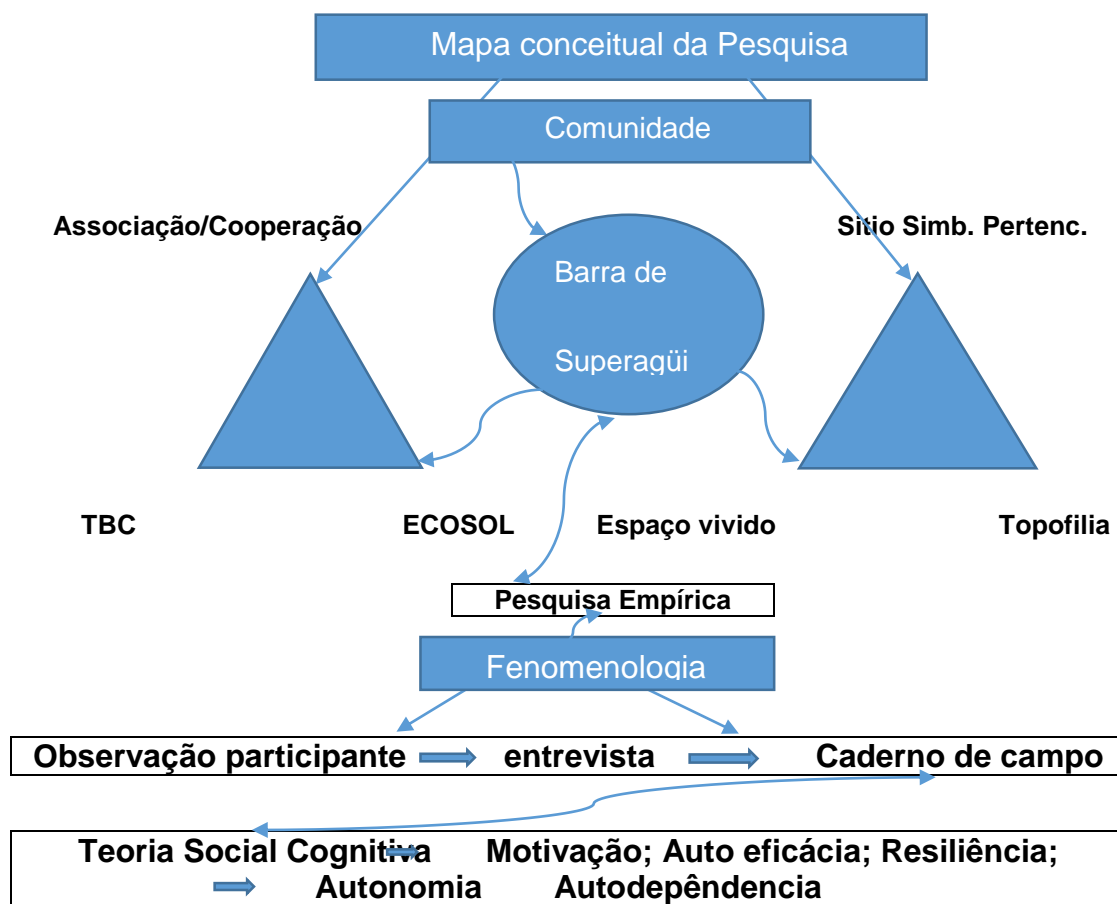


FIGURA 10 – Mapa conceitual da Pesquisa

Fonte: a autora (2015)

E o segundo pilar de apoio na construção do conhecimento para a compreensão do observado no empírico, é a tese de doutorado de Nitsche (2012), esta foi desenvolvida em uma comunidade de Araucária, Região Metropolitana de Curitiba (Pr.), seu objetivo, analisar o porquê da comunidade não aderir à proposta turística desenvolvida pelos gestores públicos para o “Caminho do Guajuvira”. Este trabalho é importante para a dissertação na medida que desenvolve o conceito de “espaço vivido” (NITSCHKE, 2012; ZAOUAL, 2006; TUAN, 2012) e busca iluminar o conhecimento de espaço e lugar a luz da Geografia humanista de Paul Claval (2007) e Topofilia (2012). Estes conceitos “Espaço vivido”, “Lugar”, “Topofilia” foram fundidos nessa dissertação com o conceito de “Sítio simbólico de Pertencimento” Zaoual (2006).

A construção dessa pesquisa, a qual tem um aspecto subjetivo como foco de investigação, ou seja, a percepção da comunidade sobre seu “espaço vivido” como entendido por Nitsche (2012). Tendo, a compreensão desses

componentes no campo, a leitura e visão de homem, e como o ser humano apreende e vivencia os estímulos, como reage e cria a partir deles, como desenvolve autonomia e autogestão de sua própria existência, em especial enquanto indivíduo inserido em uma comunidade, e o encontro de saberes e fazeres. A análise, terá por referência, a Teoria Social Cognitiva num enfoque sócio histórico cultural, segundo Bandura (2008); Cyrulnik, (2006); Tuan (2012; 2013); Zaoual, (2006).

O começo do percurso é compreender que o conhecimento construído na história humana, não se deu de forma linear. O conhecimento é uma construção em teia, ou seja, se encadeando, semelhante a rede neuronal. E sendo o Brasil, um país policultural, seus múltiplos saberes e fazeres, são o encadeamento de conhecimentos construídos, uns, nos meios acadêmicos, outros, em muito maior número, fruto do saber construído por sua população em seus entrelaçamentos cultural. Dessa forma estabelecer a origem de determinados saberes e fazeres do povo, é uma verdadeira cruzada, em especial os tradicionais. Assim, para a construção do conhecimento para esse trabalho, foi necessário, uma teia de instrumentos de coleta de dados.

Um campo de ação para o pesquisador é composto por todos os atores que estão presentes no campo. Estes são o objeto de pesquisa e tudo o que está em relação com o objeto a ser pesquisado, inclusive a presença do pesquisador. O campo é composto, no caso do presente trabalho pelas relações da Vila da Barra do Superagüi com o Município, a sede Guaraqueçaba e os gestores Municipais; Paranaguá, seu entreposto de abastecimento; todos os nuances da relação da comunidade com seus pares; o seu entorno, a própria ilha o ambiente; a relação com os Gestores do Instituto Chico Mendes para a Biodiversidade (ICMBio) e o mar.

Ainda nesse campo estão atuando as lideranças local, sejam elas institucionalizadas ou informal. As lideranças formais, o Presidente da Associação de Moradores, da Associação Feminina Cristã, os três pastores evangélicos<sup>28</sup>, o responsável pela igreja católica e os diretores da Escola

---

<sup>28</sup> Cristã do Brasil, Assembleia de Deus e Cristo que liberta e o responsável pela igreja Católica, essa não tem o Padre sempre presente, enquanto os pastores residem na própria comunidade, ainda que o pastor da Assembleia não seja nativo.

Municipal e o Colégio Estadual, assim como os professores. Essas forças ainda se relacionam com as lideranças informais, representadas por aqueles de mais idade; os que tem força política, econômica ou que por razão de suas atividades adquirem esse status. Todas essas lideranças compõem o mosaico de entrelaçamentos, que se encontram ao se aprofundar a análise, nas lideranças familiares representadas pelos pais, mães, avós etc. Essa gama de interesses compõem o campo de estudo, um mosaico de interesses que se encontram com os visitantes no universo de pesquisa.

Por estas razões entende-se que, na busca por responder ao problema de pesquisa, o delineamento metodológico que permitisse a compreensão do objeto de estudo foi o da pesquisa qualitativa, comum em pesquisas sociais (GODOY, 1995). Para esse autor ela parte de objetos de interesse amplo, vai se definindo à medida que o estudo vai sendo desenvolvido, em consonância com o desenvolvimento da pesquisa para a dissertação, uma vez que “envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos, pelo contato direto do pesquisador com a situação a ser estudada” (GODOY, 1995, p. 58). Para Richardson (1985) o método qualitativo se aplica em três situações, das quais duas interessam a esta pesquisa:

- a) Situações que se evidencia a importância de uma abordagem qualitativa para compreender aspectos psicológicos cujos dados não podem ser coletados de modo completo por outro método devido à complexidade que encerra. Nesse sentido, os estudos com objetivo de análise de atitudes, motivações, expectativas, valores etc.
- b) Quando são usadas as pesquisas qualitativas como medidores do funcionamento de estruturas sociais. (RICHARDSON, 1985, p. 39)

E ainda:

Os estudos chamados de — qualitativos englobam um conjunto heterogêneo de perspectivas, de métodos, de técnicas e de análises, compreendendo desde estudos etnográficos, pesquisa participante, estudos de caso, pesquisa-ação, até análises de discursos e narrativas, estudos de memória, história de vida e história oral. [...] seu foco de interesse é amplo. Enquanto a pesquisa quantitativa procura seguir com rigor um plano previamente estabelecido, a pesquisa qualitativa procura ser direcionada ao longo do seu desenvolvimento. Os dados descritivos são coletados mediante contato direto e interativo do pesquisador com o seu objeto de estudo (ANDRÉ, 2001, 54).

Em consonância, Gaskell e Allun (2013), entendem que ser uma pesquisa quantitativa ou qualitativa, depende de como se dará a geração de dados e os métodos utilizados na análise para a pesquisa. Para o autor, a pesquisa social, “apoia-se sobre dados sociais – dados sobre o mundo social – que são o resultado e são construídos nos processos de comunicação” podendo ser realizada através de dois métodos: “comunicação formal e comunicação informal” (p. 20).

A ênfase do estudo, será da apreensão do sentido e percepção do espaço vivido dos moradores da Barra do Superagüi. Na escolha de um método, a busca do melhor caminho, que desse conta da complexidade, de estudar a comunidade e sua relação com o “espaço vivido”, é importante ir além das aparências. Sendo essa uma busca de explicar o fenômeno, este foi possível através da observação participante, no local, junto ao objeto de estudo, através da construção para o pesquisador da memória, história e cultura da comunidade.

A abordagem metodológica, deste trabalho é uma proposta de apreensão de sentidos que permita atingir o que diferencia essa comunidade. O objeto desse estudo é a percepção do espaço vivido e o que lhe dá identidade de comunidade. Trabalhar numa abordagem de pesquisa qualitativa com o aporte da Teoria Social Cognitiva de Bandura (2008) e o conceito de Resiliência e autoeficácia Cyrulnik (2006). Esta teoria busca compreender o indivíduo em suas interações sociais na resolução de problemas comunitários e individual, e a resiliência frente aos desafios que lhe proporciona o sentimento de pertencimento. O sentimento de amor ao lugar, na obra Topofilia, Tuan (2012) e Espaço e Lugar (TUAN, 2013). Possibilitando compreender o que determina a autonomia e autoeficácia nesta comunidade segundo Max-Neef (2012).

O presente estudo se constrói através da visão Fenomenológica de mundo, o qual permite, a leitura da percepção humana do “espaço vivido”. Tem como categoria de análise, a pesquisa empírica no espaço da comunidade da Barra do Superagüi, considerada e que se autodenomina tradicional (DUARTE, 2013). Este fato não pressupõe que todos os modos de vida atual da comunidade sejam sustentáveis ou tradicional, em especial o que se refere aos modos de produção.



A fenomenologia surge em fins do século XIX e se propõe a ser a chave da explicação da teoria do conhecimento e da lógica somando-se à filosofia, ou sobrepondo-se a ela como citado por Nitsche (2012). Em sua leitura de Husserl<sup>29</sup> (1988 apud NITSCHKE, 2012, p. 65) “o que aparece é o fenômeno, composto por coisas como objetos. A fenomenologia busca o sentido do fenômeno, ou seja, a sua essência revelada pelos objetos”. E ainda que a essência dos objetos é determinada pelos significados, por quem os vivencia. Pode se inferir que o significado do “lugar” enquanto espaço vivido, será determinado pelos indivíduos, que dão sentido, e os laços de tofília ou tofobia, tofiraiva, tofódio entre outros, que os vincula ao mesmo. Concluindo ainda com a autora, e se valendo de sua conclusão sobre o olhar da fenomenologia enquanto visão de mundo. Compreendendo a complexidade para entender toda a extensão desse conhecimento, o qual demandaria muito tempo de estudo e reflexão, que não cabe no âmbito da pesquisa, a dissertação é sobre a relação do indivíduo com seu espaço vivido. Cabe aqui unir ao pensamento de Nitsche (2012) quando afirma que a fenomenologia possibilita a percepção das vivências do sujeito, permite o desvendar do sentido dos fatos para as pessoas e não apenas descrevê-los.

A leitura de Gil (2008) da fenomenologia de Husserl, enriquece o entendimento quando afirma que “o objeto do conhecimento para a fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito”. O mundo existe enquanto existe o sujeito que vive o mundo. Em acordo com o definido para essa pesquisa que se propõe a ser não intervencionista, como manda as pesquisas naturalistas, os sujeitos são observados em seu próprio habitat. E o autor acrescenta que a fenomenologia se propõe a uma descrição direta da experiência como ela acontece, sem considerar a gênese da mesma, as explicações sobre as causas, para esta forma de ver o mundo “é necessário orientar-se ao que é dado diretamente à consciência, com exclusão de tudo aquilo que pode modifica-la” (p. 14).

E ainda pode-se entender que a realidade não é objetiva, nem pode ser explicada em termos de causa e efeito. Sendo a realidade entendida como algo que emerge da intencionalidade, a consciência do fenômeno. E para Gil (2008,

---

<sup>29</sup>

HUSSERL. Vida e obra. In: Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

p. 15) o enfoque da fenomenologia consiste em “procurar resgatar os significados atribuídos pelo sujeito ao objeto que está sendo estudado” confirmando a escolha assertiva para esta pesquisa, ser de caráter qualitativo.

#### 4.1. DELINEANDO A PESQUISA

Bauer; Gaskell e Allun (2013), destacam três atores envolvidos no espaço da pesquisa, o entrevistado, ou o objeto de pesquisa; o campo de observação e todos os elementos e interações do mesmo; e o entrevistador/pesquisador. É necessário ter-se em conta que o pesquisador ao se inserir no campo também é um elemento que causa turbulência no campo, significando em inferências, em relação ao objeto pesquisado. (GASKELL; ALLUN, 2013)

O pesquisador, descreve a situação observada, para que ocorra uma maior pureza dos conteúdos observados, deve evitar envolvimento direto no campo e isso exige precauções inclusive: “a) consciência das consequências que derivam do envolvimento pessoal; b) um compromisso em avaliar as observações de alguém metodicamente e em público”. (BAUER; GASKELL; ALLUN, 2013, p. 18). No entanto entendemos a dificuldade dessa neutralidade, até pelo exposto anteriormente, a simples presença do pesquisador no campo causa interferência, e promove alguma mudança no mesmo. Bauer e Gaskell (2013) desenvolveu um modelo de tabela no sentido de sistematizar e proporcionar uma compreensão das quatro dimensões de pesquisa segundo eles (tabela 2).

No presente estudo, o instrumento de pesquisa consiste em observação participante, a qual enquanto bolsista extensão junto ao Projeto Etur litoral, Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UFPR), aproxima-se da pesquisa-ação de Thiollent (1992). E entrevista oral, com indivíduos da comunidade, em especial dentro de espaços coletivos como a escola, a Associação Cristã Feminina, Associação de Moradores, Escola, reunião da CONAPA, e COMPARNA, tudo anotado em caderno de notas, inclusive as percepções do pesquisador, um instrumento que se percebeu como importante no decorrer da permanência no campo. E como instrumento de análise do

material pesquisado, decidiu-se pela análise do discurso do sujeito coletivo (DSC) segundo Lefevre e Lefevre (s/d) e Gondin e Fischer (2009).

1 – Delineamento da pesquisa de acordo com os princípios estratégicos.	2 – Métodos de coleta de dados	3 – Tratamentos analítico dos dados	4 – Interesses do conhecimento. (Classificação de Habermas)
a - Levantamento por amostragem; b - Observação participante; c - Estudo de caso; d - Experimento e quase experimento.	a) Entrevista; b) Observação; c) Busca de documentos.	a - Análise do conteúdo; b – Análise retórica; c – Análise do discurso; 4 – Análise estatística.	1 – Controle; 2 – Construção; 3 – Emancipação dos sujeitos do estudo.
Para a dissertação: observação participante	Observação; Entrevista oral e Caderno de notas	Análise do discurso do Sujeito coletivo (DSC) Lefevre e Lefevre (s/d)	Construção de conhecimento e emancipação dos sujeitos de pesquisa.

Tabela 2 - As quatro dimensões do processo de pesquisa .BAUER; GASKUN e ALLUN (2013). Modificado pela autora (2015).

A observação participante é uma técnica antiga e atual, segundo Valladares (2007) ao resenhar a obra de Willian Foote Whyte, que foi um dos pioneiros na utilização desta prática de pesquisa de campo, seu trabalho versa sobre a juventude e as gangs em bairros pobres, obra publicada em 1943. O autor apresenta dez mandamentos para o pesquisador observante: 1 - demanda a presença do pesquisador por um longo tempo no campo e uma fase exploratória; 2 – o pesquisador não sabe de antemão onde está chegando; 3 – a observação participante pressupõe a interação pesquisador/pesquisado. As respostas das indagações do pesquisador, depende de seu comportamento no campo, jamais será um nativo, sobre ele está a curiosidade ou a desconfiança; 4 – o pesquisador deve mostrar-se diferente do grupo pesquisado; 5 – uma observação participante não se faz sem um intermediário, alguém que abre as portas da comunidade para o pesquisador; 6 – o pesquisador desconhece sua imagem para o grupo pesquisado; 7 – a observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos; 8 – o pesquisador precisa desenvolver uma rotina de trabalho; 9 – o pesquisador deve aprender a tirar

proveito dos erros que comete no percurso; 10 – é cobrado do pesquisador uma devolução dos resultados do trabalho. (VALLADARES, 2007).

A observação, para este trabalho, teve início desde a primeira inserção como mestranda no campo. Este fato se deu em janeiro de 2014, quando da imersão com a equipe ETUR/litoral. Em fevereiro do mesmo ano, realizou-se pesquisa piloto para testar o instrumento de pesquisa, fora do âmbito da equipe da Incubadora, um questionário com questões abertas e estruturadas, e mapa mental de como o morador percebia a ilha. Percebeu-se que este instrumento não era o mais adequado, as respostas se mostravam fracas de conteúdo e os moradores não se sentiam muito à vontade para o desenho. Durante a apresentação ao explicar as perguntas os respondentes falavam tudo o que era perguntado e indo além sendo um momento rico, onde sem pressa nem preocupação o interlocutor narrava fatos da vida da comunidade, respondiam com muita propriedade as questões de pesquisa. Entendeu-se então que o melhor instrumento seria a entrevista oral, com questões semiestruturadas, e o caderno de notas.

A partir desta percepção, além da observação, a utilização da entrevista oral, e individual, possibilitou que se obtivesse respostas mais livre. Para Rey (2002) as construções mentais do sujeito, as respostas na entrevista pouco estruturada produzem uma informação qualitativa diferente, em relação àquelas realizadas com questões estruturadas e fechadas. Os resultados serão otimizados pela capacidade do entrevistador de ser criativo e capaz de improvisar. Este improvisar dentro de um espaço pré-determinado, caso surja a necessidade de uma questão não prevista, em acordo com as respostas obtidas. (REY<sup>30</sup>, 2002 apud D'ARÓZ, 2013).

A entrevista oral, pode ser uma técnica utilizada primariamente como única forma de coletar os dados na pesquisa empírica, ou para confirmar o que foi observado. Podendo ainda ser utilizada para saber sobre algo novo, percebido como importante pelo pesquisador na observação participante. Desta forma, foram utilizadas perguntas abertas e semiestruturadas, as

---

<sup>30</sup> REY, F. L. G. El aprendizaje en el enfoque histórico-cultural – sentido y aprendizaje. In: ARANTES, E. F. & CHAVES, S. M. (Org.). Concepções e práticas em formação de professores. Rio de Janeiro: Editora, 2003.

peças-chaves entrevistadas, moradores e nativos da ilha, iniciavam respondendo às perguntas do entrevistador, e seguiam a cada pergunta falando o de suas histórias de vida. Este fato levou ao extrapolar o que havia sido perguntado, essas entrevistas foram individuais. Ainda que sendo perguntas abertas e semiestruturadas o pesquisador tinha um desenho do que desejava saber. Nessa forma de pesquisa o narrador sente-se livre e o entrevistador apreende os sentidos e significados ocultos na fala dos entrevistados. (D'ARÓZ, 2013).

A observação participante, teve como objetivo inserir o pesquisador no campo a ser estudado, e tornar-se ele participante, revelando sua identidade e esclarecendo os seus objetivos, interagindo com o grupo, criando empatia e afinidade assim como percebendo as peças-chaves para a entrevista oral.

A entrevista oral, algumas aconteceram de forma espontânea, no momento da pesquisa piloto ao testar o instrumento de pesquisa. Neste momento os entrevistados relatavam muito mais do que fora perguntado, o pesquisador ao perceber que o conteúdo era importante para o objetivo da pesquisa possibilitou o espaço para que se colocassem até esgotar o tema. Em muitos dos relatos foi percebido o entrelaçar de experiências individuais que formavam o coletivo, essas experiências ou vivências determinam muito do imaginário dos moradores da vila da Barra do Superagüi.

As entrevistas foram realizadas nos espaços onde a pessoa desenvolve sua vida cotidiana, nas residências, empreendimentos como restaurante, pousada ou mercearia. Em alguns casos na beira da praia ou nas trilhas que funcionam como ruas de uma vila urbana. Nesses momentos o entrevistador caminhava junto ao entrevistado até o seu destino, parando em alguns momentos que o entrevistado considerava importante reforçar o que estava dizendo.

#### 4.2 O ESTUDO PILOTO

O estudo piloto, com o objetivo de testar o instrumento de pesquisa se deu em um final de semana, este foi um momento importante que determinou muito do que agora estava sendo percebido, a relação da comunidade com o mar, em especial as mulheres. Em um dia de muita chuva a pesquisadora

embarcou para a Barra do Superagüi, no barco, que estava cheio de moradores, e alguns turistas, em uma sexta-feira 15:00 horas. Percebeu-se que a medida que o tempo se tornava mais brusco e o mar ficava mais “mexido”, a forma como os nativos denominam o mar agitado, as pessoas ficavam muito tensas, e algumas mulheres principiaram a orar ou a chorar. Este fato causou estranhamento para a pesquisadora, pois tinha-se como fato corriqueiro que isso se desse. Então aqui iniciou-se a pesquisa, ao perguntar para uma moradora porque estava causando tanto sofrimento o mar estar agitado, ela contou a história de um barco que virou na barra da vila das peças e foi a fundo matando quase toda uma família, ficando apenas uma sobrevivente.

Esta pessoa, dona de uma pousada, a pesquisadora resolveu então ficar nesta pousada. Sendo a respondente do primeiro questionário. Neste momento percebeu-se que entregar o questionário para a pessoa responder não era uma boa ideia. Ela, respondia em parte, de forma muito superficial, a melhor forma de obter respostas ricas era através do diálogo, iniciando com uma conversa “quebra gelo”<sup>31</sup>, desenvolver intimidade relativa, e então entrar nas questões da pesquisa como parte do diálogo, o entrevistado então se abria e falava do que era perguntado através de exemplos da própria história.

O questionário então foi reestruturado, tendo como cabeçalho informações pessoais do entrevistado como o nome, idade, formação profissional, contato e se é nativo da ilha. Esses dados compõem duplo objetivo, o primeiro é integrar o termo de consentimento, o segundo objetivo é tornar possível determinar o perfil do respondente. Este questionário, conduzia o diálogo do entrevistador e do entrevistado, apenas o cabeçalho, termo de consentimento era preenchido com perguntas diretas e fechadas.

As perguntas conduziam o que o entrevistador desejava saber, mas as respostas com alguns apontamentos-chaves eram anotados em cadernos de campo. Esses cadernos, contêm relatos das entrevistas, observações de interações sociais, eventos importantes observados e as ações da ITCP no espaço da pesquisa, enquanto pesquisador e extensionista do Programa.

---

<sup>31</sup> Iniciar a entrevista através de um diálogo, conversando sobre coisas de interesse do entrevistado, cotidiano entre outros, desta forma deixar o entrevistado a vontade e então aos poucos inserir questionamentos relativos à entrevista.

As perguntas como: 1- quanto tempo mora em Superagüi? Teve importância no momento da pesquisa na medida que quanto mais tempo está no ambiente mais entende a dinâmica do mesmo, e foi relato dos próprios comunitários, “para entender Superagüi e como funciona a comunidade precisa estar ali pelo menos uns 15 anos”. 2 - Esta vila é objeto de muitos trabalhos de ONGs, e pesquisas, e ainda existem muitos conflitos percebidos com os gestores do Parque Nacional, optou-se por perguntar se a - Você confia no trabalho das ONG; b – Pesquisas; c - instituições e nas informações que recebem deles?; d - Foi percebido a importância das igrejas evangélica e a igreja católica para a comunidade. Dessa forma no interesse de compreender como se dividem os grupos formais e as lideranças desses grupos, foi perguntado a religião do entrevistado e se confia nas informações de sua igreja.

No interesse de perceber sua relação com o espaço vivido, as questões de número 4, 5, 6, 7, tinham por objetivo perceber sua vinculação com a ilha, o que gostava e o que não gostava, se se sentiam bem em receber visitantes e o que percebiam de positivo e negativo ao receberem visitantes. No final pedia-se na pergunta 8 um desenho, como percebiam seu espaço, onde vivem (sendo este o único momento que era entregue um papel para o pesquisado fazer o desenho, assim como disponibilizava canetas tipo esferográfica para realizarem o desenho). O desenho foi mais difícil de obter, especialmente das mulheres, os homens e as crianças sentem-se mais à vontade para desenhar. Optou-se ao final não considerar os desenhos nas análises para a dissertação.

A participação no espaço de pesquisa se deu também, com a atividade seguinte, a qual consistiu em atender uma demanda da comunidade e da Secretária de Trabalho e Emprego. O trabalho assumido pela ITCP, o compromisso de fazer as fichas dos artesãos da comunidade de Guaraqueçaba, com o objetivo de obterem a carteira de Artesão, e foi concentrado na sede e em Superagüi, e esta pesquisadora responsável por realizar o trabalho no campo, assim percebeu-se que existiam muitos artistas e artesãos na ilha.

O estudo piloto permitiu reavaliar e estruturar o projeto de pesquisa, e ainda durante esta etapa, foi possível realizar os primeiros contatos com as pessoas chaves da comunidade, lideranças formais como o presidente da associação de moradores, a Presidente da Associação Feminina, as

professoras e professores do Município e do Estado. Percebeu-se ainda que em sua maioria são professora e professor nas duas instâncias. O responsável pela igreja católica, a qual tem missa uma vez por mês, pois Guaraqueçaba tem um único padre para atender toda o Município. Os pastores das igrejas evangélicas, e em etapa anterior no diagnóstico macro com a equipe ITCP, foi possível o primeiro contato com os gestores públicos, a Secretaria de Turismo e o diretor de Cultura.

#### 4.3 ASPECTOS SOBRE A PESQUISA EMPÍRICA

Esta pesquisa ocorreu em um espaço coletivo, em Superagüi e Guaraqueçaba sede, nestes espaços a Incubadora de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná (ITCP/UFPR) em atividade percebeu que o trabalho em ambos os espaços tanto na Cooperativa de Artesãos de Guaraqueçaba, quanto na comunidade da Barra do Superagüi ia além da incubação simples de empreendimentos solidários. Percebeu-se que na sede com os Artesãos era uma reincubação, em um empreendimento que já existia; e, na comunidade de Superagüi seria uma incubação de território na verdadeira acepção do termo. Isto, tendo que não foi incubado apenas um empreendimento, mas toda a comunidade, as ações se desenvolveram de forma a envolver o maior número de pessoas do espaço, e com reflexo em todo o entorno. O sujeito perceptivo consciente de sua identidade territorial, “a Educação em Economia Solidária é uma construção social, que envolve uma diversidade de sujeitos e ações orientados para a promoção cultural, social e política” (3ª CNES, 2014).

Desta forma também o universo desta pesquisa se fez amplo, tendo muitos diálogos de entrevistas, relatórios, observação. No desejo de estruturar o trabalho e fazer um recorte de universo tão amplo e rico, onde tudo é importante, mas não é possível de ser percebido, e muito menos ser contido em um trabalho de dissertação, utilizou-se da metodologia da Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Inicialmente foi necessário compreender a análise do discurso do sujeito, o que para Gondin e Fischer (2009) esta metodologia, e técnicas de análise



tem origem em Moscovici<sup>32</sup> (2003 apud OLIVEIRA, s/d) um romeno naturalizado francês, Psicólogo de formação, escreve a obra: “Representações sociais: investigações em psicologia social” esta obra segundo o resenhista, é fundante para a história como para as ciências sociais.

O autor vai além de tentar compreender o conhecimento produzido. Nesta obra interessou-se pelo “poder das ideias” e conclui, grupos/atos/ideias constitui e transforma a sociedade. Moscovici, resgata um aspecto esquecido na psicologia, a tese de Émile Durkheim, e o conceito de representações coletivas. Ele trazia o conceito de como amarrar um barco a um porto seguro, esta forma de interpretar objetos novos, conceitos novos e situações novas através de algo já conhecido. Depois este termo deu origem ao termo “ancoragem” e “objetivação”. (OLIVEIRA, s/d). Moscovici procurou entender como “a produção de conhecimentos plurais constitui e reforça identidades dos grupos”, o autor analisa ainda a noção de “padrão de comportamento” que atua sobre o conjunto da sociedade, independentemente das inserções e das trajetórias sociais”. Discutindo ainda pensamento primitivo, senso comum e ciência, estes aspectos são percebidos como práticas mentais, não é a realidade, mas a representação da realidade. Concluindo que é em função das representações e não das realidades que movem os indivíduos. Para Moscovici as representações coletivas tratam de “fenômenos gerais e relaciona-os a práticas ou realidades que não o são”. (OLIVEIRA, s/d p. 181).

Continuando, a reflexão da obra de Moscovici (OLIVEIRA, s/d p. 183) entende que “representar é um processo de produção de conhecimento e que funciona “rolando” sobre estruturas sociais e cognitivas locais (e populares), sendo sociovariável”. Concluindo Oliveira (s/d) as representações são da natureza mesma dos grupos sociais que as criam, e sua eficácia – tanto prática como simbólica – depende dessa inserção, e não poderia jamais ter um sentido universal. (Fazendo relação com Zaoual (2006)) o sítio simbólico de pertencimento tem suas próprias regras). Para Moscovici, as ideias individuais são também plurais, sendo universais, elas pré-existem à vida: são um “ambiente” social e cultural. Tem autonomia e se descolam da estrutura social

---

14 MOSCOVICI, S. Representações Sociais: investigação em psicologia. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

e material, para ir além e usar um termo novo – *themata*<sup>33</sup> – com o intento de apresentar que os pensamentos-ambientes, são autônomos e independentes da estrutura social.

Em virtude desta visão do sujeito coletivo, individual, sua teoria com visão no social, A Análise do Discurso Coletivo do Sujeito, passa pelo significado de discurso do sujeito individual, a qual traz em seu bojo um sentido de coletivo. Este coletivo, expressa ideias e experiências comuns influenciadas pelas mesmas condições, e desta forma produzir sentidos. Esses discursos se utilizam de recursos de alguma forma de linguagem o que possibilita consistência e coerência nas interlocuções. Para Gondim e Fischer (2009) “Pela argumentação e persuasão se valem de recursos valorativos, imagéticos, racionais e emocionais para obter adesão e influenciar outras pessoas, reorientando o seu modo de pensar e consequentemente de agir” (p. 11). “A análise do discurso é uma teoria que tem como objeto de estudo o próprio discurso”. (GONDIN; FISCHER, 2009, p. 11).

A análise do discurso, enquanto uma desconstrução do discurso como que abre o histórico de todos os discursos que o compõem, a caixa preta segundo Zaoual (2006) e apresenta todos os valores, crenças e identidade pessoal do sujeito do discurso. (GONDIN; FISCHER, 2009). “A análise de discurso é a análise da fala em contexto, ela ajuda a compreender como as pessoas pensam e agem no mundo concreto” (GONDIN; FISCHER, 2009). Concluindo as autoras apontam para um aspecto sumamente importante: “a análise do discurso consiste em evidenciar os sentidos dos discursos, levando em conta suas condições de produção social, históricas e ideológicas” (p. 12). A escolha desta técnica permite analisar os elementos que serão compreendidos à luz dos teóricos que fundamentam este estudo nos aspectos sócio/histórico/cultural, entende-se que ideologias nascem também de contextos culturais.

---

<sup>33</sup> Themata – princípio organizador, máxima ou ideia central, a partir da qual se pode criar uma representação social. Para maiores entendimentos consultar: MOSCOVICI, Serge; VIGNAUX, Georges. O conceito de *themata*. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

Gondin e Fischer (2009) apresentam cinco conceitos centrais de Fernandes<sup>34</sup> (2008, apud p. 13) como sujeito discursivo (polifonia)<sup>35</sup>; enunciação, sentido, condições de produção e ideologia. Tendo ainda que a polifonia para as autoras marca a “identidade heterogênea” do sujeito do discurso, sendo expressa de modo direto ou não, sendo que quem fala não fala tendo a si mesmo como centro, sendo a sua fala fruto das interações sociais estabelecidas, que são reveladas em sua fala. (p. 13).

Importante compreender que “um dado discurso marcado na memória social (corpo sócio-histórico-cultural compartilhado) é entrecruzado pela interdiscursividade (várias vozes sociais que se expressam na fala do sujeito)” (GONDIN; FISCHER, 2009, p. 13). A análise de discurso tem início através de recortes de partes das falas, identificadas como dotadas de sentido, e esses fragmentos permitem perceber a trajetória das falas. Para Guilhaumou (2002 apud GONDIN; FISCHER, 2009) o ponto de partida é o “trajeto temático”, o qual se refere aos discursos que sejam representativos, e esta representatividade relacionada à homogeneidade de ocorrência no tempo e no espaço, tendo relação com a ideologia que lhe dá suporte.

Referindo-se ao discurso do sujeito coletivo (DSC), como uma técnica desenvolvida por Lefevre e Lefevre (2006) o DSC é um discurso síntese, que tem origem em discursos individuais reunidos por similaridade de sentidos. (GONDIN; FISCHER, 2009). As autoras afirmam que a base teórica que sustenta a metodologia do DSC está na teoria das Representações sociais de Moscovici. O que para elas diferencia a análise do discurso, é a relação com as representações sociais. A partir de discursos individuais e sentidos chaves, se constrói um discurso, este discurso síntese representa o sujeito coletivo.

Expressões chave – ideia central – antagonismos – complementaridade. O DSC aproxima o saber científico do senso comum, o pensamento dá possibilidade de compreender o saber do dia a dia.

A análise do discurso do sujeito coletivo DSC para a presente pesquisa teve por objetivo perceber os sentimentos topofilicos, de pertencimento ao sítio

---

15 FERNANDES, C. A. Análise do discurso: reflexões introdutórias. São Carlos: Editora Claraluz, 2008

<sup>35</sup> Polifonia em música significa muitos sons, soando juntos. E na linguística o prefixo poli= muitos; fonia de fons= son. (nota da autora, 2015)

e de lugar com o objetivo de avaliar a percepção do espaço vivido, pelos sujeitos pesquisados à luz da teoria social cognitiva de Bandura (2008) nos aspectos social, histórico e a cultura.

Na análise do discurso coletivo para esta pesquisa, se fez ressonância com Gondin e Fischer (2009) as quais optaram por construir o discurso coletivo na terceira pessoa, diferente do que propõe Lefevre e Lefevre para ser reconstruído na primeira pessoa. As razões por esta opção está uma delas diretamente ligado à recomendação da academia que os textos sejam na terceira pessoa do singular, e como apresenta as autoras citadas a terceira pessoa representa o social indefinido, a não ser que esta metodologia tivesse embasada na etnografia. Vários eus estão presentes na pessoa, um coletivo no individual. O entendimento é que a partir do social, o indivíduo enquanto sujeito se constrói. Para a presente pesquisa o DSC, foram utilizadas entrevistas/conversas realizadas em diferentes momentos e situação na Comunidade da Barra do Superagüi, sendo desenvolvido um quadro de análise onde foi separado as falas de cada agrupamento: ITCP, comunidade e as instituições mais representativas e presentes nas atividades da ITCP, como a Associação de Moradores, a Associação Cristã Feminina, a Escola Municipal e o Colégio Estadual de Superagüi na pessoa dos professores, pedagogo, as diretoras e principalmente os alunos. Ver quadro (2) parte de como este trabalho foi realizado, através de temas chave, sendo definidos pelas repetições. A partir desta sistematização foi possível a construção dos discursos.

Instituição	Tópicos de discussão
Associação Feminina Cristã	Trabalho e renda Sala de apoio à aprendizagem Resgate da cultura do fandango/oficinas de teatro/dança Ensinar mulheres a costurar
Escola Municipal e Estadual de Superagüi	Quem são os alunos de hoje? Problema sério lixo/drogas Trabalhar cidadania e pertencimento Os alunos sentirem orgulho do lugar Uso exagerado do celular – atividades com uso deste recurso

Comunidade	Questões relativas ao mato/mangue/terra/mar Queixas contra a força verde Conhecimentos tradicionais relativos ao trabalho e renda Técnicas de pesca tem que aprender (menino) desde a infância Falta de confiança na Associação de moradores Zoneamento/território
Associação de Moradores	Água melhorar o abastecimento Lixo – reciclagem Drogas – conscientização Falta de confiança comunitária Turismo – estruturar Comunidade – união objetivo comum
ITCP	Aproximação Demandas da comunidade Identificando problemas Teórico/metodológico Incubação de território Metodologia de ação no campo

Quadro – 2 Mostra da organização do DSC

Nestas instâncias de alguma forma toda a comunidade foi ouvida e percebida. E os contatos sejam entrevistas individuais, ou os encontros e conversas na praia, nas trilhas, nos portões e no Magal (Restaurante, pousada, bar ponto de encontro na vila). Todos estes momentos se apresentaram como oportunidades, de apreender as relações e ligações que permeiam e tornam este espaço um sítio de pertencimento, com sentimentos topofilicos.

#### 4.4 A TEORIA SOCIAL COGNITIVA COMO APORTE PARA A ANÁLISE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO.

Em busca de uma base para a leitura dos entrelaçamentos, de encontros e desencontros, a forma de relação com o espaço vivido, as resistências frente a dificuldade ambiente, e em especial de limitações impostas pelo poder público, a teoria de base será A Teoria Social Cognitiva, segundo Bandura (2008), e o conceito de resiliência Cyrulnik (2006) que promove a motivação para a mudança. A teoria social cognitiva é indicada para ser aplicada no social,

ela especifica os determinantes passíveis de serem modificados e a maneira como estes podem e devem ser estruturados, tendo por base os mecanismos operantes. “O conhecimento de processos de modelação oferece orientações informativas” sobre como proporcionar que as pessoas efetuem mudanças pessoais, organizacionais e sociais (BANDURA, 2008 apud POLYDORO; AZZI, 2009, p. 5).

Este processo fruto de estudos intensos de Bandura<sup>36</sup> (1991, apud POLYDORO; AZZI, 2009) tendo a denominação de autorregulação, consiste em um fenômeno o qual atua através de processos cognitivos, e são automonitorados pelo sujeito mesmo da ação, tendo como fonte julgamentos de autovalor e a consequente promoção de autocorreção. A autorregulação não é um processo isolado, ele envolve as condições do ambiente, as quais podem ser facilitadores ou restritivas, o julgamento pessoal de capacidade, uso de conhecimento (cognição), auto reforço, e a relação com a autoeficácia<sup>37</sup>. (POLYDORO e AZZI, 2009).

A teoria Social Cognitiva é uma releitura do Behaviorismo, sendo também conhecida como Neobehaviorismo. O Behaviorismo tem como pai Pavlov (1849-1936), a palavra Behavior, de origem inglesa quer dizer comportamento, essa teoria enquanto teoria psicológica tem por objetivo o estudo do comportamento (MINDAL; VALENTE; STOLTZ, 2012).

Para os behavioristas existem características de comportamentos herdados geneticamente que dão origem ao fisiológico e biológico, os comportamentos são então resultado da influência do meio no qual a pessoa está inserida, e as limitações ou possibilidades de sua estrutura fisiológica. Para os behavioristas, aprendizagem são as mudanças comportamentais que resultam de influência externa e da experiência. Acreditam que tudo o que pode ser resultado de aprendizagem pode ser modificado. Portanto características

---

17 Self-regulation of motivation through anticipatory and self- reactive mechanisms. In: Dienstbier, R.A. (Ed.) *Perspectives on motivation: Nebraska symposium on motivation*. Lincoln, University of Nebraska Press, vol. 38, pp. 69-164.

<sup>37</sup> Autoeficácia é um constructo central na teoria social cognitiva, entendido por Bandura (1997) como a crença do indivíduo em sua capacidade em organizar e executar cursos de ação requeridos para realização de uma tarefa específica tem papel mediador entre habilidades do indivíduo, desempenho anterior e comportamento prospectivo. (POLYDORO e AZZI, 2009).

fisiológicas e genéticas não podem ser modificadas. (MINDAL; VALENTE e STOLTZ, 2012).

A primeira geração de Behavioristas, desenvolveram os conceitos de: comportamento reflexo ou respondente e aprendizagem instrumental, fim do século XIX e início do XX, seus estudos deram origem à teoria da aprendizagem. (MINDAL; VALENTE; STOLTZ, 2012).

Pavlov (1849-1936) desenvolveu estudos do comportamento reflexo ou respondente; ele percebeu que não é apenas a necessidade fisiológica que resulta em resposta fisiológica, mas também pode ser condicionada a resposta fisiológica mediante repetições (animal que saliva ao som de uma campainha foi condicionado, que após esse som receberia comida). E, passa então a estudar esse tipo de aprendizagem conhecida como condicionamento respondente e condicionamento reflexo. Concluindo que muitos dos medos e hábitos são adquiridos mediante essa forma de aprendizagem. Esse conhecimento é muito utilizado pelo Marketing quando associa um alimento ou produto pela ativação relacionando os às necessidades afetivas como convívio, sexual, de grupos etc. Outros cientistas pesquisadores do comportamento como Watson, foram importantes para o desenvolvimento da teoria do comportamento operante. (MINDAL; VALENTE; STOLTZ, 2012).

A segunda Geração de Behavioristas – o condicionamento operante teve importância, na medida em que ampliaram os conhecimentos científicos sobre aprendizagem, incorporaram as experiências empíricas com a teoria e construíram um corpo de filosofia para o behaviorismo. Esses pesquisadores radicais negaram os conhecimentos da psicanálise e outros estudos relacionados à psique humana, como inconsciente, consciente, cognição etc. de 1920 a 1950. (MINDAL; VALENTE; STOLTZ, 2012).

Nesse período Skinner surge trazendo uma nova forma de condicionamento e aprendizagem, que ele chamou de condicionamento operante. Ele entende que o comportamento se modifica pelo efeito que provoca no ambiente, pelas consequências. O comportamento operante é uma ação voluntária, ele entende que o aprendizado humano se dá por condicionamento operante inclusive os hábitos adquiridos. Para Skinner, “se o comportamento pode ser modificado pelas consequências, estas podem a qualquer momento, modificar a história de vida do indivíduo”. (MINDAL;

VALENTE; STOLTZ, 2012, p. 62). Esta proposta é contra o inatismo da inteligência, e da personalidade estática. Nessa teoria tanto aspectos da personalidade como da inteligência são aprendidos, portanto passíveis de modificação.

Assim surge a proposta de aprendizado por reforço, Skinner (1904-1990), propõe um estudo sobre o que pune ou reforça comportamentos para cada indivíduo, pois é diferente para cada pessoa. E ainda que nem todo reforço seja material, muitas vezes o prazer ou satisfação na realização de determinadas tarefas e aprendizagens podem ser um auto reforço. Para ele existem duas espécies de reforço, um externo, o reforço positivo do elogio diante de uma realização, e a resposta interna, da satisfação da realização de uma tarefa com êxito, como estudar e tirar uma boa nota na prova. (MINDAL; VALENTE; STOLTZ, 2012).

Para as autoras Mindal; Valente; Stoltz (2012) Skinner ainda apresentou uma forma de eliminar um comportamento operante mediante a extinção operante, essa se dava através da negação de um estímulo, não de castigos ou punições, é sempre reforçar o comportamento desejável. E acrescentam ainda que modelagem seja o processo utilizado na teoria Skinneriana, e consiste em: (i) observar o comportamento que se deseja que seja aprendido, se já faz parte do repertório da pessoa ou se precisa ser aprendido, caso não faça parte se busca um que se aproxime desse. (ii) passa-se a reforçar aproximações do comportamento, reforço contínuo. (iii) ao ser estabelecido o comportamento desejado, melhorar a qualidade. Reforçar seletivamente os desempenhos qualitativamente melhores. (iv) definir quando e como se deseja o comportamento, número de respostas e o tempo.

Essa teoria valoriza a presença do educador, a resposta do educando depende desse e está no controle que ele exerce. (MINDAL; VALENTE; STOLTZ, 2012). Essa apresentação tem por objetivo desenvolver um caminho para a Abordagem da Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura doutor em Psicologia Social, nasceu no Canadá em 1925, desenvolveu sua Teoria a partir das bases do Behaviorismo, sendo por isso conhecido como Neobehaviorista. (MINDAL; VALENTE; STOLTZ, 2012). Em seus estudos Bandura, buscou demonstrar que a aprendizagem pode ocorrer também por outros meios e não apenas pelo reforço direto do comportamento como entendia Skinner. O que



difere, é o fato de que para a teoria do comportamento respondente quem recebe reforços e punições é o próprio sujeito da ação, e na teoria da aprendizagem por observação, a conduta ou a aprendizagem se faz mediante a observação de um reforço ou punição. A imitação de modelos, é considerada como aprendizagem indireta por observação. Pajares<sup>38</sup> (2004, apud MINDAL; VALENTE; STOLTZ, 2012). Afirma que “as culturas humanas transmitem costumes sociais, conhecimentos e competências complexas, principalmente pela experiência vicariante”. Experiência vicariante, entendida como aprendizagem com base na imitação de pessoas que servem de modelo. (MINDAL; VALENTE; STOLTZ, 2012, p. 71).

Para Bandura<sup>39</sup> (1965, apud MINDAL; VALENTE; STOLTZ, 2012) a teoria social cognitiva, adota a perspectiva do agente para o desenvolvimento, a adaptação e a mudança, e o agente é o próprio ser que influencia o próprio funcionamento e as circunstâncias da vida de modo intencional, por sua vontade. O autor acredita que as pessoas, são seres proativos, autorregulados e auto-organizados, antirreflexivos, não sendo apenas produtos do meio no qual vivem, mas contribuindo para os resultados e acontecimentos de suas vidas.

A primeira característica agentica<sup>40</sup> humana é a intencionalidade, que incluem planos e estratégias para realizar as tarefas. A segunda característica é a extensão temporal, a antecipação, essa antecipação envolve mais do que fazer planos, seria o criar objetivos para si mesmas e são capazes de criar prospecção de prováveis resultados que guiam e motivam suas ações no presente. “Os futuros imaginados servem como guias e motivadores atuais do comportamento” (MINDAL; VALENTE; STOLTZ, 2012, p. 15).

---

<sup>38</sup> PAJARES, F. Overview of social cognitive theory and of self-efficacy. Disponível em: [www.enory.edu/education/mfp/eff.html](http://www.enory.edu/education/mfp/eff.html) Acesso em: 10/01/2011

<sup>39</sup> BANDURA, A.; ROSS, S. A. Imitation of. Film-mediated aggressive models. Disponível em: <http://www.uky.edu/~eushe2/Bandura/Bandura1963JASP.pdf> Acesso em: 20/10/2011

<sup>40</sup> Agência humana – capacidade de o homem intervir intencionalmente em seu ambiente, isto é, as pessoas não apenas reagem ao ambiente externo, mas possuem a capacidade de refletir sobre ele, antecipar cognitivamente cenários construídos por ações e seus efeitos, de forma a vislumbrar e escolher cursos de ação que julgarem mais convenientes ou necessários (BANDURA, 2001, 2005, 2008 apud POLYDORO; AZZI, 2009)

Os indivíduos não são apenas agentes da ação, são auto investigadores do próprio funcionamento. A autoconsciência é funcional com reflexos sobre a eficácia pessoal, refletindo sobre a integridade dos pensamentos e atos, significando suas buscas e permitindo os ajustes necessários. Concluindo “o pensamento antecipatório e a auto influência fazem parte dessa estrutura causal”. (MINDAL; VALENTE; STOLTZ, 2012, p.16).

Para essa teoria o funcionamento humano esta embasado em sistemas sociais. E o Ser agente opera dentro de uma ampla rede de influências sócio estruturais. Os seres humanos criam sistemas sociais para se organizarem e guiarem, regulando suas atividades. Esses sistemas sociais pela própria estrutura, “impõem limitações e proporcionam recursos e estruturas de oportunidades para o desenvolvimento e o funcionamento pessoal”. (BANDURA, et al, 2008, p. 16). A teoria social cognitiva rejeita o dualismo entre o agente e a estrutura social que não esteja conectada com a atividade humana. Bandura em sua obra fala sobre como a teoria Behaviorista encarava a aprendizagem, e afirma que era difícil para ele que: uma cultura cuja língua, moral, costumes e práticas familiares, competências ocupacionais e práticas educacionais, religiosas e políticas fossem moldadas gradualmente em cada membro pelas consequências reforçadoras e punitivas de seus comportamentos de tentativa e erro (BANDURA, et al 2008, p. 16).

Bandura (2008) entende que a modelação não é simples mimetismo (mimetismo é quando um ser toma as formas de outro ser, ou do ambiente em caráter temporário para se adaptar àquele meio ou como proteção). Na modelagem os seres quando aprendem o princípio e percebem o “fio condutor” que ele observou, podem usá-lo para produzir novas versões de comportamento, não é imitação, é um processo cognitivo de estruturar suas ações/comportamentos adequando-os a determinadas necessidades, ou circunstâncias. (BANDURA, et al 2008).

Para o autor, o Ser agente ou agencia tem como características: a intencionalidade, a antecipação, a auto-reatividade e a autorreflexão. Estando presentes em diferentes modos de agencia: pessoal, delegada e coletiva; e ainda que, existem facilitadores e dificultadores dos diferentes tipos de agencia, e os relaciona com a eficácia pessoal e a coletiva, e o meio social é o fundo para as aquisições emergentes. (BANDURA, et al 2008).

Um aspecto interessante está relacionado com a possibilidade de a modelação ser um estímulo à criatividade, o autor defende a ideia de que um observador não se apropria da forma de um único modelo que ele admira, mas desenvolve uma mescla de caracteres de diferentes modelos adequando-o ao seu jeito mesmo de ser. Como pode ser criativo? Por desenvolver modos não convencionais de pensar, pois criatividade geralmente é a capacidade de sintetizar conhecimentos existentes em novas maneiras de pensar e fazer as coisas.

Alguns modelos verbalizam as formas pensamentos e como estão se organizando mentalmente para resolver problemas, as estratégias que usam para lidar com eles e a busca da solução. Bandura entre outros pesquisadores, concluíram que “A modelagem cognitiva é mais adequada para aumentar a autoeficácia percebida e criar outras habilidades cognitivas mais complexas e inovadoras do que métodos tutoriais mais comuns” (DEBOWSKI, WOOD; BANDURA, 2001<sup>41</sup>, apud BANDURA, et al 2008).

A modelação simbólica é a possibilidade de utilização dos meios e tecnologias da informação para promover mudanças transculturais e sociopolíticas, essa forma de modelação atinge uma gama muito grande de lugares e de indivíduos. Essa é uma forma de integração realizada por Bandura da Teoria Social cognitiva com a teoria das redes sociais (BANDURA, 1996; ROGERS, 1995<sup>42</sup> apud BANDURA, 2008). “A motivação e as realizações humanas não são governadas apenas por incentivos materiais, mas por incentivos sociais e autoavaliativos, ligados a padrões pessoais”. (BANDURA, et al 2008, p. 18)

Tendo estabelecido a partir de que conceitos se vai proceder a análise dos conteúdos observados, e coletados no campo, os temas chave, cuja origem foi a transcrição dos cadernos de campo, tópicos de discussão, que na verdade foram entendidos como as instâncias que estavam sendo objeto de estudo e atividades em Superagüi inclusive a ITCP; escola; comunidade; PNS; as instituições como: Associação Feminina Cristã e Associação de Moradores.

---

<sup>41</sup> BANDURA, A. Social cognitive theory: an agentic perspective. Disponível em: <http://www.uky.edu/~eushe2/Bandura/Bandura2001ARPr.pdf> Acesso em: 21/07/2015

<sup>42</sup> ROGERS, E. M. Diffusion of innovations. Disponível em: <http://www.d.umn.edu/~lrochfor/ireland/dif-of-in-ch06.pdf> Acesso em: 21/07/2015

Das entrevistas individuais, as quais mais se assemelhavam a histórias de vida, se construiu a forma como a comunidade se percebe no espaço e os modos de vida trabalho e renda, dentro destes os alimentos que são comuns nas mesas e foram produto da convivência familiar sendo por isso considerados receitas de família. Por exemplo o peixe desfiado ou “estopa” de raia; as muitas técnicas de malhar a rede, e os petrechos de pesca e técnicas de pesca; o preparo do barco para a pesca e cada época um peixe diferente, envolve petrechos diferentes. Destas falas construiu-se um discurso coletivo, no qual se apresenta a cultura, e a relação com o mar por parte dos comunitários, em especial os homens. Nos momentos de atividades coletivas foi possível perceber a relação da comunidade com seus pares no que concerne a soluções de problemas coletivos, na escola as discussões envolviam questões relativas ao lixo, reciclagem, e desenvolvimento de um instrumento de comunicação para a comunidade. A partir desta necessidade as professoras de linguagem desenvolveram um jornal. Foram realizadas por parte da ITCP/UFPR oficinas formativas na escola e na Associação Feminina Cristã, estas reuniões enriqueceram a pesquisa com informações de trabalhos coletivos e formação em Economia Solidária. A partir destas formações a pesquisa adquiriu conhecimentos e subsídios de teóricos em Economia Solidária. Dentro das instituições foi possível colher muitos conteúdos nas formas de organização e como a comunidade se relaciona com suas instâncias de governança. Este conteúdo, falas coletivas foram coletadas e grande parte se transformou em relatórios para a ITCP, outra parte foi para o caderno de notas alimentando a pesquisa. Todos estes espaços somados à participação nas reuniões do conselho da APA e do Conselho do Parque Nacional. Estes espaços mostraram aspectos relativos ao desinteresse da comunidade, especialmente em participar das decisões desta instância e a falta de credibilidade e desconfiança em relação ao Plano de Manejo.

Desta forma sistematizou-se realizando uma transcrição dos conteúdos por temas. A princípio pensou-se em gravar as entrevistas, mas já nas primeiras propostas os entrevistados demonstraram desconforto, em especial nos espaços de reunião das instituições. Desta forma este instrumento foi abandonado, ficando apenas o caderno de notas. Tendo o que se desejava saber, já estruturado a partir da pesquisa piloto, o caderno de notas continha

muita informação, mas o que mais se dava destaque eram as falas que auxiliavam na elaboração das respostas ao problema e objetivo da pesquisa. Destes, selecionou-se os temas chaves, e em seguida as expressões chaves. Os temas chaves das várias instâncias das atividades, tanto como pesquisadora quanto como membro da equipe Etur litoral da ITCP/UFPR tendo que uma e outra era a mesma pessoa. A partir destes temas chaves, as expressões chave, como ideias centrais, promoveu-se a separação de palavras que foram entendidas como ancoragem aos objetivos da pesquisa, perceber como a comunidade se relaciona com seu espaço vivido; sentimento de pertencimento ao Sítio Simbólico e Topofilia. Esta forma de sistematização foi segundo Lefevre e Lefevre (s/d) e Gondin e Fischer (2009).

## CAPÍTULO V

### 5 ECONOMIA SOLIDÁRIA NA PRÁTICA: A INTERVENÇÃO DA ITCP/UFPR

*Ninguém, pois, acende uma luzerna e a cobre com alguma vasilha, ou a põe debaixo da cama; põe-na sim, sobre o candeeiro, para que vejam a luz os que entram. Porque não há coisa encoberta, que não haja de saber-se e fazer-se pública. (Lucas, VIII: 16-17)*

Esta pesquisa teria uma história completamente diferente não fosse a participação no projeto Turismo e Economia Solidária (Etur Litoral). A possibilidade de uma prolongada imersão no ambiente a ser estudado, se deu graças ao Programa da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná (ITCP/UFPR), como integrante da equipe organizadora do Projeto Etur- Litoral. O texto a seguir tem como fonte um artigo no qual a autora desta pesquisa entra como co-autora, e o site da Incubadora Tecnológica da Universidade Federal do Paraná.

#### 5.1 A ITCP

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) é um programa de extensão universitária da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A incubadora da UFPR, foi constituída em junho de 1998 a partir da orientação do Plano Nacional de Extensão, o qual tem na “Extensão Universitária um processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 05). A ITCP/UFPR trabalha com um arcabouço teórico e metodológico da Economia Solidária (SINGER, SOUZA, 2003), do Desenvolvimento Local (PREVOST, 2011) e com as Tecnologias Sociais (DAGNINO, 2011). Integra o Programa ITCP/UFPR alunos bolsistas de diferentes áreas da graduação e pós-graduação. (MENDES et al 2014)

No ano de 2008 a ITCP/UFPR foi convidada a aproximar o tema da economia solidária ao turismo, através da execução do Projeto financiado pelo Ministério do Turismo e da Secretaria de Programas de Desenvolvimento do Turismo, denominado “Incubação de Empreendimentos Econômicos Solidários na Cadeia Produtiva do Turismo. ” Na proposta apresentada pela ITCP foram previstas ações a serem desenvolvidas em dois destinos indutores do turismo

no estado do Paraná (i) Foz do Iguaçu e (ii) Litoral. Dentre os objetivos previstos pelo Ministério do Turismo constavam: (i) Incubação dos Empreendimentos de Economia Solidária na Cadeia Produtiva do Turismo; (ii) Construção de referencial conceitual e metodológico; (iii) Articulação de políticas públicas de turismo, de Economia Solidária e de promoção do desenvolvimento local e regional e (iv) Produção de conhecimento e formação de discentes. (MENDES et al 2014)

Estes objetivos, agregados à experiência da ITCP na incubação de empreendimentos de Economia Solidária, bem como os princípios que regem a filosofia de ação da ITCP, foram a base da proposta elaborada para a execução do projeto: (i) Elaboração do Diagnóstico dos empreendimentos de Economia Solidária na Cadeia do Turismo nos dois destinos indutores; (ii) Constituição e formação de uma equipe de incubação local; (iii) Incubação de empreendimento de economia solidária na cadeia produtiva do turismo e (iv) Sistematização e divulgação dos resultados do projeto. A incubação inicialmente prevista somente para Foz de Iguaçu foi contemplada em um segundo projeto cujas ações se concentraram no litoral do Paraná – Projeto ETUR- Litoral. Vencida esta etapa, foi elaborado um diagnóstico do destino indutor Paranaguá, que possui como principal atrativo a Ilha do Mel. (MENDES et al 2014)

Após a definição do local e do levantamento sócio econômico e cultural, tendo que o diagnóstico foi um processo de articulação com as principais entidades de pesquisa, de governo, e representativas do turismo na Região. A equipe Etur litoral, então formada, participou de reuniões articuladas com: Fundação Municipal de Turismo (FUMTUR) e Conselho Municipal de Turismo (COMTUR) de Paranaguá, com a Agência de Desenvolvimento do Turismo Sustentável do Litoral do Paraná (ADETUR), com a UFPR Litoral (participação no III Colóquio Turismo e Comunidades – agosto 2013) e Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). A partir do diálogo com estas esferas, deu-se início a visitas a outras comunidades e experiências do Litoral norte do Estado do Paraná. Depois desse processo se chega ao Município de Guaraqueçaba, a Secretaria de Turismo e Cultura do Município e ao empreendimento solidário da Cooperativa de Artesãos Arte Nossa e a comunidade da Barra do Superagüi. (MENDES et al 2014)

O trabalho em comunidades, seja por qual seja a instituição deve ser sempre a partir das instituições que são permanentes na mesma. Desta forma o capítulo sobre a intervenção da ITCP/UFPR inicia com a identificação dos atores institucionais que atuam no espaço. Amplia, em seguida alguns entendimentos de empreendimentos na lógica da economia solidária, e apresenta a atuação e intervenção da mesma na instituição educacional.

Atuam no espaço da Comunidade da Barra do Superagüi, as instâncias de Governança Federal, Instituto Chico Mendes para a Biodiversidade (ICMBio); a Prefeitura de Guaraqueçaba, Escola Municipal, Colégio Estadual de Superagüi e uma frágil unidade de Saúde da Família (USF).

As instituições formais da comunidade com força política são: Associação de moradores e Associação Cristã Feminina. A Instituição externa presente no momento da pesquisa, com ações na comunidade, foi a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná a ITCP/UFPR.

O IPHAN, é uma instituição federal que pode estar presente, para isso faz-se necessário que algumas ações sejam desenvolvidas pela comunidade e pela prefeitura. O primeiro passo é, a comunidade e a prefeitura prestarem atenção e valorizarem o patrimônio material e imaterial representado pela cultura local. O desenvolvimento local não prescinde da participação das instituições de todas as esferas, federal, estadual, municipal e local. A união de todos os níveis gera força e mudança. A Secretaria da Cultura e do Turismo pode ser a principal articuladora, junto com as instituições, estadual e federal em busca de constituírem e realmente ter atuação o Conselho de cultura do Município, com apoio e participação comunitária fazendo então pressão aos órgãos da administração local, e busca do fomento cultural deste órgão federal<sup>43</sup>.

No documento da 3ª CONAES (Conferência Nacional de Economia Solidária), a equipe organizadora do evento percebeu que a característica inerente à Economia Solidária é o Planejamento participativo, com o necessário

---

<sup>43</sup> No momento a secretaria da cultura e do turismo não existe mais, sendo transformada em uma diretoria, outra questão que dificulta o apoio desta instância, os vereadores não designaram nenhum recurso para a cultura no orçamento de 2015.



envolvimento consciente dos trabalhadores e trabalhadoras, para a construção das proposições que orientaram o evento.

Todos os empreendimentos solidários não prescindem da busca da autogestão, que pressupõe participação. Durante a reunião dos Conselhos da APA e do Conselho do PNS, uma das solicitações por parte da equipe de organizadores, gestores do parque e convidados parceiros, foi no de participação dos conselheiros comunitários sendo que a maioria estava ausente. O percebido foi que a comunidade está deixando de participar por que não recebeu subsidio econômico para estar lá, e ainda como uma forma de protesto em relação às ações, as quais entende como arbitrárias. Desta forma os comunitários, membros do conselho estão cedendo espaço, aumentando o número de vagas para as instâncias de governança, ONGs, instituições, empresários com interesse no local.

No documento da 3ª CONAES, o tema recorrente da Autogestão, a participação está sendo pontuada em todas as instâncias como um dos grandes desafios para o avanço da Economia Solidária no Brasil, a qual é uma construção social. Percebe-se nos espaços da Economia Solidária alguns avanços, mas ainda incipientes devido ao volume de desafios a serem vencidos. Em Guaraqueçaba na Cooperativa de Artesãos, a ITCP teve como primeira atividade trabalhar a autogestão. Tendo que todo o trabalho relativo ao funcionamento burocrático da Cooperativa estava concentrado nas mãos da Coordenação geral, os cooperados agiam como meros funcionários ou utilizando o espaço da cooperativa apenas para venderem seus produtos. Em Superagüi os espaços de decisão da comunidade em especial na Associação de moradores, a qual tem mais de 500 associados, sendo que nas tomadas de decisão comparecem uns poucos associados.

Para a organização da festa do Camarão Sete Barbas da Comunidade, após muitas tentativas, a comunidade realmente percebeu a importância do evento. A união de esforços se deu a partir do apoio das igrejas. Através de seus representantes, os quais abraçaram a causa coletiva de melhorar o sistema de abastecimento da água da comunidade. A soma destas instâncias ampliou a sensibilização dos comunitários, no sentido de que o que se buscava era um desenvolvimento territorial sustentável em múltiplas dimensões, econômica, ambiental, cultural, social e política (3ª CONAES, 2014). E, a festa

aconteceu, não sem conflitos. Os conflitos nascem nas diferenças individuais, o que não impede sejam desenvolvidos trabalhos cooperativos. Para Demo (1988, p. 145) é o reconhecimento da importância da organização da comunidade em torno de interesses comuns e enquanto grupo organizado ter “voz e vez”. Trabalhos cooperativos é a união de pessoas diferentes em objetivos comuns, estas vão para o grupo com toda a sua história e sua personalidade.

Desta forma os fóruns, congressos, encontros e outros espaços de discussão e reflexão para o desenvolvimento da Economia Solidária (ES) no Brasil necessita de políticas educativas bem definidas, sendo essa a condição fundamental para que se consolide como estratégia de desenvolvimento, construção de espaços de responsabilidade social de direitos e deveres promovendo assim os avanços necessários da socioeconômica, desenvolvimento à escala humana e os satisfatores, como preconiza Max-Neef (2012); Sampaio (2005); Zaoual (2006); Amartya Sen (2010); 3ª CONAES (2014).

Concluindo com Sampaio (2005) para quem:

O direito de cada homem de buscar a coerência de um projeto existencial no emprego de seu próprio tempo coletivo, ou ainda de ganhar consciência e autonomia, implica que as suas singularidades naturais e individuais conseguirão gerar uma criatura original ou irredutível. (p. 122).

Tendo a clareza de princípios para o humano, as inter-relações deste com o ambiente e a necessidade de trabalho e renda, a área de estudo tem especificidades para as quais, ainda que se perceba a competição e a busca de ganhos em escala segundo o capitalismo devorador, em alguns empreendimentos locais, pode ser um espaço onde a economia solidária possibilite uma forma de trabalho e renda nos espaços associativos e ou cooperativos.

A entrada da ITCP, em Superagüi sendo esta uma incubadora tecnológica, tem como prerrogativa desenvolver tecnologias social, que promova o desenvolvimento ecosocioeconomico com os princípios da Economia Solidária. Neste espaço comunitário não foi possível uma incubação clássica de um único empreendimento, mas a incubação de todo o território, se

configurando assim em uma metodologia específica, ou melhor, uma forma de intervenção não clássica ampliando e abrindo espaços de pesquisa, para a construção de uma metodologia nova de ação. As estratégias metodológicas são clássicas, no processo como um todo iniciando com a construção participativa, em todos os momentos de aproximação como o diagnóstico participativo, este se deu em março de 2014, onde foi utilizado o espaço da Escola municipal/Colégio Estadual de Superagüi, a escolha deste espaço tinha uma razão de ser, ele é um espaço neutro da comunidade. Neste primeiro momento a Incubadora tinha por objetivo se apresentar para a comunidade e perceber suas lideranças formais e informais. Desta reunião foram retiradas as principais demandas da comunidade.

Através de reunião de diagnóstico participativo, os temas centrais foram: os resíduos sólidos (lixo orgânico, reciclável, especial e tóxico como as embalagens de óleo de motor, saneamento básico inexistente e a consequente poluição dos rios por conta dos esgotos domésticos e de pousadas próximas aos mesmos), falta da água (especialmente na alta temporada, férias de verão), drogas lícitas e ilícitas, entre outros temas.

Em parceria com a Escola Municipal e Colégio Estadual tendo o apoio das diretoras, do pedagogo e das professoras foram realizadas reuniões e elencados temas a serem desenvolvidos assim como a metodologia de trabalho. Foi percebido ser fundamental o envolvimento dos alunos. Os temas para o trabalho das demandas foram: um jornal para a escola, este jornal já estava sendo desenvolvido pelas professoras de linguagem, assim utilizou-se deste instrumento para ser trabalhado a educação ambiental. Este tema foi desenvolvido através de oficinas, onde junto com os alunos foram elencadas as demandas destes por oficinas de artesanato com material reciclado da própria natureza como conchas entre outros, e oficinas de horta de alimentos orgânicos.

No trabalho para a oficina de horta, inicialmente trabalhou-se conhecimentos referentes à classificação dos resíduos recicláveis e orgânicos. Para isso foram desenvolvidos alguns momentos didáticos com apresentação de conteúdo teórico com recursos de multimídia como Datashow e vídeos, e atividades práticas como confecção de mapas da comunidade, junto aos alunos

da escola municipal/estadual, utilizando canetas coloridas, papel e material reciclado no próprio pátio da escola.

A proposta para os alunos após sensibilização, foi trabalhar o que é reciclagem e a diferença entre os materiais: orgânicos e recicláveis, e tipos de materiais que podem ser reciclados. Então se propôs recolherem no pátio da escola, pequenos materiais recicláveis e folhas. Na sequência voltaram para a sala e foi solicitado construírem o caminho que fazem para ir de casa para a escola. E lembrarem o que encontram pelo caminho: casas, panificadora, trilha, lixo, árvores, flores, animais. Disponibilizou-se o material necessário, e com o apoio das professoras eles executaram o trabalho e depois foram até o pátio para expor no varal didático preparado para a atividade.

Tendo a escola como ponto de partida, ela aparece como central até porque estavam na escola. Foi ainda possível avaliar o sentido de pertencimento ao sítio simbólico, quando as residências do caminho eram lembradas pelo nome do morador tendo muitos que eram membros de suas famílias consanguíneas, a tia, primo, avó, colega da escola, e principalmente suas casas. As crianças em nenhum momento estabeleceram relação com qualquer aspecto que se definiria como negativo.

Foi percebido no trabalho que o lixo incomoda muito, mas ainda assim ao observar eles saindo do estabelecimento comercial perto da escola e comprando seus doces, antes da atividade, eles jogavam o papel no chão. Depois da atividade por alguns dias se percebeu uma diminuição, para logo em questão de algumas semanas quando da volta da equipe da ITCP, uma retomada dos antigos padrões.

Pode se analisar esta percepção através de Kozel (2006) a qual desenvolveu uma metodologia de trabalho com mapas mentais buscando compreender como se dá a percepção dos espaços geográficos. Para ela os mapas mentais são constituídos a partir do percebido no real e significados através dos filtros dos sentidos, e ainda que esses são influenciados pelos fatores socioculturais. A construção da imagem mental é fruto de uma articulação com o imaginário, esse imaginário nesta fase da vida é rico e sutil. O real e o imaginário se misturam construindo um espaço de significados e significantes.

Já para Tuan (2013) são aprimorados pelas experiências sensoriais e cenestésicas, no caso da criança de forma orgânica, sem construção mental do mapa no papel, mas uma construção corporal pelo hábito de todos os dias passar pelo mesmo lugar. Foi percebido que eles articularam sendo o trabalho em equipe, um complementando o caminho onde o outro esquecia algum detalhe.

E ainda a percepção de que os pontos de apoio no espaço geográfico para os menores, sendo a casa de alguém representativo em seu círculo familiar, uma tia e principalmente avós. Esta atividade foi realizada com variação na apresentação com os alunos do colégio de 6º ao 9º ano e ensino médio.

A ação da ITCP na comunidade da Barra do Superagüi, através da realização de oficinas na Escola e Colégio, e concomitantemente reuniões com as mulheres da Associação Cristã feminina e com a Associação de Moradores da Barra do Superagüi. Estas reuniões, com as mulheres tiveram por objetivo formação, em princípios de Economia solidária, associativismo, cooperativismo e ainda com algumas mostras de trabalhos manuais possíveis utilizando material reciclável. Uma das demandas destas associadas era desenvolver produtos para venderem na temporada, construídos no inverno e no defeso do camarão.

Nesta fase do ano auferir renda em toda a região de Guaraqueçaba, exige muita criatividade. A partir destas formações a Incubadora disponibilizou alguns tecidos para iniciarem um curso de costura com as mulheres da comunidade, este curso tinha por objetivo melhorar a renda, tendo o fato de algumas famílias passarem por dificuldades econômicas, no tempo de “peixe magro”<sup>44</sup>.

As reuniões com a Associação de Moradores, e vale lembrar esta associação, é para toda a comunidade, estão muitos dos que participam dos encontros e atividades na escola e na Associação das Mulheres. Nestes encontros o objetivo foi melhorar a credibilidade da comunidade nas ações de sua associação. Esta que é fundamental na articulação com as instâncias de

---

<sup>44</sup> “Peixe magro” são os tempos do defeso do camarão sete barbas, que vai de 31/03 a 01/06, atualmente para os pescadores cadastrados na colônia de pescadores existe um salário, uma espécie de seguro defeso. As vezes este dinheiro demora para chegar.

governança que atuam na ilha como os gestores do ICMBio e a Prefeitura Municipal de Guaraqueçaba. O presidente da Associação de moradores, tem um período de dois anos para trabalhar, podendo ser reeleito por mais dois anos. Tendo o seu mandato encerrando agora no ano de 2015, e foi reeleito. Todas as necessidades da ilha desde uma reforma da casa, melhora nos atendimentos de saúde, limpeza de trilha, manutenção das pontes nas trilhas, coleta de lixo, autorização para reformar, construir na região tudo passa pela Associação de Moradores.

A dificuldade percebida na comunidade em relação a confiança nas ações da associação passa pela estreita ligação desta com o ICMBio, tendo que Guadalupe Vivekananda participa de todas as reuniões da associação as quais são realizadas nos dias 10 de cada mês. Enquanto parte da equipe ITCP, em pesquisa de campo teve-se a oportunidade de participar destas reuniões. O número de responsabilidades que são depositadas nas mãos do presidente da Associação de Moradores é espantoso; liberar e receber pedidos para reforma, construção, pessoas que solicitam espaço para construir para um filho que casou, pessoas que solicitam espaço porque foi morar fora e agora quer voltar; veranista, o qual recebeu notificação que precisa deixar de ser morador, e seu imóvel será destinado para outro fim; pedidos e notificações da Prefeitura, e Vivekananda, sempre junto, sendo a porta voz para tudo o que diz respeito ao espaço, ao uso, ao extrativismo, a ampliação, zoneamento. Sendo a Associação que através dela (Guadalupe) permite sejam levadas as solicitações ao SPU (Superintendência do Patrimônio da União).

## 5.2 A METODOLOGIA DA ITCP

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná. O próprio nome traz seu objetivo, incubar (ajudar a se desenvolver) empreendimentos coletivos, com o objetivo de trabalho e renda, autonomia e autogestão possibilitando a emancipação e inclusão social. O primeiro empreendimento a Cooperativa de Artesãos de Guaraqueçaba foi uma reincubação, esta cooperativa, que nasceu a partir da Associação de Artesãos de Guaraqueçaba, fundada em 1997, desde sua origem tinha por objeto representar os artesãos da região, não apenas da sede, mas de todo o

Município de Guaraqueçaba, tornou-se cooperativa em 2004, através do apoio de um projeto do PROVOPAR (Programa do Voluntariado Paranaense). Tendo participado através desse convênio de diferentes projetos para captação de recursos, e também de eventos estaduais e nacional, a cooperativa em nenhum momento foi mobilizada para se tornar protagonista destas ações, este fato se foi bom por promover a comercialização e aumento da renda, por outro lado impediu a emancipação do grupo. Após o fim do programa a cooperativa foi entrando em um processo de encolhimento, e uma situação crítica para a sua manutenção.

A partir de 2014, inicia a intervenção da ITCP, por isso reincubação. Entende-se reincubação a ação de incubar um projeto que já passou por alguns dos momentos de sua criação, sendo agora um relembrar conceitos e reorganizar o empreendimento, e formar novos canais de comercialização. A formação através de oficinas de projeto, para que os próprios cooperados fossem capacitados a apresentar seus próprios projetos. E ainda se tornarem aptos a buscar formas de comercializar seus produtos, preferencialmente no mercado local como lojas, pousadas e espaços vinculados ao turismo.

Nesta região onde o trabalho assalariado é privilégio de poucos, o artesanato se apresenta como uma necessidade para a manutenção, para alguns como a fonte principal de renda. Sendo ainda, fonte de renda direta para muitos, pela venda da matéria prima fruto do extrativismo, como a fibra da banana, da qual se retira quatro a cinco produtos final; a madeira para os trabalhos de entalhe, o cipó e bambu, escamas de peixe em especial a Miraguaia, casca de ostra, conchas, sementes entre outros.

Segundo a FINEP “o cooperativismo popular é uma forma de organização social que gera emprego e renda, mantendo relação direta com a melhoria da qualidade de vida”<sup>45</sup> a capacidade de autogestão é fundamental para que as cooperativas sejam viáveis, e esta instituição entende que as Universidades podem possibilitar a capacitação. A ITCP/UFPR então elaborou um plano estratégico e desenvolveu atividades de oficinas com o objetivo de organizar as ações administrativas da Cooperativa de Artesãos de Guaraqueçaba.

---

<sup>45</sup> Disponível em: [http://www.finep.gov.br/pagina.asp?pag=programas\\_proninc#](http://www.finep.gov.br/pagina.asp?pag=programas_proninc#) Acesso em: 25/04/2015

O programa de incubadoras foi desenvolvido pelo COPPE/UFRJ como difusor de tecnologia social para outras universidades brasileiras na criação de incubadoras. E então recebeu apoio de outras instituições como o Banco do Brasil através de sua fundação em parceria com a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) e do Ministério do trabalho e emprego (MTE).

Definindo o que se entende por empreendimentos econômicos solidários, como organizações associativas que tem por objetivo atividades econômicas, e os trabalhadores do meio urbano ou rural exercem de forma igualitária e democrática a gestão das atividades e os resultados são divididos igualitariamente. Para a FINEP, a incubação de empreendimentos econômicos solidários é uma forma de assessoria que acontece desde o surgimento do mesmo até a sua autonomia e viabilidade econômica.

O PRONINC – Programa Nacional de Incubadoras, criado a partir do Decreto nº 7.357 de 17/11/2010, que tem como meta o fortalecimento dos processos de incubação de empreendimentos econômicos na lógica da economia solidária. Tendo por objetivos: i) geração de trabalho e renda; ii) construção de referencial conceitual e metodológico acerca de processos de incubação; iii) articulação e integração de políticas públicas e outras iniciativas para desenvolvimento e promoção de iniciativas local e regional; iv) desenvolvimento de novas metodologias de incubação de empreendimentos econômicos e solidários; v) formação de discentes universitários em economia solidária; vi) disseminação da economia solidária nas instituições de ensino, seja cursos, disciplinas, estágios e ensino superior.

Na viabilização do trabalho em Economia Solidária e Cooperativismo, em comunidades, a pesquisa teve como aporte conceitual a teoria de Sítios Simbólicos de pertencimento (ZAOUAL, 2006). Porque a proposta é para uma nova economia, diferente da economia de mercado para os empreendimentos associativos e cooperativos, em especial nas comunidades pequenas, no meio rural, nas camadas de exclusão social. A ITCP, tem sua ação dentro da visão participativa de Paulo Freire<sup>46</sup> (1992), de Amartya Sen (2010) e novas formas de relação econômica preconizando o Desenvolvimento como liberdade e ainda, que a ação da Economia Solidária está atenta à satisfação de

---

<sup>46</sup> FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.



necessidades comunitárias, de grupo, coletivas e não individuais. Na busca de emancipação dos atores local a teoria dos satisfatores de Max-Neef (2012), a qual possibilita perceber que a necessidade aparente nem sempre é a necessidade de fato. Em Superagüi, a necessidade aparente era resolver o problema da falta de água no verão. Mas ao se observar bem a dinâmica comunitária percebeu-se que a necessidade de fato era a união comunitária, autonomia, autogestão na busca de fortalecimento para o enfrentamento em relação aos gestores públicos em busca de resolver seus problemas atuais e futuros.

A economia solidária em seus princípios: valorização do trabalho; satisfação das necessidades de todos, criatividade tecnológica e da atividade econômica; reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino numa economia fundada na solidariedade; busca de um intercâmbio respeitoso com a natureza; os valores da cooperação e da solidariedade. Os objetivos da economia solidária, indicam para uma economia da felicidade. Onde todos os direitos e deveres serão respeitados uns e cumpridos outros, é na atualidade uma utopia, possível sim. Longe da realidade também. (BRASIL, 2006)

No âmbito do Sistema de Economia Solidária (SIES) esta é compreendida como o conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, consumo e crédito – organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores e trabalhadoras sob a forma coletiva e autogestionária. Características: cooperação, autogestão, viabilidade econômica e solidariedade. Os empreendimentos econômicos solidários compreendem as organizações coletivas como: associações, cooperativas, empresas autogestionárias, grupos de produção, clubes de trocas, redes e centrais entre outras. Os trabalhadores podem ser do meio urbano ou rural exercem coletivamente a gestão das atividades assim como a distribuição dos resultados. (BRASIL, 2006). Estes empreendimentos são solidários entre as pessoas que os compõem na venda, na compra e na responsabilidade sócio ambiental.

A importância de compreender o universo da economia solidária, está no fato de estar intimamente ligada ao cooperativismo, ainda que nem todas as cooperativas sejam empreendimentos na lógica da economia solidária, e ainda a percepção que o Turismo de Base comunitária, para se estabelecer e

realmente se tornar uma atividade rica e interessante, para o anfitrião quanto para o visitante é que seja realizado de forma associativa ou cooperativa.

Esta pesquisa, foi desenvolvida através de visitas periódicas com a equipe da ITCP/UFPR na cidade de Guaraqueçaba e a vila insular Barra do Superagüi. Durante as visitas foram realizadas reuniões de sensibilização da comunidade e formação/capacitação em autogestão e autonomia dos empreendimentos. Os empreendimentos voltados aos princípios associativos e cooperativos de economia solidária. Esses encontros tinham o objetivo de formar uma cadeia inter-relacionada de empreendedores cujo interesse pudesse ser canalizado para possível implantação do Turismo de Base Comunitária.

Tendo o conhecimento das demandas em Superagüi a equipe Etur litoral junto à coordenação da ITCP, percebeu que ali teria que ser outra metodologia, a metodologia de incubação clássica não permitiria um trabalho a contento. Então a partir das demandas as quais foram se avolumando, também se buscava conhecimento no sentido de incubação de todo o território da Barra do Superagüi. Neste sentido a equipe necessitou mais do que nunca transcender a disciplinaridade, interdisciplinaridade e tornou-se multidisciplinar e transdisciplinar. Onde todas as áreas de conhecimento cada uma em sua abrangência própria se uniu para um trabalho conjunto, de objetivos comuns ainda que com demandas diferentes. Direito, pedagogia, farmácia, veterinária, turismo, zootecnia, economia entre outras foram mobilizadas para ações na escola; associação feminina, e associação de moradores. A forma de ação foi através de oficinas, onde se trabalhou os conteúdos, a teoria na prática.

Pedro Demo em sua obra *Participação é Conquista* (1988) acredita que participação é instrumento de autopromoção, e a própria promoção. Sendo ainda o caminho para se alcançar os objetivos, e foi através da conquista da confiabilidade dos Comunitários que a ITCP, conscientizou a comunidade para a importância de unir esforços e confiar em sua Associação de Moradores. A Associação de Moradores tendo uma necessidade pontual da comunidade para ser solucionada, sem o apoio do Poder público para resolver. Esta necessidade era vital para a comunidade, a falta da água potável. O sistema de água precisava ser ampliado e melhorado em sua captação. A água para a

comunidade da Barra do Superagüi vem de duas nascentes no morro das pacas na própria Ilha do Superagüi.

Como conseguir recursos para a solução de problemática tão complexa. Primeiramente se buscou a solução que seria o caminho normal, a Sanepar responde pela água tratada do Paraná. A equipe da ITCP, se responsabilizou por entrar em contato com a empresa, e então veio a saber que ela poderia dar algum apoio, mas na comunidade não seria interessante para eles operarem o sistema.

Neste ponto, a comunidade e a equipe ETUR litoral executora do projeto da ITCP/UFPR de turismo e economia solidária em Guaraqueçaba, se reuniram no sentido de achar outras possibilidades para solucionar e resolver este problema. O caminho no qual houve adesão de todos foi realizar uma festa, a comunidade não tem muitas comemorações e festas, neste ponto todos acolheram, e qual seria a comemoração? O retorno do período de pesca do Camarão Sete Barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*) (VIVEKANANDA, 2001). Este que é a principal fonte de trabalho e renda da comunidade. Para quem pesca, para as mulheres que descascam camarão e para aqueles que compram o produto na ilha e revendem em Paranaguá e em São Paulo. Hoje na ilha existem vários barracões que tem essa função, cada um de um dono diferente. Esta também é uma questão social, que propõe pesquisas, assim como o trabalho das mulheres no descascar camarão.

A comunidade se envolveu com a Associação de Moradores, o apoio da ITCP se deu em todas as etapas do planejamento até a execução do Evento. A primeira festa do Camarão Sete Barbas da Comunidade da Barra do Superagüi. A festa contou com a participação da comunidade com os quitutes, as bebidas, as atividades de: futebol, corrida de canoas, pesca com vara, futebol feminino. Tendo que os prêmios todos arrecadados na própria comunidade e pelos comunitários. A comunidade da Barra do Superagüi e as comunidades vizinhas foram os principais consumidores. Na região é tradição que as comunidades se apoiem nas festas e comemorações.

Este é outro assunto de grande interesse, todas as comunidades de Guaraqueçaba ao Sul de São Paulo têm em algum lugar parentes. Este foi também um momento de encontro e confraternização familiar. A avaliação do evento aconteceu logo após o término do mesmo, ainda que com percalços. E

no momento estão sendo reavaliados, por ocasião da preparação para a segunda Festa do Camarão Sete Barbas de Superagüi com previsão para a primeira ou segunda semana de junho, quando do fim do defeso do camarão Sete Barbas, no sentido de melhorar a participação evitando os equívocos da primeira. Nasceu deste evento a possibilidade da comunidade se mobilizar para construir uma nova represa para a água, e melhorar todo o sistema. Foi ainda formada uma comissão, a qual como parte da associação, criou algumas regras que estão aos poucos sendo implantadas para os usuários do sistema de abastecimento de água potável. E para Demo (1988) “Participação deveria levar ao fenômeno da autopromoção” tendo autopromoção como uma política social, centrada nos interessados, estes que vão gerir e autogerir a “satisfação das próprias necessidades com vistas a superar a situação assistencialista de carência e ajuda” (p. 67).

Esta ação exemplifica a forma como a ITCP/UFPR desenvolve suas ações, como apoio e orientação técnica e científica de processo de consolidação e organização de grupos populares, empreendimentos cooperativos ou associativos de pequeno porte, e no desenvolvimento de ações que dão possibilidade para que se desenvolva no caso da Comunidade da Barra do Superagüi o Turismo de Base Comunitária. Essas temáticas se constituem como propostas distintas, porém complementares, e vêm ganhando espaço na pauta de debates sobre as alternativas na redução da desigualdade social, frente ao atual modelo de desenvolvimento competitivo e globalizado. E fundamentam-se na perspectiva de uma sociedade mais participativa em seus modelos de gestão. A atuação se dá em associação entre o saber acumulado da comunidade, e o conhecimento acadêmico interdisciplinar da Universidade nas diversas áreas do conhecimento, envolvendo a participação de técnicos, professores orientadores e alunos bolsistas em nível de graduação, especialização, mestrado e doutorado.

A metodologia da ITCP/UFPR considera como focos de atuação a família e a propriedade; o empreendimento e a comunidade, a partir da inclusão das dimensões humanas (MAX-NEEF 2011), econômicas, ambientais e sociais. Essa perspectiva metodológica dinâmica se caracteriza por permitir o descolamento do campo de visão da incubadora, tanto para o microssistema, representado aqui pelo núcleo familiar, quanto para o macrossistema,

representado pelo contexto da comunidade na qual está inserido o empreendimento.

A partir da avaliação dos empreendimentos incubados aproxima-se a metodologia de intervenção da ITCP/UFPR às propostas de desenvolvimento local. Contudo, o mais importante é a construção metodológica que se reinventa e ressignifica, na convergência teórica dos processos de intervenção entre a ITCP/UFPR e a comunidade. A ITCP traz em seu fazer inserção na comunidade, a especificidade da técnica da Pesquisa Ação, segundo Thiollent (1992).

Estas ações não acontecem sem conflitos e erros. Um dos enganos mais passível de ocorrer nas intervenções de instituições públicas sejam Universidades, ONGs, instituições religiosas é promover a dependência ao invés da emancipação dos empreendimentos ou da comunidade. E uma das etapas mais delicadas do processo é levar os empreendimentos incubados a fazerem, no sentido de obterem os resultados que desejam. Existe uma tendência, a qual foi alimentada por muitos órgãos que deveriam ser apoiadores, tornaram-se mantenedores. A desincubação, o momento de ver o empreendimento caminhar sozinho, é de extrema delicadeza. A ITCP, tem por norma, que não sai totalmente do campo de atuação deixando sempre a possibilidade, de, se o empreendimento sentir necessidade pode buscar a porta da ITCP, a qual estará sempre aberta.

Finalizando este capítulo, o qual teve por objetivo apresentar o apoio de órgãos públicos, no caso Incubadora Tecnológica da Universidade Federal do Paraná ITCP/UFPR, em ação de apoio e fortalecimento de empreendimentos dentro da lógica da Economia Solidária. Demo (1988) alerta para:

A meta é a autopromoção, que é também critério fundamental deste tipo de política social. Autopromoção deve aparecer em todos os momentos do processo, desde a capacidade própria de entender seus problemas, até a de enfrentar com criatividade, política e econômica. Com isto, o agente externo é colocado no seu devido lugar, quer dizer, não desaparece da cena, mas fica nos bastidores, de onde pode sugerir, discutir, defender pontos de vista, mas não se impor e comandar. Em momento algum pode substituir o interesse e a capacidade do grupo. (p. 142)

Complementando com uma definição de território da terceira Conferência de Economia Solidária:

É um conceito aberto, abrangente, complexo, em construção, que deve contemplar as relações econômicas, sociais, culturais, religiosas, etc. dentro desse território e a relação com outros movimentos sociais [...] É onde se articulam ações em prol dos nossos valores e princípios. É o espaço onde ocorrem as relações sociais, potencializando o que é comum, respeitando as diferenças e construindo, a partir do diálogo, o sentimento de pertencimento e laços de identidade. [...]. É espaço de construção da autogestão para além dos empreendimentos (3ª CONAES, 2014, p. 10).

Estas propostas e diretrizes entram em ressonância com toda a proposta de trabalho na consolidação de um espaço onde o Turismo de Base Comunitária poderá ser consolidado como um empreendimento econômico e social, tendo em suas bases os fundamentos da ES, caso contrário não terá esta denominação. Isto ainda na direção da Economia de base Local (ZAOUAL, 2006; MAX-NEEF, 2011; SAMPAIO, 2005; AMARTYA SEN, 2010).

A atuação da ITCP/UFPR através de seu projeto de Economia Solidária e Turismo, no momento social do encontro com a comunidade da Barra do Superagüi foi realmente um fato gerador de mudanças. Nos primeiros meses, a dificuldade de organizar um momento onde a comunidade se sentisse motivada a participar, motivou a equipe ETUR/LITORAL a repensar a metodologia de trabalho, e foi um desafio impondo a necessidade de novas pesquisas em busca de um caminho que pudesse colocar os grupos em interesse convergente, sendo interessante para a comunidade. Como já foi demonstrado a Escola/Colégio foi o primeiro espaço a abrir-se para um trabalho conjunto, na sequência diante dos resultados as outras instâncias (Associação Feminina Cristã e Associação de Moradores) também se aproximaram, e então a partir da aproximação o trabalho cresceu, no sentido de buscar solução conjunta para os problemas comunitários. Finalizando a análise da atuação desta interventora, pode se concluir que o trabalho foi positivo para a comunidade e também para os interventores.

A comunidade, demonstrou capacidade, ainda que com esforço e luta de se mostrar em processo de busca de autonomia, foram revelados no processo líderes informais, os quais estão verdadeiramente interessados no

bem-estar da comunidade, estes presentes na Escola/Colégio, Associação Feminina Cristã e Associação de Moradores. O saldo da atuação da interventora, mais do que ganhos em recursos e solução de problemas trouxe formação, desejo de construir em benefício comum, a confiabilidade da comunidade em sua Associação de Moradores, a qual teve a diretoria anterior reeleita em julho/2015. Já realizaram com apoio da interventora a segunda festa do Camarão Sete Barbas da Comunidade e melhoraram o sistema de abastecimento de água potável. Desta forma a comunidade percebeu que pode ser gestora e dentro dela está a solução de suas problemáticas tanto socioeconômica quanto políticas, deixando de esperar ajuda de caráter assistencialista. E ainda o ressignificar o fandango se mostrou um renascer cultural como processo de identificação comunitária. Este esforço planejado e conjunto pode minimizar as desigualdades sociais, promover a conquista de direitos e consciência dos deveres, segundo Demo (1998). Desta forma as conquistas comunitárias no processo foram auto estima, auto-gestão, protagonismo, desenvolvimento de tecnologias como o site e tecnologias social como formação para a gestão e alimentação do site por parte dos próprios comunitários, num sentido de autodepência como preconiza Max-Neef (2012) os satisfatores que são mais do que satisfazer as necessidades aparentes primárias, mas a necessidade real além destas.

## CAPÍTULO VI

### 6 O “ESPAÇO VIVIDO”

*Todos os jardins deviam ser fechados,  
Com altos muros de um cinza muito pálido,  
Onde uma fonte pudesse cantar sozinha entre o vermelho dos cravos.  
O que mata um jardim não é mesmo  
Alguma ausência nem o abandono...  
O que mata um jardim é esse olhar vazio  
De quem por eles passa indiferente.  
Mário Quintana<sup>47</sup>*

Este capítulo tem por objetivo apresentar, como o espaço da pesquisa, se organizou historicamente, e tornou-se o “espaço vivido” da comunidade da Barra do Superagüi. Busca-se trazer os elementos históricos, que levaram ao povoamento destas terras através do Litoral norte do Paraná tendo Fausto (1995, p. 12) como o mentor do capítulo por que “Não chega a ser cidadão quem não consegue se orientar no mundo em que vive, a partir do conhecimento da vivência das gerações passadas”.

Sendo o Brasil um país multicultural, é um amálgama de saberes e fazeres. Sendo fruto da miscigenação de etnias, a manutenção de algumas tradições, ainda estão como que congeladas no tempo espaço como era vivenciada. Isso o transforma em um repositório de conhecimentos, os quais já não existem em sua região de origem. Todos esses elementos tornam o Brasil singular, em paisagem, formas de vida e relevos. O Oceano Atlântico, que banha a costa do Brasil, como efeito, se manifesta em cada região com coloração, paisagem e temperatura da água, diferente.

#### 6.1 UMA QUESTÃO DE SENTIDO

Como estava o Planeta Terra, no momento em que o Brasil estava sendo conhecido pelos europeus, para Morin; Kern (2001) depois do início da vida planetária, e muitas trocas genéticas, entre todos os reinos, inclusive o humano, muitas doenças e saberes fazeres foram desenvolvidos através dessas trocas,

---

<sup>47</sup> Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tag/mario-quintana/> Acesso em: 24/04/2015



proporcionadas pela mobilidade de alguns seres vivos. Esses seres, em especial o *homo sapiens*, contribuiu em muito para a miscigenação genética, pois onde ia trazia, plantas, animais e até seres humanos de outras terras.

A Europa que antes tinha a alimentação baseada em “papas de cevada e de painço” passa a ter as batatas, em sua dieta. Os europeus aprendem com os americanos o uso do algodão, cana de açúcar, café entre outros. Com o advento do comércio marítimo e a constituição de grandes companhias marítimas, inglesas, francesas e holandesas em busca das especiarias das Índias e ocidente, o aumento das trocas Europa/Oriente/Américas. Neste período a Europa conhece um “desenvolvimento” acelerado. São abertas estradas e canais de navegação. Os estados, e burgos trocam produtos entre si. É dentro desse movimento que ocorrem as guerras por posses de terras no continente americano, africano e asiático. As grandes colonizações. (MORIN; KERN, 2001, p. 18).

Segundo Morin; kern (2001, p 18) a era Planetária se desenvolve “na e pela violência”. A era de ferro planetária, para o autor, e na qual segundo ele ainda estamos, traz progresso econômico e o desenvolvimento das comunicações, a inclusão dos continentes subjugados, ao mercado mundial. Com toda a movimentação idas e vindas o resultado é uma explosão demográfica mundial, tendo a Europa passado em um século de 190 para 493 milhões de habitantes e o planeta de 900 milhões para 1,6 bilhões. (MORIN; KERN, 2001). O que complementa Fausto (1995) a Europa de 1150, em crise, nascida das ruínas do império romano, frente os povos bárbaros, começa a se modificar “pela expansão da agricultura e do comércio”. (p. 20).

Na idade média os mapas tinham a Ásia, e Jerusalém como o centro do mundo, e a partir de 1500 a Europa passa a adquirir destaque nos mapas da terra. A partir das explorações marítimas, e a descoberta dos países densamente habitados segundo Tuan (2012) fica difícil manter a visão religiosa dos mapas a partir da esfera do globo dividida por um traçado similar a letra T, que corta ao meio (em latitude) e reserva uma parte superior (longitude), representando Jerusalém e o resto do mundo. Neste momento a terra santa perdeu seu status de mundo simbólico. O gosto pela aventura, o desejo de prestígio por parte dos nobres, e servir a Deus através da cristianização de

povos bárbaros, foram a motivação para a expansão das navegações, e daí a vinda dos europeus para as novas terras. (FAUSTO, 1995).

“Há cinco séculos estávamos distantes de um mundo inteiramente conhecido, fotografado por satélites, oferecido ao desfrute por pacotes de turismo. Havia continentes inteiramente desconhecidos, oceanos não atravessados” (FAUSTO, 1995, p. 23). As religiões universalistas, dentro de um movimento de mundialização das ideias também se abriam para todos os homens da terra, com termos “o bom selvagem” “homem natural”, é verdade que conteve os barbarismos, mas tornou esses humanos crianças primitivas que necessitavam de condução. (MORIN, 2001).

O que realmente impulsionou a expansão portuguesa? Para Fausto (1995), foram o ouro e as especiarias. O ouro era a moeda da época, com ele se decorava palácios, e, mantinha os nobres, nobres. Já as especiarias, vinha do termo latim *especia*, usado pelos médicos, tinha um sentido de substância cara, sendo usada como condimento, remédio e perfumaria. Associa se especiaria também com produto raro, utilizado em pequena quantidade. (FAUSTO, 1995).

Nestes tempos, o Brasil se caracterizava por conter em seu território regiões bem diversas entre si, as comunicações eram muito difíceis com áreas inexploradas e desconhecidas. Aspecto que persiste no Brasil de 2015, sendo um país policultural com muitas regiões diversas. Em muitos rincões vivem brasileiros que no aspecto de acesso ao conhecimento e às tecnologias sociais, impressiona tal a falta de recursos. O acesso via estradas ou rodovias é inexistente, sendo realizado em meio a rios, mangues, florestas e outras formas de caminhos, trilhas. As comunicações via internet, telefone, telefone celular, para um grande número são recursos os quais, nem sabem o que é. Em Guaraqueçaba existem comunidades e famílias inteiras vivendo com essas condições, o que dá algum conforto é a energia elétrica, a Copel consegue chegar a lugares que sequer se imaginava haver a possibilidade. Ainda assim com limitações para comunidades no interior de áreas de proteção integral como PN. Na reunião do Conselho da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba (APA), esta foi uma percepção apresentada na fala dos pesquisadores, universitários, ONGs (Organização não Governamental), e

principalmente pelos representantes das comunidades, presentes no encontro<sup>48</sup>.

Enquanto isso, o Brasil já fazendo parte do Planeta conhecido, para Rugendas (1941) e de acordo com relatórios dos viajantes Jean de Léry e Hans Staden, no Brasil à época da conquista os habitantes primitivos estavam em grau mais elevado de civilização do que o percebido na época em que esta obra (RUGENDAS, 1941), em sua primeira edição de janeiro de 1940 estava sendo escrita. Para esses autores o contato com os portugueses levou os povos originários do Brasil à decadência, entre eles os Tapuias, Tupinambás e os Tupi-Guarani que ainda povoam o litoral do Paraná. Na ilha do Superagüi havia uma tribo que vivia no morro das Pacas, essa tribo devido à pressão da comunidade da Barra do Superagüi, foi levada a sair da região em 2010 (KASHIWAGI, 2011). Esse agrupamento considerava aquela área como tradicional. A comunidade da Barra do Superagüi, retira a água potável de duas nascentes nesse morro, e a razão para tirar os Guaranis dali: eles estavam desmatando e contaminando essas nascentes<sup>49</sup>. (Dados da pesquisa).

Vivekananda (2001, p. 42). Relata que o grupo indígena Mbya Guarani, que ocupava o Morro das Pacas, eram oriundos de uma região do Rio Grande do Sul, estavam de passagem. Adentraram o litoral norte do Paraná, via Estado de Santa Catarina. Muitos continuaram migrando em direção ao litoral de São Paulo, ficando um remanescente de 20 indivíduos. Tendo costumes completamente diferentes dos nativos, moradores da Barra do Superagüi, desmatavam mais do que necessitavam para suas plantações, tendo costumes de alimentar-se de caça e não de pesca. Segundo dados de Vivekananda (2001) eles costumam aprisionar animais para venda. Estes quesitos geraram

---

<sup>48</sup> Neste encontro do CONAPA, (21/11/2014). A presença da comunidade foi muito pequena, sob a alegação de que os comunitários não tinham direito a diárias, os comunitários se sentiram prejudicados pois deixam de trabalhar três dias para estar no encontro. Esse tempo sem ganhos pesa na economia doméstica.

<sup>49</sup> Os dados obtidos para esta afirmação vieram de entrevista oral, esta entrevista nasceu de um diálogo a partir de perguntas semi- estruturada sobre as dificuldades que existe em viver no lugar onde estão, e foi informado que existe uma grande falta de água potável em especial na alta temporada, e que agora, talvez possa ser melhor conduzido para a solução, tendo os “Guaranis” não estão mais ali. Procurou-se investigar a razão da comunidade em parte achar positiva a saída da tribo da ilha do Superagüi, e eles então explicaram o motivo relatado acima. Não é unânime o desejo de que os indígenas fossem retirados, ou expulsos segundo um grupo que via neles amigos.

conflitos entre os moradores, e também com os objetivos de manejo do PNS. Os Mbya Guarani, segundo pesquisas Históricas não faziam parte dos grupos originários do Paraná<sup>50</sup>. Schaden (1974<sup>51</sup> apud VIVEKANANDA, 2001).

Retomando o curso da história, o Século XVIII, foi um período de transformações para o velho mundo, as monarquias absolutistas estavam em crise. O liberalismo, traz novas concepções. A razão é a fonte do conhecimento, Voltaire, Diderot, Rousseau, não estão juntos, mas tem muitos pontos em comum. “A história humana tende ao progresso, ao aperfeiçoamento do indivíduo e da sociedade” (FAUSTO, 1995, p. 107).

As questões econômicas, se aproximam do neoliberalismo do desenvolvimento político atual. Pressupunha a não intervenção do estado nas questões econômicas, acreditava-se que a economia através da concorrência, a criatividade e aptidões individuais se encarregaria de equilibrar e harmonizar as forças do mercado, e a vida da sociedade. (FAUSTO, 1995, p. 107).

As liberdades políticas, direito ao sufrágio universal, ou seja, o voto sem distinção, ou quase, pois esse direito deveria ser garantido apenas aos que são proprietários, às demais pessoas, e mulheres, falta independência suficiente para exercer esse direito. (FAUSTO, 1995). Nos rincões do Brasil, o direito ao voto existe, com restrições devido a sua extensão e dificuldades de acesso e conhecimento. O Brasil, um país muito jovem ainda, recém-saído de uma ditadura militar, está aprendendo a ser livre e viver em Estado de direitos e deveres.

Quando teria surgido, para os habitantes novos destas terras o sentimento de brasilidade? Os que hoje aqui vivem já desenvolveram esse sentimento? No Brasil, a grande dificuldade ainda é o respeito pelo país, o amor à cultura, quão fácil é deixar o que é do país para assumir costumes importados.

Fausto (1995, p. 173) responde ao questionamento “A consciência nacional foi se definindo na medida em que setores da sociedade da Colônia passaram a ter interesses distintos da metrópole, ou a identificar nela a fonte

---

<sup>50</sup> Soares e Lana (2009) são originários do Paraná os Tupinambás, Tupiniquins, Carijós, Tupi-Guarani.

<sup>51</sup> SCHADEN, E. Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani. 3. ed. São Paulo: USP, 1974.

de seus problemas”. Quem eram os insatisfeitos na época? Os pequenos proprietários rurais, artesãos, soldados, e a parte dos letrados da sociedade.

Em fins do Século XVII e início do XVIII, a busca pelo ouro levou muitos pequenos agricultores e outros profissionais a buscarem a direção de Minas Gerais, com isso diminuiu a oferta de alimentos. A baixa oferta de bens de primeira necessidade, ocasionada pela mudança de atividade dos que plantavam o arroz, feijão entre outros alimentos, trouxe como consequência o aumento de preços e a fome na colônia chegou ao extremo, com isso muitos acampamentos de mineração foram abandonados. Este fato levou o homem de volta ao campo, e a percepção de um espaço para a sobrevivência, e possibilidades de ganho, o cultivo das roças e a diversificação das atividades econômicas. (FAUSTO, 1995). Fato que tende a ocorrer novamente se mantidas as condições e políticas públicas para o campo atualmente existentes no Brasil.

Com a ascensão do Marques de Pombal como ministro em Portugal, fato este que teve repercussão em todas as terras de domínio português. Como a expulsão dos Jesuítas, sendo uma delas, inclusive do Brasil, Fausto (1995), tinha como motivação a cobiça da coroa e dos grandes proprietários de terras, das extensas propriedades que a Companhia de Jesus era detentora. E a acusação foi de fomentar a rebelião dos Sete Povos das Missões contra a entrega desse território aos portugueses, fomentando a guerra dos Guaranis de 1754 a 1756. A expulsão dos Jesuítas, os quais estavam envolvidos com o sistema educacional brasileiro à época, deixou uma lacuna e um vazio no “pobre sistema de ensino da coroa”. (FAUSTO, 1995, p. 173).

Os Jesuítas, no período pombalino, possuíam uma fazenda em Superagüi, e em “24 de julho de 1759 foram presos e extraditados. Em 13 de janeiro de 1760, essa fazenda foi confiscada, provavelmente pelo Desembargador doutor Jerônimo Ribeiro de Magalhães. Mais tarde foi fundada nesta região por Perret Gentil, uma das mais antigas colônias do Paraná a “Colônia do Superagüi” (SOARES; LANA, 2009). Essa colônia não obteve em tempo algum qualquer apoio ou subvenção do governo imperial. Para essa colônia vieram imigrantes europeus, dez famílias suíças, cinco francesas, holandeses, ingleses e duas alemãs. A colônia do Superagüi existe ainda, sendo que em 2015 tem apenas uma família vivendo lá. A comunidade da Barra

do Superagüi é fruto da migração de famílias desta comunidade. Essas famílias se dedicaram desde então à agricultura e a pesca. Todos esses dados são de autoria de Soares e Lana (2009) que acrescentam ainda que essas terras eram tidas como de ótima qualidade. A figura (11 e 12) mostra a colônia no momento atual.



FIGURA 11 - Igreja católica da Colônia antiga do Superagüi  
Fonte: a autora (2015)



FIGURA 12 - colônia antiga do Superagüi  
Fonte: a autora (2015)

A Baía de Laranjeiras, dos Pinheiros e a Baía de Paranaguá, pelo ano de 1501 e 1502 eram todas de uma única Governança, nesta época começam a receber as primeiras visitas de europeus, quando André Gonçalves Dias e Gonçalo Coelho realizavam expedições. Soares e Lana (2009) através de pesquisas acreditam que eles deixaram o Tejo com a intenção de explorar a costa do continente recém descoberto. Ainda existe a possibilidade da Baía de Paranaguá ter sido descoberta por naufragos espanhóis e portugueses, esses atingiram Cananéia, e a partir daí o canal de Arapira seguindo o varadouro velho, e por aí para se chegar à Baía do Superagüi, segundo informação de Hans Staden, descritos por Soares e Lana (2009) que complementam: “Certeza temos apenas sobre o fato de Martin Afonso, no ano de 1531 ter explorado mais detidamente a baía de Paranaguá. Início da história e exploração do atual estado do Paraná.

A região de Guaraqueçaba, recebeu “Caçadores de ouro que para ali se encaminhava, seguindo o canal do Varadouro, em suas canoas cheios de audácia e ambição, seguidos de índios mansos” à frente da descoberta de ouro

no Paraná por volta de 1.578. Tendo como um dos protagonistas nesta história no Paraná Gabriel de Lara, na metade do XVII. (SOARES; LANA, 2009, p. 14). Após a fase do ouro de faisqueira, ou de lavra, voltou-se para a agricultura, plantio do arroz nos baixios, e culturas diversificadas em suas diferentes comunidades, inclusive nas ilhas como do Superagüi. (SOARES; LANA, 2009).

A importância desses dados formantes da história do Paraná, Guaraqueçaba e Superagüi, estão diretamente ligados à frase que inicia este capítulo, a importância de saber a história fundante, para se valorizar quem se é, e construir o presente esboçando o futuro.

O Paraná, como espaço geográfico habitado, tem história bem antiga, confirmado através de estudos e pesquisas. Estes estudos comprovam que por aqui passou um grupo humano que se alimentava de crustáceos, colocando as cascas dos mesmos em um mesmo lugar, construindo montanhas de cascas de ostras, mariscos e outros pequenos animais em especial de origem na água, sendo por isso denominado de “Homens do sambaqui”. (SOARES; LANA, 2009). Já Wachowicz (2010) fala da etnia Carijó e os Bandeiras, que aqui passaram como predadores desses homens, os índios. Sendo esses Bandeiras portugueses, um deles Diogo de Unhate, requereu uma sesmaria nestas terras e conseguiu, entre os rios Ararapira e Superagüi.

O Paraná, foi desmembrado do estado de São Paulo, em 19 de dezembro de 1853 tem uma área territorial de 199.880,200 km<sup>2</sup>. Conta com 399 municípios, uma população estimada de 11.081,692 habitantes. Até os 20 anos de idade, a população é composta por maioria masculina, a partir dessa faixa etária inverte e a maioria é feminina. As causas dessa mudança podem ser inúmeras, saída do país, saída do estado ou morte. Fonte do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que compõem o caderno do IPARDES, (2014) (IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento). No mesmo caderno os índices indicam uma população no campo, em maior número masculina.

O grau de urbanização do Paraná, está em torno de 85,33 %, indica alto índice de urbanização, sendo uma densidade demográfica de 55,02 habitantes por km<sup>2</sup>. O índice de Desenvolvimento Humano é de 0,749 (IDH) sendo um índice médio, a classificação nacional que leva em conta o IDHM (Índice de

longevidade e esperança de vida ao nascer, educação e renda) o Paraná está com índice 5 na classificação brasileira<sup>52</sup>.

O crescimento demográfico do Paraná é ascendente, no meio urbano em 1,36% e decrescendo no meio rural a -1,48% (IPARDES, 2013). A educação no Paraná como um todo tem um baixo índice de abandono nas séries iniciais 1º ao 5º ano, aumentando o índice para o ensino médio, com 6,4% de abandono contra 1,4% para o fundamental. (IPARDES, 2013). Os dados apontados para o Estado do Paraná, são o reflexo do que ocorre no microuniverso dos municípios, nestes os efeitos são perceptíveis, tendo a dimensão do espaço onde ocorrem.

A partir desta visão geral do Paraná, vamos retomar a região de Guaraqueçaba tendo a visão de seu João Amadeu (2015):

Mais ao longe avisto o morro do “Quitumbe” em Guaraqueçaba, os morros do Superagüi, do Bronze, do Sebuí, do Puruquara, do Tromomô, Serras do Itaqui e mais ao longe ainda na direção do Batuva, avisto a serra do Gigante, que é a mais alta da região, com mais de 1.000 metros de altitude, plantado bem na divisa dos Estados do Paraná e São Paulo. A paisagem que se me apresenta é de rara beleza e de parar a respiração. Deus o Criador caprichou na construção desse pedacinho de chão do Planeta Terra.

O nome Guaraqueçaba, é de origem Guarani, cuja origem é o nome da ave “Guara” (*Ibis rubra*), esta ave à época do início da colonização do Paraná, era encontrada desde Paranaguá até o Rio de Janeiro, sendo abundante na região. Ela tem a cor derivada de um caranguejo do mangue, de cor vermelha, do qual se alimenta (SOARES; LANA (2009). O Município de Guaraqueçaba foi desmembrado de Paranaguá em 31 de outubro de 1947. Guaraqueçaba está em franco crescimento de sua área urbana, em contraposição à área rural, que está decrescendo (IPARDES, 2013). A Barra do Superagüi, sendo uma vila do Município, está na ilha do Superagüi, e em acordo com as pesquisas realizadas

---

<sup>52</sup> (Fonte: IBGE – Atlas do Desenvolvimento Humano – PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), FJP (Fundação João Pinheiro)).



no campo, o espaço é zoneado e percebido pela comunidade como uma vila. Esta vila ilha vem se mantendo com o índice populacional em torno de 1.000 a 1.200 habitantes, segundo Vivekananda (2001; FISCHER, 2004) confirmando a impressão que se teve, e o percebido durante o ano de 2014. Neste ano a presença do pesquisador no campo foi constante, em média a cada quinze dias estava na vila com permanência mínima de três dias. A vila teve um aumento de moradias, sendo percebido que novos lotes, estavam sendo demarcados e novas casas construídas (Figura 25).



FIGURA 13 - Casa em construção na trilha em Superagüi  
Fonte: a autora (2015)

Os dados a seguir terão como fonte principal o caderno de Zoneamento da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba do IPARDES (2001).

A Área de Proteção Ambiental - APA de Guaraqueçaba foi criada pelo Decreto Nº 90.883/85 com extensão de 3.134 km. O Município de Guaraqueçaba está todo ele dentro da APA de Guaraqueçaba. Tendo um complexo estuarino de grande importância para a reprodução de muitas espécies, com uma área total de 37.791 ha sendo que boa parte é composta por manguezais, com extensão de 18.292 ha. Estas áreas têm por objetivo a proteção da fauna, flora, bioma e ainda do patrimônio cultural, e o uso sustentável dos recursos naturais (IPARDES, 2001).

Em 2010, segundo o IBGE, tinha nesta data 7.871 habitantes, a densidade demográfica segundo o IPARDES (2013) era de 3,46 hab/km<sup>2</sup> - os domicílios na área urbana eram no total de 793 e na zona rural um total de

1.507 (IBGE, 2010). Seu índice de Desenvolvimento humano municipal é de 0,587, sendo considerada o 3º município mais pobre do Paraná ocupando a posição 396 de 399 municípios total. Este Município, em sua área total tem mais indivíduos do sexo masculino do que feminino. Nas áreas rural, esta diferença é ainda mais acentuada. (IPARDES, 2013).

Enquanto isso no Paraná daqueles dias. Os dados a seguir sobre a colonização no Paraná, em especial do litoral paranaense, e do Município de Guaraqueçaba foram compilados a partir da pesquisa histórica e documental de Carlos Roberto Soares e Paulo da Cunha Lana. Estes pesquisadores realizaram um inventário sobre a Baía de Paranaguá, no Paraná desde o século XVI até os dias atuais. Estas pesquisas estão com base em relatos dos viajantes, naturalistas, historiadores, cronistas e na atualidade historiadores e geógrafos. E a pesquisa de Dysarz (2013) com os dados da política colonizadora brasileira, o qual afirma que neste período dos oitocentos, o governo brasileiro no interesse de colonização, e de desenvolver a agricultura ainda que em pequenas glebas passou a discutir, um projeto que em 1850 deu origem à Lei de Terras. Essa lei tinha por objetivo a venda das terras devolutas. Terras devolutas foram consideradas todas as terras, as quais não fossem propriedade particular. Nessas discussões estavam questões relativas a sesmeiros, posseiros e invasões legítimas e ilegítimas. E ficou então decidido que a posse e propriedade de terras seria legítima apenas através da compra. Para tal foi determinado o registro de todas as terras possuídas, e estas deveriam ser demarcadas e lavradas, caso contrário o sitiante perderia a posse. (DYSARZ, 2013).

Soares e Lana (2009); Vivekananda (2001); Diegues (2004) relatam que as terras em Superagüi, em sua maioria não havia registro de propriedade, tendo que os moradores consideravam todo o espaço como espaços de uso comum. Em pesquisa na comunidade em 2014, percebeu-se que os moradores delimitaram seus lotes, com cercas vivas, cordas, arame, madeira e em 2015 foi possível perceber alguns lotes cercados com tela. O Instituto Chico Mendes para a Biodiversidade (ICMBIO) orienta que essa prática é contra as normas do PNS (Parque Nacional do Superagüi). (Dados da pesquisa).

Em 1854, atendendo aos objetivos da demarcação das terras da união, foi criado através do Decreto Número “1.318 de 30 de janeiro de 1854, a

Repartição de Terras Públicas, [...] responsável pela consecução dos objetivos de regularização da estrutura fundiária”. (DYSARZ, 2013, p. 61). Esta lei não surtiu muito efeito, os proprietários de terra não tinham muito interesse em registrar suas terras. Essa demarcação tinha por objetivo a promoção da colonização de imigrantes europeus. E, como anteriormente apresentado todos os que se interessassem em trabalhar com a agricultura. (DYSARZ, 2013)

Carlos Perret Gentil reafirmou sua propriedade sobre as terras de Superagüi, dirigindo-se ao vigário da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário em Paranaguá. Esse registro fê-lo seu irmão, então morador em Paranaguá, por procuração. Os marcos limítrofes foram estabelecidos como: os Rios das Peças e Boguassu, na extensão relativa a ilha das peças, na parte referente a Superagüi, entre o leito do rio Segredo e Barra do Ararapira. Ainda o mesmo autor Dysarz (2013) cita que esse foi um dos poucos registros que apresenta todos os limites da terra da qual era o declarante proprietário de fato e de direito. Já a maioria dos declarantes, omitia a extensão de suas terras supõe o autor que isso se devia ao fato de que desejassem se apossar de mais terras devolutas, ou tomar de pequenos proprietários.



FIGURA 14 - mapa das posses de Perret Gentil em Superagüi  
Fonte: Michaud, W. (2002 apud DYSARZ, 2013, p. 28)



FIGURA 15 - Rio do Engenho – Ilha do Superagüi  
Fonte: a autora (2015)

Nas pesquisas de Dysarz (2013), em 1858 Carlos Perret Gentil solicita apoio do poder público, esse apoio principalmente no início da chegada das

famílias a serem assentadas em seu empreendimento. Perret Gentil alegava que seria demasiado oneroso para uma companhia manter um projeto de colonização, tal como Superagüi. Os custos com os imigrantes são exorbitantes, ele afirmava que o correto seria a concessão de créditos à sua empresa. Ele, Perret Gentil escreve se reportando que os que ficarem são os corajosos sofreram privações e venceram dificuldades, sentindo o abandono do governo. (DYSARZ, 2013). Questões políticas e o pedido por demais ambicioso, são apontadas por esse autor como causa do “não” do governo imperial às pretensões de ajuda de Perret Gentil, e, a falta de ligações com a burocracia imperial sendo uma delas.

Louis Durieu, se instalou em Superagui em 1852 com sua esposa Elizabeth, a qual veio depois. Ele se tornou um dos colonos estrangeiros proprietário na Colônia. Ele posteriormente tornou-se administrador da colônia, por escolha de Perret Gentil, quando este estivesse ausente. Perret Gentil abandonou seu empreendimento voltando-se para uma outra colônia, que servira de modelo para a criação da colônia de Superagüi, em 1859. (DYSARZ, 2013). O relato de Amadeu (2015) sobre seu encontro com Edouard Durieu, e depois o encontro com as ruínas da casa, o conhecimento e publicação de partes do livro a ser publicado por seu João Amadeu está sendo realizado mediante termo de autorização assinado pelo autor, concedido a pesquisadora, com texto redigido pelo autor:

A ruína era da casa grande do seu Eduardo. Em baixo funcionava o comércio e em cima a moradia. A ilha onde meu pai me levou em 1948 fazer as compras era a Ilha dos Pinheiros e o homem idoso que atendeu meu pai era o senhor Edouard Dorieu, o último remanescente da Colônia Suíça do Superagüi (hoje Barbado). Que pena! Eu era uma criança e nunca ia pensar que um dia precisasse escrever sua história. Mas com toda a certeza aquele foi um dia histórico para mim, pois estive frente a frente e conheci ainda em vida o último remanescente da colônia Suíça do Superagüi (hoje Barbado). Sinto-me imensamente recompensado por meu pai ter me levado naquele dia na Ilha dos Pinheiros e poder ter conhecido o seu Eduardo. Não tornaria mais a vê-lo, pois no final do ano de 1948 mudamos para Guaraqueçaba e consta que no ano seguinte, ou seja, em 1949, seu Eduardo faleceu. Edouard Durieu (seu Eduardo), nasceu em Superagüi (hoje Barbado) em 1852. Filho de Louis Dorieu e Elise Furlong. Quando seu pai Louis Durieu faleceu em 1885 ele já estava com 33 anos de idade e ainda solteiro. Dois anos mais tarde casou-se com Amelie Catellai (Castanho). (AMADEU, 2015).



O empreendimento de Superagüi, passa a ser percebido como inviável. O aprofundamento dos problemas impedia o seu crescimento, isso se dá a partir de 1850. E acredita-se que foram agravados pelo afastamento de Perret Gentil da direção da Colônia (DYSARZ, 2013). Já Vivekananda (2001) reafirma em sua pesquisa, que foram levados a Superagüi com objetivos de colonização dez famílias suíças, cinco francesas e duas alemãs, totalizando 85 pessoas. As famílias plantavam à época café, arroz, uva e banana. Ainda segundo essa autora a extração de madeira de Superagüi era a atividade mais lucrativa de então.



FIGURA 16 - Ruínas da casa do Sr. Edouard Durieu  
Fonte: a autora (2015)

Convém neste ponto um esclarecimento, a figura (16) mostra as ruínas com a intervenção de um artista contemporâneo da região percebida nas duas esculturas. Outro fato importante a relatar a partir das pesquisas de Dysarz (2013) foram os momentos de mudanças das formas administrativas e de cessão de terras por que passou a Colônia de Superagüi. Ainda o mesmo autor relata que a partir de 1866 das treze famílias de estrangeiros que ainda residiam em Superagüi, apenas sete continuavam ali, a saber “Angelo Tamagno, Pedro Scinini, Jean Baptiste Rovedo, David Catelain e Willian Michaud, e ainda que

estes são os únicos a deixarem descendentes na região. Porque esses colonos permaneceram? A razão percebida por Dysarz (2013) seria o número de pés de café que eles tinham na época. Os nomes, alguns com o tempo foram sendo modificados como Catelain, que se tornou Castanho conforme pesquisa de seu João Amadeu para o livro “Minha história, minha vida”. E complementa a lista de nomes, com o desejo de que estes relatos possam fazer parte das aulas de história em Guaraqueçaba:

Explicar também para esses alunos que além das famílias que integraram aquela comitiva de imigrantes suíços como as famílias: Scinini, Bada, Dinholz, Durieu, Rovêdo, Pfaffe, Sigwald, Ludjen, Tertholez e Cattelain, passaram também por aqueles lugares outros grandes homens como: Charles Perret Gentil, Louis Durieu, Willian Michaud, Júlio Platzman, Barão de Taunay, Visconde de Nacar e os grandes navegadores como o americano Joshua Slocum e o alemão Hans Stadem..

Concluindo, Dysarz (2013) entende que os colonos suíços que vieram a Superagüi a partir de 1860, e faziam parte do empreendimento de Perret Gentil são os verdadeiros Caiçaras, na real acepção do termo. Esses colonos passaram a produzir dentro do núcleo familiar, a passar seus conhecimentos e tradição à volta do fogo, eles tinham sua organização para o trabalho voltada para a subsistência. E ainda era comercializado apenas o excedente, com o objetivo de comprar os produtos que não produziam.

Esses camponeses desenvolveram modos de vida e um vocabulário próprio, e suas terras se eram de posse ou propriedade isso era pouco importante. O que os distinguiu ainda era o baixo nível técnico e a produção voltada ao autoconsumo. “Enfim, assinalava o surgimento de um “*ethos* camponês” de mentalidade pouco capitalista, associação mútua e significada pela posse da terra. (DYSARZ, 2013, p. 143).

Os Michaud fizeram uma roça em apenas um dia, eles convidaram seus vizinhos para um mutirão. Nessa ocasião compareceram 50 pessoas. Ao final do trabalho eles ofereceram alimentação e um baile a todos os que trabalharam. (DYSARZ, 2013). A comercialização dos excedentes deveria ser feita pelo próprio produtor em Paranaguá, e pela manhã. Segundo relato a tarde o restante poderia ser negociado com os comerciantes locais. Ficando proibido a intermediação, quem fosse pego fazendo isso era preso. (DYSARZ, 2013).

A forma como a terra era preparada por esses colonos imigrantes eles aprenderam dos nacionais, a técnica indígena da coivara e do pousio. (VIVEKANANDA, 2001; ROTHEN, 2003; DIEGUES, 2004).

A colônia do Superagüi não obteve dos poderes públicos condições para a instalação de uma igreja, mas para uma escola foi possível, assim em 1861 foi criada uma escola de instrução primária para meninos. O núcleo de Superagüi esperou 12 anos para receber um professor de primeiras letras. O professor de primeiras letras ensinava operações matemáticas, língua portuguesa e moral cristã, constituição do império e história do Brasil. (DYSARZ, 2013).

Essa escola para funcionar deveria de ter seu espaço alocado e subvencionado pelo próprio professor, assim como todo o material necessário para o funcionamento da mesma. A partir de 1854 o ensino das primeiras letras era obrigatório no território paranaense para todos os alunos que residissem a  $\frac{1}{4}$  de léguas da escola. Em Superagüi essa lei era difícil de ser cumprida devido à distância, dificuldade de acesso e o constante mal tempo, o autor conclui que essa era a realidade dos oitocentos no Brasil a baixa participação da população em idade escolar, e explicada como relaxo dos pais, e “indigência absoluta”. (DYSARZ, 2013, p. 144).

A escola de Superagüi foi extinta, aparentemente por volta de 1877, e então os pais se uniram para subvencionar o antigo mestre agora com 70 anos João Francisco de Sant’Anna Neves. Os lavradores da colônia clamaram pelo apoio do governo, o qual nunca possibilitou nenhum favor, ela sempre abasteceu vários municípios com sua produção de café, então que pelo menos os filhos possam ter educação facilitada. Na continuidade Willian Michaud é nomeado professor em Superagüi, ele deixou em seus relatos claro que não apreciava essa atividade. (DYSARZ, 2013).

A Ilha do Superagüi, era ligada ao continente até 1953 por um istmo, e foi transformada em ilha, através da abertura de um canal, o Canal do Varadouro, tendo por objetivo uma ligação com São Paulo mais eficiente e rápida, por via marítima. A obra foi iniciada ainda no tempo do Brasil império, provavelmente por mãos escravas, e por senhores de fazendas na região. Concluída na metade do Séc. XX. (VIVEKANANDA, 2001)

Finalizando esta etapa do trabalho, até este ponto o leitor foi situado nas intenções de pesquisa, apresentado aos conceitos fundantes da pesquisa; os caminhos metodológicos, pesquisas desenvolvidas no espaço, uma breve introdução à Economia solidária e a intervenção da ITCP/UFPR na Comunidade da Barra do Superagüi, e em seguida conheceu o espaço vivido atual e agora adentra na especificidade da comunidade e é um encontro entre teoria e trabalho empírico, finalizando com as análises conclusão e uma utopia possível, que só fazendo pra crer.

Este mundo vivido, é cheio de ambiguidades onde conforme se percebeu permeado de significados, estes construídos em comum em todo o território, e sítio. As vidas, as quais estão imbricadas no ambiente, nos modos de produção nas histórias pessoais e comunitárias. Ainda que sendo o mundo vivido da comunidade, por estar vendo de dentro os indivíduos não se percebem nele, desta forma a presença de um visitante permite um espelhar do eu, ao falar de si, da comunidade e do ambiente ouvem-se e percebem melhor o seu espaço vivido. Ainda assim a comunidade demonstrou perfeita interação com o ambiente e se constrói, ressignifica e transforma seus modos de vida, produção e renda em acordo com as condições do ambiente e sua ligação com o mundo externo.



## CAPÍTULO VII

### 7 A COMUNIDADE DA BARRA DO SUPERAGÜI

*A gratidão é a memória do coração. Antístenes*

Este capítulo tem por objetivo apresentar a comunidade dentro das possibilidades perceptivas do pesquisador, seus modos de vida e a relação com o espaço vivido, finalizando com a análise em acordo com o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Procede-se em seguida às conclusões e uma utopia possível. Iniciando com o olhar do saber fazer trabalho e renda, Vivekananda (2001) em sua pesquisa percebeu que essa comunidade tinha sua economia baseada na pesca, o que mais antigamente era agricultura e pesca, alternando conforme a época do ano. Essas atividades sendo desenvolvidas de forma artesanal com poucas técnicas, ou tecnologias.

Na presente pesquisa se percebeu também que na pesca se assenta a maior fonte de alimento e renda dos comunitários, o produto da pesca é em sua maioria o Camarão-sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*), o pescado mais importante da Barra do Superagüi<sup>53</sup>.

A comunidade da Barra do Superagüi, com o aumento da demanda do turismo estava dedicando boa parte de suas energias, e economias na construção de pousadas e espaços dedicados à alimentação voltados ao turismo.

A educação em Superagüi, estava passando por um momento crítico como em todo o Paraná. A escola existente é um prédio construído pela prefeitura, onde funciona a escola municipal de pré a 5ª série no período da tarde. Esta mesma instalação é emprestada ao Estado já há alguns anos para funcionar o ensino de 6º ao 9º ano e ensino médio, pela manhã e à noite. Existe no momento presente um conflito entre a comunidade e o Núcleo de Educação de Paranaguá. Este conflito foi iniciado pelo MOPEAR (Movimento de pescadores e pescadoras do Paraná) diz respeito ao fato de o Estado haver

---

<sup>53</sup> No ano de 2014 em 18/19/20 de julho a comunidade comemorou o término do período do defeso com uma festa da comunidade da Barra do Superagüi, a qual tinha objetivo de melhorar o sistema de captação de água e unir a comunidade em torno de um objetivo comum. Essa festa contou com o apoio da ITCP – Incubadora Tecnológica da Universidade Federal do Paraná e do Projeto Economia Solidária e Turismo do Ministério do Turismo.

autorizado a construção de três salas de aula na comunidade, utilizando o mesmo espaço da escola, e em madeira de Pínus. Segundo os contrários a essa construção é porque essa madeira tem vida útil muito curta naquela região, a qual é muito úmida (fig. 17). Na região de Guaraqueçaba segundo dados do IPARDES (2014) chove em média 207 dias no ano. O Núcleo Regional de Educação de Paranaguá, quando do acordo com o município para usar o espaço comum, teria um tempo limitado, e faz mais ou menos sete anos que este arranjo permanece. Assim como a Unidade de Saúde da Família que foi posta a baixo, e onde seria construído o novo prédio, continua a mais de um ano sem conclusão, tendo que no momento da pesquisa a unidade de saúde funcionava precariamente em um local alugado (fig. 18).

Na Barra do Superagüi segundo Vivekananda (2001) residiam 267 famílias. Atualmente segundo informação da Associação de Moradores está perto de 300 famílias.



FIGURA 17 - Escola Municipal e Estadual de Superagüi  
Fonte: a autora (2015)



FIGURA 18 – Unidade de saúde não concluída  
Fonte: a autora (2015)

A Barra do Superagüi, a partir de 1989 está sendo atendida por energia elétrica via cabo (FISCHER, 2004). O saneamento básico, segundo o plano municipal sobre a Barra do Superagüi, é um sistema mantido pela própria comunidade. O percebido na comunidade e segundo relato desta é que o saneamento é inexistente, a comunidade em sua maioria utiliza fossas assépticas, secas ou solta o esgoto nos rios próximos. A captação de água

também é mantida pela própria comunidade, sendo as soluções buscadas pela mesma dentro das normas ambientais<sup>54</sup>.

Comemorações de padroeiros: Colônia do Superagüi – Nossa senhora do Rosário: Barra do Superagüi, Santo André 05 a 09 de novembro (este Santo leva as butucas no seu saco, este saco é furado sempre escapam algumas, estas que escaparam serão levadas por santa Luzia em 14 de dezembro, crença popular de Superagüi e todo o Município de Guaraqueçaba). Em Guaraqueçaba, e em Superagüi, é intensa a ocorrência de Butucas, pernilongos, porvinha entre outros bichinhos que incomodam muita gente, mas estas ocorrências, tem data para começar e para acabar, e ainda fase da lua, o porvinha tem maior ocorrência em lua cheia e nova.

A vila da Barra do Superagüi, em dados de Vivekananda (2001) de 1986 a 1999 teve um crescimento de 121,11% devido ao aumento do número de casas dos próprios moradores, fazendo pressão em direção aos limites do PNS. A vila da Barra do Superagüi apesar de ser a que tem menos deslocamentos, concentra o maior número de pessoas de outras regiões como Paraná, Santa Catarina e São Paulo. Sendo estes também pescadores e a muito tempo na ilha, não se distinguem dos nativos da comunidade. (VIVEKANANDA, 2001).

A comunidade da Barra do Superagüi tinha suas áreas agricultáveis, próximo de onde se localiza a trilha para a praia deserta e nas proximidades da barra da lagoa, praia deserta. As plantações, o preparo do solo e a colheita normalmente eram feitos em mutirão, e era ao fim do trabalho que realizavam uma alimentação coletiva, ofertada pelo dono do trabalho e dançavam e tocavam fandango. (VIVEKANANDA, 2001;).

Para Adams (2000<sup>55</sup>, p. 65 apud VIVEKANANDA, 2001) a redução das atividades tradicionais pode ter sido provocada também pela criação das unidades de conservação e as restrições impostas. Estas restrições dificultam

---

<sup>54</sup> Plano Municipal de Saneamento Básico – Município de Guaraqueçaba Pr. Gestão 2013 – 2016. Sistema de abastecimento de água potável, esgotamento sanitário, limpeza urbana, manejo de resíduos sólidos, drenagem e manejo das águas pluviais.

<sup>55</sup> ADAMS, C. Caiçaras na mata atlântica: Pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental. São Paulo: FAPESP, 2000.

a prática de seus modos de vida tradicionais “acabou reduzindo a área de plantio e obrigando paulatinamente a população a procurar outras atividades”.

Vivekananda (2001) afirma que na Barra do Superagüi, 15 anos antes da criação da unidade já ocorria a diminuição da agricultura. Marchioro (2000 apud VIVEKANANDA, 2001) relata três motivações para a diminuição da agricultura tradicional de subsistência: “dinâmica demográfica, dinâmica de mercado e políticas públicas”, em sua pesquisa de campo ela constatou que essa mudança, foi em decorrência da mudança de atividade de trabalho e renda, para a pesca como atividade principal. (VIVEKANANDA, 2001, p. 65).

O Plano Municipal de Saneamento Básico – Município de Guaraqueçaba gestão 2013 – 2016. Sobre a Barra do Superagüi, afirma que a comunidade tem sistema hídrico potável, operado diretamente pelo município sem terceirização, com o apoio da comunidade local<sup>56</sup>. Este serviço não tem hidrômetro, mas tem cavalete de registro, e através de acordo com a Associação de Moradores estes pagam atualmente uma taxa e se comprometem em ter caixa d’água evitando assim vazamentos. A água potável é captada em duas fontes, localizada a 9 km e atende atualmente, segundo esse plano a 164 famílias.

Ao se inserir no dia a dia da comunidade percebe-se a efervescência, a dinâmica, um ritmo próprio, é possível mais uma pesquisa, por outra vista do “meu” ponto, em busca de sentir, e observar o ritmo da comunidade. Esses ritmos são determinados segundo Bazzo (2010) pela maré, a lua, o tempo, o vento, se chove ou faz sol, local onde vai ser encontrado determinado tipo de pescado, o qual funciona como um calendário ou agenda. Estes modos de vida das comunidades, nas imediações do Parque Nacional vem passando por mudanças desde 1985, porém ainda tem na natureza seu verdadeiro calendário (BAZZO, 2010).

Esse universo recortado para a pesquisa tem especificidades em relação a ordenações externas, e ao se tratar da postura dos habitantes do PNS, caberia aplicar as palavras de uma índia da etnia Mapuche (Chile)<sup>57</sup> que

---

<sup>56</sup> (A água que abastece a comunidade é mantida pelos próprios comunitários não tinha apoio de agente externo).

<sup>57</sup> Fonte desconhecida

espelha o que a comunidade deixou claro, quando refutou a proposta de Plano de Manejo para o PNS: “Não quero que me deem a mão, quero que tirem as mãos de cima de mim”. Existe um desconforto percebido nas respostas da comunidade à pergunta: quando você se sentia melhor agora ou no passado, antes de ser parque? A maioria responde que antes era melhor porque podiam fazer o que precisavam “podia tirar um pau para construir sem ter que pedir autorização, matava mais peixe” (reunião da CONAPA). Enquanto que outros preferem na atualidade, “porque a natureza está melhor preservada, tem posto de saúde e agora tem até médico, ainda falta água e o lixo, ainda está em toda a ilha e é um problema, mas já tem dinheiro e o que comprar se puder ir a Paranaguá comprar ou a Guaraqueçaba”. (Fala de comunitários na reunião do CONAPA).

No dia 2 de dezembro de 2014 aconteceu a reunião do conselho do parque, sendo composto por 16 membros, três representantes da comunidade não estavam presentes, sendo que a maioria dos presentes eram instituições, como Organização não Governamental (ONG), Universidade, Centros de pesquisa e a administração do Parque o ICMbio. Nessa reunião foi possível perceber a existência da compreensão dos gestores do parque, que a comunidade tem o direito a utilizar os recursos da natureza que necessitam, com equilíbrio. Através de entrevista oral, percebeu-se que a comunidade ressentida no momento da falta de liberdade para usufruir de seu espaço, como o fazia antes de ser parque, por outro lado entende que se o ICMbio não estivesse ali, talvez eles também não, já teriam perdido seu espaço para a especulação imobiliária e os veranistas como aconteceu com Vila das Peças e Ilha do Mel.

Em ressonância com Bazzo (2010) a partir da década de 1980 o excelente estado de conservação da natureza de Guaraqueçaba, levou o poder público a determinar grandes áreas legalmente protegidas. Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba (APA), Parque Nacional do Superagüi (PNS), Estação de reserva biológica de Guaraqueçaba (REBIO), Área de Relevante Interesse Ecológico de Pinheiros e Pinheirinho (ARIE), e ainda as Reservas Particulares de Patrimônio Natural (RPPN). Tendo sido decretado como reserva da biosfera, em parceria e aval da Organização das Nações Unidas (ONU). Todo esse patrimônio natural tem sua normatização pelo SNUC,

(Sistema Nacional de Unidades de Conservação), regulado pela Lei Federal 9.985. Sendo então regulamentada toda a região por duas formas: Unidades de Conservação de uso Sustentável e Unidades de Conservação de Proteção Integral como é o caso das Reservas Biológicas (REBIO) e os Parques Nacionais como o de Superagüi (PNS). Esse fato promoveu transformações nos modos de vida das comunidades, o que para alguns pesquisadores já vinha ocorrendo naturalmente, como o abandono dos modos de produção da agricultura familiar, Vivekananda (2001).

Esses são motes de pesquisa, e motivam a busca para um caminho do meio, para a comunidade e a natureza, sendo que ambos são uma e a mesma coisa. Tendo estabelecido a partir de que conceitos se vai proceder a análise dos conteúdos observados, e coletados no campo, os temas chave, cuja origem foi a transcrição dos cadernos de campo, tópicos de discussão, que na verdade foram entendidos como as instâncias que estavam sendo objeto de estudo e atividades em Superagüi inclusive a ITCP; a escola Municipal e Estadual; a comunidade; o PNS; Associação Feminina Cristã e Associação de Moradores.

Em busca de conhecimento sobre o espaço onde se faria a pesquisa empírica o primeiro momento foi realizar um breve estudo do estado da arte. Diversas pesquisas já realizadas no campo empírico da Ilha e da Comunidade da Barra do Superagüi, em diferentes áreas do conhecimento. O segundo momento foi definir conceitos, em especial conceitos e saberes voltados para o Turismo, campo no qual esta pesquisa se insere. O terceiro momento, buscou-se através de conhecimentos cartográficos, históricos saber que espaço é este, e dados socioeconômicos, conhecer a sua história e através da história como esta comunidade se constitui, quais seus modos de vida, o que a comunidade precisa e deseja transformar. Como a pesquisa foi realizada em dois momentos, os quais na verdade em muitos momentos se sobrepunham, os dados da pesquisa apoiaram ações da ITCP, e muito mais as atividades e intervenções da Incubadora na comunidade alimentaram dados fundamentais para a pesquisa.

A partir deste ponto, é uma tentativa de sistematizar o conteúdo da pesquisa empírica. Para esta sistematização buscou-se através do discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Trabalhando com os temas chaves, palavras chave e o

discurso propriamente dito. Não transcrito na forma de discurso, mas interpretados pelo pesquisador.

Iniciando com Gabriel Garcia Canclini (1997) o qual discorre em busca de interpretar as transformações culturais geradas pelas últimas tecnologias e por mudanças na produção e circulação simbólica, como as ideias, os sonhos, os mitos, costumes, cultura, modos de vida, em especial no campo das artes. A cultura majoritariamente urbana, invadem as pequenas comunidades rurais de culturas tradicionais, locais e homogêneas, ainda que com pouca comunicação com o resto de cada nação, através de interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação. Esta invasão, ainda que inevitável promove uma como que urbanização destas comunidades. Para Canclini (1997, p. 32):

A urbanização predominante nas sociedades contemporâneas se entrelaça com a serialização e o anonimato na produção, com reestruturações da comunicação imaterial (dos meios massivos à telemática) que modificam os vínculos entre o privado e o público. Como explicar que muitas mudanças de pensamento e gostos da vida urbana coincidam com os do meio rural, se não por que as interações comerciais deste com as cidades e a recepção da mídia eletrônica nas casas rurais os conecta diretamente com as inovações modernas?

## 7.1 ESPAÇO VIVIDO FÍSICO

Maslow (1943) em seus estudos descreve a hierarquia de necessidades, pelas quais a família/indivíduo, em seu processo de desenvolvimento estagia, porque é natural, é da natureza humana a busca, o desejo de saber. Os conceitos de pobreza são relativos. A pobreza no local, nem sempre se reflete em sua face mais conhecida, com a necessidade de satisfação material, mas como falta de instrumentos emocionais e sociais para enfrentamento das diferentes necessidades, a busca de seus respectivos satisfatores. (MAX-NEEF, 2012). Na pirâmide das necessidades de Maslow, é possível perceber como se dá a evolução e a busca humana de satisfação das necessidades. Como é possível de perceber na pirâmide a necessidade de pertencimento faz parte das necessidades sociais, de relação.

Maslow (1908-1970) um dos fundadores da teoria Humanista, acredita na natureza humana para o bem, o bom e o belo. Entende que os seres auto realizados, estão sempre envolvidos com atividades que estão além de si mesmos. Para explicar a evolução da capacidade humana para buscar novos horizontes evolutivos. As necessidades básicas são fisiológicas, estão na base da pirâmide; necessidades de segurança; necessidade de amor e pertinência; necessidades de estima e respeito; necessidades de auto realização. (FADMAN; FRAGER, 1979).



Estabelecendo relação com as comunidades, à medida que os agrupamentos sociais vão tendo as necessidades básicas supridas, tem condição de evoluir nas buscas de satisfação de necessidades superiores.

Com base na pirâmide das necessidades, Maslow (apud FADIMAN; FRAGER, 1979) buscou-se compreender o homem dentro de uma percepção multidimensional considerando a existência de diversas necessidades, desde as mais básicas, às mais complexas. Sendo assim, os seus estudos concluem que estando a família vulnerável nas necessidades mais básicas, certamente estará vulnerável nas mais complexas. Uma vez vulnerável, a família e seus membros, estes encontram menos motivação para a mudança, sendo a



motivação entendida como algo que impulsiona a pessoa a querer ir em direção à ação. (D'ARÓZ, 2013, p. 48). A vulnerabilidade social decorre de fenômenos diversos, com causas e consequências distintas, está intimamente ligada a questões sociais. Distante do centro político do Município, tendo as dificuldades de acesso e acessibilidade a serviços públicos de qualidade, como educação, saúde e atividades culturais e de lazer, a comunidade mobiliza um grande contingente de energia e recursos na satisfação das necessidades primárias. Desta forma é longo e histórico o processo de manutenção e reprodução da desigualdade social, e a pobreza percebida (D'ARÓZ, 2013).

## 7.2 O MAR É PARA TRABALHO

Foi percebido que a comunidade utiliza pouco o mar para lazer, e a praia serve como estrada e como espaço de puxar o barco, ou seja estivar o barco sobre paus roliços na praia até ficar em um lugar seguro ou “rancho do barco”. Algumas restrições, que são impostas para locais de turismo de sol e praia, neste ambiente não se aplica, à beira mar, se contempla o pôr de sol, mas também os barcos de pesca, os barcos de motor de centro (tok tok), botes e bateras, assim como os barcos de transporte de pessoas e as canoas a remo. Estes estão constantemente em movimento na orla da praia, sem contar os muitos pescadores com vara, molinete e uma rede pequena de tarrafear na beira da praia. Porque o mar e a praia em Superagüi é estrada, é trabalho, é estacionamento dos barcos e portão para muitas casas.

Uma das técnicas de pesca que realizam na beira da praia, é tarrafear o cardume. Consiste em uma rede que o pescador segura nas mãos, aguça o olhar e o ouvir, então quando percebe um movimento diferente, não produzido pelo vento, como uma espiral, então sabe que ali tem peixe, espera e quando está próximo, joga a rede. “O boto cinza, este a gente não come né, e quem mata um, é até mal visto pela comunidade” (fala de pescadores em Superagüi), este mamífero da família do golfinho (*Sotalia guianensis*), também mostra onde está o cardume para o pescador. Estas atividades do dia a dia são alguns dos muitos modos como o pescador se relaciona com a praia e o mar.

Cyrułnik (2006) ilustra bem, sem pertença e sentido, não existe resiliência. Resiliência frente as dificuldades, as incertezas deste ambiente em

muitos momentos do ano. Também concluindo, desta forma realiza a sua história, participa da história e memória coletiva, e faz um encontro com o seu próprio eu.

Os conhecimentos relativos à pesca são transmitidos oralmente dos mais velhos para os mais novos como por exemplo que tainha dá na espuma da maré (compreendeu-se com o tempo que a espuma amarela na maré indica presença de tainha na área). “A pesca e pescar se aprende com o pai, a jogar a rede, movimento da água onde tem peixe, vanzerinho de peixe ou movimento do vento que ondula o mar um é diferente do outro – quando tem peixe a água está se movimentando assim como se joga uma pedra na água” os pescadores, mesmo que tenham que vender o peixe para os donos de barracão e não receberem o preço justo, e terem que esperar para receber, ainda dizem “é melhor trabalhar na pesca do que ser mandado” e ainda concluem que “pescar tem que aprender até os doze anos” ainda que difícil eles afirmam “o pai dizia a vida do pescador é abençoada”.

O homem e a natureza, são indissociáveis. Para sobreviver, ele se organiza em torno do trabalho, desenvolvendo-se através das inter-relações e com a natureza. Como natureza, criado pela natureza está submetido às suas leis, na busca de satisfazer suas necessidades, transforma seu entorno. Através do trabalho consciente, o homem atua sobre a natureza. Ao produzir seus modos de vida, os seres humanos produzem, indiretamente sua própria vida material. Se as relações humanas sofrem mudanças, mudam com elas as ideias, e os padrões de comportamento, assim como suas exigências, gostos, motivações, sonhos e desejos.



Figura 20 - Pescador tarrafeando na praia  
Fonte: a autora (2015)



Figura 21 - Produto do trabalho  
Fonte: a autora (2015)



Figura 22 - as carroças de carga  
Fonte: a autora



Figura 23 - barcos ancorados  
Fonte: a autora (2015)



Figura 24 - A praia é a estrada  
Fonte: a autora (2015)



Figura 25 - Mulheres indo pescar  
Fonte: a autora (2015)

As figuras de (21 a 26) apresentam os muitos usos da praia, e também como é a relação de trabalho, de vivência, integração total com o espaço vivido.

### 7.3 ESPAÇO VIVIDO CULTURAL

A constituição brasileira de 1988 define patrimônio cultural brasileiro no Capítulo III Da Educação, da Cultura e do Desporto. Na Seção II Da Cultura, o art. 216 estabelece que o patrimônio cultural brasileiro, é composto por bens de natureza material e imaterial, podem ser tomados individualmente ou em conjunto. Esses bens são portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira e incluem: I – forma de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, ecológico e científico. (BRASIL, s/d).

A responsabilidade da normatização e cuidado em relação a cobrança para que se cumpra esta lei está a cargo do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, este órgão Federal está vinculado ao Ministério da Cultura. Os bens culturais brasileiros como apresentado são de natureza material e imaterial. Os bens de natureza imaterial são aqueles inscritos nos livro de registro dos saberes, relacionados aos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; e também no livro de registros de celebrações, para os rituais e festas que marcam vivência coletiva, religiosidade, entretenimento e outras práticas da vida social; livro de registros das Formas de Expressão, para as manifestações artísticas, o livro de registro dos lugares, para mercados, feiras, santuários, praças onde são concentradas ou reproduzidas práticas culturais coletivas<sup>58</sup>.

Os saberes e fazeres que estão no livro de registros do IPHAN permitem sejam desenvolvidos projetos no sentido de salvaguarda dos mesmos, o Fandango Caiçara, toda a sua especificidade e formas de manifestação é um patrimônio imaterial que tem o registro do IPHAN, como um patrimônio Imaterial brasileiro. Cujo título foi entregue em 10 de março de 2015. Junto a estes a região é rica em patrimônios materiais como ruínas, sítios arqueológicos e patrimônio natural, e ainda a riqueza de saberes e fazeres os quais constituem

---

<sup>58</sup> IPHAN [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br)

seu patrimônio imaterial o que falta é a consciência dos gestores e da população para a promoção destes e transformá-los em fonte de renda e respeito pelo espaço vivido. Diante destes fatos apresentados pelo campo, foi possível tomar contato com diferentes patrimônios que compõem o arcabouço cultural da comunidade da Barra do Superagüi.

A comunidade está em um processo de desconstrução e reconstrução histórica, até o ano de 2014 a comunidade tinha, no imaginário popular, que o fandango Caiçara em Superagüi estava morrendo. O bar AKDOV e a escola era o único espaço que investia no sentido de lutar pela manutenção da manifestação cultural, assim como as lendas, causos e usos de ervas medicinais.

Os defensores da cultura local, por ocasião da primeira Festa do Camarão Sete Barbas da Comunidade, se propuseram: “podemos receber em nossa casa os fandangueiros de outras localidades, e dar a refeição e café, mas precisamos saber se a Associação de Moradores vai mesmo trabalhar, o que será feito do dinheiro” (fala de moradores envolvidos com o fandango por ocasião da preparação da festa, reunião promovida pela ITCP e Associação de Moradores). Em virtude desta e outras colocações na ocasião a Associação se propôs a realizar uma reunião de apresentação do balanço no primeiro dia 10 (10/07/2014).

A Associação feminina, tinha como objetivo, quando da primeira entrevista, abrir um espaço para os jovens, os quais estavam ociosos. Com a intenção de formarem um grupo de Teatro histórico, onde seriam recuperadas as histórias da comunidade, suas lendas, contos e causos relativos ao território e ao imaginário. Assim como um espaço para ser ensinado o fandango, tocar os instrumentos, construir os instrumentos, a dança e tamanqueado. Eles tinham como um dos empecilhos a dificuldade para conseguir um professor.

Um discurso presente e coletivo:

Desejo de ensinar as mulheres a costurar, (as que não sabem, e não tem outra renda a não ser do peixe) para elas fazerem as roupas e artesanato e venderem durante a temporada para os turistas. Estamos esperando apoio do Governo, da prefeitura ou de alguma ONG, já fizemos um projetinho e enviamos para a igreja, mas até agora nada. Estamos construindo a casa da associação, (a Associação Feminina é dona de três casas na comunidade: uma para fazer as oficinas

até que a outra fique pronta, a qual também alugam na temporada, uma emprestada para o Colégio e a outra está fechada por falta de condição). Fazemos bingo para construir a casa. Somos em 43 associadas, mas que participam mesmo umas quinze. A gente deseja também apoiar um grupo de jovens para que eles possam recuperar a cultura da Ilha, o Fandango, estão morrendo todos os que sabem, daqui a pouco não vai sobrar ninguém para ensinar. (Fala do grupo de associadas, Associação Feminina Cristã, 2014).

Durante o período desta pesquisa faleceu um último fandangueiro, da Família Squinine, ele faz parte do Livro “Museu Vivo do Fandango” seu José Squinine, e quando a pesquisa estava terminando faleceu o último violeiro seu Pedro Miranda (28/06/1932-14/06/2015) (amanhece!). O que dá sentido para a comunidade são suas práticas, seus folguedos, brincadeiras, sua arte, a cultura (no sentido de vivências comuns de um determinado grupo social) e Tuan (2013, p. 169) “lugar é uma pausa no movimento [...] a pausa permite que uma localidade se torne o centro de reconhecido valor. Sendo por isso o lugar, “a afeição duradoura pelo lar em parte o resultado de experiências íntimas e aconchegantes”. As práticas tradicionais, o interesse e o cuidado em proporcionar conhecimento, permite a satisfação de necessidades básicas, permitindo subir em busca de satisfazer necessidades novas, diferentes e elevadas na pirâmide de Maslow. O desejo da Associação Feminina Cristã ensinar as outras mulheres começou durante o defeso, nesta época como não podem “matar” o camarão sete barbas, o qual proporciona trabalho para as mulheres no barracão de peixe, podem fazer cursos (figura 26).



Figura 26 - Oficina de costura Ass. Fem. Cristã  
Fonte: a autora (2014)

Durante o defeso que vai de 31 de março a 1 de junho, as oficinas e a participação na Associação, foi possível. Mas com a volta do período de pesca, as mulheres voltaram a limpar camarão, e em seguida reiniciou a temporada de turismo ficando a oficina de costura sem continuidade, sendo retomado agora no defeso (31/03 até 01/06/2015).

Quanto aos jovens aprenderem o Fandango, foi formado um grupo com apoio do ICMBio. Ao retomar as atividades do Projeto Etur, em 2015 a ITCP foi solicitada a apoiar o grupo, sendo esta uma das demandas nova, com apoio para o professor. Este reside na sede Guaraqueçaba, com este apoio foi possível continuar indo a Superagüi ensinar Fandango Caiçara, para esse grupo de jovens que se formou na vila. Percebeu-se que eles se emanciparam, as mulheres cederam espaço, e apoiam no sentido de hospedar o professor, a articulação para que as aulas aconteçam, e já estão se preparando para iniciar apresentações. As aulas são no sentido de aprender a tocar e a dançar, mas já pensam em aprender a confeccionar os instrumentos.

Esta já é uma ressignificação do Fandango, ele agora se torna espetáculo cultural, descolado da razão de existir atrelado aos modos de produção, trabalho e renda, como comemoração pelo dia de trabalho coletivo ou Mutirão. O sítio é um espaço cujo amalgama é o imaginário social, este imaginário como uma “caixa preta” que torna este espaço, um espaço cognitivo de pertencimento. Onde “as crenças e os mitos dão sentido e direção aos aderentes do sitio. O sitio supõe também cumplicidade e proximidade” pode-se pensar que este pequeno grupo de dez ou doze jovens possa ressignificar a cultura local, e segurar o interesse do jovem por este sitio, e o desejo de ficar ou de ir e voltar (ZAOUAL, 2006, p. 88). Sendo o sítio uma entidade imaterial, portanto é formado pelo que permeia as relações, os atos e fatos do cotidiano. Zaoual (2006, p. 88) “O sitio é um vínculo cognitivo entre o ator e seu entorno”. Este entorno entendido como espaço físico, laços afetivos e atividades de saberes e fazeres comuns.

Uma fala comum na comunidade dizia respeito ao fato de os jovens não se interessarem pelos bailes de fandango, “eles só vão no forró do seu Pedro ou da Florisa no Magal bar”. Contrariando surge o grupo Raízes fandanguieiras, o objetivo do grupo é recuperar o fandango como era dançado antigamente, as mulheres com roupas com gola bem fechada, e o tamanco diferente fechado



na frente, diferente inclusive de Guaraqueçaba a sede, que é trançado em cima (figuras 27 e 28).



Figura 28 - Tamanco tradicional de Superagüi  
Fonte: a autora (2015)



Figura 29 - Tamanco tradicional de Guaraqueçaba  
Fonte: a autora (2015)

#### Fala conclusiva da comunidade:

O fandango estava quase extinto na comunidade, os novos ritmos interessavam mais e os mais velhos não dançavam mais. Os jovens foram perdendo o gosto pela música. Os jovens dizem que é coisa de velho. Mas os velhos também já foram jovens e dançavam. Então os meninos estão agora se interessando. Como eles começaram a se interessar? Sentar e conversar. (Mulheres da Associação Feminina Cristã e os jovens do Grupo Raízes fandanguieras).

A retomada do Fandango Caiçara é um movimento topofilico, ao realizarem juntos a atividade que ligava a comunidade ao espaço pelo trabalho, reforçam o laço afetivo entre eles e o lugar, enquanto ambiente físico, e no dizer de Tuan (2012) vivido e concreto como a experiência pessoal, vivenciada pelos jovens.

Um problema comum na zona rural brasileira e em todo o Município de Guaraqueçaba, é o fato dos jovens, que estão migrando para os centros urbanos em busca de trabalho, e possibilidades de continuar seus estudos, na Comunidade da Barra do Superagüi, este é um fato comum. Os estudos vão



até o ensino médio, se o jovem tiver o desejo de se graduar em um curso presencial, precisa sair da comunidade. Fazer a faculdade a distância, é possível para os que tem acesso à internet. Os jovens saírem da Ilha é uma preocupação para a família.

Uma outra razão para os jovens desejarem ir para a cidade, é o fato de se sentirem sufocados, eles se queixam que todo mundo sabe de todo mundo. Tuan (2012, p. 80) traz algumas razões para o ser humano ter o desejo de ir para a cidade, o primeiro é a ideia de que a cidade traz a consciência cultural de um sentido de espaço sagrado, tanto que em todo lugar que chega, os colonizadores tinham como a primeira providência construir uma igreja. A outra razão é a sensação de apinhamento “numa cidade pequena as pessoas se “espiam” “a casa tem olhos”. O jovem carece de espaço. A vila parece apertada.

#### 7.4 A ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

Na vila as organizações são estruturas formais e estruturas informais. As estruturas formais, estão imbricadas nas informal, e na verdade tem sua origem nesta, como as sociedades/comunidade a sociedade relacional, ou instituições de natureza jurídica como a Associação Feminina, a Associação de Moradores, a Escola, são as Associações com interesses sociais e promovem a mobilização comunitária; as de interesses políticos, como o MOPEAR; as instituições enquanto organização Pública como o ICMBio (Federal); os representantes da Prefeitura (Municipal). A Escola, a qual interage em todos estes setores e instâncias, no entanto dentro de seu espaço não permite as ideologias partidárias participarem, por entender que deve ser apolítica.

##### 7.4.1 ASSOCIAÇÃO FEMININA CRISTÃ

Esta associação tem diferentes funções na comunidade como promover trabalho e renda. Esta instituição tem colaboradores em diferentes regiões, e associadas em outros municípios: Paranaguá, Antonina, Curitiba entre outros, estes como apoiadores. A Associação tinha por objetivos no seu encontro com a pesquisadora e o projeto da ITCP a formação de um grupo de jovens para o resgate da cultura do Fandango Caiçara, através de oficinas de construção de

instrumentos, dança, músicas, teatro entre outros; oficinas de costura para a comunidade; oficinas de Economia Solidária.

Em diálogo estabelecido nas reuniões de aproximação falaram sobre suas percepções das necessidades da comunidade. “Os jovens não têm o que fazer, falta um espaço onde possam ter atividades esportivas, não tem material, não tem bola, redes nada”. (Fala das associadas da Associação Feminina Cristã). Tinham também a percepção da necessidade de apoio a aprendizagem para os alunos da escola, como uma sala de aula com metodologia diferente das aulas curriculares, mesinha, entre outros materiais adequados aos objetivos educacionais no contra turno.

Em outro momento elas falaram sobre as necessidades delas no sentido de terminarem a construção de sua casa de costura e atividades coletivas. “A gente já pediu para a prefeitura e até fizemos um projetinho para a igreja, um deputado disse que ia nos ajudar, mas depois das eleições não fez nada. A gente precisa de material de construção, material elétrico/hidráulico e máquinas e equipamentos de costura, e também agulhas, linhas ...”

Mas elas não ficam esperando apenas a ajuda externa, as mulheres são ativas e realizam bingos, rifas e outras atividades com o objetivo de obter recursos e realizar os objetivos de suas associadas. Ao final da pesquisa e do Projeto da ITCP, elas já tinham apoiado a criação do grupo raízes fandanguieras, e a ITCP e o ICMBio entraram como apoio externo. Estavam com as oficinas de costura reiniciadas.

#### 7.4.2 ESCOLA

No encontro com esta instituição a pesquisadora e a ITCP perceberam que haviam questões necessitando de respostas didáticas diferenciadas, não só para o espaço em questão como também para as necessidades deste novo educando, fruto de um mundo em transição, em especial neste espaço endógeno, mas que se relaciona com o exterior através dos visitantes; relações de trabalho e comercialização; mídias entre outros. O questionamento era: “quem são os alunos de hoje? ” Na tentativa de responder ao questionamento a escola e colégio se uniram à ITCP, e ambos se comprometeram com temas comuns da comunidade, o terceiro ano do ensino médio, tendo também o

objetivo de preparar os alunos para o ENEM buscaram temas da atualidade, e desenvolveram com o apoio da interventora um jornal com informações locais e externas de interesse comum. Um dos temas escolhido foi a “reciclagem”, a partir deste desenvolveu-se oficinas de: reciclagem, compostagem, horta, economia doméstica entre outros. A oficina de jornalismo e de artesanato contou com apoio de orientadores que detinham conhecimentos específicos, a primeira contou com o apoio de alunos de jornalismo da UFPR, bolsistas ITCP e a de artesanato foi uma articulação entre a Incubadora e a Cooperativa de Artesãos de Guaraqueçaba e artesãos da comunidade estas oficinas envolveram técnicas que utilizavam matéria prima do ambiente local, como solicitado pelos próprios alunos do Colégio.

A princípio existia também a queixa por parte dos professores referente a ações de vandalismo em relação aos bens de uso comum na comunidade e em especial na escola, todas as oficinas tiveram em suas atividades de forma indireta, o objetivo de desenvolver o sentimento de pertencimento ao espaço e toponímia ao lugar, estes termos usados no espaço da pesquisadora, e para a escola e a Incubadora como auto estima e cidadania.

#### 7.4.3 ASSOCIAÇÃO DE MORADORES/COMUNIDADE

Relativo ao passado a queixa sempre recai sobre o uso dos recursos naturais como “tinha muita caxeta, fazia lápis de caxeta, bordava barcos (aumentar a altura da borda do barco, ou canoa)”. Quanto ao participar da Associação de Moradores, inicialmente a fala era: “não acredito, não vai dar em nada”. Seu Pedro Miranda e o sonho de ensinar aos jovens a tocar e a dançar o Fandango como antigamente, “sozinho eu não posso, mas se trouxerem o Nilo, aí dá ele é companheiro toca junto, eu e o Nilo (membro da família Pereira – reside na sede Guaraqueçaba) a gente consegue. Primeiro ele ensina a fazer o instrumento, eu ensino a tocar. Tem até uma mulher que faz a dança” (Seu Pedro Miranda – in memória).

Em relação à Força Verde do governo – multa, apreende, prende e bate. Em relação às drogas ilícitas a comunidade se refere que: “tem um pouco de droga, regiões onde as pessoas são mais religiosas não pega droga”. Eles acrescentam ainda que entra muito turista – entra mais droga, beber vem dos

pais. (Falas construídas a partir do Discurso coletivo do Sujeito, compondo a fala da comunidade).

Em relação à pesca: despescar o cerco – o cerco é feito de bambu, e está proibido no Paraná, mas no litoral paulista é permitido, muitos pescadores vão para o mar de Cananéia, já no litoral sul de São Paulo, para o caiçara, não existe divisas no mar, o mar é um só. O cerco são varas fincadas e amarradas com cipó as quais são fincadas em pé formando um círculo. “A tainha passa, o peixe entra por uma boquinha, mas não sai, daí pega a rede que é tipo um saco e você vai levando quando chega no fim, puxa a cordinha, e levanta – e pega o peixe e leva para Paranaguá para vender no mercado”. Em relação “a destruição dos animais é mais provocada por quem vem da cidade e pega para vender”. (Explicação de um grupo de pescadores sobre este modo de pesca). Quando se pergunta se eles acham que os peixes estão sumindo eles dizem: “tudo tem o seu tempo, os peixes não estão sumindo, mas aumentou o número de pescadores e o consumo de ovas de peixe”. E explicam que a tainha se reproduz no inverno, depois é possível pescar, quando ela volta para o mar. Explicam também que o baiacu, tem o veneno no fel, ele mata, mas a carne é boa, se não souber limpar, e tirar o fel, a carne fica envenenada.

Os pescadores de Guaraqueçaba evitam de comer camarão na cidade, em Curitiba porque segundo eles; “o camarão na cidade, lá em cima tem gosto de podre porque foi congelado” em relação aos peixes eles dizem que lá em Superagüi ele é sempre fresco, e é diferente.

A Associação de Moradores, entende como dificuldade a gestão dos resíduos sólidos, eles dizem que o problema é que não existe colaboração dos comunitários, os lixos orgânicos enterram nos quintais, mas fralda descartável, absorventes e lixo especial não se sabe o que fazer, estes são colocados junto ao lixo reciclável e vai para o barracão, este material os recicladores de Guaraqueçaba não querem receber. A Associação de Moradores, entendia que a Sanepar poderia resolver o problema relativo a falta de água, mas descobriu que por ser um lugar pequeno, de difícil acesso não interessava a esta empresa. Então neste ponto entra a ITCP, a qual apoiou a comunidade em busca de solucionar este e outros problemas. No interesse de resolver o problema da falta de água na alta temporada a Associação se mobilizou e recebeu adesão comunitária quanto a realização da Primeira festa do Camarão,

os recursos foram utilizados para a melhoria do sistema de captação de água potável. Antes de chegar a um determinador comum muitas reuniões foram realizadas no sentido de formar uma consciência comunitária.

Ao avaliar os resultados da festa a comunidade percebeu que foi um trabalho que deu certo, ainda que tendo sido organizado com pouco tempo. A organização a princípio foi lenta tendo uma adesão muito pequena, mas a comunidade afirmou que: “foi um projeto que deu certo, não tinha turismo no inverno só no verão, e teve turismo no inverno, e trouxe algum ganho” (fala dos comunitários na avaliação na Associação dos Moradores). Ao finalizar a pesquisa, a comunidade já estava preparando a realização da segunda festa, a qual também permitiu que a comunidade pudesse se mobilizar e continuar a melhorar o sistema da água e também reconstruir as pontes que estavam destruídas, com estas ações chamou a atenção da governança municipal, a qual resolveu apoiar a festa e as atividades.

## 7.5 TERRITÓRIO: ZONEAMENTO

A vila de Superagüi não tem um centro, mas a comunidade chama o espaço entre a Associação de moradores, a igreja a escola e o trapiche de centrinho. Em toda a extensão da ilha, na verdade a impressão é que o centro é o mar, todas as casas têm sua frente voltada para o mar.



FIGURA 29 - Empreendimento/residência em frente ao mar  
Fonte: a autora (2015)



FIGURA 30 - Panorâmica do mar/residências  
Fonte: a autora (2015)

O Zoneamento na barra do Superagüi, pode ser entendido como um dos pontos mais sensíveis da relação parque/comunidade, este foi um dos temas mais presentes tanto na reunião do Conselho da Área de Preservação Ambiental de Guaraqueçaba (CONAPA), como na reunião do Conselho do Parque Nacional do Superagüi (CONPARNA). As comunidades, têm dificuldades para entender as normativas do Plano de Manejo, o qual está nas iminências de ser terminado. Na reunião da APA, o que ficou claro para os representantes da comunidade de Superagüi, diz respeito à questão, não com o que falam, mas com o que vai ser escrito no documento, os comunitários temem, pois, é isto que vai determinar o que podem e o que não podem fazer em seus territórios, agora Parque e entorno de Parque.

Durante a pesquisa comparecendo a duas reuniões do CONAPA, percebeu-se nestas reuniões, uma das grandes perdas, a falta dos conselheiros representantes dos comunitários. Uma presença constante, em especial no CONAPA, foi de representantes do MOPEAR, que sempre gerava algum conflito, este importante, pois então surgiam questões relevantes aos interesses das comunidades e em especial os pescadores e pescadoras do Paraná e do Brasil. Uma de suas reivindicações, o Plano de Manejo (PM) precisa lembrar das pessoas. O Plano de Manejo é um documento que define as atividades que podem ou devem ser feitas na Unidade de Conservação (UC), para garantir o alcance dos seus objetivos. O Plano de Manejo para a APA, está ainda só em projeto, mas o do PNS, já está em execução, e ao se referir ao PM, o MOPEAR, estava mais se reportando ao do PNS.

Umas das questões, o que é relevante, não é a não compreensão do que seja o documento, mas sim a questão de como ficará o Zoneamento do parque. A região onde está hoje o PNS, já foi em fins de oitocentos e novecentos, toda a área ocupada com moradores (europeus colonizadores, animais, indústrias, madeireiras, estaleiro, e todos os tipos de estabelecimentos comerciais). Depois aos poucos estes foram se retirando e os remanescentes, que tinha toda a área para viver e trabalhar, nunca se preocuparam em fazer um documento de registro das terras que consideravam suas. Este fato se deu porque as terras eram de uso comum, como ocorre ainda hoje na comunidade do Rio Verde também em Guaraqueçaba no continente. (DIEGUES, 2004)

A comunidade demonstrou nesta reunião que ressentia não poder usar os recursos da natureza como utilizava antes de ser parque. Sendo demonstrado o desconforto, e o sentimento de perda através da fala de uma conselheira “mas se alguma família não puder tirar um pau”, ou ainda “temos um território que não podemos trabalhar nele”. Um integrante do MOPEAR afirma “A nossa briga é outra coisa, queremos trabalhar”. As pesquisas apresentadas anteriormente, Kashiwagi (2011); Duarte (2013); Bazzo (2010) entre outras, perceberam que a reivindicação da comunidade é pelo direito de uso do território e ainda “vivemos aqui há 500 anos e a floresta está assim”.

Para estas comunidades o território e seus usos, está diretamente ligado à identidade de ser caiçara, ou pescador artesanal ou qualquer que seja a denominação. Este é um movimento nacional senão mundial de afirmação de direitos adquiridos ancestralmente, (SANTOS, 2005).

Por outro lado, enquanto existe uma luta por território por parte de grande parte da comunidade, alguns inclusive nativos, que nasceram na ilha, estão construindo casas e vendendo para veranistas, pessoas de fora, na contramão da defesa do território. Tirando alguns fatos que contrariam o sentimento topofílico, e de pertencimento, os moradores se organizam e muitas vezes fazem coletivamente atividades que beneficiam toda a comunidade.

As elites, ao criarem para si um universo sem restrições, de consumo extremo, desenvolvem um modelo de economia cujas fontes de financiamento provém exclusivamente dos recursos naturais. Essa forma de produção, e destruição, os leva a apropriação de fontes primárias, e grandes áreas agricultáveis no planeta, as quais são transformadas em monoculturas onde, o uso de agrotóxicos, herbicidas entre outros, promovem o desgaste da terra e a perda de suas propriedades produtivas. Dentro ainda desta forma de produção, os grandes oligopólios produzem acidentes ambientais, e estes são os mantenedores de áreas de proteção. É a contramão do desenvolvimento pensado apenas em seu aspecto econômico. (DUARTE, 2013). Dentro desta conjuntura, e ainda na mesma direção do consumo, e poderes econômicos devoradores, estão as reservas de carbono. As ONGs, compram vastas áreas transformadas em RPPN, e desta forma transformam em espaços proibidos ao acesso das comunidades que viviam nelas, ou no entorno. (KOSSEMBOHEMER, 2007)

## 7.6 ESPAÇO VIVIDO: TRABALHO, RENDA E O TURISMO

Em Superagüi já existe uma atividade turística intensa, e espontânea. Sendo ainda, como já percebido por outros pesquisadores, um polo de irradiação para outras comunidades. Ser polo irradiador para outros centros turísticos possibilita a existência de outras atividades agregadas. Aluguel de barco ou voadeiras, guiamento, intermediar espaços de alimentação em outras comunidades, atrativo. Foi percebido que muitos turistas vão a Superagüi, aproveitam as instalações existentes para pernoite e alugar barco, geralmente em grupo, com o objetivo de apreciar a revoada dos Papagaios da Cara Roxa, na ilha de Pinheiros e Pinheirinho, mas, antes almoçam e passam o dia em Barbado, onde tem um restaurante bem conhecido.

O momento em que buscou-se compreender a atividade turística existente na ilha, o primeiro pensamento foi classificar, como chamar o turismo que acontece ali? Em alguns trabalhos, a análise determinou como turismo espontâneo, não planejado, de experiências entre outros. Ao aprofundar a análise percebeu-se que na verdade já acontece em parte o Turismo de Base Comunitária, este sim espontâneo. Não se percebe na primeira visita ou no primeiro dia, e muito menos com atividades planejadas e dirigidas, encenadas. O TBC que já acontece na ilha é fruto do se dar um tempo para ficar. Este ficar e sentir o sítio, compartilhar do dia a dia e aos poucos ir descobrindo, uma farinheira que está desativada em um camping, uma senhora que faz trabalhos artesanais e que não se nega a explicar como faz, e a ensinar a preparar os materiais, e explicar como coleta os mesmos na praia ou no mato. Sem contar o ficar sentado no restaurante do Magal, em frente ao mar para observar os botos, para aqueles que apreciam degustar a cachaça, com folhas de cataia<sup>59</sup>. Mas o bom mesmo é sentar-se nos fundos do bar, ou frente, não se sabe, já que é frente para a trilha, e escutar as muitas histórias de pescador local (figura 31).

---

<sup>59</sup> Para maiores informações Vivekananda (2001)





FIGURA 31 - Magal frente para o mar

FIGURA 32 - Tirando o barco da água  
Fonte: a autora (2014)

Caminhar pela praia pela manhã, quando os barcos viram porque a maré está mudando e saem para a pesca. Ou a tarde quando os barcos voltam e ajudar a tirar da água, ou acompanhar o desembarque dos peixes ou do camarão (figura 32).

Uma atividade percebida na ilha, e que também pode integrar o roteiro de Turismo de Base Comunitária, se o ICMBio, e a comunidade se articularem no sentido de atuar dentro do que determina as leis evitando tornar-se predadora, existe na ilha um grupo de mulheres habilidosas no cultivo de orquídeas, bromélias entre outras plantas nativas e exóticas. Através de entrevista por email, com um dos gestores do parque obteve-se a resposta que é bom apresentar este fato no âmbito da dissertação, como uma proposta futura. O trabalhar com plantas no entorno da unidade, “é claro que teria que ter uma fiscalização para que outros que não cultivam e apenas extraem não se beneficiem da atividade” e ainda que para embelezar suas casas isto não é problema. Desta forma finalizando este tópico poderia ser incluído no plano de manejo, ou ainda que o ICMBio venha a apoiar o cultivo de orquídeas e bromélias nativas, sempre com controle, ainda que fora dos limites do parque. O que se propõe é que estes espaços possam ser abertos ao TBC, para visitação e venda de mudas cultivadas. (VIVEKANANDA, 2015 resposta concedida a indagação pessoal da autora)

## 7.7 OS SOFRIMENTOS TAMBÉM SÃO ELOS QUE VINCULAM AO SÍTIO

A Resiliência, explica a força e a adaptabilidade não resignada, mas de luta da Comunidade da Barra do Superagüi, e explica as dores e as cicatrizes da luta “depois de um trauma psíquico, ou trauma físico, ou ambos, instala-se uma perda de tecido afetivo, com necrose e escaras. Sendo como carregar a morte dentro de si” (CYRULNIK, 2006<sup>60</sup> apud CZERNY, 2007, p. 149).

Para o autor todo traumatizado é obrigado a mudar, senão fica morto, a resistência à mudança impede a resiliência. As pessoas, que ficam como que afogados pelo trauma, é porque não encontraram alguém, um tutor, que os empurrasse por debaixo do trauma para seguir em frente ou mesmo saltar em outra direção. A resiliência é não se apegar. O apego é um esquema que se desenvolve na primeira infância, e é fruto da perda do cuidador, do amor. O esquema de apego, é determinado nos primeiros anos de vida, como um caminho no desenvolvimento do grau de resiliência. Este esquema, desenvolvido através do não amar a criança dá origem às violências domésticas da atualidade.

Uma das histórias mais marcantes, que influencia o imaginário dos moradores da Comunidade da Barra do Superagüi, é sem dúvida um acidente de barco. Este acidente ocorreu no mês de março de 1985 (dados da pesquisa). Esta tragédia, marcou profundamente a vida de uma moradora nativa da ilha. Em uma viagem de volta de Paranaguá para Superagüi os ventos sopraram e o mar encrespou. O barqueiro lutou, mas não foi possível vencer a tormenta e o “barco foi ao fundo” no barco estava ela, três filhos, o esposo e os pais, no final de tudo, ao voltar a si, chorou, porque ela estava viva? Sem mais ninguém da família! Mais do que a dor dos ferimentos, doía a dor da perda dos entes queridos. Durante um longo tempo, viver, foi difícil. Só não tirou a própria vida por causa de suas convicções religiosas as quais lhe falaram no âmago da alma que é errado. Ela sentiu como na fala de Cyrulnik (2007, p. 5) “É carregar a morte dentro de si”. Como a resenhista concluiu se não mudar é ficar morto. Ela escolheu o caminho da mudança, e encontrou alguém que a salvou, do

---

<sup>60</sup> CYRULNIK, B. Falar de amor à beira do abismo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

mar, mas não apenas do mar físico, que quase a levou, mas salvou-a outra vez do fogo, depois do desespero, e da depressão.

Essa mulher de fé, teve então um sonho. Neste sonho ela viu Deus, ou, ouviu Deus? Que lhe disse, que ela havia dado três flores para o jardim dele, e ele lhe devolveria três flores, ela casou-se, não sem lutas, com o seu salvador, e hoje é mãe de três filhos (recebeu de volta os três filhos que o mar havia levado).

Esta história, está arquetipicamente ínsita no inconsciente dos moradores da ilha, o conhecimento da mesma para a pesquisadora, foi em um barco indo para a ilha numa tarde que “caia o tempo”, a primeira vez que se deslocava para a ilha para a primeira entrada no campo. Foi possível a percepção do medo, da dor e do sofrimento das pessoas que lembrava desta história, e em especial se estava junto uma criança de colo, muitas rezas, choro, outros deitaram e dormiram, ante a impotência da qual se sentiam tomados. Outros, ainda, em especial mulheres impediram o barqueiro de tentar manobras arriscadas. A curiosidade levou a perguntar a uma das mulheres, nativa da ilha a razão de tamanho desespero, quando se pensava que os marinheiros de primeira viagem, e turistas é que deveriam estar nestas condições. Foi então que se tomou conhecimento da história narrada, sendo depois ouvida da própria protagonista da mesma. Os visitantes não tinham esta história compondo o imaginário arquetípico.

Cyrułnik (2007) apresenta dois momentos do trauma, um quando acontece o evento propriamente dito, e outro, no discurso dos outros sobre o trauma, nas representações em relação à pessoa, depois do evento traumático. No discurso social é que se pode entender o efeito devastador do trauma, “o fixismo só existe quando os preconceitos impedem que se concebam as transações incessante entre o psiquismo, o real e o social” (p. 150).

A resiliência para o autor não é um fio, é um tricô, uma malha sendo um processo sincrônico e diacrônico que acontece no tecido do social, é a partir do desenvolvimento do contexto social, o tecido do fio afetivo e social, sendo uma malha que ata e desata os elos continuamente. (CYRULNIK, 2006).

Os resilientes tem outra percepção de tempo, para eles é mais fácil soltar o que não interessa, eles percebem com maior nitidez o tempo e sua passagem, e ainda tem uma capacidade maior de focalizar no que realmente é

vital, e passam então a usufruir das oportunidades mais significativas. A resiliência muda a perspectiva da visão de mundo focando na lente colorida que se pode colocar para ver a vida. (CYRULNIK, 2006)

Para os pescadores da Barra do Superagüi, inclusive para o Magal (cujo nome é Eraldo Scinine), hoje ele não pesca mais, mas se o tempo do turista permite e pergunta ele tem muitas histórias de sua vida de pescador e homem do mar. O que prevalece em suas histórias não são os momentos de vitória, sucesso e alegria - do tempo. Mas os apuros, os perrengues, as imprudências que o levaram muitas vezes a acidentes quase fatais.

Do trauma: as cicatrizes para os pescadores, se apresentam como elos entre eles e seu ambiente, a lide. Para eles estes são como sinais, metáforas em suas vidas, e adquirem sentido pelo relato, próprio ou de terceiros. Os traumas, para os traumatizados como que compõem sua identidade, lhes dá sentido de vida. Para Cyrulnik (2007) o sistema de representações do indivíduo resiliente se apresenta em três etapas ou dimensão: a do tempo; do trauma; e da sombra. Esta última a fase da sombra, é a irrepresentatividade do trauma, consiste no que o indivíduo carrega em seu íntimo no âmago do ser. Aquilo que é percebido pelos outros, os fantasmas, cicatrizes invisíveis perceptíveis de “alma para alma” (CYRULNIK, 2007, p. 151).

A resiliência é por isso algo, que não se consegue determinar ao certo como se desenvolve, mas é certo que a necessidade de afeto, fecha o ser em si, se os cuidadores da primeira infância não se dispõem ao cuidado, se desenvolve o sentimento de ódio, e é como se o ser odiasse o mundo.

Em Superagüi, a princípio e à primeira vista, parece que as crianças são como que largadas. Mas ao se ficar um pouco mais de tempo no espaço foi possível perceber, que elas ainda têm alguma liberdade, para se movimentarem no espaço sem medo. A experiência que permitiu essa percepção foi durante um jogo de futebol, na beira da praia com as crianças da escola municipal havia um medo de que as crianças se perdessem, ou se machucassem e a cuidadora precisou afirmar várias vezes que não tinha perigo, as crianças conhecem tudo. Na verdade, todos se conhecem, e ainda que os pais não estejam presente os moradores da vila, em especial se são de mais idade cuidam de todos.

Duas palavras conceito em resiliência para Cyrulnik (2007) a mola e o tricô – a mola é o impulso íntimo da pessoa ante as dificuldades da existência, corresponde ao conceito de resiliência próprio da física para os materiais, os quais após sofrer uma pressão ou trauma, tem a característica de retomarem sua forma anterior. No ser humano seria a capacidade de recuperar-se do trauma, com elasticidade, flexibilidade e se reconstruir sobre o trauma. As feridas psíquicas continuam, portanto não é uma resistência passiva, mas sim ser adaptável. E o tricô corresponde a um trabalho diário de tecer algo com as “filigranas do trauma” “Resiliência é a arte de navegar nas torrentes”. (CYRULNIK, 2007 p. 152). Sendo estas considerações fruto do olhar da resenhista tem-se em sua conclusão que a ética é fundamental no pensamento de Cyrulnik, na medida que é uma recusa de resignação à fatalidade e um destino de vítima. É ter apetite pela vida.

Esta obra Cyrulnik (2007), retrata a realidade das comunidades, em especial, as do Município de Guaraqueçaba, e por que não dizer dos agricultores familiares, povos originários, tradicionais, entre tantos outros que estão fora do sistema capitalista de consumo, fora dos grandes centros urbanos onde tudo é difícil quando se trata de ligar-se ao universo exterior. No entanto em seu próprio ambiente, todos se sentem plenos. Uma das perguntas que se fez durante a pesquisa de campo foi; se queria sair do lugar onde viviam, as respostas de mais de 90% foi não, não pensavam em deixar sua casa, seu sítio, espaço vivido, lugar. Os jovens o fazem, como já foi apresentado na pesquisa, mas em algum momento de suas vidas voltam para algum lugar da região, ou outro que a este se assemelha. Viver nos grandes centros é ser mais resiliente ainda, para estes filhos, das ilhas e comunidades de Guaraqueçaba. Este já seria outro tema de pesquisa.

## 7.8 RELAÇÃO DA COMUNIDADE COM O SEU ESPAÇO VIVIDO

Em uma comunidade, os indivíduos agem sob a influência da vontade integral e tudo se passa como se suas ações não necessitassem de qualquer justificação. A ação é fruto das tradições e dos costumes, e num âmbito assim não há razão para se perguntar qual o motivo ou a causa de uma determinada conduta (social), (BUBER, 1987)

A comunidade da Barra do Superagüi pode ser definida como *Gemeinschaft*, entendido, e explicado por Tonies<sup>61</sup> (s/d apud BUBER, 1987) como comunidade vivida. Enquanto a *Gesellschaft*, ou seja, uma associação, para sociedade relacional, pois elas existem e permeiam o dia a dia da comunidade. A *Gesellschaft* é a sociedade de interesses econômicos, políticos, tendo relações regidas por regras temporais e definidas quando ela é estabelecida. Também é temporal podendo deixar de existir, é uma existência jurídica. A *Gemeinschaft*, ou comunidade, é a sociedade cuja existência se dá pelas relações estabelecidas, as ações são da vontade integral, não existe justificção segundo Buber (1987). No entanto as sociedades, que são associações também estão sujeitas à sociedade, que é comunidade com suas crenças, tradições e modos de vida. Desta forma as ações desenvolvidas em Superagüi, em alguns momentos não havia adesão. A própria Associação de Moradores, foi preciso um tempo, e conhecimento da dinâmica local para que ocorresse aproximação desta com a ITCP, com o objetivo de desenvolver uma atividade em conjunto no sentido de apoiar a comunidade na solução do problema da água.

Foi ainda percebido que, junto à Associação Feminina não adianta propor atividade na alta temporada ou quando estão “matando” camarão, e nos barracões existe trabalho.

Descascar camarão, esta foi uma atividade que despertou a atenção, porque as mulheres se envolvem com este trabalho. É uma atividade em um local insalubre, devido ao excesso de umidade. Após a atividade elas saem reclamando que estão cheirando peixe, e o valor que recebem é em torno de um real e vinte centavos para tirar a cabeça de um quilo de camarão, ou dois reais para descascar todo o camarão. Em entrevista G. respondeu: “é um dinheirinho que a gente ganha, e sempre ajuda no fim do mês”, mas na continuidade da conversa ela afirmou que a razão verdadeira para estar lá é que gosta da conversa, porque descontraí. Confirmando com Zaoual (2006, p. 19) para quem “a inteligência do sítio é a escuta do outro” ao mesmo tempo que os jovens reclamam que todo mundo sabe da vida de todo mundo, para

---

<sup>61</sup> TONNIES, F. J. *Community and association*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1955.

outros em especial quem já tem um futuro mais ou menos definido, ter um grupo com o qual pode compartilhar seus pensamentos e sentimentos, é positivo.

Para Zaoual (2006) cada sitio tem sua característica própria, seria uma ilusão pensar que um sitio terá as mesmas especificidades que o outro. Isso se dá por uma lei mesma dos sítios, a cultura, as religiões que se mesclam, as crenças práticas que tornam a sociedade (comunidade) coesa.

Finalizando esta pesquisa, nas análises percebe-se a necessidade de conhecer a estrutura da comunidade, suas estruturas de poder formais e informais, as instituições que estão atuando no espaço. Desta forma é possível entender que este local para o qual se tem a pretensão de pensar atividades de turismo, ainda que o Turismo solidário sustentável de Base comunitária, antes de tudo é um “lugar onde vivem pessoas”, esses moradores são sujeitos e não atrativos turísticos. (NITSCHKE, 2012). O espaço vivido da comunidade, é o mesmo espaço que esta dissertação está propondo se desenvolva um projeto de TBC, o planejamento onde a comunidade seja a prioridade, e, protagonista de seu desenvolvimento, é fundamental não estar na contramão dos interesses comunitários.

Desta forma durante seu percurso a pesquisadora procurou conhecer as especificidades da comunidade, dentro de uma visão ampla no aspecto social histórico e cultural, em busca de captar a relação da comunidade com seu espaço, suas motivações, e em especial a resiliência frente as lutas do cotidiano, da natureza e suas interferências percebido como um bem assimilado e vivido pela comunidade. Mas o que ela tem maior dificuldade de assimilar e absorver é as imposições dos Gestores públicos, as leis restritivas do espaço vivido. Estas leis, que são neste espaço aplicadas com maior rigor do que o próprio texto da lei determina.

A constituição desta comunidade tem por base relações parentais, incrivelmente estratificadas, e profunda ligação de amor ao lugar vivido. A comunidade não está em um lugar geograficamente definido, como Barra do Superagüi apenas, mas em todas as comunidades desde o sul de São Paulo, se estendendo pelas comunidades do entorno da estrada e envolve todo o Município de Guaraqueçaba, Antonina, Morretes, Paranaguá, onde de alguma forma tem algum parente, alguém que lhe é caro, e por isso sente-se em sua casa.

Estes conhecimentos demonstram e permitem um caminho por onde o turismo pode se desenvolver, sem ser agressivo para o espaço vivido da comunidade. Mas fica um aviso, para conhecer esta história, a riqueza dos patrimônios comunitários a visita precisa voltar, voltar muitas vezes, pois seus patrimônios são revelados/percebidos após acurada observação e cuidado.

Existe estratificação social em Superagüi, as famílias que estão na beira mar, na frente das trilhas, de certa forma pode-se dizer que tem uma classe social, economicamente falando mais elevada e consequentemente com maior poder. Os que estão mais próximos na hierarquia das igrejas, pastor e auxiliares direto, como o dirigente da igreja católica, tem maior poder econômico e político. Aqueles que estão à frente das direções das instituições também tem maior poder temporal, e econômico. Desta forma, este poder em relação a ser funcionário da prefeitura, ter um cargo público e os familiares, em linha direta, profissão, formação (instrução)

Quanto ao dinheiro do peixe morto, percebeu-se que alguns pescadores e moradores pararam e vivem à espera da indenização do peixe morto. Em pesquisa na colônia de Pescadores em Guaraqueçaba consta que existem mais de 300 pescadores cadastrados que são da Barra do Superagüi, isso contando com aqueles que foram a óbito. Durante o tempo da pesquisa e atuação na ilha, alguns pescadores receberam o dinheiro do peixe morto, estes investiram em suas casas, e em alguma atividade ligada ao turismo, seja construindo um quarto, uma cozinha, melhorando o quintal preparando para camping ou construindo um banheiro extra. Outros ainda investiram em barco, voadeira entre outros.

## 7.9 CONHECIMENTOS TRADICIONAIS

A Comunidade da Barra do Superagüi detém muitas histórias e conhecimentos, em especial referentes a lendas, causos, contos, acontecimentos pitorescos que marcaram coletivamente a vida da comunidade. Um destes fatos históricos está relacionado ao Navio Maria Matarazzo, a história deste navio está ligada ao tempo de uma guerra entre Paraná e São Paulo. O comandante descobriu próximo de Superagüi, na Barra da Vila das Peças, que o navio estava carregado de armas, então o comandante o jogou



contra os bancos de areia e este veio a fundo, os moradores garantem que está afundado ali, e dá para ver parte do mastro quando a maré está baixa. (Conhecimento de comunitários).

Outro acontecimento interessante se refere ao fato de que, parte dos moradores da ilha morava na vila dos Pires, esta vila estaria situada na Ilha das Peças, próximo da Barra da mesma ilha, e se mudaram para Superagüi, e a comunidade em questão deixou de existir. Ainda relacionado com a dinâmica do mar na região, existe o conhecimento sobre o fato do Seu Antônio Cardoso já ter mudado sua casa de lugar três vezes e que esta estava a mais de trezentos metros de onde se encontrava no momento da pesquisa. (Este relato foi do próprio seu Antônio, em conversa com a pesquisadora, sendo também confirmado pela comunidade).

Neste lugar, ainda se vive em estreita relação com o ditado da natureza. As marés, têm lua, quando a lua está cheia ou nova – enche tudo ou vaza tudo – isto quer dizer que a maré fica maior, mais volumosa no momento de cheia e bem seca no momento de vazante. Este é conhecimento de todos os pescadores a maré para encher a cada dia tem uma diferença de 50' em relação ao dia anterior, a cada dia ela enche mais tarde, e tudo está relacionado com a fase da lua. Existem dias com determinadas luas, que a maré enche muito cedo, e por volta das 11 da manhã já vazou tudo, em outras luas ela começa a encher neste horário, e por volta de 14 horas já vazou tudo. Meia maré, são as marés de quarto de lua, não vaza tudo, nem enche tudo.

Ainda relacionado aos conhecimentos tradicionais o fandango, e suas muitas histórias e formas: o pixirão, o mutirão, o sapo e o gambá.

Quando tinha agricultura o povo era mais unido, meu pai, onde tinha fandango ele tava lá, eles mesmo que fazia o instrumento. Primeiro meu pai fazia canoa, fazia ajuntamento para buscar tronco, se você tinha espaço fazia o sapo, o mutirão, o pixirão para fazer – descascar arroz. Lugar que mais dava fandango, Bertioga (Comunidade da ilha das Peças, em frente de Barbado), a casa tinha – quarto e o resto tudo era sala, só para o fandango. (Relato comunitário de pessoas de mais de 50 anos).

Em Superagüi desde algum tempo a casa do Fandango Caiçara é no AKDOV, enquanto apresentação, espetáculo como prática cultural

ressignificada, existem muitos grupos em Guaraqueçaba, Paranaguá, em muitas vilas de São Paulo.

Festas de São João, com festa junina, cadeia, venda de beijo, dança caipira com casamento, seu João Amadeu complementa:

Quando eu estava com 6 anos de idade meu pai fez uma fogueira de São João. Houve bastante gente da vizinhança. Tinha foguetes, busca-pé, bombas e traque. Tinha também bastante comida, bijus e cará do Santo com melado e a cachaça para adultos.

Durante a pesquisa foi possível acompanhar uma festa junina, este foi um momento especial da comunidade não sendo divulgado, esta festa não tinha por objetivo atrair turistas, mas ser um encontro no espaço vivido da comunidade com os seus pares, uma festa das famílias de Superagüi. Não havia biju, nem o cará, mas, estava presente o casamento caipira, a fogueira, a cadeia, a venda de beijos, a pipoca, o quentão e o baile caipira.

Outro aspecto a ser levado em conta ao realizar o estudo de percepção do espaço vivido são as instituições religiosas, que no decorrer das últimas décadas se instalaram na região e aos poucos promovem transformação nas crenças e modos de vida tradicionais, em especial as relações sociais, a relação com o espaço vivido pelas modificações de costumes (CULTIMAR, 2008; KASHIWAGI, 2011). Neste processo a maior transformação está sendo no patrimônio cultural, e mais intensamente o imaterial como o fandango, os contos, lendas, relação de saúde/doença/ambiente, um indício dessa transformação é a influência da mudança nas práticas de cuidados com a saúde de forma tradicional, aos poucos estão desaparecendo as benzedadeiras, curandeiras, rezadeiras, ervateiros, mandigueiros e outros que tinham nos fenômenos naturais os indicativos de bonança, ou de dificuldades entendiam os sinais da natureza e interpretavam, no céu, no vento, nos cheiros como estaria o mar no dia, e até para períodos mais longos. (CULTIMAR, 2008).

O relato de experiência de seu João Amadeu, sobre seu pai e os seus conhecimentos são um bom exemplo, citado no seu livro ainda a ser publicado:

Era incrível a prática que meu pai tinha em acertar a previsão do tempo. Ele saía da porta pra fora olhava pro céu e dizia: vai mudar o tempo e vai chover, o céu está cheio de “rabo de galo”

daí se ele tivesse alguma viagem programada adiava para outra ocasião. “(rabo de galo)” era um tipo de nuvem que só ele conhecia. Um ou mais tardar dois dias depois amanhecia chovendo.

Se a saracura gritava (o grito da saracura é parecido com a fala do quero-quero), então ia dar tempestade, mas se o canto da saracura era alegre e era pra bom tempo. Minha mãe imitava a letra do canto da saracura que dizia assim: três potes, três potes, três potes, um coco, um coco, um coco. Então quando a saracura cantava no crepúsculo da tarde e princípio da noite, minha mãe dizia que bom que amanhã vai fazer sol.

Quando o Bugiu berrava no morro próximo da nossa casa, no verão, eles falavam que ia ser um dia muito quente dar trovoada e chuva a tarde.

Se estivesse chovendo e roncasse trovoada no dia de lua cheia, significava que a chuva ia continuar até o dia de quarto minguante.

Quando aparecia a formiga correição também era para mudança no tempo com chuva. Conforme o comportamento dos peixes meu pai sabia que o tempo ia mudar. Quando os peixes, principalmente as sardinhas, as manjubas, as tainhas e os paratis ficavam alvoroçados e encardumados na flôr d'agua, era pra tempestade. Essas mudanças de temperatura vinham sempre do sul.

Se a lua refletisse uma luminosidade mais intensa do normal significava que o tempo ia mudar e fazer frio.

Pelo comportamento e canto dos pássaros, pelo coaxar das pererecas, pela fala dos grilos, quando os sapos entram dentro da nossa cozinha, pelo comportamento dos animais, quando as baratas voavam dentro de casa, quando o “picumã” de cima do fumeiro ficava meio úmido etc. etc. Era tanta coisa e tudo funcionava direitinho como um cronômetro. Se estava de bom tempo o aparecimento e o canto desses bichinhos indicava que haveria mudança no tempo. (AMADEU, 2015)

## 7.10 RESPONDENDO AO PROBLEMA E AS HIPÓTESES DA PESQUISA: ANTES DA CONCLUSÃO

Trata-se incontestavelmente de um universo complexo e incompreensível por parte de qualquer abordagem que recorte o que os atores implicados na situação não recortam, na realidade visto de dentro, o sitio funciona como um guardião integrador dos indivíduos, das organizações e das múltiplas dimensões da realidade vivida. (ZAOUAL, 2006, p. 214)

A pesquisa de campo, que pareceu longa, na verdade não possibilitou ainda a percepção real de como este espaço vivido se insere no contexto, através de cada um de seus representantes. Quando se precisa sair do campo, é quando o campo começa a se abrir e permitir que se olhe dentro e para dentro. E corrobora a afirmação de Zaoual (2006, p. 213). O sitio Simbólico de pertencimento, espaço vivido desta comunidade, “antes de qualquer coisa é uma entidade imaterial”, em acordo com a cosmovisão dos atores, em Tuan

(2012) o ambiente material influencia a visão de mundo dos atores, e transforma o espaço físico, em lugar em acordo com “o sistema de crenças, herdado do grupo humano considerado [...] território imaginário no qual se encaixa o saber social da organização em questão” (ZAOUAL, 2006, p. 213).

O problema de pesquisa no que se refere à relação, da comunidade com o seu espaço vivido confirmou a existência do sentimento tofófilico por este sítio, a vida da comunidade está imbricada com seu entorno natural, ligada ao mar, a terra, ao mato e ao mangue, estes espaços de trabalho e renda são também o espaço simbólico da comunidade, neste espaço se dão as criações vinculantes através das histórias passadas e recentes. Estes fios invisíveis aos olhos, vívidos na alma de cada morador. No entanto quando se observa o espaço com olhos de quem está chegando agora, pensa-se que a comunidade não cuida de seu espaço vivido, e durante a pesquisa, este questionamento foi presente durante um longo tempo.

O que persiste ainda são as dificuldades em relação aos resíduos sólidos e esgotamento doméstico. Ainda que diferentes atividades tenham sido desenvolvidas não só agora pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas populares da UFPR, mas também por muitas ONGs, a própria comunidade e a Escola, enquanto espaço multiplicador de conhecimento, este é um problema persistente. Mas neste caso a medida que se inseriu no campo, percebeu-se a dificuldade da logística para os resíduos sólidos. O esgoto saindo direto no rio, e seguindo para a praia e o mar e as queimadas no espaço do parque, são outras questões que de algum modo se apresentam como um ato de raiva, ou protesto em relação aos gestores do ICMBio, que estabelecem restrições no uso deste “espaço vivido” como pode ser visto nas figuras (33, 34, 35, 36, 37, 38).

Quanto às relações de convivência, a comunidade se estrutura em eixos familiares, as relações parentais determinam as relações sociais do espaço. As relações de poder têm a mesma ordem, a família que já melhor estruturada, ajuda a estruturar seus próximos, isto se dá de uma forma perceptível, mas com características psicológicas difíceis de definir. A família tem membros que são os que recebem a carga do sofrimento familiar, outros membros que obtêm o poder por razões as mais diferentes possíveis, como grau de conhecimento, estudo, idade, ligação direta com pessoas vinculadas a alguma das instituições

formais. Ou ainda em acordo com o seu modo de vida, com respeito às regras locais.



FIGURA 33 - Lixo na praia está fora do sistema  
Fonte: a autora (2015)



FIGURA 34 - Posto de saúde em construção: obra sem continuidade  
Fonte: a autora (2015)



FIGURA 35 - Lixo na frente da praia, trapiche ao pôr do sol  
Fonte: a autora (2015)



FIGURA 36 - Rio que corre com esgoto para a praia e o mar  
Fonte: a autora (2015)



FIGURA 37 - Lixo camping na trilha  
Fonte: a autora (2015)



FIGURA 38 - Queimada na trilha  
Fonte: a autora (2015)

Aqueles os quais fogem a estas determinações do Sítio Simbólico de Pertencimento, na escala social da comunidade têm menos condições econômicas, diretamente ligado a dificuldades em relação ao trabalho e renda, estando com as atividades de subemprego, sem carteira assinada devido a que a maioria das atividades se dão dentro do universo da economia informal. (ZAOUAL, 2006).

As relações, entre seus pares são permeadas de conflitos internos, mas quando estão na relação com instituições ou indivíduos externos, a comunidade tem uma tendência, o que não se configura como regra geral, de se unir em defesa do comunitário, se esta não envolver ganhos para uma das partes que defende. Mas se a defesa for por direitos da comunidade dependendo quem está encabeçando esta luta, pode ocorrer união, dependendo também por qual motivo está havendo necessidade do “ajuntamento”. Durante a inserção na comunidade ocorreu na Associação dos Moradores uma reunião para fazerem uma procuração em busca de receberem o dinheiro do “peixe morto”, neste dia a Associação ficou cheia de gente. Corre a boca pequena, que se colocar dinheiro no trabalho, a coisa acontece, todos se disponibilizam. Longe de estabelecer juízo em relação a este fato, tendo as condições de vida, neste momento, é compreensível que estejam tão ávidos por recursos, por já terem passado por muitas dificuldades, o que se espera, é que após satisfeitas as necessidades primárias subam na escala das necessidades de Maslow.

Desta forma o objetivo geral e o caminho através dos objetivos específicos, sendo desvendar a percepção da comunidade de seu espaço vivido, e a possibilidade para o encontro de saberes e fazeres entre anfitriões e visitantes. As ações da entidade externa e a adesão da comunidade no sentido de melhora do sistema da água, construção de equipamentos de infraestrutura entre outros, atraiu o interesse da governança local, em especial a prefeitura a qual está buscando uma aproximação com a comunidade. A comunidade estava desacreditada da prefeitura, e o apoio desta durante a segunda festa do camarão entre outras pequenas ações está permitindo que a comunidade deposite um voto de confiança nas promessas da mesma. Mas, percebe-se que este é um longo caminho que a comunidade está apenas começando a trilhar, sendo fortalecido após a relação com a ITCP e as ações desenvolvidas no sentido de união comunitária na busca de resolver os



problemas coletivos. Através destas ações com apoio, o espaço adquire melhores condições para este encontro. A comunidade é consciente de seu patrimônio, tanto cultural como o patrimônio do sítio. A ilha de Superagüi é rica em patrimônios natural, cultural material e imaterial.

No território da comunidade da Barra de Superagüi, existe um conflito instalado entre os moradores, em especial empreendedores da área do turismo com os donos de barracão de salga e de descasque de camarão. Estes donos de barracão orientam os adolescentes auxiliares, a jogar as cascas de camarão na orla da praia, e quando a maré sobe, estas cascas ficam espalhadas na areia, proporcionando por isso um cheiro e visão do espaço desagradável. Este fato está sendo repudiado pelos comunitários e gerando um conflito que pede pronta intervenção do ICMBio, Prefeitura, e Associação de moradores enquanto instituições com poder de policiar.

Já o turismo está acontecendo de forma informal, não planejado nem organizado, assim como todas as atividades de turismo na ilha. Enquanto isto o Turismo de Base Comunitária, ainda não acontece com esta denominação, mas é uma atividade que ocorre na medida que os visitantes são em sua maioria adeptos ao ecoturismo, turismo de aventura, turismo de encontro, turismo sustentável, turismo de experiências os quais pressupõe respeito a comunidade e a natureza (NIEFER, 2002). Então sim este espaço tem amplas possibilidades para o encontro entre visitantes e anfitriões dentro da forma de turismo sustentável e solidário. Mas para se estabelecer dentro de um contexto formal necessita de planejamento e organização, em especial dos grupos envolvidos em associação ou cooperação, desta forma poderão desenvolver um sistema ou circuito de TBC, de atividades para o mesmo, sendo ainda possível nesta forma sistêmica ocorrer um processo de envolvimento de maior número de pessoas, através de múltiplas atividades.

Quanto às Hipóteses da pesquisa, as lideranças da comunidade foram apresentadas no início do trabalho, e foi percebido no decorrer das pesquisas serem importantes. A comunidade é guerreira e busca melhorar seu espaço vivido, mas precisa de apoio e condução, alguém que tome a frente e estimule a mesma nas ações. Caso contrário cada um cuida do que lhe diz respeito.

Percebeu-se, nestes 18 meses em que se esteve no campo, que muitos moradores que eram pescadores quando da pesquisa exploratória, estão de



alguma forma migrando para alguma atividade voltada para o turismo; o espaço vivido da comunidade possui potencial para ampliar os atrativos turísticos, dentro de uma lógica de turismo sustentável, no entanto necessitam do comprometimento do poder Público no que diz respeito a infraestrutura no destino, como segurança, acesso e acessibilidade.

O apoio do poder público, após a mobilização comunitária para resolver seus problemas de infraestrutura, é importante, mas acima de tudo é necessário que a comunidade se torne autônoma e gestora de seu território. A autonomia e representatividade não prescinde da força associativa. Para a comunidade da Barra do Superagüi alcançar a satisfação das necessidades referentes a infraestrutura e instalações necessita do apoio de ações desenvolvidas pelo poder público, como assessoria em relação a técnicas referentes ao sistema da água. Os serviços de informação turística, logística comunitária, transporte, saúde, educação, saneamento básico e possibilidades de mobilidade. E ainda um sistema integrado de transporte por barco e terrestre entre as comunidades, Curitiba e outras regiões do Paraná, Paranaguá, Joinville, São Paulo.

O quadro abaixo, traz um esquema de como se organizou o trabalho em sua condução metodológica. Sendo importante no momento do fechamento e conclusão do trabalho. Permitiu a pesquisadora manter-se conectada no sentido de responder aos questionamentos propostos no início com o projeto da pesquisa (quadro 3).

Esta tabela foi baseada em material apresentado pelo professor Miguel Bahl na disciplina de Análise do Planejamento, Gestão e Desenvolvimento do Turismo, 2013. Adaptada aos objetivos da presente pesquisa pela autora. O presente quadro, tornou-se ferramenta norteadora sendo consultado durante todo o processo de construção do trabalho, uma vez que permite uma visualização em conjunto de todos os componentes do processo de organização do trabalho.

NOTA: Este quadro, deveria fazer parte do capítulo metodologia, mas optou-se por inseri-lo neste ponto, uma vez que é uma síntese dos momentos da pesquisa, este fato facilitou a organização das respostas aos questionamentos da pesquisa.

PROBLEMA DE PESQUISA	HIPÓTESES	OBJETIVOS	METODOLOGIA	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	INSTRUMENTOS DE PESQUISA	VARIÁVEIS A INVESTIGAR
A relação da comunidade com seu espaço vivido.	Hipótese 1 Existem lideranças na comunidade Barra do Superagüi.	Objetivo O objetivo é desvendar a percepção da comunidade de seu espaço vivido, e a possibilidade de encontro de saberes e fazeres entre anfitriões e visitantes.	A abordagem é fenomenológica. Tipo de pesquisa: exploratória, qualitativa para coleta e análise dos dados	Entrevista oral, perguntas abertas semiestruturada.	Roteiro de entrevista, Utilização de formulário para entrevista (questionário como guia), Quadro de análise.	Idade, sexo, escolaridade, atividade profissional, opinião/percepção do espaço vivido. Do ICMbio.

O problema de pesquisa consiste em desvendar o espaço vivido e as relações sociais através da organização comunitária.	Hipótese 2 O turismo é percebido por todos, sendo importante fonte de renda para a comunidade. A comunidade se sente envolvida, mas nem todos se beneficiam da atividade.	Objetivos específicos: (i) identificar as relações da comunidade com seu sítio; (ii) analisar as relações de convivência entre os membros da comunidade, sua identidade, memória/história e cultura (iii) analisar, com base nos levantamentos anteriores, os caminhos pelos	Observação direta e assistemática em imersão, aproximando da Etnografia	Realização de entrevistas com moradores e nativos da vila da Barra do Superagüi.	Livros, documentos, sites, revistas [...]	Objeto de estudo, é a relação da comunidade da Barra do Superagüi com o seu espaço vivido. Áreas de preservação ambiental PNS.
A pergunta, o questionamento de origem dessa dissertação é; o parque protege o modo de vida e a natureza? Quais aspectos são percebidos pela comunidade em sua relação com o “espaço vivido”? Existe	Hipótese 3 O espaço vivido da comunidade possui potencial para ampliar os atrativos turísticos, no entanto necessitam do comprometimento do poder público no que diz respeito a infraestrutura no destino,	quais poderá ocorrer adesão da comunidade para o encontro de saberes e fazeres no TBC.	Entrevista Oral, com perguntas abertas e semiestruturadas. Utilização do caderno de notas.	Presença na barra do Superagüi junto a equipe ITCP	Entrevista com roteiro como auxiliar para o pesquisador, no sentido de conduzir o pensamento. Mas o pesquisador, durante o processo será livre, assim como o interlocutor para contar sua história até	Histórias que se referem às pessoas, ao lugar, território e formam a identidade local.

sentimento de pertença ao sítio? Quais são os patrimônios material e imaterial seus fazeres e saberes?	segurança e acesso.				esgotar o assunto.	
---	------------------------	--	--	--	-----------------------	--

Tabela 3 – Organização Metodológica da Dissertação

Fonte: A autora – 2015

## 8 CONCLUSÃO

*E, há os que doam e não conhecem pena em doar, nem buscam alegria, nem pensam na virtude;*

*Estes doam como o mirto, naquele vale, que exala seu perfume no espaço.  
Através de suas mãos é Deus que fala, e por trás de seus olhos Ele sorri para o mundo.  
(GIBRAN, K. O Profeta. São Paulo: Martin Claret, 2005)*

Em busca de desvendar como se dava a relação da Comunidade da Barra do Superagüi com seu espaço vivido, e quais os caminhos a serem percorridos no sentido de estruturação para o Turismo de Base Comunitária buscou-se um caráter transdisciplinar, integrando os conhecimentos da Geografia humanista, e a visão de mundo da fenomenologia, a economia das iniciativas locais, a qual fez conexão com os satisfatores da Teoria do Desenvolvimento à Escala humana (MAX-NEEF, 2012), a Teoria social cognitiva (BANDURA, 2008), a resiliência de Cyrulnik (2006) e Topofilia (TUAN, 2012). Buscou-se analisar como esta comunidade desenvolvia sua relação com os seus pares, com o ambiente, as instâncias formais de liderança, as instâncias de governança e as lideranças informais do espaço vivido.

A geografia humanista fenomenológica permitiu um interlúdio do que permeia o vivido, o que se dá entre os fatos, desvendando desta forma os elementos que vinculam o humano ao espaço. Foi possível apreender a visão de mundo da comunidade, fruto do território composto por diferentes ambientes na relação com a terra, na qual estavam residindo e tinham suas plantações. Este espaço se compõe do saudosismo, sendo a memória coletiva das práticas culturais, de subsistência e folguedos como o fandango, a festa de São João (não se chamava festa junina, como em algumas regiões ainda não chamam, mas sim como “Fogueira de São João”); o mato, local sentido e chorado como sendo no presente proibido de ser utilizado para a retirada de matérias primas para suas casas, petrechos de pesca, barcos, utilitários, e principalmente para a construção dos instrumentos do Fandango Caiçara; o mangue, espaço vinculante através das práticas de alimentação no espaço da família, reunião com amigos, a aventura, a coleta do caranguejo, na época propicia festa nas casas e para as famílias; e o mar sempre foi e continua sendo o principal lugar onde a comunidade desenvolve práticas de trabalho e renda, a pesca de forma artesanal.

Durante o período da pesquisa foi percebido um aumento das instalações voltadas para o desenvolvimento do turismo, dentro da lógica do turismo de massa. Foi percebido e demonstrando pela comunidade, que se sentia incomodada quando tinha um grande volume de turistas na ilha, em especial por moradores que não estavam diretamente envolvidos na atividade. As entrevistas com pessoas de idade e evangélicos, em particular, apontou um alto índice de insatisfação em relação ao turismo, o qual não aparece explicitamente ao responderem se gostavam de receber turistas.

Esta informação apenas foi obtida em diálogos realizados de maneira informal, estes reclamaram da bebedeira, do barulho que os impedia de descansar, da bagunça, sujeira, vai e vem de pessoas, e ainda o desrespeito pelo local, mas o que mais incomodava é o aumento do uso de drogas lícitas e ilícitas, o qual foi percebido no tempo da pesquisa como sendo de forma livre sem restrição, e ainda, a ilha não conta com um serviço de polícia.

A comunidade, para aqueles cuja atividade estava vinculada ao turismo supervalorizava o turista, por representar trabalho e renda. É compreensível o desejo de obtenção de melhores condições de vida, mas esta deve não ser a principal preocupação dos comunitários, pois tem uma parte significativa da comunidade que tem outras atividades e desejam ter seus espaços respeitados.

Cabe ainda frisar que as casas tinham como proibido pelo ICMBio o cercar suas propriedades, um ano e meio depois foi percebido que a maioria das casas já estavam cercadas, com arame, tela, cordas, madeira entre outros materiais. A origem da mudança de estilo também se observou no aumento na quantidade de cavalos na comunidade, os quais comem as plantas e as verduras em especial. Quanto aos turistas, percebidos como invasores de muitos dos espaços da comunidade, um morador, dono de camping afirmou que entrava ali apenas quem ele conhecia, e aqueles que ele percebia que eram pessoas de confiança.

Analizou-se estarem ocorrendo mudanças estruturais dos valores comunitários, ao mesmo tempo que alguns costumes estavam sendo ressignificados como o fandango caiçara, ainda assim, se percebeu a diminuição da confiabilidade comunitária.

A realização do Plano de Manejo do Parque, o qual foi ansiosamente aguardado pela comunidade, estava sendo recebido como algo a se temer, pois a comunidade não tem claro o que será possível a partir de sua implantação. Esta falta de clareza sobre o que pode e o que não pode a partir do Plano de Manejo, estava sendo motivo de conflitos instalados na relação da comunidade com os gestores do parque, em especial por parte do MOPEAR.

Percebeu-se que a comunidade da Barra do Superagüi estava em transição do modo de vida não tecnológico para um modo de vida tecnologizado, e que estes não tinham ainda o domínio da tecnologia que estava a seu alcance, desta forma, muitas casas tinham computador, mas não tinham o conhecimento para o pleno uso, máquina de lavar roupas de última geração na caixa, sem condições para ser instalada. O consumo de bens duráveis e não duráveis estava se tornando algo próximo das cidades grandes. O excesso de compras de produtos industrializados e o consequente aumento de resíduos sólidos recicláveis, os quais não sendo separados quando é feito a coleta são encaminhados para o aterro sanitário, que nada mais é, do que um lixão. Grande parte dos resíduos ficavam espalhados pelas trilhas, em baixo da vegetação ou eram queimados.

Desta forma considera-se que os resultados desta pesquisa podem representar pontos de partida para novas investigações que visem compreender aspectos diversos deste espaço vivido, mas acima de tudo demandaria vontade política de sua instância de governança regional no sentido de organização e participação com atividades de apoio e infraestrutura local. Este apoio deve ter por objetivo reforçar a capacidade dos grupos, atores locais na busca de solucionar seus problemas, e uma busca permanente de atingir suas metas.

Alerta-se que se deve minimizar as condições que estão se desenvolvendo em consequência das atividades de turismo sem planejamento e organização, as quais tem apenas objetivos comerciais. A proposta então seria a de renovar o tipo de atividade econômica para um turismo de base comunitária fundado na comunidade, valorizando seus saberes fazeres, a cultura o respeito pelo ser do outro como premissa e bem mais valioso.

Tendo identificado os patrimônios materiais e imateriais da comunidade, torna-se necessário uma sensibilização para a criação de um roteiro de TBC.

Os atores envolvidos devendo ter bem claro o que significa esta atividade, desenvolver uma formação continuada, tendo por objetivo mudança na linguagem e também na forma de pensar e gerir a atividade. Esta não deverá ser o fim, mas a manutenção dos modos de vida. Ter claro e de preferência por escrito os direitos/deveres, responsabilidades.

A melhor forma deste fato ocorrer, seria através do associativismo e cooperativismo. A comunidade da Barra do Superagüi tem uma característica empreendedora, no entanto se continuar pensando desenvolvimento como ter, a comunidade que está em um espaço endógeno entra em colapso. Neste modelo produz dívidas sociais, econômicas, culturais, destrói a diversidade humana, destrói a natureza, os patrimônios culturais e as espécies naturais são colocadas em risco.

Zaoual (2006) entende que a economia informal e a forma de funcionar dos sítios no Sul, entendendo sul como os países que compõem o cone sul da Terra, e estão em vias de desenvolvimento, a economia informal que se desenvolve nos sítios tem a lógica própria do sítio para funcionar. Esta lógica é apenas compreensível a partir do próprio mundo vivido, o local simbólico, no qual se dá em profundidade sua trajetória histórica, social e cultural de pertencimento. O capital cultural acumulado resultante, acontece no tempo e no espaço. Então concluindo, ainda que faça todos os movimentos levados pelo capitalismo, pela mídia estimulando o consumo, ainda assim desenvolve uma força identitária que amalgama os indivíduos ao espaço e fortalece a topofilia coletiva: “tal identidade é o cadinho de seus modelos de ação, de aprendizagem e de adaptação com relação à evolução e à mudança que impõe o meio ambiente” na concepção de Zaoual (2006, p. 236).

Os sítios são sistemas abertos e fechados, o sistema fechado, se dá quando se refere aos valores, crenças e patrimônios construídos ao longo de sua história, abertos quando são capazes de assimilar os conhecimentos de outras culturas até o ponto que estes não ameacem sua estrutura básica. Têm um sistema regulador invisível, o qual permite a entrada de determinados conteúdos e barra outros (ZAOUAL, 2006). Assim ainda que tendo feito uma análise inicial negativa sobre a ação dos empreendedores atuais no sítio, espaço vivido da Barra do Superagüi, foi possível perceber que este sítio tem leis próprias as quais têm no hábitos e costumes um sistema limitante o qual



articula e redistribui em benefícios ainda que através de trabalhos estafantes como o descascar camarão, entre outras atividades, mas todas elas uma sustenta a outra, a pesca do camarão tem ligação direta com as salgas de camarão, a qual se liga às mulheres e crianças que descascam o camarão e ao mercado externo que compra e consome o produto.

O turismo neste espaço convive no momento com estas atividades, e se interfere nesta dinâmica, a comunidade controla o desenvolvimento do mesmo.

O Turismo de Base comunitária, pode ter a lógica que Max-Neef (2012), defende com três requisitos básicos o da Inteiraza, da Consistência e da Decidibilidade.

Um sistema, de TBC onde os sujeitos da ação, tendo a comunidade como seu sítio, tenham a Inteiraza, os envolvidos devem buscar organizar-se para permitir a reprodução autodependente, no sentido de atender as necessidades humanas fundamentais, sem ser autossuficiente, ou isolacionista, tendo todas as atividades de comércio, produção, apenas que estas não têm o ter como premissa básica, mas o Ser, a comunidade se sentindo em segurança e conseqüente bem-estar.

Sendo um sistema Consistente, a forma de reprodução não auto-destrutiva. Este sistema não degrada o ambiente, nem utiliza seus recursos até a exaustão, assim como, sendo um sistema autoalimentado, política e culturalmente equilibrado.

A Decidibilidade, como a capacidade interna de aprender com a experiência, sua e externa, este sistema necessita de uma estrutura horizontal, onde as decisões tem uma característica participativa e linear, sendo retroalimentado. As diversidades neste sistema são estimuladas, pois estas enriquecem o mesmo. Nesta forma o TBC, nasce, desenvolve e pode dar frutos para toda a comunidade tanto para os envolvidos como para os que não estão diretamente na atividade.

Assim exposto considera-se que todos os elementos apresentados e trabalhados na pesquisa permitiram a compreensão dos dados coletados no campo, e responderam a principal questão no que se refere ao espaço vivido da comunidade como um espaço que permite, sendo ainda esta a orientação para Unidades de Conservação o turismo solidário de Base Comunitária. Este espaço vivido é delicado, tem uma capacidade de carga restrita, e modos de

vida frágeis, sujeitos a transformação, que aliás já estão ocorrendo. Não se preconiza aqui, culturas estanques como encenação, mas culturas fortes em comunidades conscientes de seus patrimônios, sendo autônomas e gestoras de seus recursos, determinada e em busca de Ser ao invés de apenas ter.

E ainda dentro da visão da Psicologia social Bandura (2008), a motivação para se manterem frente aos interventores e pesquisadores, assim como gestores que tendo conhecimentos acadêmicos e do mundo de fora, chegam no espaço e querem impor seus modos de vida e conhecimento. Estes trazem soluções prontas e querem que a comunidade tenha os problemas para eles resolverem. Desta forma a contribuição desta pesquisa é no sentido de compreender esta comunidade como resiliente, automotivada, e com um sistema social próprio, que a estrutura e regula suas atividades, desta forma proporcionando recursos e oportunidades para o desenvolvimento e funcionamento individual e coletivo.

Esta proposta é início para novos trabalhos, tanto práticos quanto teóricos, pois nenhum trabalho tem fim, ele apenas abre portas para novas portas possíveis.

## 8.1. CODA

*“Aqueles que vivem reféns de seus medos, tornam-se sequestradores dos próprios sonhos”. (Autor desconhecido)*

Esta última parte do trabalho, nasce de um desejo de pensar o Município de Guaraqueçaba ligado ao centro administrativo do Paraná, e não como um apêndice, então o caminho que se propõe seria um cordão umbilical, e tendo o nome de Coda, como um trabalho, que tem forma circular, não tendo começo nem fim. O que significa uma Coda? Ao terminar a composição musical muitos músicos a partir do século XII, tinham como que o desejo de mais um pouco da música. Então faziam uma volta a alguma parte já tocada, indicada com sinal próprio pulando o final tocado anteriormente indo para um novo final, algumas vezes repetindo tudo ou uma parte, a este novo final era dado o nome de CODA. Nesta etapa do trabalho, e como já se tinha um sonho antigo sentiu-se a necessidade de propor aqui uma forma de turismo que se desenvolva de forma sistêmica indo além de Guaraqueçaba, aproveitando todo um circuito de

caminhos que estão de certa forma esquecidos, e assim levar visibilidade a comunidades isoladas ao longo das estradas aqui apresentadas.

O presente trabalho teve início em 2012. Durante uma viagem como requisito da disciplina na Especialização em Questões Sociais sobre a perspectiva interdisciplinar. Na oportunidade foi possível conhecer, as comunidades de Barbado, Barra do Superagüi e Sebuí. Na ocasião soube-se que era comum, no passado a atividade de parteiras e ervateiros nas comunidades de Guaraqueçaba. Questionou-se: e hoje em dia, ainda existem estas pessoas? É possível conhecer alguém assim? A preocupante resposta foi: “óia a urtima pessoa que conheço é D. Leontina, ali de Barbado, mais ela agora não tá mais benzeno não, ela só dá erva”. Esta resposta leva a outro questionamento, e porque ela não está mais benzendo? E como resposta: “a religião não permite, desde que ela foi pra evangélica ela não benze mais”, foi preocupante, em razão de não ser a primeira vez que se ouvia este comentário.

Os responsáveis pela organização da viagem, professora, guia de turismo local e o barqueiro, chamaram a atenção para os efeitos da presença de turistas e veranistas na região. Os organizadores da viagem e a professora, passaram a ideia que essas presenças eram também responsáveis em parte por essas perdas dos patrimônios imateriais, os modos de vida tradicional, e ainda com o agravante da prostituição, desterritorialização e o aumento do consumo de drogas lícitas e ilícitas. E ainda, juntou-se a essa problemática a perda do território dantes utilizado para a agricultura, por ter se tornado um Parque Nacional desde 1987. Todos estes fatos, à época causaram profunda indignação. O questionamento foi: qual a razão para as comunidades estarem permitindo que estas coisas aconteçam, o que estão fazendo para mudar esta condição?

Tendo por objetivo analisar porque estava acontecendo a perda dos patrimônios, em especial imaterial, realizou-se na ocasião pesquisa através de entrevista oral na região. Este trabalho tinha então por objetivo construir o trabalho de conclusão, como requisito para o título de especialista. Como resultados, percebeu-se que as comunidades de alguma forma lutavam, mas não tinham forças suficientes, frente a políticas hegemônicas dominadoras. Algumas instituições que vieram até a comunidade, e se apresentavam como quem os poderia defender se colocavam como complicadores. Estes grupos

trouxeram cursos de trabalhos manuais, cursos de educação ambiental. Outros que tinham/tem por objetivo proteger o “mico” e os “papagaios”, não que estes não tenham direito a proteção e cuidado, a questão não era esta, mas o ser humano também necessita de proteção e cuidado, como bem colocou um morador da Barra do Superagüi. Sem formação para autonomia e autogestão, enquanto estavam com os interventores os grupos desenvolviam os trabalhos, mas assim que estes se afastavam os trabalhos não tinham sequência. Viver, desenvolver-se em um ambiente tão preservado, para garantir que as próximas gerações também possam usufruir e viver com liberdade, comprometidos e autônomos, foi percebido como um dos grandes desafios.

Desta forma, aqueles que vivem nesta região desde o início da colonização até hoje, em áreas naturais com alto índice de preservação, recebem a visita dos que vivem na área urbana, e cortam até a última árvore que está em seu quintal, ou na frente de casa, muitas vezes indo até os órgãos de defesa da natureza como o IAP, para solicitar autorização para esta ação. Estes chegam em Guaraqueçaba, e nas vilas ilhas que hoje são PN, e se propõem a ensinar para essas pessoas como preservar o seu espaço. (DYSARZ, 2013; DUARTE, 2010)

Todos estes questionamentos, apresentados pela comunidade e ainda as restrições à pesca, o único modo de vida que agora é possível, ser pescador. Sentindo o peso, e responsável também por este estado de coisas, pelo fato de vir da área urbana. Dentro desta conjuntura, surgiu a necessidade de melhor compreender: Quem eram estas pessoas, qual a razão para estarem tão vilipendiados em seus direitos? Para responder a estes questionamentos, nasce esta pesquisa um ano depois dentro do Mestrado em Turismo, por ser este apresentado como vilão. Ao final da visita, em diálogos com os habitantes do “lugar”, percebeu-se que na verdade a comunidade o percebia como um importante recurso na manutenção de seus modos de vida, e para voltarem a viver com dignidade sem tanta dependência dos gestores públicos, dos organismos responsáveis pelo PN, em parceria com os visitantes reconstruírem suas histórias, lutas e alegrias dentro deste Sítio simbólico de pertencimento segundo Zaoual (2006), que é hoje o lar destes Caiçaras.

Finalizando as pesquisas de campo, recentemente, ao fazer uma incursão de reconhecimento por locais que compõem a vida de um Caiçara

com “C” maiúsculo, já conhecido da pesquisadora, o seu João Amadeu, o qual está escrevendo um livro “Minha vida, minha história”. Nesta obra, ele que vive nesta região desde que nasceu, cuja vida em parte imbrica-se com a história de Guaraqueçaba. Neste entrelaçamento ele decidiu apresentar o Puruquara, região onde nasceu, bordada por ele no livro com um colorido que deixa o leitor interessado em conhecer este pedaço de paraíso, a primeira foto mostra o local onde seu João brincava (fig. 38). Com esta curiosidade, dirigiu-se a este lugar, a primeira coisa a ser apresentada foi o Estaleiro (fig. 39). Neste local Joshua Slocum, um americano que ficou à deriva na região construiu uma embarcação, com a qual voltou aos Estados Unidos. Ao chegar em seu país de origem registrou o acontecido que depois seu filho transformou em livro, narrando esta história que aconteceu em Guaraqueçaba no Século XIX (AMADEU, 2015 a ser publicado).

Seu João Nasceu no Sítio “Pedra do Adão” no Puruquara (fig. 41), o local tem este nome, porque o avô tinha adão no nome, sendo ele o proprietário do sítio, no qual tinha muitas pedras, e uma delas na frente do sítio se chamava “pedra do Adão” (fig. 40). Nesta pedra o pai do seu João, colocava os peixes quando chegava da pescaria, para consertar o peixe (forma como denominam limpar o peixe) e levar para casa (AMADEU, 2015).

Pois bem, foi nesta viagem que o círculo se fechou, a primeira pessoa que o seu João apresentou no percurso, uma mulher de Barbado (comunidade da Ilha do Superagüi), que agora está no Puruquara cuidando de um sítio, cujo proprietário vive em Curitiba. Esta senhora tem um grande conhecimento de ervas medicinais. O interlocutor tinha conhecimento do interesse da pesquisadora por esta temática. Então ele declinou o nome, “agora você vai conhecer a D. Leontina de Barbado”. Neste momento muita coisa passou pela mente, e quantas perguntas.



FIGURA 38 – cachoeira onde seu João brincava  
Fonte: a autora (2015)



FIGURA 39 – a “toiça” de bambu, onde ficava o estaleiro do Puruquara.  
Fonte: a autora (2015)



FIGURA 40 – “Pedra do Adão”  
Fonte: a autora (2015)



FIGURA 41 – vista panorâmica do Puruquara.  
Fonte: a autora (2015)

A pergunta mais teimosa: porque a senhora parou de benzer? Ao chegar na casa o convite para entrar, e mostrou várias ervas, falou muito e era tão pouco tempo, para tanto que se queria saber. E então a pergunta foi feita: porque a senhora parou de benzer? No entanto a resposta foi desconcertante, com toda a simplicidade que só estas pessoas sabem ter, ela disse: as pessoas passaram a acreditar mais em mim do que em Deus. Por isso eu parei de benzer, é Deus que faz tudo.

Então como ainda tinha uma questão a resolver, difícil acreditar que ela não desejasse mais ajudar quem precisasse, que a procura neste lugar, no qual muitas vezes não tem outros recursos, outra pergunta: e se chegar alguém muito necessitado, a senhora ora por ele? E de novo a resposta mais tranquila

do mundo, sim, eu ponho as mãos assim, na cabeça e oro. Mas é Deus que cura.

Pronto, este encontro valeu todo o dia, toda a viagem já teria valido só com este encontro. Foi um fecho para toda a busca dos últimos três anos.

Mas no caminho antes de chegar a este paraíso, a equipe já tinha ganho outro presente, um bando de Guarás “pastando” (é assim que se fala na região), os Guarás (*Eudocimus ruber*) e os caranguejos vermelhos chama-maré (*Uca maracoani*) estão voltando (figura 43). Estes pássaros vermelhos, estavam desaparecendo da região, mas desde o ano anterior começaram a ser vistos de novo. São um atrativo turístico importante da região. O local onde eles são vistos com maior frequência é no “furado” um caminho aberto artificialmente pelos nativos desde a muito tempo, este caminho facilita a viagem desde Guaraqueçaba, até diversas ilhas e comunidades (figura 44).



FIGURA 42 - Guarás (*Eudocimus ruber*) pastando – Furado, caminho que leva de Guaraqueçaba a Superagüi  
Fonte: a autora (2015)

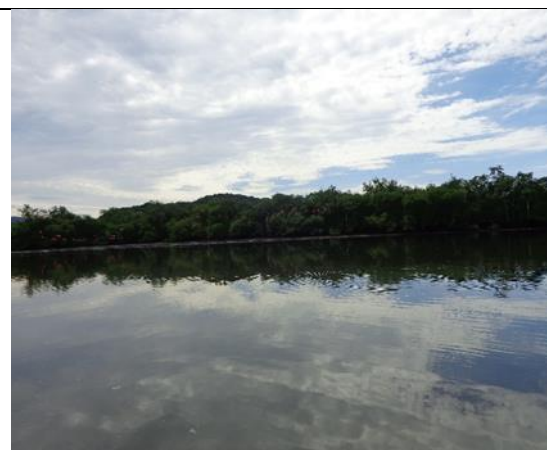


FIGURA 43 - Vista do furado, caminho que leva de Guaraqueçaba a Superagüi.  
Fonte: a autora (2015)

Inserir-se em um espaço e desejar compreender as formas como as pessoas vivem tem razão de ser, se o pesquisador tiver consciência que na verdade ao entrar neste espaço se leva junto. Dentro deste processo vai olhar a princípio com olhos romantizados, em alguns momentos e em outros extremamente crítico. Desta forma o que se desejou mostrar “a vista do ponto de vista do pesquisador”, o que enquanto pesquisadora viu, são as imagens que falam mais alto ao coração, e também à razão. Pode-se afirmar que o

trabalho foi uma espécie de álbum de fotografias dos momentos de contato com o campo.

Dentro deste álbum, foram colocadas as análises e propostas de novos trabalhos assim como a ideia de um roteiro turístico sistêmico, no qual se propõe que tenha as características de um caminho de auto encontro e autoconhecimento. “Caminho de Gratidão Paz e Luz”.

Dentro da metodologia de sistema, como uma composição musical, onde o introito, o início da mesma seja em Piraquara, região metropolitana de Curitiba. Esta seria uma proposta de estar limpo, sem uso de nenhuma forma de apoio de qualquer substância de caráter alucinógeno. Percorrer este caminho, a pé, de bicicleta, ou a cavalo o único apoio seria sua própria bagagem de roupas, alimento e um cajado o mais simples possível. Ao longo do caminho, a estrutura seria composta por pontos de apoio e subsistência. Estes pontos podendo ser em sítios, chácaras, mosteiros ou outros locais de devoção.

Iniciar o caminho, sempre com uma proposta, e um desapego, no espaço que será preparado, o caminhante receberá uma credencial, e esta receberá uma anotação sempre que o caminhante parar em algum local de apoio.

O Caminho de Gratidão Paz e Luz, chega até Guaraqueçaba pela estrada de terra, vai pelo mar até a Ilha do Superagüi e pela praia até a Barra do Ararapira, então atravessa para São Paulo no Marujá, depois para o Ariri pelo canal do Varadouro, vai para o Itaqui, faz a trilha do Telégrafo, desce até a comunidade quilombola do Batuva, Comunidade do Rio Verde e vai até Guaraqueçaba, onde recebe o certificado de Peregrino do Caminho de Gratidão Paz e Luz. Vem!



## 9. REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. Cadernos de Pesquisa.** 2001. n. 113. Julho, p. 51- 64.

AMEND, M. R. **Oferta demanda na barra do Superagui.** 2001. Dissertação apresentada para o departamento de Engenharia Florestal. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/25949/D%20-%20AMEND,%20MARCOS%20RODOLFO.pdf?sequence=1> Acesso em: 12/08/2014

BANDURA, A., AZZI, R. G.; POLYDORO, S. . **Teoria social cognitiva: conceitos básicos.** Porto Alegre: Artmed, 2008. Disponível em: <http://imagem.casasbahia.com.br/html/conteudo-produto/12-livros/299910/299910.pdf> Acesso em: 30/07/2014

BAUER, W. M.; GASKELL, G.; ALLUN, N. C. Qualidade, Quantidade e interesses do conhecimento. Evitando confusões. In BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e son. Um manual prático.** Petrópolis – R. Janeiro: Ed. Vozes, 2013.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo.** São Paulo: Papius, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cultura e turismo: discussões contemporâneas.** Campinas: Papius, 2007.

BAZZO, J. **Mato que vira mar, mar que vira mato: O território em movimento na vila de pescadores da Barra do Ararapira (Ilha do Superagui, Guaraqueçaba, Paraná).** Disponível em: [http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/25034/Dissertacao\\_VersaoFinal\\_JulianeBazzo.pdf?sequence=1](http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/25034/Dissertacao_VersaoFinal_JulianeBazzo.pdf?sequence=1) Acesso em 02/09/2014

BENI, M. C. Dimensão e dinâmica de Clusters no desenvolvimento sustentável do Turismo. In BAHL, M. (org.). **Turismo enfoques teóricos e práticos.** São Paulo: Roca, 2003

\_\_\_\_\_. **Sistema de Turismo – Sistur Estudo do Turismo face à Moderna Teoria dos Sistemas.** 1990. Disponível em: [www.spell.org.br/documentos/download/29141](http://www.spell.org.br/documentos/download/29141) Acesso em: 10/02/2015

BERGONSI, S. S. Estrutura e funcionamento da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná ITCP – UFPR. in BERGONSI, S.S.; GUSTAVO, B.L. (org.). **Cooperativismo, economia solidária e inclusão social: métodos e abordagens.** Curitiba: PROEC, 2007.

BETTI, P. **Turismo de Base Comunitária e desenvolvimento local em Unidades de Conservação:** Estudo de caso na área de proteção ambiental de

Guaraqueçaba e no Parque Nacional do Superagüi, Guaraqueçaba - Paraná. Dissertação de Mestrado Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento UFPR, 2014.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1989;

BRASIL. **ATLAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA DO BRASIL**. Brasília: MTE SENAES, 2006.

BRASIL. **Ministério do Turismo: Turismo Rural orientações básicas**. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_Rural\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSxO\\_.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Rural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf) Acesso em: 07/06/2015.

BRASIL. **Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão**. Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos – SPL. Relatório de Avaliação do Plano Plurianual 2004-2007: exercício 2008. Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos. Brasília: MP, 2008. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/informacao/legislacao/segurancaalimentar/decretos/2007/PCT,P20Decreto,P20no,P206.040-P20de,P2007,P20de,P20fevereiro,P20de,P202007.pdf.pagespeed.ce.86lgaqOQrY.pdf> Acesso em: 27/05/2015

BRASIL. **Marcos Conceituais do Turismo**. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Marcos\\_Conceituais.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf) Acesso em: 16/05/2015.

BRASIL. **Plano Nacional de Turismo**. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/plano\\_nacional\\_2013.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/plano_nacional_2013.pdf) Acesso em: 08/06/2015

BUBER, M. **Sobre comunidade**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997. p. 283-350: Culturas Híbridas, poderes oblíquos. Disponível em: <http://www.cdrom.ufrgs.br/garcia/garcia.pdf> Acesso em: 05/01/2015.

CASTRO, M. L. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: Educarte, 2008.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

CYRULNIK, B. **Falar de amor à beira do abismo. Resenha de Josette Czerny**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v41n4/v41n4a16.pdf> Acesso em: 02/05/2015.

3ª CONAES. Conferência Nacional de Economia Solidária. Brasília, 2014. Disponível em: [http://conae2014.mec.gov.br/images/pdf/doc\\_referencia.pdf](http://conae2014.mec.gov.br/images/pdf/doc_referencia.pdf) Acesso em: 08/06/2015

CULTIMAR. **Recursos naturais na vida caiçara**. Grupo Integrado de Aquicultura e Estudos Ambientais- UFPR: Curitiba, 2008

D'AROS, M. S. **A vez e a voz de mulheres-mães com filhos e ou netos institucionalizados**. Curitiba. Tese de Doutorado. Departamento de Educação Universidade Federal do Paraná, 2012

DEMO, P. **Participação é Conquista: noções de Política Social Participativa**. São Paulo: Cortez, 1988.

DIEGUES, A. et al . **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil**. São Paulo: NUBAUB-USP, 1989. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/750> Acesso em: 18/05/2015.

\_\_\_\_\_. **O mito moderno da natureza intocada**. Disponível em: <https://raizesefrutos.files.wordpress.com/2009/09/diegues-o-mito-moderno-da-natureza-intocada.pdf> Acesso em: 10/02/2014

DUARTE, L. A. **Argonautas do Superagui: identidade, território e conflito em um parque nacional brasileiro**. Dissertação de mestrado - MPPT / FAED / UDESC. Florianópolis, 2013.

DUTRA, E. **A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf> Acesso em: 06/01/2014.

DYSARZ, C.M. **Os Suíços em Superagui: Colonização e imigração no Paraná do século XIX**. Dissertação apresentada no Curso de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2013.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1995. Disponível em: <http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/FAUSTOBorisHistoriadobrasil.pdf> Acesso em: 05/02/2015.

FADIMAN, J.; FRAGER, R. **Teorias da personalidade**. Trad. Odette de Godoy Pinheiro; Camila Pedral Sampaio. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1979.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. Tradução de Octanny S. da Mota e Leonidas Hegemberg. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977. Disponível em: <http://copyfight.me/Acervo/livros/FEYERABEND,%20Paul.%20Contra%20o%20Me%CC%81todo.pdf> Acesso em: 12/12/2014

FINEP. Financiadora de projetos. Disponível em: [http://www.finep.gov.br/pagina.asp?pag=programas\\_proninc](http://www.finep.gov.br/pagina.asp?pag=programas_proninc) Acesso em: 06/06/2015.

FISCHER, D. **Energia elétrica: um indutor de mudanças na comunidade da Vila da Barra do Superagui - entorno do Parque Nacional do Superagui** –

Paraná. 2004. 117 p. Dissertação (Mestrado em tecnologia) – CEFET-PR, Curitiba. Disponível em: [http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/dissertacoes/2004/ppgte\\_dissertacao\\_142\\_2004.pdf](http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/dissertacoes/2004/ppgte_dissertacao_142_2004.pdf) Acesso em: 20/02/2014

GÂNDARA, J. M. G. ; STÉPHANE, B. Impactos das redes sociais informatizadas na qualidade da experiência em turismo de base comunitária. In: SAMPAIO, C.C.; HENRIQUEZ, C.; MANSUR, C. (Org.). **Turismo Comunitário, Solidário e Sustentável: da Crítica às Ideias e das Ideias à Prática**. 1ed.Blumenau: EDIFURB, 2011, v. 1, p. 47-58.

GARCIA, M. D.; LOSADA, M. C. L. **Teorias da Psicologia Social**. Disponível em: [http://www.uelbosque.edu.co/sites/default/files/publicaciones/revistas/cuadernos\\_hispanoamericanos\\_psicologia/volumen1\\_numero2/articulo\\_2.pdf](http://www.uelbosque.edu.co/sites/default/files/publicaciones/revistas/cuadernos_hispanoamericanos_psicologia/volumen1_numero2/articulo_2.pdf) Acesso em: 17/07/2015

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008. <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa e sua utilização em Administração de Empresas. 1995. **Revista de Administração de Empresas - RAE**. EAESP/FGV. v. 35 no 4. p. 65- 69.

GONDIN, S. M. G.; FISCHER, T. **O discurso, a análise de discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural**. Disponível em: [http://www.periodicos.adm.ufba.br/index.php/cgs/article/view/75/pdf\\_1](http://www.periodicos.adm.ufba.br/index.php/cgs/article/view/75/pdf_1) Acesso em: 10/05/2015

GRAMANI, D. C. **O aprendizado e a prática da rabeca no Fandango Caçara: estudo de caso com os rabequistas da família Pereira da comunidade do Ariri**. Dissertação de mestrado. Pós-Graduação em Música. Departamento de Música e Artes. UFPR, 2009.

HAESBAERT, R. **Dos Múltiplos territórios à multiterritorialidade**. 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf> Acesso em: 10/03/2014.

\_\_\_\_\_. Dos múltiplos territórios à territorialidade. **Anais do X encontro de Geógrafos da América Latina**. 20 a 26 de março. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <http://ucbweb2.castelobranco.br/webcaf/arquivos/13147/5061/multiterritorialidade.pdf> Acesso em: 12/12/2014.

\_\_\_\_\_. **O território em tempos de globalização**. Etc, espaço, tempo e crítica. Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas. 15 de agosto, 2007, nº 2 (4), vol. 1 Disponível em: <http://www.uff.br/etc> Acesso em: 10/08/2014

HOBSBAWM, E. **A invenção das tradições**. In HOBSBAWM, E.; TERENCE, R. (org.) A invenção das tradições. Trad. Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Zoneamento da Área de Proteção Ambiental - Apa de Guaraqueçaba**. IPARDES, 2010

IRVING, M. de A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, R.; SANSELO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Nova Letra, 2009.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2001.

KASSEBOEHMER, A. L. **Restrições e Impactos da legislação ambiental aplicada no município de Guaraqueçaba - Paraná**. Disponível em: [http://www.floresta.ufpr.br/pos-graduacao/defesas/pdf\\_ms/2007/d477\\_0665-M.pdf](http://www.floresta.ufpr.br/pos-graduacao/defesas/pdf_ms/2007/d477_0665-M.pdf) Acesso em: 15/02/2015

KASHIWAGI, H. M. **Representações da paisagem no Parque Nacional de Superagui: a homonímia sêmica da paisagem em áreas preservadas**. Tese de doutorado – setor de ciências da terra. Departamento de geografia – setor de ciências da terra. Departamento de Geografia.UFPR: Curitiba, 2011

LEFEVRE, F. e LEFEVRE, A. M. C. **O sujeito coletivo que fala**. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/icse/v10n20/17.pdf> Acesso em: 24/05/2015

LEITE, B. M. G. Clusters turísticos. In BAHLE, M. (org.). **Turismo enfoques teóricos e práticos**. São Paulo: Roca, 2003

MAGNANI, J. G. C. **O (velho e bom) caderno de campo**. (1997). Disponível em: Disponível em: <http://sociofespsp.files.wordpress.com/2013/08/magnani-j-g-c-o-velho-e-bom-caderno-de-campo.pdf> Acesso em: 29/03/2014.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina: Gênese, características e políticas. In BARTHOLO, R.; SANSELO, D. G.; BURSZTYN, I. (org.) **Turismo de Base Comunitária: Diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 25-44.

MIGUEL, S. et al. **A experiência da ITCP/UFPR na capacitação de Cooperados da Arte Nossa**. Resumo disponível em: <http://www.extension.edu.uy/sites/extension.edu.uy/files/mesas-de-trabajo-definitivo-procoas-mendoza-2014.pdf> Acesso em: 07/06/2015

MAX-neef. **Desenvolvimento à Escala humana : Concepção, aplicação e reflexões posteriores**. Tradução Rede Viva. Blumenau : Edifurb, 2012.

MINDAL; VALENTE e STOLZ (orgs.). **Psicologia da Educação – apostila do Curso de Pedagogia**. Setor de Educação Coordenação de Integração de Políticas de Educação a Distância. Setor de Educação; CEPEAD, Universidade Federal do Paraná, 2012.

MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra-Pátria**. 2ª Ed. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 2001.

MTUR. **Diretrizes para Regionalização do Turismo**. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/PROGRAMA\\_DE\\_REGIONALIZACAO\\_DO\\_TURISMO\\_-\\_DIRETRIZES.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/PROGRAMA_DE_REGIONALIZACAO_DO_TURISMO_-_DIRETRIZES.pdf) Acesso em: 08/06/2015

NIEFER, I. A. **Análise do Perfil dos visitantes das ilhas do Superagüi e do Mel: Marketing como instrumento para um turismo sustentável**. Tese de Doutorado. Pós-Graduação – Engenharia Florestal. Setor Ciências Agrárias. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2002.

NITSCHKE, L. B.; BAHL, M. **O turismo e a investigação do Espaço Vivido de Comunidades Locais**. VIII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. Camboriú – Santa Catarina: UNIVALI, 2011.

NITSCHKE, L.B. **Desvendando o Espaço Vivido da Comunidade de Guajuvira e sua relação com o Turismo, em Araucária, Paraná (PR.)** Tese de Doutorado. Setor de Ciências da Terra – Geografia. Universidade Federal do Paraná, 2012. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/28041/R%20-%20T%20-%20LETICIA%20BARTOSZECK%20NITSCHKE.pdf?sequence=1> Acesso em: 03/03/2014.

POLYDORO, S. A. J.; AZZI, R. G. **Autorregulação da aprendizagem na perspectiva da teoria sociocognitiva: introduzindo modelos de investigação**. Disponível em: <http://teoriasocialcognitiva.net.br/wp-content/uploads/2014/09/n29a05.pdf> Acesso em: 24/05/2015

PROENÇA, W. de L. O método da Observação Participante: contribuições e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro. **Revista aulas**. Dossiê religião. N. 4, abril 2007 julho 2007. Disponível em: [http://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20III/4\\_23.pdf](http://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20III/4_23.pdf) Acesso em: 06/12/2014

REY, G. F.L. **Pesquisa qualitativa em Psicologia**. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2002.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2012.

ROCHA, R. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo : Scipione, 2005.



ROTHEN, L. P. **A vida na Barra Etnografia de uma comunidade de pescadores do litoral norte do Paraná**. Dissertação de mestrado. Departamento de Antropologia da UFPR, 2003

RUGENDAS, J. M. **Viagem pitoresca através do Brasil**. 3ª edição. São Paulo: Livraria Martins, 1941.

SAMPAIO, C. A. C. **Turismo como fenômeno humano: princípios para se pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação turismo comunitário**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: AGIR, 2009  
SINGER, P. **Desenvolvimento Capitalista e desenvolvimento solidário**. Disponível em: [http://www.emes.net/site/wp-content/uploads/Singer\\_Development\\_PT1.pdf](http://www.emes.net/site/wp-content/uploads/Singer_Development_PT1.pdf) Acesso em: 26/04/2015.

SENAES. Princípios de Economia solidária. Fórum brasileiro de economia solidária. Secretária executiva. Disponível em: [http://www.itcp.coppe.ufrj.br/rede\\_gestores/pdfs/5\\_principios.pdf](http://www.itcp.coppe.ufrj.br/rede_gestores/pdfs/5_principios.pdf) Acesso em: 25/04/2015

SOARES, C. R. e LANA, P. da C. **Baía de Paranaguá mapas e histórias**. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

THIOLLENT, M. **A metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1992.

SAMPAIO, C; HENRIQUEZ, C; MANSUR, C. (organizadores). **Turismo comunitário, solidário e sustentável: da crítica às ideias e das ideias à prática**. Blumenau: Edifurb, 2011.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHAFER, M. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. São Paulo: UNESP, 2001.

SMITH, V. L. **Anfitriones e invitados**. Antropologia del turismo. Madrid: Endymion, 1992.

TAYLOR, C. **Multiculturalismo**. Disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/Cida/Meus%20documentos/Downloads/Multiculturalismo%20-%20Charles%20Taylor.pdf>

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

----- **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013)

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante **Rev. bras. Ciências Sociais.** vol.22 no.63 São Paulo Fev. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092007000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100012) Acesso em: 07/01/2015.

VIVEKANANDA, G. **Parque Nacional do Superagüi: a presença humana e os objetivos de conservação.** Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Engenharia Florestal – Mestrado. Setor de Ciências Agrárias da UFPR, 2001.

ZAMIGNAN, G. Um estudo da demanda turística de base comunitária na região sudoeste da Microbacia do Rio Sagrado, Morretes/Pr. In SAMPAIO, C; HENRIQUEZ, C; MANSUR, C. (organizadores). **Turismo comunitário, solidário e sustentável: da crítica às ideias e das ideias à prática.** Blumenau: Edifurb, 2011. P. 31 a 37.

ZAOUAL, H. **Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global.** Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 2006.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná.** Ponta Grossa: UEPG, 2010

### **Outras referências**

AMADEU, J. **Minha história minha vida:** Guaraqueçaba, 2015. Em construção.



**10 ANEXOS****TERMO DE CONSENTIMENTO**

**Título da Pesquisa:** O “espaço vivido” das comunidades tradicionais como fonte de saberes e fazeres no encontro entre anfitriões e visitantes.

**Nome do Pesquisador:** Aparecida Camargo

**Programa da UFPR:** Pós-Graduação Turismo – Mestrado – Universidade Federal do Paraná.

**Telefone para contato do Pesquisador:** (41) 3056-4240

Convidamos o(a) senhor(a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade: “Investigar as relações da comunidade com o espaço vivido, seu entorno a natureza, entre seus pares e as instituições que atuam nesse espaço, a importância da percepção de quais elementos dão sentido de comunidade e lhes proporciona sentido de identidade”

Assim, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Se estiver de acordo, favor preencha os itens abaixo.

Eu, \_\_\_\_\_, entendo que minha participação nesta pesquisa é voluntária e que posso me recusar a continuar participando a qualquer momento, sem prejuízo algum. Confirmando que recebi cópia deste termo de consentimento e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados e imagens obtidos neste estudo.

Guaraqueçaba, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nº do documento de Identidade: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Telefone \_\_\_\_\_ para \_\_\_\_\_ contato: \_\_\_\_\_ E-mail: \_\_\_\_\_

## TERMO DE CONSENTIMENTO

**Título da Pesquisa:** O “espaço vivido” das comunidades tradicionais como fonte de saberes e fazeres no encontro entre anfitriões e visitantes.

**Nome do Pesquisador:** Aparecida Camargo

**Programa da UFPR:** Pós-Graduação Turismo – Mestrado – Universidade Federal do Paraná.

**Telefone para contato do Pesquisador:** (41) 3056-4240

Convidamos o(a) senhor(a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade: “Investigar as relações da comunidade com o espaço vivido, seu entorno a natureza, entre seus pares e as instituições que atuam nesse espaço, a importância da percepção de quais elementos dão sentido de comunidade e lhes proporciona sentido de identidade”

Assim, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Se estiver de acordo, favor preencha os itens abaixo.

Eu, \_\_\_\_\_, entendo que minha participação nesta pesquisa é voluntária e que posso me recusar a continuar participando a qualquer momento, sem prejuízo algum. Confirmo que recebi cópia deste termo de consentimento e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados e imagens obtidos neste estudo. **Aceito que TRECHOS do livro “Minha história, minha vida” de João Amadeu Alves, a ser ainda editado, faça parte da pesquisa.**

Guaraqueçaba, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nº do documento de Identidade: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Telefone \_\_\_\_\_ para \_\_\_\_\_ contato: \_\_\_\_\_ E-mail: \_\_\_\_\_

## Termo de Consentimento Livre e esclarecido

Eu-----

Residente em:

Idade: \_\_\_\_\_ sexo ( ) fem ( ) masc ( ) outro

Formação profissional:

e-mail facultativo;

Aceito Participar da Pesquisa de Mestrado sobre “A relação das comunidades tradicionais e os visitantes com o “espaço vivido” na Cidade de Guaraqueçaba e Parque Nacional do Superagui: um encontro de saberes e fazeres no Turismo de Base Comunitária”.

1 – Há quanto tempo vive em Superagui?

3 – Você confia nos trabalhos realizados em Superagui:

- ONG ( ) pouco ( ) nunca ( ) às vezes ( ) muita confiança
- Pesquisadores ( ) pouco ( ) nunca ( ) às vezes ( ) muita confiança
- Igreja : qual sua religião ( ) Evangélica ( ) Assembléia ( ) Cristo que liberta ( ) Cristã.
- Você confia na igreja? ( ) pouco ( ) nunca ( ) às vezes ( ) muita confiança
- Gestores do Parque ( ) um pouco ( ) nunca ( ) às vezes ( ) muita confiança.

4 – O que mais você gosta na ilha?

5 – O que você menos gosta?



2 –Você acha que pode fazer alguma coisa para melhorar (?) Superagui, por Superagui?

Você poderia citar alguns pontos positivos do turismo em Superagui?

Você poderia citar pontos negativos do turismo em Superagui?

6 – Favor desenhar como você percebe Superagui, o que mais lhe agrada, e se existe um lugar especial para você. (outro lado da folha)

11 Álbum de Fotografias, caminho paz e luz e homenagem a dois personagens que marcaram a pesquisa na partida e na chegada. Saudades, in memória. Gratidão paz e luz ao seu Pedro o último fandagueiro da velha guarda de Superagüi e ao Macaxeira, o defensor das comunidades e da cultura caiçara. Amanhece!

		
Início do caminho	Caminho Trentino	Quatro Barras
		
Estrada Guaraqueçaba	Macaxeira	Puruquara
		
Guaraqueçaba	Seu Pedro	Praia deserta Superagüi
		
Ruínas superagüi	Ilha do Cardoso	Ararapira velho
		
Barra do Ararapira	Início linha do Telégrafo	Comunidade Rio Verde